# MICHAEL PARA O MILÉNIO

CHELSEA QUINN YARBRO

Tradução: Amadeu Antônio

# MICHAEL PARA O MILÉNIO

## CAPÍTULO 1

## O Cuidado e a Alimentação do Planeta Terra

(Alterar Estudiosa para Intelectual ou Académico)

O plano físico distingue-se pela sua descrição. É físico. Tem dimensões calculadas fisicamente e é descrito em parâmetros físicos que designam por "leis", embora não haja qualquer consequência legal por tentar ignorar a gravidade ou deturpar as fases aparentes da lua, pelo menos não na vossa cultura este século. Nós chamamos a isto verdades do mundo, não leis. E há muitas coisas que só são possíveis em manifestações físicas, o que é um dos "propósitos" da reencarnação: isto é, experienciar a validade da fisicalidade no plano físico.

Há uma série de formas de o fazer, tais como a aquisição de sentidos e de um sistema nervoso para os possuir. O imediatismo da fisicalidade coloca a informação dos sentidos em primeiro lugar na experiência, a qual é modificada pela aculturação e "educação", bem como pelos eventos cumulativos da vida que está a ser vivida e de todas as vidas anteriores.

Não há forma de escaparem ao fustigamento (*scathing*). O fustigamento é endémico ao plano físico, à própria natureza de possuir um corpo. A vida não poderia ser vivida sem fustigamento. É impossível. O próprio processo do nascimento, para o ser humano que está a nascer, é fustigante. O fustigamento é uma verdade do mundo em todo o plano físico, pois apenas no plano físico, com um corpo, se pode ser verdadeiramente fustigado. Há uma grande quantidade de experiências que só podem ser vividas enquanto se está encarnado num corpo, e o fustigamento é uma das mais persistentes, e uma que pode ser modificada e "explicada" pela cultura, mas que não pode ser negada sem uma verdadeira "insanidade".

O propósito de um corpo é experienciar a sua validade e, como a maioria dos fragmentos "confia" mais na dor do que na alegria, o fustigamento é frequentemente o meio de "receber a mensagem", bem como uma verdade do mundo. Esta é uma lição primária desta e de todas as vidas.

Um fragmento pode tentar negar ou escapar ao fustigamento, mas isso pode levar a dificuldades emocionais graves e a doenças mentais severas, o que é, naturalmente, fustigante. Isto não quer dizer que o fustigamento "deva" ser bem-vindo. Não dissemos isso nem o parámos implicitamente. A forma como reagem ao fustigamento — bem como a qualquer outra coisa, como já dissemos antes mas repetiremos — é uma questão de escolha. Podem não desejar definir o fustigamento como fustigamento, mas sim como a natureza da experiência, tal como fazem muitos fragmentos.

Podem reconhecer o fustigamento, podem negá-lo, podem rotulá-lo filosófica ou psicologicamente, podem exigir vingança por ele, podem elevar-se acima dele, podem retirar-se da fonte do fustigamento, podem desviar as vossas energias dele, podem tornar-se obcecados por ele, podem sublimá-lo, podem estar convencidos pelo traço principal (*chief feature*) de que o fustigamento exige mais de vós, podem descarregar em vós próprios e/ou nos outros, podem abraçá-lo, e assim por diante, dentro de todo o âmbito da experiência humana.

E, claro, não há "necessidade" de consistência na vossa reação, que é propensa a mudar ao longo do tempo, bem como no próprio evento. Há tantas formas de escolher em resposta ao fustigamento como há fragmentos no planeta.

Existe também a "realidade" de que o próprio plano físico é fustigado pela sua própria natureza. Cadeias montanhosas são erguidas, mares secam e elevam-se, e continentes afundam-se. Sistemas estelares nascem, evoluem e colapsam, tal como as galáxias. De tempos a tempos, o próprio plano físico colapsa sobre si mesmo e ocorre outro "*Big Bang*", com a "inversão da polaridade" do universo de "matéria" para o universo de "antimatéria", uma "mudança", aliás, que ocorreu mais vezes do que as estrelas que podem contar com o telescópio mais potente.

Isto faz parte da natureza da evolução e não é algo "bom" nem "mau". É meramente a natureza do plano físico, e válida como tal. Não há "julgamentos" proferidos em relação a estas coisas. No entanto, muitas ações empreendidas por fragmentos independentemente móveis e que manipulam o ambiente, tais como a vossa espécie é, aumentam o fustigamento do plano físico de uma forma que não está aliada ao processo de evolução; e o fustigamento destas ações serve geralmente não só para interromper parte do processo evolutivo do vosso planeta, mas para trazer um aumento de fustigamento também à vossa espécie. Não há "erro" nisto, é apenas a expressão da natureza da vossa espécie nesta fase de evolução no plano físico.

Sessões de agenda não pessoal acontecem cerca de quatro vezes por ano, e o entendimento é que apenas serão feitas perguntas que não se refiram a questões pessoais. Algumas das sessões de agenda não pessoal cobriram uma vasta gama de assuntos, desde a epidemiologia às possibilidades de voo interestelar, da psicologia das massas à biologia evolutiva, do transporte público à engenharia acústica, da agricultura à metalurgia.

Em 1975, Michael respondeu a uma pergunta sobre o tempo muito estranho que tínhamos tido nesse ano. Seria apenas o El Niño, ou algo mais?

É importante lembrar, se assim o escolherem, que todos os fenómenos meteorológicos flutuam, isto é, há mudanças que acontecem ao longo do tempo no que diz respeito aos padrões meteorológicos. O vosso planeta acaba de entrar num padrão de aproximadamente cinquenta anos de condições meteorológicas instáveis

que levarão a certas alterações no clima global. Esses padrões permanecerão geralmente em vigor durante duzentos a trezentos anos, altura em que ocorrerá outro surto de instabilidade.

As tensões do próprio planeta fazem com que estas mudanças ocorram. Isto tem vindo a acontecer há muito mais tempo do que a vossa espécie existe, e faz parte da natureza do vosso planeta, pois o tempo é um fator em todos os planetas do plano físico. Poderão descobrir registos de outros desvios menores nos mercados do mundo onde as contas foram mantidas por longos períodos de tempo.

Quem vendia o quê e de onde indica muito sobre os padrões meteorológicos prevalecentes, os quais estão bem documentados se optarem por rever o assunto. Naturalmente, estas mudanças fazem parte de ciclos maiores, tais como períodos pluviais, eras glaciares e afins, mas asseguramos-vos que, independentemente do que sejam os ciclos maiores, estes ciclos menores continuam dentro deles e, claro, os avanços recentes na tecnologia já criaram uma desestabilização da atmosfera, de modo que estas flutuações tendem a ser mais dramáticas do que algumas no passado; e não é apenas uma questão de poluição, mas a presença de gases, tais como, mas não limitados a, monóxido e dióxido de carbono, em equilíbrios não encontrados anteriormente.

É importante estar atento à atividade vulcânica no oceano para que o impacto total dos padrões meteorológicos possa ser "apreciado", pois são as mudanças nas correntes oceânicas que iniciam as flutuações de temperatura que são o ímpeto para as mudanças climáticas. Uma mudança de dois graus numa corrente oceânica pode ter um impacto dramático no tempo através de um continente, pois o ar acima da corrente oceânica viaja mais rápido e mais longe do que a água por baixo dele. O pó vulcânico na alta atmosfera também pode ter uma influência dramática no clima.

As mudanças que já discutimos continuarão, naturalmente, e condições mais variáveis em todo o mundo não nos "espantariam". A física da rotação e da oscilação do vosso planeta explica estes padrões de mudança e, claro, as mesmas tensões que puxam o ar... também influenciam os oceanos e a terra, mas como o ar é mais "escorregadio" do que o líquido ou os sólidos, está sujeito a mudanças mais rápidas e frequentes. Isso não quer dizer que a vossa tectónica esteja no mesmo "cronograma" que a vossa atmosfera, mas ela tem, obviamente, ciclos próprios que funcionam independentemente da intervenção ou estratégia "humana".

Por muito que desejem controlar estas forças, os problemas envolvidos podem revelar-se intransponíveis, pois a complexidade do processo e a sua necessidade para toda a vida no vosso planeta tornam qualquer experimentação muito arriscada. A atmosfera, por definição, está em todo o lado, e tudo o que está no ar tem influência sobre ela. Não podem isolar qualquer porção dela de qualquer forma "significativa". É o único ar que têm, e comprometê-lo ao tentar "fazer um melhor uso dele" é perigoso ao extremo. Claro que podem optar por tentar "consertar" o tempo e tentar

viver com os resultados. Tais coisas já aconteceram antes com outras espécies noutros planetas, e aproximadamente um terço delas conseguiu realmente fazer os seus sistemas funcionar, embora devamos acrescentar que as suas atmosferas são mais densas do que a vossa e de composição química e elemental diferente.

O tempo, pela sua própria natureza, é um perigo genuíno do plano físico e uma verdade do mundo partilhada por muitos planetas, embora a composição da atmosfera e o tamanho e calor do planeta influenciem significativamente, como é óbvio, a manifestação do tempo, tal como o fazem coisas como a natureza da radiação da estrela ou estrelas centrais, o número e a natureza das luas, anéis e outros materiais "capturados", a idade do sistema em que o planeta está localizado, e muitas outras considerações semelhantes. O tempo acontece em todo o plano físico, e cada espécie confinada a um planeta tem de encontrar algum meio de se acomodar a ele ou perder o seu lugar na linha evolutiva.

Quando os fragmentos afirmam que querem controlar o tempo, querem dizer que querem controlar o tempo de uma forma específica e numa região específica, o que é impossível. O tempo é uma condição planetária e não pode ser "empurrado" sem causar repercussões em todo o sistema, pois o sistema não é uma questão de áreas discretas, mas uma atmosfera global inteira. Um agricultor no Illinois quer água suficiente para as suas colheitas florescerem, mas não tanta que fiquem afogadas, e esse agricultor quer a água em certas alturas do ano para obter as colheitas de maior qualidade e plenitude possíveis.

Mas esta chuva, e as suas quantidades, nascem sobre os oceanos, que são alimentados por rios e outras fontes, e as características dos oceanos são o resultado de interações complicadas de correntes e remoinhos no ar; e o agricultor no Illinois não é capaz de mudar ou controlar isto a partir do Illinois, mesmo que houvesse alguma forma de alterar os padrões que se formam nos Oceanos Pacífico e Atlântico. Dada a natureza do vosso planeta, tudo o que vai para a água também, eventualmente, vai para o ar, o que pode ser significativo no que diz respeito a vários poluentes que são lentos a decompor-se, tais como certos compostos metálicos, materiais fissionáveis, produtos químicos com propriedades corrosivas e/ou venenosas. Não há parte da terra que estes não alcancem à medida que o tempo os agita.

Houve também uma série de grandes erupções vulcânicas nos últimos anos, muitas delas nas profundezas do oceano, de modo que muitos metais pesados e ácidos fortes estão em micropartículas, para não mencionar o equivalente a duas grandes montanhas de rocha pulverizada a flutuar no ar. Em termos de reações humanas a isto, incidentes de respostas alérgicas, especialmente coisas como problemas pulmonares e bronquiais, e condições de pele, bem como alterações na química de certas plantas, que podem ter influências a longo prazo na condição geral da espécie.

E embora seja verdade que pouco podem fazer para prevenir ou evitar uma erupção vulcânica, também é verdade que muitos resíduos industriais se combinam com eflúvios vulcânicos de uma forma que é prejudicial para os mamíferos. Uma monitorização atenta dos esgotos na área de atividade vulcânica poderia revelar muito de interesse, caso optassem, como espécie, por empreender tal estudo.

"Houve muitas erupções vulcânicas na história, e algumas delas foram suficientes para mudar os padrões meteorológicos globais por um curto período; isso é exato. Estará o Michael a dizer que, devido às mudanças nos níveis de dióxido de carbono e monóxido de carbono, a presença destas micropartículas é mais perigosa ou persistente do que foi anteriormente? Ou que levará mais tempo a retirá-las da atmosfera?"

Essa era parte da nossa intenção, sim. Devido à desflorestação e a mudanças em várias práticas agrícolas, teríamos de dizer que existem agora condições onde os níveis de dióxido de carbono não estão nos níveis frequentemente presentes no vosso planeta. E devido a várias mudanças tecnológicas e à presença de maquinaria, os níveis de monóxido de carbono também mudaram em relação ao que eram há três séculos, quando ocorreu a última mudança climática — uma mais fraca do que a que está atualmente em curso, aliás.

Isto, em conjunto com a atividade vulcânica, trouxe um nível de instabilidade atmosférica que se reflete nos perigos que mencionámos. Com as alterações trazidas pela tecnologia, as cinzas vulcânicas, ácidos e minerais adicionais podem ser considerados como causando uma espécie de "congestionamento" no ar que estará presente por mais tempo do que teria sido o caso em tempos passados. Os eventos em Bhopal, na Índia, "deveriam" revelar o que está em jogo mais claramente do que muitos outros.

Aliás, não chamaríamos à nossa resposta "cenário de desgraça"; apenas a resposta à pergunta que nos foi colocada pelo nosso estudante Roderick. No passado comentámos que havia aproximadamente dez cenários prováveis para o vosso planeta. Agora que passaram quase vinte anos, teríamos de dizer que o mais "desastroso" já não é tão provável como era então, ou certamente não na escala temida por tantos; as escolhas feitas por aqueles em posições de influência mundial modificaram posturas que poderiam ter resultado no tornar deliberado deste planeta inviável para a maioria das formas de vida como as conhecem. Isto não quer dizer que a possibilidade tenha desaparecido inteiramente pois, claro, enquanto o método lá estiver, está dentro do reino da escolha praticar o ato.

Além disso, teríamos de dizer que a menos stressante e geralmente mais agradável das alternativas também se tornou menos provável, de modo que das dez possibilidades que percebemos quando a pergunta nos foi colocada pela primeira vez, teríamos de dizer que restam agora nove. Dizemos nove porque, entretanto, outra possibilidade evoluiu e, embora não seja tão "rigorosa" como algumas das

possibilidades, não é tão "benigna" que a pudéssemos ver como um substituto para a mais flexível das alternativas. Isto não quer dizer que qualquer uma destas alternativas esteja escrita na pedra, ou que qualquer uma delas "tenha" de acontecer tal como existe agora como possibilidade. Não dissemos isso nem o parámos implicitamente.

Estamos apenas a dizer-vos que, dados os vetores atuais em ação na vossa espécie, existem estas nove direções gerais vigentes. Com o tempo elas mudarão e, à medida que as escolhas forem feitas, outras possibilidades surgirão. Pois nunca há apenas um caminho disponível para qualquer fragmento existente no plano físico. Há sempre escolhas, mesmo que uma dessas escolhas seja sair, e as outras aceitar condições que o fragmento não "aprecia" ou "aprova" totalmente.

"Segundo alguns cientistas, houve uma diminuição no campo magnético da Terra ao longo das últimas décadas. Existe um padrão cíclico para as mudanças no campo magnético da Terra? Qual é o impacto de tais mudanças?"

Para começar, concordaríamos que flutuações no campo magnético são de facto "parte do esquema das coisas". O efeito mais óbvio é um que já discutimos, isto é, a mudança dos padrões meteorológicos. Os padrões meteorológicos são mais propensos a flutuar durante tempos de polaridades magnéticas diminuídas e, portanto, mudanças nas linhas de força magnética em todo o mundo influenciam o movimento do ar, bem como, por exemplo, o cultivo de colheitas. Durante esses tempos, ondas poderosas de origem "industrial" podem ter um impacto muito maior nos seus arredores imediatos do que durante tempos de alta força do campo magnético. Naturalmente, há um impacto psicológico não só na vossa espécie e nas outras espécies de razão, mas dentro de todas as outras espécies também, até às bactérias e coisas "vivas" semelhantes.

Na verdade, gostaríamos de salientar que mutações e mudanças na virulência de muitas bactérias, agentes bacterianos e, até certo ponto, vírus são mais prováveis de ocorrer em tempos de "tensão" magnética diminuída. Gostaríamos também de salientar que os relógios biológicos não são mantidos de forma tão "rigorosa" em tais alturas e certas perturbações fisiológicas resultantes disso não são incomuns. Recomendaríamos a consulta de um astrólogo competente — e sublinhamos competente — sobre o assunto dos efeitos magnéticos dos movimentos planetários, na medida em que estes tendem a ser mais fortes na sua influência nesta altura e nos próximos trinta e cinco anos.

A perturbação magnética tenderá a diminuir nessa altura, mas sofrerá flutuações "previsíveis", não só nesta altura e no futuro, mas de facto num padrão "mapeável" que pode ser, até certo ponto, antecipado e planeado. O stress adicional ao ambiente tenderia a tornar isto mais enfático no seu impacto, tal como alguns dos fatores contribuintes na mudança da camada de ozono podem ser ligados a esta perturbação magnética, bem como aos problemas da passagem de cometas.

Recomendaríamos que instâncias específicas pudessem ser mais facilmente antecipadas e abordadas de modo a alcançar uma maior compreensão da natureza, duração e mecanismo destas mudanças. Não seria desapropriado examinar os registos de agricultores, mercadores e mercados do passado para ajudar a delinear outros períodos de flutuação do campo magnético, caso optassem por dar início a tal projeto.

"Iria o Michael explicar estes ciclos?" Alguma da flutuação está diretamente relacionada com as influências das marés descritas como "astrologia", particularmente com um número de planetas a ocupar uma área aparente do espaço. Embora isto seja significativo até certo ponto, é apenas um fator contributivo. Mudanças dentro do campo magnético são determinadas também pelo fenómeno conhecido como deriva continental, que está diretamente relacionado com o movimento de certos metais pesados cruciais no "plasma" no núcleo da terra.

À medida que estes metais pesados sobem e descem dentro do plasma — o qual não é uniformemente uma amálgama, como se acredita atualmente — a dinâmica do campo descrito como gravidade também muda e, com ela, os padrões de atração magnética. Áreas onde estes campos são irregulares numa base mais ou menos atual podem ser vistas em regiões como a área chamada Triângulo das Bermudas, ou o "Mar do Monstro" ao largo do Japão.

Existem dezoito destas áreas dentro da terra, e a flutuação de fenómenos atmosféricos em torno delas é frequentemente indicativa de mudanças que afetam e influenciam a alta atmosfera. A passagem de certos corpos pesados, tais como cometas e fenómenos semelhantes, pode de facto influenciar os aspetos da alta atmosfera, e crucial entre estes é a presença do que é chamado as "caudas" dos cometas, que fazem mais para influenciar a alta atmosfera do que é atualmente compreendido ou "acreditado".

Deixem-nos, portanto, salientar que o conhecimento da metalurgia do plasma, juntamente com toda a gama de funções meteorológicas e da alta atmosfera, pode ser relacionado, juntamente com influências "astrológicas", para mostrar mudanças que são algo regulares — e sublinhamos algo — bem como antecipáveis, embora não no sentido mais estrito "previsíveis". A presença de ácido sulfúrico na alta atmosfera, tal como o que é deixado após erupções vulcânicas significativas, também pode desempenhar um papel no estado da camada de ozono, bem como ter impacto no ar que "nós" todos respiramos. A atividade vulcânica, aliás, é geralmente maior durante tempos de atividade reduzida do campo magnético, e menor durante a atividade mais acentuada do campo magnético.

Em 1979, Michael tinha dito: A qualidade da vossa vida está diretamente relacionada com a qualidade do ambiente em que vivem, nos sentidos físico, mental, emocional, espiritual e percetivo. Não dizemos isto trivialmente. Desejamos lembrar-vos que quando o ar não está limpo, a chuva não está "limpa", logo o solo

não está "limpo" e, como resultado, aquelas criaturas que vivem do solo não estão "limpas", e as plantas das quais elas e vós vivem não estão "limpas".

Não implicamos qualquer julgamento moral ou ético na palavra "limpa", aliás, mas apenas um estado de estar livre de contaminantes ou quimicamente não comprometido. A maioria de vós gosta de comida saborosa, e isto é, de facto, Bom Trabalho. Mas o sabor da comida está relacionado com a qualidade do solo que nutriu o que comem, e isto, claro, tem influência nas qualidades nutricionais bem como no sabor. Não é desapropriado recordar o velho adágio, caso optem por fazê-lo, de que vós sois o que comeis.

Embora a "verdade" disto seja literal bem como figurativa, está também sujeita a restrições sociais e culturais que "colorem" o processo de validação para todos os fragmentos. No entanto, isso não significa que se tornarão bovinos se comerem carne de vaca, ou semelhantes a flores se consumirem plantas, ou que qualquer dieta seja de alguma forma mais intrinsecamente desejável do que outra, mas que farão parte de tudo aquilo de que a vossa comida fez parte através do processo de consumo.

E isto pode resultar em impactos no vosso corpo que não antecipam, desde coisas como alergias até ao aparecimento de problemas de saúde mais graves devido à presença de certos modificadores na comida que comem e na água que bebem. O vosso ambiente é interno bem como externo, e não há forma de poderem evitar que o mundo "exterior" se torne também o mundo "interior".

"Se estamos a colocar o nosso ambiente em perigo, como muitos temem que estejamos, poderia o Michael, por favor, comentar onde percebem que o perigo é maior, no que diz respeito ao impacto na população em geral?" Nós percebemos o perigo na própria população — o seu tamanho e crescimento contínuo. Já dissemos antes, mas reiteraremos mais uma vez que, da nossa perspetiva, o maior perigo individual que este mundo enfrenta hoje é a sobrepopulação. Quase todos os outros problemas ambientais estão diretamente relacionados com a crise na população. E não se enganem, a população do vosso planeta atingiu níveis de crise. Isto não é transmitido para vos causar angústia, apenas para vos lembrar a escala do problema.

Com o aumento da população vêm exigências crescentes em todos os aspetos do que percebem como a vida quotidiana. Nenhum dos problemas que o ambiente enfrenta e que estão dentro dos vossos poderes de controlo é mais premente do que a sobrepopulação. Não podemos enfatizar isto o suficiente, pois embora existam muitos perigos que a vossa espécie enfrenta sobre os quais não têm controlo, neste aspeto, a capacidade de trazer o crescimento populacional sob controlo está bem dentro do vosso poder, e há poucos riscos genuínos em reduzir a população limitando o número de crianças produzidas.

Claro que percebemos que existem pressões sociais e culturais que são exercidas sobre todos os fragmentos, a maioria das quais se destina a manter a população a aumentar, uma noção que ultrapassou quaisquer limites razoáveis ou justificáveis. Pensaríamos que aqueles que desejam servir a vossa espécie nesta altura elegeriam ter dois filhos, no máximo. Deixem-nos repetir isto último: dois filhos, no máximo. Aqueles dispostos a ter menos de dois, como um ou nenhum, estão a demonstrar "altruísmo" de ordem não desprezível, e teríamos de discordar de qualquer pessoa que esteja convencida de que tal decisão está, de facto, a demonstrar "egoísmo".

Na nossa visão, qualquer fragmento que conscientemente produza mais de dois filhos está a agir de uma forma ambientalmente irresponsável, e a exibir consideravelmente mais "egoísmo" do que aqueles que elegem trazer um ou nenhum filho ao mundo nesta altura. Na verdade, aqueles que escolhem ter um ou nenhum filho nesta altura, nós consideramo-los como demonstrando um altruísmo genuíno. Isso não significa que todos os fragmentos não tenham a liberdade de escolher agir de forma irresponsável neste ou em qualquer outro aspeto. Todas as escolhas são igualmente válidas e não têm "certo" ou "errado", apenas consequências. Qualquer fragmento está aqui para escolher, e para viver com as consequências dessa escolha. No entanto, uma vez que perguntaram em relação às nossas perceções, nós demos as mesmas.

"Existe mais alguma coisa que seja tão crucial para o nosso estado atual do mundo como a sobrepopulação? No que diz respeito à qualidade da vida humana?" Em termos de influências de longo alcance em todo o ambiente, teríamos de dizer que a água corre num segundo lugar próximo da sobrepopulação e da desflorestação, e é, claro, muito influenciada pelas exigências da sobrepopulação. Uma vez que a qualidade da água tem influência direta na saúde do ambiente e em tudo o que comem, bem como no que bebem, a sua condição e limpeza é extremamente importante para a qualidade da vida humana e da maioria das outras vidas no planeta.

Já mencionámos os perigos do ar, que, por sua vez, aparecem na qualidade da água. Enquanto a água for escassa e de pureza questionável, o impacto na vida humana continuará a ter efeitos de longo alcance. A suposição de que a água irá de alguma forma limpar-se a si própria quando o ar está comprometido é falsa e ingénua. Dissemos que a desflorestação tem um forte impacto na qualidade do ar, e essa observação é válida. É também válido que as ramificações da desflorestação têm muito a ver com o estado da água, juntamente com os níveis de monóxido de carbono e dióxido de carbono. E, como o último é um componente da respiração das plantas, mudanças nos níveis de disponibilidade deste terão influência na recuperação geral da água em todo o lado.

Estamos cientes de que a tarefa de cuidar de um planeta pode parecer esmagadora, e que muito do que é recomendado é, na melhor das hipóteses, uma solução temporária. A reciclagem pode ser algo menor para cada fragmento, mas tem algum impacto cumulativo. A limpeza industrial também é algo menor numa base de caso individual, mas sem ela, a situação seria muito mais crítica do que se tornou. Teríamos de dizer que todas as ações sozinhas não irão, de facto, eliminar os "problemas" ambientais se a população não for reduzida. Isso não significa que escolhas como reciclar, encontrar combustíveis não poluentes, a reflorestação e outras medidas sejam fúteis e não valham a pena ser perseguidas, pois isto não é válido; e caso escolham empreender a plantação de árvores, fazer pressão para salvar as florestas tropicais, ou por uma regulamentação mais rigorosa de materiais tóxicos, há muito a ser alcançado através destas medidas.

Mas, novamente, desejamos salientar que todas as medidas mencionadas não são propensas a alcançar muito até que, e a menos que, a vossa espécie escolha reduzir a taxa de natalidade em todo o lado, e por meios que não a opressão, estados epidémicos crónicos e guerra, que tem sido o método "preferido" no passado para reduzir a população, mas que já não são tão "bem-sucedidos" como outrora foram.

Entretanto, tais medidas que podem ser empreendidas para reduzir o impacto de uma população tão elevada, tais como o uso mais eficiente dos recursos. Isto não é tão facilmente realizado como se poderia supor, pois em muitos casos, as expetativas sociais e culturais são tais que não é possível para qualquer fragmento aceitar prontamente a noção de que tais medidas são "necessárias" ou "corretas". Muitos aspetos da posição social são revelados naquilo que se pode legitimamente "desperdiçar" e, como tal, é frequentemente percebido como uma imposição terrível para um fragmento ter de "prestar atenção" ao uso de outros métodos de eliminação de materiais.

Existem algumas opções que não fariam tais imposições sociais aos fragmentos. Por exemplo, dissemos no passado que consideramos o uso de petróleo para combustível automóvel uma extravagância quando o metano está muito mais prontamente disponível, poderia ser produzido de forma barata com muito menos contaminantes libertados para a atmosfera. Também permitiria que as cidades tivessem lucro com a eliminação de resíduos e, como muitas das queixas sobre mudanças nos fornecimentos de combustível são consideradas demasiado caras, surpreende-nos que esta fonte seja geralmente ignorada. Além disso, não requer nenhuma alteração importante nos designs de motores existentes para acomodar combustíveis de metano.

Existem outros "hábitos" que são menos facilmente explicados: estamos "surpreendidos" que o controlo de pragas agrícolas continue a ser um método de envenenamento "controlado". Do nosso ponto de vista, esta é uma metodologia perigosa para os géneros alimentícios, na medida em que pressupõe que um pouco

de veneno não será prejudicial para os animais — que incluem a vossa espécie que o consome na comida.

Irrefutavelmente este não é o caso e, embora os venenos atuais raramente tenham o impacto documentado do DDT, eles acumulam-se no sistema de tal forma que o corpo se torna enfraquecido numa variedade de pequenas formas, cada uma "insignificante" por si só, mas carregando um "murro" genético cumulativo que pode muito bem ter repercussões sérias ao longo do tempo; estas fraquezas podem muito bem ser passadas aos filhos, com resultados severos em duas ou três gerações, com algum do mesmo impacto que os Romanos de há dois mil anos colheram como resultado de cozinhar em recipientes de chumbo.

Deixem-nos também observar aqui que o uso de material fissionável que não pode ser tornado menos perigoso pelo seu uso como fonte de energia é extremamente curto de vistas, particularmente quando o combustível gasto permanecerá mortal por milhares de anos. Não conseguimos pensar em nenhum lugar na terra que tenha permanecido totalmente estável por cinco mil anos, quanto mais dez mil anos. O que influências sismológicas não fizeram, influências políticas e militares fizeram. A verdade disto já é aparente.

Como as estatísticas médicas sem dúvida apoiarão, taxas da doença do colagénio que chamam cancro naqueles nascidos após o uso militar de fissionáveis comparadas com as daqueles nascidos antes, a introdução no ambiente de radioatividade em formas altamente potentes pode ser vista como tendo um efeito prejudicial na população. Não é culpa da radioatividade que assim seja, pois ela está a funcionar da forma como funciona de acordo com as "leis" físicas do plano físico.

A responsabilidade reside naqueles que escolheram correr o risco de usar armas fissionáveis, e que continuaram a testá-las no chamado tempo de paz. Os danos causados às populações dos países envolvidos em tais testes são, de facto, cumulativamente mais desastrosos do que o que o "inimigo" fez.

Também percebemos, na incapacidade geral de culturas em todo o mundo de lidar com toda a questão do lixo e resíduos semelhantes, uma falta de apreciação da natureza do lixo e dos seus requisitos. O lixo é o resultado da fisicalidade. Todo o plano físico o cria de uma forma ou de outra. O vosso planeta teria algum lixo com ou sem atividade humana, como todo o plano físico tem. Não há como evitar essa verdade enquanto se está no plano físico. Mesmo fragmentos com alma que são incapazes de manipular os seus ambientes têm lixo com que lidar, tal como todas as criaturas de não-razão, as manifestações de almas colmeia.

Enquanto houver matéria haverá lixo. Existem aqueles que prefeririam ignorar a questão porque o lixo é "nojento". Deixem-nos assegurar-vos que o lixo é verdadeiramente apropriado ao plano físico e não deve ser desprezado por ser resíduo. Não seria despropositado para aqueles fragmentos ansiosos por melhorar as

condições gerais de vida no planeta aprenderem a compreender o lixo de modo a transformá-lo em vantagem para o planeta — o que vos asseguramos que é possível — em vez de em desvantagem.

"E quanto aos detritos espaciais? As coisas que colocámos em órbita estão a aumentar e estão a tornar-se mais difíceis de lidar." Pode ser útil lembrar a todos os envolvidos que, dada a dificuldade de "visitas ao domicílio" na condição atual, pode ser "melhor" antecipar e planear tantos perigos quanto possível do que esperar que a ocasião para reparação nunca surja. Por outras palavras, podem desejar escolher abordar a partir de uma posição de que um "plano B" é aconselhável, pois pode revelar-se mais persuasivo do que recitar uma lista de horrores e perigos do espaço sideral.

Horrores e perigos são demasiado mal definidos e demasiado "assustadores" para terem a validade necessária para provocar a mudança de atitude que estabeleceria uma política que seria de utilidade neste contexto nesta altura. Coisas como explosões solares, caudas de cometas, meteoritos e outra "balbúrdia" astronómica frequente poderiam facilmente entrar no quadro [outro exemplo de humor-Michael] e, dada a ocorrência bastante frequente destes eventos, um sistema de preparação para lidar com eles pareceria um curso de ação "razoável".

Existem outros aspetos em ter tal material sobre as cabeças e, embora a queda não seja o risco mais imediato que percebemos aqui, pensaríamos que algum fator de design que permitisse ao dispositivo espacial fragmentar-se ou ser fragmentado em caso de decaimento da órbita não seria totalmente despropositado. Outro aspeto a considerar em relação a estes objetos é o que fazer com eles quando estiverem gastos. Pensaríamos que poderia ser contraproducente ter um grande número de metal queimado com que lidar quando novas máquinas são lançadas para "tomar o lugar das antigas".

Também não está além da imaginação que algumas destas máquinas pudessem ser pirateadas, isto é, física ou eletronicamente tomadas por aqueles que não estavam originalmente encarregados delas, e o seu propósito desviado da tarefa pretendida para algo menos bem-vindo. Isso não quer dizer que todos os satélites meteorológicos sejam potenciais máquinas "rebeldes", mas que salvaguardas podem ser necessárias para manter as funções "no trilho".

"Irá o Michael diferenciar entre os perigos do plano físico sobre os quais podemos fazer algo, e aqueles sobre os quais não podemos?" Aquelas matérias do plano físico que não podem controlar ou afetar poderiam ser descritas como se segue: a disposição dos oceanos, incluindo correntes e marés; o seu equivalente gasoso, o tempo; flutuações atmosféricas incluindo, até certo ponto, o buraco no ozono, que tem ciclos tal como os vossos padrões meteorológicos têm; a tectónica e fenómenos relacionados, tais como atividade vulcânica, sismos, deslizamentos de terras, tsunami, bem como todos os impactos destas atividades, tais como fluxos de

cinza vulcânica; ciclos áridos e húmidos, quentes e frios; os movimentos de glaciares e icebergues; a presença de vida no planeta, de paramécias e bactérias à vossa espécie; a percentagem de "poeira espacial" que atinge o planeta; condições astronómicas, tais como, mas não limitado a, passar através da cauda de um cometa com os seus minerais e outros detritos associados, ou o impacto de um meteoro; a atividade do sol, como as manchas solares e explosões solares; sóis e sistemas tornando-se novas. Aliás, neste aspeto, não é impossível que nos próximos cento e cinquenta anos o vosso planeta possa vir a enfrentar o impacto de um grande meteoro que se move atualmente numa linha de convergência convosco, convergência fatorada com influências gravitacionais, claro. Pensaríamos que alguns cientistas estão cientes deste perigo e ainda não encontraram algum meio de lidar com ele.

Quanto ao que podem influenciar: todas as formas de tecnologia, da alavanca e da roda ao computador mais sofisticado; papéis e organização socioculturais; comunicações, da linguagem a viagens, ao comércio e ao acesso à informação; o número da vossa espécie no planeta e as condições em que todos vós vivem; dentro dos limites meteorológicos, a disponibilidade e qualidade dos géneros alimentícios; o estado geral do ar e do oceano na medida em que as vossas atividades os impactam; a identificação e tratamento de doenças e outras condições corporais.

Aliás, não consideramos um osso partido uma doença ou uma questão de má saúde; é meramente algo a precisar de reparação: consideramos algumas formas de "doença mental" como doenças, mas não todas. Aliás, percebemos dentro da vossa cultura ocidental uma tendência para rotular compulsões e obsessões como doenças e/ou adições, o que é impreciso e enganador. Para nós, a doença não só compromete a integridade físico-química do corpo, como afeta negativamente todos os sistemas de "manutenção" do corpo. Uma adição é uma condição de necessidade física — por exemplo, todos os mamíferos e uma grande quantidade de outras formas de vida no vosso planeta são adictos ao oxigénio.

Para continuar a nossa lista: as formas, estruturas e "regras" das famílias, sociedade e cultura; as manifestações do que vós no plano físico chamam as artes; a criação de flora e fauna; a criação de abstratos, tais como matemática avançada, estética, filosofia, religião, lei, política, ciência, responsabilidade, obrigação, decadência, perversidade, estratos sociais e afins. A resposta às exigências do plano físico. Todas as ramificações da escolha, incluindo dharma e carma.

"Haverá algo que possamos ser capazes de fazer em relação a um evento como o discutido? Poderia o Michael dizer mais sobre este possível impacto com um meteoro?" Um renovado interesse na exploração espacial seria um bom lugar para começar, caso optem por empreender tal tarefa. Depois, há uma série de opções disponíveis para vós, tais como, mas não se limitando a, explodir com o meteoro antes que ele se aproxime demais — e por "demais", sugeriríamos que a órbita de

Marte é o mais próximo que um corpo desse tamanho chegaria sem causar alguns problemas para este planeta, pois ele é acompanhado por uma "nuvem" de "poeira" que se move bem à frente do próprio corpo e, claro, atrás dele. Poderia também ser possível intercetar o meteoro mais longe e desviá-lo para a atração de Saturno ou Júpiter, onde ele forneceria outra lua para um ou para o outro.

Poderia também ser possível criar estações espaciais ou colonatos planetários que vos permitiriam evacuar uma percentagem significativa da população da Terra antes do impacto de tal corpo. Claro que esta última possibilidade tenderia a levar à maior perda de vida para aqueles que ficassem para trás, incluindo os vossos companheiros-fragmentos com alma, os cetáceos. Indubitavelmente, há uma série de outras soluções a serem exploradas se o empreendimento for escolhido. Existe também a binária muito distante do vosso sol, que apenas recentemente começou a balançar de volta em direção a Sol numa órbita longa e elíptica. Não é provável que tenha muito impacto no vosso planeta durante vários milhares de anos, mas ela está lá fora.

"Irá o Michael comentar a urgência das coisas que podemos mudar?" O problema mais premente, tal como o percebemos, já o afirmámos muitas vezes, mas reiteraremos: a sobrepopulação. O vosso ambiente não está a ser gerido atualmente de forma a tornar possível fornecer apoio razoável para o número crescente de seres humanos existentes no planeta. Dissemos que, na nossa visão, quaisquer pais com qualquer opção que seja na matéria poderiam desejar considerar o problema da população mundial antes de decidirem o tamanho da família a produzir.

Repetimos que qualquer progenitor que tenha mais de dois filhos está a agir de forma irresponsável, e isto inclui aqueles fragmentos cujas sociedades permitem uma pluralidade de cônjuges. Nesse caso, recomendaríamos um filho por cônjuge como um número razoável, dado o enorme alcance do problema. Podem escolher ter tantos filhos quantos vós ou a vossa sociedade exijam, mas qualquer coisa acima de dois por progenitor impõe um fardo sobre o resto da vossa espécie e sobre o vosso planeta. Não podemos expressá-lo de forma mais direta do que esta.

"Está o Michael a dizer-nos para não termos mais de dois filhos, ponto final?" Claro que não. Nós não dizemos a nenhum fragmento o quê ou como escolher. Estamos apenas a dizer-vos como percebemos as consequências da vossa escolha. Sois livres de fazer o que quer que escolham fazer. O número de filhos que trazem ao mundo é uma escolha tanto quanto qualquer outra que façam. Seria bom lembrar que a vasta maioria dos fragmentos regressará a este planeta para mais vidas, e a condição em que o encontrarão no vosso regresso tem influência direta nas escolhas que fazem agora. Embora não queiramos dizer isto num sentido genético, vós sereis os vossos próprios netos, e é o vosso futuro que estão a assegurar pelas escolhas que fazem agora.

"E quanto ao aborto? Isso não causaria carma?" Para mais de noventa por cento dos fragmentos, a alma entra no corpo ao primeiro fôlego. Algumas almas Infante entram no corpo no início do trabalho de parto a termo, mas todos concordarão que isso é um pouco tarde para o aborto. Não há carma em interromper uma gravidez antes desse momento. Na verdade, aqueles que compelem as mulheres a ter filhos que elas não escolhem ter estão em maior "perigo" de consequências cármicas do que quaisquer mulheres que escolham abortar um feto por qualquer razão que seja.

Compelir uma mulher a ter um filho que a mulher não escolheu é uma interferência significativa nas suas escolhas de vida, o que é, naturalmente, o requisito para criar uma fita cármica (*karmic ribbon*), não muito diferente da fita criada pela prisão injusta ou pela escravatura não escolhida. Desejaríamos também acrescentar que aqueles que valorizam as fêmeas apenas pelos filhos que produzem estão a responder diretamente ao impacto da cultura sobre o traço principal, o qual, como dissemos antes, promove tudo o que destrói a verdadeira intimidade, que é a fonte de toda a evolução da essência.

Relegar metade da espécie a serem fábricas reprodutivas barra a verdadeira intimidade desde o início e leva a tabus carregados de medo que definem papéis e relações sexuais da maneira mais estreita possível e, portanto, leva a maiores reduções na intimidade.

"Certo, a sobrepopulação é o primeiro problema que podemos mudar se tentarmos. O que é que o Michael vê como o segundo?" A qualidade do ar e da água é, teríamos de dizer, o aspeto da vida neste planeta mais direta e significativamente comprometido que resulta da sobrepopulação. Há um impacto direto na saúde pública — e por isso queremos dizer a espécie humana — resultante dos problemas da sobrepopulação e da propagação de doenças, pois, como estão cientes, as epidemias espalham-se mais rapidamente em áreas densamente povoadas do que em áreas menos povoadas.

Além disso, a população densa fornece uma excelente oportunidade para as doenças sofrerem mutações mais rapidamente e tornarem-se mais virulentas. Há questões maiores de natureza planetária que têm a ver com o ambiente mais básico de todos — o ar. Desde a presença de dióxido e monóxido de carbono, bem como níveis de hidrocarbonetos no ar, até efluentes na água, estes "suportes de vida" mais essenciais estão num estado precário. Depois disso, toda a gama e variedades de lixo tornam-se significativas.

"Há algo que possamos fazer a esse respeito? Se escolhermos fazê-lo?" Desejaríamos lembrar-vos que, com o manuseamento adequado, o lixo de hoje é o "húmus" (*mulch*) de amanhã. Muito do que é agora considerado como resíduo "inútil" pode, de facto, ser reprocessado em materiais úteis para o ambiente. No entanto, isto exige que a maioria das sociedades ajuste a sua estrutura para incluir o

reprocessamento do lixo como um esforço necessário e louvável, com recompensas por perseguir o problema. É a velha questão de quem é mais importante — o lixeiro ou o físico. A resposta, claro, é que eles são igualmente importantes, e representam as duas pontas da equação necessária para trazer mais progresso neste esforço.

"E quanto àqueles nove futuros possíveis que o Michael mencionou lá atrás nos anos setenta? Seguramente houve algumas mudanças?" Já não é muito provável que se aniquilem a vós próprios e ao vosso mundo numa guerra nuclear catastrófica, o que teria sido o pior cenário possível há quinze anos. Embora guerras nucleares de natureza "incêndio localizado" (*brushfire*) não sejam impossíveis, e o seu impacto potencialmente devastador, concordaríamos que uma destruição total causada por tal "conflito" já não é uma probabilidade real. Também perderam uma oportunidade que se apresentou há cerca de vinte anos que teria tornado possível lançar um programa desenhado para promover e recompensar o controlo de natalidade numa base internacional. Isso, por sua vez, teria criado um potencial melhorado para os povos em todo o lado, que era o cenário mais favorável percebido por nós há quinze anos. Isso não quer dizer que medidas tomadas agora seriam "inúteis", mas o problema é mais vasto e as atitudes gerais em relação à fertilidade tornaram-se marcadamente mais "conservadoras" nos anos que entretanto passaram.

A este respeito, teríamos de dizer que o que a atitude procura conservar é a superioridade masculina, não a terra ou a vossa espécie ou alguma "verdade" cultural genuína, pois aqueles dedicados a conservar a terra estão cientes da necessidade do controlo populacional, por muito impopular que a noção possa ser. No entanto, em relação ao nível de melhoria possível a "curto prazo" com a limitação da população, há um fator que colore os potenciais: a desflorestação tem estado sem controlo tempo suficiente para que agora esteja a apresentar um cenário que não era tão provável há vinte anos como se tornou na última década — e, embora não tão catastrófico como a guerra nuclear, é potencialmente tão destrutivo quanto, o que criou um novo cenário de "não-totalmente-o-pior-possível" para o vosso planeta.

Isto não quer dizer que estes cenários sejam necessariamente aqueles que "devem" ser enfrentados. Tudo é escolhido, asseguramos-vos, e independentemente da forma como vós e os da vossa espécie decidam lidar com estas questões, não há nada "certo" ou "errado" na escolha. À medida que as escolhas são feitas, outros cenários derivarão delas, e os perigos mudarão como resultado das escolhas feitas. É da natureza do plano físico mudar constantemente, e todas as espécies dentro dele, com alma ou não, adaptam-se através de mudança evolutiva ou tecnológica ou tornam-se extintas. Lembramos a todos aqui reunidos que não fazer nada é tanto uma escolha como fazer algo. Aconteça o que acontecer, será o resultado de escolha, como o são todas as coisas.

"Sobre a atitude social geral em relação à fertilidade estar a tornar-se mais conservadora recentemente, de que a conservação é da superioridade masculina. Poderia o Michael elaborar sobre isso, por favor?" A natureza da sociedade para a vossa espécie, com duas exceções, tem sido dominada e moldada por machos. Aqueles que defendem razões religiosas para não limitar a fertilidade são esmagadoramente masculinos e procuram preservar os seus "privilégios" de longa data em relação à procriação. Parte da razão para isto é a força fisiologicamente maior dos machos, que lhes deu a vantagem em qualquer combate direto, e a natureza da testosterona a atuar na bioquímica dos machos. Mas se esse fosse o único fator, não haveria "progresso social" possível, e a subjugação das fêmeas seria simples e diretamente sexual, não a condição cultural generalizada que tende a ser.

O fator mais persuasivo foi o resultado das longas gravidezes que exigiam que as fêmeas nas sociedades primitivas fossem protegidas enquanto grávidas, e que os jovens fossem protegidos através da longa infância da vossa espécie, o que cedo no desenvolvimento da vossa espécie exigiu um esforço organizado para assegurar que a descendência nascesse e fosse criada. No que toca aos primeiros três anos de vida, os Infantes humanos são essencialmente marsupiais sem bolsa, na medida em que os Infantes não são capazes de se governar a si próprios de qualquer forma "sobrevivencialista" e requerem cuidado constante para os trazer a um ponto onde possam funcionar como fragmentos individuais.

À medida que as sociedades se desenvolveram, o modelo para a humanidade evoluiu em torno do macho. Fêmeas (*females*), como o nome implica, sugeria que aqueles do género feminino eram uma versão imperfeita do modelo masculino. Muitas línguas indicam as fêmeas modificando a palavra para macho, como acontece em *man*, *woman*; *don*, *doña*. Existe também uma predisposição linguística em várias culturas para que a palavra para fêmea adulta seja a mesma ou quase a mesma palavra que fêmea casada.

Isto resultou num desenvolvimento cultural desequilibrado que tem "flagelado" a vossa espécie desde o início e provavelmente não será significativamente alterado até que a idade média da alma no vosso planeta seja o segundo ou terceiro nível do Maduro. De momento, é o quinto nível do Jovem. Aliás, em espécies com três ou mais sexos, as questões de género tendem a ser mais difusas. Ao terem apenas os dois, uma grande quantidade de atenção é focada nas diferenças entre machos e fêmeas, e julgamentos são feitos baseados nesta "dicotomia".

"Poderia o Michael elaborar sobre isso?" Esta necessidade de definir todas as atividades pela definição de género é em grande parte o resultado de se ter apenas dois, de modo que as diferenças — que vos asseguramos serem menores, na melhor das hipóteses — se tornam centrais para as expetativas sociais e culturais. Em certas culturas é algo terrível para homens e mulheres falarem um com o outro se a mulher

estiver a menstruar. Isto não é uma precaução sensata. O homem não pode "apanhar" a menstruação dela.

A fala não está de forma alguma relacionada com o processo menstrual, e não é "distorcida" por ele. Portanto, a razão para a restrição deve ser enfatizar a diferença entre macho e fêmea. Nesta cultura, um macho é frequentemente capaz de desviar inquéritos legítimos de fêmeas dizendo que ela está a menstruar, ou está prestes a menstruar, algo que ele, a versão "correta" de um ser humano, não pode fazer. Esta é uma forma de assegurar ao macho que ele não precisa de prestar atenção a nada do que uma fêmea diga que ele considere pouco lisonjeiro ou ameaçador. Teríamos de dizer que não há razão "lógica", bioquímica ou outra, para tal condenação. Portanto, é uma cunha cultural de definição para alienar os sexos. Enfatizamos os tabus masculinos porque em todas as culturas exceto duas, os machos definiram a sociedade, e fizeram-no para seu próprio benefício.

Desejaríamos também salientar que, embora algumas formas culturais muito antigas ainda existam em partes do mundo, as "regras" culturais estabelecidas para a conduta sexual foram há muito tornadas desnecessárias pelas mudanças sociais operadas pela tecnologia e pelo progresso. E por tecnologia, queremos dizer tudo desde a alavanca. Um fulcro funciona tão bem para fêmeas como para machos, o cadernal não tem ajuste na função determinado pelo sexo da pessoa que o utiliza. Não há razão para a física mudar as suas "leis" para acomodar o género ou a cultura do fragmento que emprega os seus princípios. O tempo é um método conveniente para dividir a rotação do planeta de uma maneira acordada, e não se altera de acordo com o género do humano que olha para um relógio. Aliás, o tempo, conceptualmente e por extensão, a matemática, são invenções femininas; as fêmeas na sociedade humana primitiva necessitavam de estar mais cientes da passagem de unidades específicas da rotação planetária do que os machos, e na sociedade humana primitiva as fêmeas eram responsáveis por itens específicos, o que levou à contagem.

Enquanto estes paradigmas culturais existirem, reforçando a suposição de que o papel apropriado para uma pessoa deter é um masculino, continuará a haver formas sociológicas que "compelirão" as fêmeas a "ganhar" os seus direitos à individualidade dando à luz machos. O que, claro, contribui para as exigências sociológicas de ter descendência, tanta descendência masculina quanto possível. Pensaríamos que seria um estudo útil aprender que percentagem de fêmeas em todo o mundo sentiu que teve uma melhoria significativa no "estatuto" ao dar à luz um filho do sexo masculino.

Aliás, teríamos de dizer que discutir problemas populacionais sem discutir controlo de natalidade e aborto é um exercício de futilidade. Claro que as forças mais fortes da aculturação — a religião organizada — opõem-se a tais mudanças, pois dar às mulheres o poder de tais decisões sem coação social tenderia a minar a

autoridade dos padrões culturais — a religião organizada. Para a maioria das estruturas de poder, aqueles que detêm posições na estrutura de poder não temem nada tanto como a redução do poder, e prefeririam ver o mundo "ir para o inferno" — um castigo adequado por desafiar a estrutura de poder — do que reavaliar o papel da estrutura de poder no mundo.

Não queremos dizer que toda a religião é destrutiva. Não dissemos isso nem o parámos implicitamente. Desejamos observar, no entanto, que a maioria das grandes organizações religiosas se tornou entrincheirada no processo de manter a sua influência e cessou de examinar quer os seus próprios motivos quer os resultados das suas exigências. E em termos de potencial conflito de grande escala entre sociedades humanas nesta altura, pensaríamos que o idealismo religioso representa a maior ameaça social individual à sobrevivência mundial de qualquer uma das forças em ação nesta altura.

"O Michael quer dizer o movimento fundamentalista em muitas religiões mundiais nesta altura quando dizem idealismo religioso?" Num sentido lato, sim, mas também queremos dizer os vários exercícios oferecidos pela religião em lugar de ações no plano físico que levem a condições melhoradas na terra. Muitas religiões, embora não defendam posições extremistas, sugerem que melhorias e emendas podem ser alcançadas metaforicamente. Isto não é Bom Trabalho, embora muitos o abracem como tal, o que podem escolher fazer sem a suposição de "erro".

Por exemplo, se desejam bem a alguém, é mais eficaz fazê-lo diretamente — por fala, carta, contemplação ou contacto direto semelhante — em vez de pedir a alguma força extraterrestre — tais como deuses, anjos e os outros disfarces promovidos para representar a essência — que o faça por vós. E pensaríamos que para a maioria dos fragmentos servir um dia por mês numa clínica de saúde pública é uma forma mais eficaz de expressar amor pelos companheiros humanos do que todos os almoços caros para financiar programas públicos; não que ambos não tenham os seus lugares — apenas que trabalhar diretamente com as pessoas é mais "essencialmente" altruísta do que dar dinheiro por prestígio social.

A doação altruísta de sangue é, para nossa perceção, um exercício mais humanitário do que protestar decisões políticas sem qualquer acesso viável àqueles que procuram o alívio do sofrimento. Isso não quer dizer que todo o protesto seja sem benefício. Não dissemos isso nem o parámos implicitamente. Nós, contudo, compreendemos tais ações sob uma luz menos altruísta do que a ação pessoal direta empreendida com o propósito específico de assistir no fim do sofrimento, que a doação de sangue certamente facilita.

Aqueles fragmentos com tarefas de vida relacionadas com ações políticas podem ser realizados de forma mais útil através de organizações políticas. Não há dúvida sobre isto e, num mundo predominantemente de almas Jovens, a ação política está no seu auge evolutivo. Para as almas Jovens é um exercício apropriado

na evolução. Mas para aqueles fragmentos cujas tarefas de vida residem noutro lugar, o envolvimento político muitas vezes faz pouco mais do que difundir o foco da tarefa. Todos os fragmentos têm, naturalmente, o direito de abordar as suas tarefas de vida da forma que escolherem, tal como podem escolher não abordar de todo as suas tarefas de vida, mas muitos fragmentos, dada a natureza prevalecente das sociedades de alma Jovem, serão "persuadidos" a abordar os problemas de uma maneira política, seja apropriado ou não. Isso não quer dizer que a ação política seja inválida na nossa perceção.

Mas a ação política é frequentemente selecionada como o meio para abordar uma questão porque fornece apoio de mentalidades semelhantes em vez de enfrentar a matéria de uma maneira mais direta e menos reforçada. Já dissemos antes, mas repetiremos: a política, pela sua própria natureza, cria falsas alianças, falsas vitórias e falsas derrotas, embora seja o meio pelo qual as sociedades de alma Jovem avançam. Além disso, desejaríamos lembrar a todos os aqui presentes que o propósito da política é, por definição, o compromisso, e aqueles que procuram uma solução sem compromisso ficarão inevitavelmente desapontados com o processo político.

Deixem-nos, portanto, recomendar que o objetivo desejado em qualquer empreendimento seja compreendido no contexto da sua realização. Onde um consenso é desejado, o processo político é provavelmente o mais útil num sistema representativo. Onde resultados que não o consenso são desejados, então o processo político provavelmente não é o mais útil a usar. Em termos de questões ambientais, por exemplo, o ar limpo não é algo que possa ser modificado conforme as exigências de diferentes regiões político-geográficas. O ar é mundial e o mesmo em todo o lado.

A cinza vulcânica de erupções do Pacífico Sul espalha-se frequentemente até à Europa e América. O mesmo é verdade para poluentes menos "naturais". Ajustar as exigências para a restauração do ar à conveniência de qualquer país em particular ou outra unidade política é uma loucura, pois pressupõe que apenas aqueles nessa região respirarão o ar, o que é demonstravelmente impreciso. O mesmo é verdade para os padrões da água, que está presente em todo o lado no mundo. A questão de coisas como a arborização é também parte da qualidade do ar, embora menos prontamente reconhecida como tal por causa da comerciabilidade das árvores de uma série de formas. Que as árvores têm benefícios além da madeira que fornecem é frequentemente ignorado nos debates acesos entre aqueles nas indústrias de desmatação e corte de madeira e aqueles preocupados com os usos que as árvores vivas podem ter.

O cuidado com as florestas e com os leitos de algas marinhas é de tremenda importância para a preservação de muitas espécies na Terra, a vossa incluída. A colheita razoável e de longo prazo de kelp e madeira não é uma conquista

impossível, mas teríamos de salientar que a natureza do lucro destes mercados exigirá certos ajustes se as florestas houverem de sobreviver em qualquer quantidade útil.

Isto é algo que "deve" ser estabelecido na próxima geração, ou o equilíbrio entre árvores que dão oxigénio e humanos que usam oxigénio pode muito bem tornar-se demasiado severamente desequilibrado para ser reparável nos séculos vindouros. Pensaríamos que negligenciar as árvores teria consequências de longo alcance. E quando dizemos árvores, não nos referimos apenas à floresta tropical, mas a todas as florestas, em todo o lado no mundo.

"Como é que o Michael vê o movimento internacional para plantar árvores?" Percebemos muita utilidade num tal esforço, especialmente realizado em regiões que outrora foram florestadas e agora não o são, o que inclui grandes partes da Europa e do Próximo Oriente, bem como a América Latina e a Ásia. Na América do Norte, o debate sobre o assunto alertou muitos para o alcance do problema. Também teríamos de dizer que a maioria dos cenários urbanos não é propícia a prestar-se a tais esforços em qualquer escala alargada.

Isso não significa que não seja útil plantar uma árvore ou duas num quintal ou num parque. Todas as árvores são úteis, e muitas são decorativas, o que as torna duplamente atraentes. Não vemos qualquer "virtude" em plantar árvores sem consideração pela estética. Ao escolher uma árvore para plantar, uma que esteja adaptada ao clima regional é um começo sábio, e selecionar uma árvore que tenha uma qualidade de beleza pode fazer muito para assegurar a sua longevidade, pois uma árvore é mais propensa a ser "protegida" se for percebida como bela do que se não o for.

Na falta de um corte na população, a plantação concertada de árvores e a jardinagem florestal é uma das coisas mais úteis que a vossa espécie pode fazer para ajudar a manter a Terra, pois isto beneficia o ar e a água, bem como fornece muitos benefícios secundários, tais como, mas não limitados a, géneros alimentícios adicionais, vantagens medicinais, papel, sombra e satisfação estética. Como sugerimos, há muitas árvores, bem como outras plantas com propriedades medicinais, que vale a pena cultivar apenas por esses atributos.

Isso não significa que qualquer fragmento seja "obrigado" a plantar árvores, mas se um fragmento quiser fazer algo para ajudar o ambiente mundial sem embarcar em soluções políticas, plantar árvores é uma atividade benéfica, e não tão demorada ou dispendiosa que a torne um projeto irrealista para uma grande quantidade de fragmentos.

"E quanto às plantas de interior? São úteis?" Numa escala pequena, certamente que são. Algumas plantas de interior são suficientemente grandes para se qualificarem como árvores, e podem fazer muito para ajudar a manter o ambiente

imediato "mais limpo", bem como acrescentar aos benefícios pessoais trazidos pela presença de seres vivos. Além disso, existem "usos" para muitas plantas de interior, tais como culinários e medicinais. Aliás, para muitas crianças, a oportunidade de cultivar uma planta própria é um bom meio de mostrar os benefícios de ações responsáveis — regas a planta, ela cresce. Não regas, ela morre — sem fazer da "lição" um suplício.

"E quanto aos animais de estimação? Como é que o Michael vê os animais de estimação?" Todas as espécies com alma independentemente móveis no plano físico têm animais de estimação de uma espécie ou de outra. É um dos comportamentos que caracteriza todas as espécies com alma independentemente móveis. O vosso planeta, estando em direção à extremidade da galáxia, tem uma maior variedade de formas de vida para recorrer para esse propósito, e há um grande benefício evolutivo tanto para vós como fragmentos, como para as almas colmeia com as quais interagem. Já dissemos antes, mas repetiremos, muitas espécies de animais não seriam capazes de se inter-relacionar sem a "interface humana" que vós forneceis. Por exemplo, nos seus estados "naturais", cães e gatos não se dão bem. E há aqueles que vivem como animais de estimação que ainda não se dão, embora uma grande quantidade o faça. A tradição de um bode num estábulo de cavalos é puramente uma noção humana, não uma herdada do "estado selvagem". A capacidade de resposta de várias espécies aos humanos mostra o grau em que as características básicas das espécies de estimação podem ser adaptadas às expetativas humanas.

Neste aspeto, o gado e os cães mostram o maior impacto, as aves de capoeira e os gatos o menor. Isto deve-se em grande parte ao facto de animais de rebanho ou matilha, tais como canídeos e bovinos, já estarem "programados" (*hard-wired*) para cooperar com "o líder", ao passo que os felinos, sendo na sua maioria caçadores solitários, não têm "programação" para a cooperação, e as aves, tendo evoluído de formas muito antigas, retêm uma porção dos velhos "ecos" de dinossauro mais do que a maioria das espécies retém das suas formas anteriores.

Se cuidar de animais ajuda qualquer humano numa maior compreensão da verdadeira natureza do plano físico, é Bom Trabalho manter tais animais por perto. Se o propósito de ter o animal é promover um sentimento de "superioridade humana" no fragmento humano, o trabalho não é um erro, mas já não é Bom Trabalho tal como o percebemos. Aliás, para nós, a manutenção de animais agrícolas é tanto um manter de animais de estimação como o é ter um *whippet* em casa.

"E quanto à afirmação de que é impróprio comer carne? Ou aves? Ou peixe?" Os tabus dietéticos têm mais a ver com expetativas sociais e culturais do que com qualquer validade "maior", incluindo a suposição de que qualquer tipo de comida é mais "honroso" do que qualquer outro tipo de comida. A vossa espécie, sendo necrófaga (*scavenger*) capaz, está desenhada para comer quase tudo o que possa apanhar, roubar ou criar; se este não fosse o caso, não teriam sido capazes de evoluir

para um estado onde a encarnação da alma (*ensoulment*) se tornasse possível, pois a encarnação da alma "exige" certos parâmetros de sobrevivência, bem como desenvolvimento fisiológico que permita interações sociais em fragmentos independentemente móveis.

Não há "falha moral" em comer carne, tal como não há "sucesso moral" em comer apenas vegetais ou frutas. As convenções dietéticas de todos os tipos refletem mais valores culturais do que espirituais. Várias regiões étnicas evoluíram para certas dietas, e a natureza genética daqueles vindos das regiões em questão será mais apta a digerir alimentos das suas regiões étnicas do que muitos outros. Isso não quer dizer que a fisiobiologia seja o destino.

Não é o caso, como indica a proliferação de restaurantes internacionais. E muitos fragmentos têm uma etnicidade consideravelmente mista na sua composição genética, e tentar encontrar a mistura "certa" para acomodar todas as várias regiões étnicas numa dieta diária provaria provavelmente ser mais exasperante do que útil, e forneceria pouca "melhoria" para a maioria dos fragmentos.

Os proto-humanos, pouco antes de a encarnação da alma ocorrer, aprenderam a seguir leopardos, ursos e outros predadores solitários, com o propósito de recolher qualquer presa restante que o predador pudesse deixar para trás. Os leopardos, por exemplo, frequentemente deixam as peças caçadas bem alto nos ramos das árvores e os proto-humanos eram capazes de subir e reclamar a caça para si. Ursos e leopardos são caçadores muito melhores do que os seres humanos foram até à invenção da pólvora, e os proto-humanos eram rastreadores e necrófagos habilidosos e pacientes.

Dessa forma, a quantidade de proteína aumentou marcadamente na dieta, e tornou possível para os proto-humanos desenvolverem as capacidades necessárias para que a encarnação da alma ocorresse. Esta não é a "imagem" preferida dos proto-humanos, mas é muito mais exata do que o retrato de um "Tarzan" a baloiçar pela selva apanhando leões com as próprias mãos e matando elefantes com uma lança e uma faca. Aliás, os primeiros humanos viveram com mais sucesso perto da água.

O peixe era uma boa fonte de alimento, e a água oferecia proteção contra muitos predadores. Também ajudou na evolução da postura ereta humana e na distintiva falta de pelagem que é característica de mamíferos de uma adaptação aquática ou semiaquática.

No que diz respeito à carne, contudo, o porco e outras partes do suíno tendem a ser a carne mais facilmente assimilada para todos os humanos. Isto deve-se em parte ao facto de a espécie suína ter uma forte semelhança com a "família" humana em termos de proteína e dieta, mas não ser tão parecida com os humanos ao ponto de colidir com a "barreira de espécie" presente em muitos fragmentos, tanto cultural como biologicamente.

Deixem-nos explicar: para aqueles cujas origens étnicas são em climas temperados, por exemplo, o consumo de primatas "menores", tais como macacos, não se desenvolveu na dieta porque macacos e símios não são encontrados "naturalmente" na maioria das vezes em climas temperados ou árticos. Isto não é verdade para muitos povos que vivem em regiões tropicais ou subtropicais da Terra, embora em muitos lugares a "barreira de espécie" funcione como um tabu, na medida em que é considerado "incorreto" comer qualquer coisa que se pareça demasiado com os humanos. Isso não significa que seja mais "correto" comer porco do que qualquer outra forma de proteína animal, meramente que este tem certas "vantagens" sobre outros tipos de carne. Podem, claro, comer tudo o que escolherem comer.

O porco tem outra vantagem na medida em que é a fonte de carne mais "económica", no sentido de que, em termos do que custa alimentar um porco contra a quantidade de carne "utilizável" e outras partes, o porco fornece a melhor "taxa de câmbio". As cidades primitivas onde a indústria principal era fabricar cerveja alimentavam os seus porcos com o grão gasto, o que melhorava a qualidade da carne de porco e eliminava uma grande fonte de "lixo" ao mesmo tempo. Podem considerar isso como um exemplo precoce de reciclagem agrícola, se assim o escolherem.

"Existe alguma razão espiritual para não comer carne?" Apenas se escolherem perceber uma para vós próprios, e se não for a imposição da escolha de outra pessoa, tal como a maioria das restrições alimentares de base religiosa o são, embora isso seja uma questão de escolha, não de qualquer validade maior. Podem também decidir que é mais "espiritual" comer apenas aquilo de que os seres humanos são feitos — proteína animal — e que essa decisão seja igualmente válida e igualmente exigente para o corpo. É verdade que sem carne ou aves na dieta, o nível de energia disponível é geralmente reduzido e, assim, uma abordagem à vida mais "ponderada" pode resultar porque as exigências de atividades físicas extenuantes são maiores num corpo que não tem alguma forma de proteína animal — carne, aves, peixe e, num grau menor, ovos — para recorrer de modo a sustentar a atividade. Se isto promove uma consciência aumentada do processo de "pensamento", pode — e sublinhamos pode — ter alguns benefícios, se estiver de acordo com as sobreposições (*overleaves*).

Salientámos muitas vezes que não é uma questão de ser mais "espiritual". Pela natureza de serem fragmentos com alma, tudo na vida é espiritual, desde a meditação até aos movimentos intestinais. Não há razão para temerem que as vossas atividades careçam de "espiritualidade". A lição mais difícil para todos os fragmentos é a lição de estar no plano físico. Para espécies com alma, o espírito é fácil. Os corpos são difíceis.

Desejaríamos também salientar que, na questão de selecionar a comida, é de utilidade considerar a questão do prazer como um fator na nutrição. Essa não é uma consideração trivial, deixem-nos assegurar-vos desde já. O prazer é uma parte do sustento, bem como o equilíbrio dos elementos dietéticos. Uma refeição não é meramente consumida para alimentar o organismo, é uma ocasião para comunicação e "união" mamífera; quanto mais prazerosa for a comida, mais convivial a refeição tende a ser. Limitar uma dieta apenas às coisas "saudáveis" sem uma tentativa de sabor, gosto e gratificação dos sentidos é perder uma boa porção da validação dos sentidos, que só pode ser feita no plano físico. Tal validação é Bom Trabalho, pois traz consigo o acesso à intimidade consigo próprio.

"Gostaria o Michael de elaborar sobre isso?" Um "impulso" significativo de lições a ter no plano físico vem através da validação dos sentidos. Naturalmente, os sentidos são experienciados apenas no plano físico, e nisto os sentidos existem como características "conhecíveis" discretas quando os fragmentos estão no corpo. Portanto, pensaríamos ser óbvio que compreender os sentidos como qualidades discretas da vida "humana" é, de facto, parte de reconhecer e validar a experiência e as lições do plano físico. Uma vez que o "feedback" como tal é mais importante para aqueles na Polaridade da Expressão [Sábios e Artesãos], a dedicação ao reconhecimento sensorial é frequentemente crucial para validar a totalidade da tarefa de vida, e não seria desapropriado para aqueles na polaridade da expressão dedicarem-se conhecidamente à avaliação sensorial numa base "regular". Isso não quer dizer que todos os fragmentos não possam beneficiar de um tal projeto e de uma tal revisão. Não dissemos isso nem o parámos implicitamente. Todos aqueles no plano físico procuram a validação das suas experiências através dos sentidos, sendo uma manifestação de criaturas de razão independentemente móveis.

Já dissemos antes, mas reiteraremos: a tendência natural do "primata" para confiar mais na dor do que na alegria é parte integrante da não-validação dos sentidos e limita a experiência disponível para a essência, frequentemente de tal forma que a verdadeira personalidade só está disposta a experienciar o impacto sensorial negativo como válido. O impacto sensorial positivo é relegado para áreas de espiritualidade dissociadas do corpo e de todas as suas funções menos-que-imaculadas. Muitos casos de disfunção sexual, de facto, surgem da crença profundamente enraizada de que nada do que o corpo faz pode ser "assim tão bom", e por isso a experiência positiva deve ser considerada intrusiva e, portanto, negativa.

Muitos ensinamentos religiosos, como meio de ganhar controlo sobre o fragmento, fazem exigências estritas em relação aos sentidos. Os fragmentos são instruídos de que os sentidos devem ser experienciados de uma certa maneira, num certo momento, e resultar em certos estados de espírito, ou o fragmento errou; esta "falha" percebida leva muitos fragmentos a condenarem-se sem nenhuma razão convincente além da incapacidade de se subjugarem a um código de comportamento que é inapropriado para as suas experiências.

A totalidade dos sentidos pode, claro, contribuir significativamente para a verdadeira intimidade, tal como a negação da experiência sensorial pode levar ao realce do traço principal. O traço principal, sendo a fonte do medo, encontra na dor uma ferramenta útil na sua manipulação dos fragmentos. Isso não quer dizer que a dor seja inválida, mas que é apenas parte de um espectro muito amplo disponível para, e instrutivo do, processo de cada uma e de todas as vidas. Sem o reconhecimento e a validação de tais perceções, muitos fragmentos "perdem o contacto" com o mundo em seu redor e, devido a esse "estado", são incapazes de "relacionar-se" com o mundo maior de qualquer forma "significativa". Por outras palavras, se os sentidos não são dignos de confiança, o mundo à vossa volta não é totalmente válido, e pode ser encarado com a atitude "despreocupada" de qualquer ilusão.

Não que reconhecer e validar os sentidos vá necessariamente tornar um fragmento mais preocupado com o mundo em geral, pois isso é uma questão de escolha, mas a probabilidade de uma consciência aumentada do estado do mundo, uma vez que os sentidos sejam reconhecidos e validados como dignos de confiança, é mais apta a ocorrer de uma maneira não dogmática à medida que os "relatórios" dos sentidos são "revistos".

Aliás, não há "erro" nos sentidos. Cada fragmento percebe os sentidos da maneira que é apropriada para o fragmento. Isto faz parte da diferenciação experiencial, não é uma questão de "habilidade" ou "virtude". Se houvesse uma tal maneira "certa" de sentir, todos gostariam do mesmo perfume ou do mesmo molho para o peixe. Cada fragmento escolhe o que certos estímulos sensoriais significam para o fragmento, e isso é a totalidade do reconhecimento. A validação é alcançada quando o fragmento aceita o reconhecimento como sendo do próprio fragmento.

Claro que os sentidos "ressoam" com os papéis na essência, e existem sete deles. Escravos (*Slaves*) ressoam com o tato, Artesãos (*Artisans*) com o equilíbrio, Guerreiros (*Warriors*) com a audição, Académicos (*Scholars*) com a visão, Sábios (*Sages*) com o paladar/olfato, Sacerdotes (*Priests*) com a orientação, Reis (*Kings*) com a relacionalidade. Nem todas as espécies têm precisamente os mesmos sentidos que a vossa, mas a função de cada um é a mesma em todo o plano físico.

Os sentidos são os meios pelos quais o plano físico é experienciado e interpretado, e cada espécie está limitada pela natureza dos próprios sentidos. Como é sem dúvida aparente, cada espécie tem um sentido mais proeminente, um que é o "sentido guia" para todos os outros. Para a vossa espécie, é a visão. Para os cetáceos, o sentido mais proeminente é a audição. Existem espécies com alma com a orientação como o sentido primário, e aquelas com o equilíbrio como o seu sentido primário, e assim por diante para todos os sete.

Onde existe uma apreciação dos sentidos, o fragmento é mais propenso a ser capaz de fazer escolhas que reflitam a perceção da essência. Isso não quer dizer que

sem uma apreciação dos sentidos tais escolhas sejam impossíveis, apenas que são mais difíceis devido à falta de "visão interior" (*insight*) de natureza "ambiental".

"Como é que os sentidos e a nossa perceção do mundo interagem? Supondo que eles interagem de todo." Certamente que interagem. Os sentidos são a chave para todas as perceções no plano físico. A interpretação do plano físico baseia-se na forma como o organismo "gere" a informação. Por exemplo, certas vibrações são processadas pelo olho humano como luz e cor. Existem vibrações que o olho não consegue "ver" ou processar, e estas coisas são, portanto, "invisíveis" e devem ser medidas por instrumentos que não o olho humano. O mesmo pode ser dito sobre vibrações que impactam os nervos auditivos a certos níveis, que são reconhecidas pelos humanos como som.

Nem todas as vibrações estão limitadas ao alcance da audição humana, por isso, mais uma vez, a tarefa de as processar deve ser deixada para outros dispositivos, tais como outras espécies ou máquinas. Não há nada de "errado" nisto. É da natureza do plano físico exigir limites de um tipo e de outro. E a natureza do sistema nervoso humano "exige" uma limitação no estímulo, caso contrário o fragmento não conseguiria funcionar, sendo tão constantemente bombardeado com sensações que exigem resposta imediata.

Muito do processo da infância está relacionado com ensinar o Infante a "filtrar" o impacto sensorial para que a "mente" possa funcionar sem distração constante. Parte do que é visto como uma falta de atenção ou concentração está diretamente ligado à falta de treino na filtragem sensorial nos primeiros três anos de vida.

É de utilidade "rever" os sentidos numa base "regular-mas-não-ritualista", caso escolham fazê-lo. Pensaríamos que tirar uma hora a cada poucos dias e usá-la para concentrar a atenção num sentido poderia fazer muito para aumentar a consciência sensorial. Dedicar uma hora à audição sem o estímulo adicional de rádio, intrusões mecânicas de todos os tipos e aumentos "fabricados pelo homem" semelhantes é uma coisa útil para os fragmentos. Sentar-se calmamente num parque pode alcançar muito se o fragmento estiver disposto a "permitir-se" a isso, pois o fragmento descobrirá rapidamente que os seres humanos ouvem muito bem e, de facto, tornaram-se adeptos de selecionar o que terá prioridades de audição e o que não terá.

O mesmo pode ser feito com o tato. Um fragmento pode escolher passar uma hora a caminhar nu pela casa, sentindo as texturas nos pés e na pele, o movimento do ar, os padrões de quente e frio que estão presentes em todos os edifícios. A sensação de um assento de madeira comparado com uma almofada pode ser explorada. O toque de coisas como folhas, couro, vidro, plástico e todo o tipo de objetos poderia ser avaliado.

A textura dos tecidos pode ser mais reconhecida — sem algumas medidas imediatas em direção à limitação e redução da população, o ambiente daqui a uma geração estará severamente comprometido. Isto não é uma previsão, pois nós não prevemos. É uma simples extrapolação matemática, e qualquer fragmento capaz de cálculos matemáticos pode chegar à mesma conclusão sem a nossa ajuda.

— Michael, parece que estás a insistir obsessivamente na questão da população. —

Nós não insistimos obsessivamente. Respondemos a perguntas feitas. Desejam conhecer a nossa avaliação e estamos a fornecê-la da forma mais sucinta possível. A maioria dos fragmentos no nosso pequeno grupo está consciente dos riscos inerentes a "sobrecarregar" o meio ambiente e, por essa razão, têm questões sobre os mesmos. O vosso planeta está atualmente a experienciar uma crise populacional e, por isso, quando perguntam sobre as condições que influenciam adversamente o meio ambiente, não podemos evitar discutir a questão da população.

São as vossas perguntas que continuamente nos devolvem a este assunto, pois as questões ambientais têm de, inevitavelmente, "incluir o fator" populacional para que as respostas tenham qualquer validade. Podemos também referir as questões de saúde pública que são concomitantes com os níveis populacionais, se isso vos convencer da nossa falta de intenção de "insistir". Caso optem por perguntar sobre outros tópicos, não mencionaremos a questão da população.

— A população está a tornar-se uma questão política escaldante em muitas partes do mundo. É provável que isto ajude ou que torne as coisas piores? —

Dependeria de quais fossem as abordagens políticas. E nós não consideramos esta ou qualquer outra questão como uma matéria de "melhor" ou "pior". Perguntaram sobre os perigos para a manutenção do meio ambiente. Nós demos a nossa resposta. Sendo este predominantemente um planeta de almas Jovens, pensaríamos que uma abordagem política estaria apta a ser a mais bem-sucedida — ou a menos bem-sucedida, se as alianças políticas apoiarem o aumento da população. Vemos alguns sinais encorajadores nesse aspeto da vossa vida planetária: a falta de entusiasmo pelas declarações feitas por muitos em altos cargos religiosos e políticos no sentido de proibir o controlo de natalidade e o aborto em todo o mundo.

Pensaríamos que incluir a instrução sobre o controlo de natalidade como parte da ajuda a países empobrecidos poderia permitir aos fragmentos em questão escolherem por si mesmos. O hábito de elogiar famílias numerosas é outra prática que poderia ser reduzida como um meio de encorajar uma limitação de filhos, caso escolham limitar os vossos números.

Não pretendemos "gritar que vem lá o lobo" nem dizer-vos como fazer escolhas, mas pensamos que um grande número de fragmentos não deu ao problema e a todas as suas manifestações qualquer consideração séria. Não que tal

consideração seja "exigida", mas pensamos que muitas vezes as decisões sobre filhos são tomadas sem qualquer reflexão mais ampla para além de "queremos um". Embora essa seja uma pergunta tão válida como qualquer outra, ela não aborda a questão do tipo de mundo em que a criança desejada irá viver — para não falar daquelas crianças que não são desejadas e que são trazidas ao mundo com pouco à espera delas a não ser hostilidade, carência e doença. Se os fragmentos estivessem conscientes de que estão a condenar a sua descendência ao sofrimento, poderiam estar dispostos a ter menos filhos na esperança de que estes vivam num mundo que não esteja tão comprometido como poderá estar se os padrões atuais continuarem. Percebemos que existem muitas partes do vosso planeta onde tais argumentos têm pouca validade, mas pensaríamos que valeria o "esforço" para ser possível baixar o número de humanos para um nível mais razoável.

— Mas perante o tremendo problema, não é um bocado inútil reduzir o tamanho da família? E quanto a lugares como a Índia e a América Latina? Não deveria ser feito algo lá primeiro? —

Não é Bom Trabalho deslocar as vossas responsabilidades para os outros. Cada fragmento deve fazer a escolha por si mesmo quanto à forma como o fragmento se irá comportar, e a escolha pertence ao fragmento que escolhe. Dizer que outros com "pressões" populacionais mais sérias têm a obrigação de agir primeiro é abjurar a responsabilidade que têm pelas vossas escolhas. Essa é a postura tomada por aqueles que dizem: "Nós temos meios para ter vários filhos", esquecendo que o que querem dizer com "ter meios" é que possuem fundos suficientes para alimentar, alojar, vestir e educar os seus filhos.

Não querem dizer "ter meios" no sentido da espécie e do planeta, pois é claro que o planeta não pode comportar tantas pessoas nele. Seria desejável que todos os países em todo o mundo reduzissem as suas taxas de natalidade se os comprometimentos com o vosso meio ambiente tivessem de ser diminuídos. Os Infantes são geralmente tidos um de cada vez e, portanto, cada mulher tem a escolha de aumentar o número dos seus filhos ou não diminuir o número. Nalgumas culturas é mais difícil exercer esta autoridade, mas enquanto a falta de autonomia feminina não for contestada, o problema persistirá. E pensaríamos que, por mais razões do que o número de filhos, seria útil que as mulheres tivessem autonomia para que pudessem tomar todas as suas escolhas de vida por si mesmas, sem a intervenção de ícones culturais que exigem que as MULHERES permaneçam um apêndice masculino.

Existem, naturalmente, sobreposições (*overleaves*) para influenciar as escolhas feitas na vida e o modo de vida levado, mas pensaríamos que, perante a opção de decidirem por si mesmos ou serem a propriedade de outros, a maioria dos fragmentos, homens ou mulheres, preferiria decidir por si mesmos. O que é mais lamentável são aquelas instâncias em que a cultura é tão restritiva que os fragmentos

são ensinados desde o nascimento que são incapazes de tomar decisões por si mesmos, pois isto é um golpe paralisante na autonomia, o que, naturalmente, mitiga o leque de escolha disponível para qualquer pessoa.

Deixem-nos dizer-vos que não existe "salvação" externa, existe apenas o que escolhem fazer. Nós, e todos os professores como nós, não intervimos nem podemos intervir no plano físico, pois não somos do plano físico. Vocês são aqueles que irão preservar ou comprometer o vosso planeta. Vocês são aqueles que irão preservar ou comprometer a vossa espécie. Vocês são aqueles cujas escolhas determinarão qual dos futuros terão. Qualquer que seja a escolha feita, será uma escolha válida, nem boa nem má, mas tendo consequências de impacto profundo, como todas essas escolhas têm.

— O Michael tem alguma recomendação sobre o que poderíamos — isto é "poderíamos", não "deveríamos", Michael — fazer para nos ajudar a atravessar este tempo? —

Dado que todo o plano físico está sujeito a mudanças constantes, pensaríamos que escolheriam ser tão flexíveis quanto possível se desejam sustentar-se, embora nenhuma quantidade de flexibilidade manterá a vossa espécie, ou o planeta em questão, viável "para sempre". No plano físico, todas as coisas acabam por se extinguir. Mas isso não significa que o processo "deva" ser apressado. A experiência da vida é única para cada espécie e fragmento dentro de uma espécie. Com a variedade de formas de vida no vosso planeta, pensaríamos que os esforços para avaliar o impacto ambiental sobre elas alertariam a vossa espécie para o que poderá desenvolver-se para a vossa espécie.

A suposição de que ter alma vos retira das consequências de serem mamíferos não é válida, e conduz ao tipo de pensamento que gera atos irresponsáveis em relação ao planeta. Vocês, como espécie, são parte do sistema da terra. Descobriram formas de a transformar e fizeram-no com, pensamos que concordarão, resultados mistos. Podem também descobrir formas de preservar e proteger o planeta, caso escolham fazê-lo, de uma maneira coletiva e individual. Mas lembramos-vos que uma maneira coletiva é o resultado de muitos fragmentos individuais a escolherem agir em concerto. Cada fragmento é responsável pelo que o fragmento escolhe fazer. Não é possível para os fragmentos tomarem escolhas de vida por outros fragmentos sem que resulte carma, não importa quão nobre seja a razão para a ação.

Todas as escolhas são válidas e todas as escolhas são igualmente importantes do nosso ponto de vista. Se procuram preservar o vosso planeta, as escolhas feitas sobre a reciclagem de papel são tão válidas como as escolhas sobre leis que proíbem a poluição industrial. E embora não haja carma propriamente dito por negligenciar o meio ambiente, é para onde regressarão até ao momento em que a vossa espécie se torne inviável ou terminem os vossos ciclos completos de vidas, caso em que se encarnarão noutra espécie no plano físico. Mas essa catástrofe ainda não ocorreu.

O vosso planeta teria de sofrer danos significativamente maiores antes de se tornar inabitável para a vossa espécie. Isso não significa que os danos não tenham efeito sobre como o planeta será daqui a uma década ou duas ou três. E terão de lidar com isso quando renascerem. A condição do meio ambiente em que crescerão na "próxima vez" será o resultado das escolhas feitas agora. Concordaríamos que é dispendioso corrigir vários abusos passados, mas prolongar esses abusos não os tornará menos dispendiosos — de facto, tenderá a tornar os problemas mais profundos e as soluções mais complexas.

Provavelmente, o maior contribuinte individual para o abuso do planeta não baseado na população são as hostilidades militares organizadas. Depois disso vêm os fatores industriais. Ambos os fatores têm uma componente populacional, naturalmente, mas reduzir o risco e o impacto das guerras pode ser útil para diminuir o abuso do planeta, bem como exigir uma aplicação mais rigorosa das proteções ambientais em todo o mundo, pois a poluição no Bangladesh acabará por chegar a todas as margens do mundo, tal como os efluentes de Love Canal. Os contaminantes não conhecem fronteiras ou nações. E a terra é um lugar finito.

— E quanto à noção atual de que o universo é um holograma? Existe alguma validade nisso? E se não, porquê? —

Não, o universo não é um holograma, embora forneça uma referência matemática útil. Embora os hologramas sejam de facto artefactos interessantes, eles são, na verdade, ilusionais, e desejamos assegurar-vos que este — ou qualquer outro — universo não é ilusional, exceto no sentido de *maya*, que transcende todo o sentido de tempo e espaço. Se desejam fazer uma analogia do universo em termos da experiência humana, considerem a complexidade do material genético no corpo humano, o seu desenvolvimento e colapso, e magnifiquem-no muitos triliões de vezes e espalhem-no à vossa volta até onde conseguirem ver, e tripliquem isso; terão o início de algum conceito do que chamam o universo na sua função atual.

E deixem-nos assegurar-vos que, embora o universo seja de facto finito, a alternância entre matéria positiva e negativa [a descrição de Michael do que é o Big Bang] ocorreu mais vezes do que as estrelas visíveis no céu que podem observar com os mais poderosos telescópios atuais, e certamente ocorrerá outras tantas vezes mais antes que qualquer mudança substancial na sua natureza ocorra. Tal como irão reaver material genético tantas vezes quantas forem necessárias para completarem a evolução de vidas no plano físico. A contemplação de uma única galáxia, desde o "nascimento" até à "morte", pode fornecer algum sentido de âmbito e escala em jogo nesta questão, e as galáxias existem em múltiplos biliões e a distâncias que não podemos sequer começar a transmitir-vos por analogias ou figuras.

— Existem coisas que o homem não foi destinado a saber? —

Claro que não. "Destinado" implica "deveria", e não existem "deverias" que sejam válidos. Se a mente o consegue abranger, então o conhecimento está disponível. O uso que fazem dele, e as consequências, são, naturalmente, uma questão de escolha.

---

## Capítulo 2

## O Choque de Culturas

Embora concordemos que todas as culturas são válidas, que experienciar culturas faz parte das "lições" do plano físico e que é uma verdade mundial que as culturas existem, não concordaríamos que a cultura é imutável, pois isso pode ser percebido com uma análise retrospetiva da história. As culturas mudam, embora lentamente, e muitas vezes em resposta a pressões tremendas, tais como, mas não limitadas a, guerra, fome, peste, desastre geológico, inundação, fogo e todos os outros "desastres" que são inerentes ao viver neste ou em qualquer planeta.

A imutabilidade de uma cultura em tais casos pode ser a sua "ruína", na medida em que não possui mecanismos de adaptação às circunstâncias alteradas, fazendo assim com que os membros da cultura tenham de "negar" a mudança a fim de preservar a integridade cultural. Aquelas culturas com mecanismos de "lidar" com a situação, dentro da estrutura, tais como a religião e o mito, têm uma melhor oportunidade de "resistir à tempestade" do que aquelas que relegam tais ocorrências para a categoria de "ultraje" e "heresia".

Muitas coisas podem contribuir para este padrão de "negação". As culturas sempre estiveram "atrasadas" em relação à ciência e à tecnologia e, no último século, o "atraso" tornou-se dramático à medida que o fosso entre a tecnologia e a cultura continua a aumentar. Infelizmente, é improvável que muitas culturas se "adaptem" a estas mudanças em expansão sem "tribulação".

Muitos fatores contribuem para este estado de coisas e poucas culturas têm quaisquer "ferramentas" para lidar com os desenvolvimentos que eles representam, pois tais desenvolvimentos não foram "antecipados" pela cultura nem "incluídos como fator" nos padrões culturais. As culturas baseiam-se em hábitos úteis e conduta antecipável, que podem já não se aplicar, graças à comunicação por satélite, aparelhos de fax e outras fontes de informação que podem atingir aquilo que uma cultura define como "verdade". Existem também tradições de conflito, muitas vezes

datadas de há séculos, que "exigem" que os membros culturais "resistam" às incursões de outros, muitas vezes os seus vizinhos de longa data. Isto pode ser visto no colapso atual do estado jugoslavo, onde "vendetas" de duração milenar estão agora a ser expressas com tecnologia militar moderna. Não é provável que estas "vendetas" possam ser resolvidas através das maquinações da diplomacia, pois os "argumentos" estão "embutidos" nas culturas em conflito.

Isto não significa que o conflito seja "irresolúvel", apenas que a sua resolução teria de incluir "ferramentas" culturais para adaptações a uma nova relação entre as fações em disputa. Estas "vendetas" existem em muitas partes do mundo. Escolhamos outro exemplo: uma das muitas barreiras à "unidade" africana são as longas tradições de conflitos culturais entre várias unidades étnicas nesse país, onde as rivalidades assumiram todo o peso da "tradição" e da "necessidade". O mesmo pode ser dito de muitas outras partes do mundo, particularmente naquelas regiões com diversos grupos étnicos ou sociais que vivem em proximidade.

A guerra étnica tem sido há muito um fator nas vidas de africanos, árabes, europeus de leste, russos, chineses, povos indígenas latino-americanos e, até há relativamente pouco tempo, povos indígenas norte-americanos. Agora que a "necessidade" de uma coesão continental e semelhante se tornou aparente, as tensões de rivalidades e ódios de longa data tornam difícil alcançar o que é um objetivo "digno" de qualquer forma significativa.

Pensaríamos que algumas destas dificuldades continuarão a "assombrar" as culturas tradicionais em todo o mundo durante algum tempo, na medida em que os mitos e superstições da cultura, bem como os "heróis" das religiões, tendem a apoiar e encorajar os padrões de hostilidade em todo o mundo, através da promoção de um "ícone" ideal de um jovem inexpugnável do sexo masculino ou feminino masculinizada, cuja principal tarefa na vida é livrar "o mundo" daqueles de quem a cultura do herói não gosta e/ou teme, tal como manifestado nos mitos e na religião. Isto é mais aparente nas culturas europeias nos mitos das vidas dos santos que, pela causa da religião, empreendem grandes dificuldades em nome dos membros "errantes" da sua própria cultura, e pelos quais são tidos em elevada consideração e estabelecidos como um modelo de comportamento para todos aqueles que procuram viver de uma maneira exemplar para o seu tempo e estado de sociedade. Este padrão não é, de modo algum, limitado à Europa. A maioria das lendas "heroicas" está repleta de contos do jovem modelo do grupo que conta a história, vencendo hordas dos seus vizinhos em combate com pouca ou nenhuma ajuda, devido ao caráter inerentemente "não heroico" dos vizinhos desprezados.

A situação na América do Norte para aqueles de chegada recente, incluindo europeus e asiáticos, entre outros — e incluímos o Canadá bem como os Estados Unidos, e também a significativa presença irlandesa e francesa no México — não é tão "carregada" com os problemas que continuam a agitar as sociedades do "Velho

Mundo", pelo menos para aqueles que vieram para o continente nos últimos seiscentos anos, pois uma das razões pelas quais a maioria dos fragmentos abandonou a Europa e a Ásia foi o desejo de romper com os padrões que tinham bloqueado os fragmentos em papéis culturais e sociais rígidos, os quais a inclinação pessoal ou as "calamidades" regionais tinham tornado inviáveis.

Pensaríamos que o processo de definição de uma cultura de "amálgama" ainda está no processo de desenvolvimento, pois estamos cientes de que existem muitos aspetos do "Velho Mundo", não importa qual "Velho Mundo" esteja em questão, agarrados àqueles que vieram para esta sociedade há até dez gerações atrás. Aqueles fragmentos cujas tradições familiares estão ligadas mais recentemente ao "Velho Mundo" têm, naturalmente, uma influência mais forte com que lidar. Não que haja um erro em tal lide, apenas que percebemos a cultura imigrante americana como sendo, até agora, incompleta nos seus "dispositivos" culturais.

Dados os paradigmas sociais desta cultura, não esperaríamos que este processo terminasse "cedo", pois as vossas "expectativas" sociais e legais estão fundamentadas num fluxo contínuo de "sangue novo", o que, naturalmente, significa uma variedade crescente de visões do mundo na "mistura". Deixem-nos também salientar que, com as comunicações a melhorar e a serem ubíquas, as ligações entre o "Velho Mundo" e o "Novo" tendem a fortalecer-se e não a diminuir com o tempo. Isto não significa que haja algo de "errado", apenas que adaptações profundas serão provavelmente necessárias com o passar do tempo. Não está distante o tempo em que poderá ser possível para todos os fragmentos na terra terem comunicação direta com todos os outros fragmentos. Não estamos a fazer uma previsão, apenas a comentar as possibilidades, dada a natureza das escolhas atuais.

— Há algum tempo, o Michael mencionou dez possíveis caminhos globais que eram os futuros com maior probabilidade de estarem abertos a esta espécie. Há cerca de dois anos, o Michael disse que a mais catastrófica e a mais filantrópica destas possibilidades tinham sido preteridas e, embora ainda possíveis, não eram tão propensas a acontecer. O Michael poderia comentar como estão as coisas agora? —

Já mencionámos algumas delas e, por isso, não nos deteremos nelas, mas observaremos que, neste momento, não ficaríamos surpreendidos ao ver uma crescente "Balcanização" de regiões como uma das possibilidades menos agradáveis, tal como o potencial para guerras organizadas de base religiosa. Não seria impossível que surgisse uma economia internacional de barões ladrões usando governos fantoches para aprovar todo o tipo de "golpadas". É também possível que uma divisão crescente entre aqueles capazes e dispostos a ser educados para as necessidades sociais atuais e aqueles incapazes e indispostos a tal cresça cada vez mais, de modo que uma ordem de sociedade "tipo Mandarim" pudesse surgir.

Se os eventos na exploração espacial de repente parecerem tornar a exploração de recursos dentro do sistema solar uma solução viável para vários problemas

ambientais na terra, a dispersão de povos, especialmente trabalhadores "fora do mundo", poderá ocorrer. E o estado geral de saúde mundial, cada vez mais precário, poderia perfeitamente atingir um ponto de crise que exigiria a "parte de leão" do PNB de toda a gente para o retorno de uma população reduzida (e traumatizada). Essas são as tendências gerais globais tal como as percebemos neste momento — e sublinhamos neste momento — como possibilidades, e embora existam ramificações para todas elas, bem como algumas outras possibilidades que requerem eventos específicos, pensaríamos que isto é alimento suficiente para reflexão por "agora". Qualquer que seja o caminho escolhido, será uma escolha válida, e quaisquer que sejam os novos caminhos que entrem "na liça" para o desenvolvimento futuro, pensaríamos que a escolha será feita, como todas as escolhas são, numa base fragmento a fragmento.

«Noto que o Michael está a usar um número de aspas superior ao habitual quando discute culturas — existe alguma razão específica para isto?»

Existem conceitos culturais que são tão complexos que não podem ser facilmente resumidos numa palavra ou frase, mas que podem ser rotulados sem entrar na "natureza" do problema. Quando esta é a nossa intenção, usamos aspas. Também usamos aspas quando nos faltam palavras específicas para expressar conceitos e apenas os podemos aproximar através do recurso às citações. Dito isto, gostaríamos de lembrar a todos os aqui reunidos que existem muitos conceitos que não são facilmente contidos na linguagem — qualquer linguagem — e não apenas porque a linguagem é, em grande medida, uma ferramenta da cultura, mas porque existem conceitos que não são realmente "compreendidos" no plano físico.

Frequentemente, somos prejudicados pela natureza da comunicação falada tanto quanto pela natureza do que desejamos transmitir. Queremos deixar claro que não pretendemos confundir ou enganar, mas muitas vezes temos de responder às vossas perguntas de forma mais metafórica do que desejaríamos devido às limitações da linguagem, bem como aos "construtos" culturais que nos limitam à experiência "humana".

«Existe alguma forma de contornarmos esta falta de compreensão conceptual?»

Durante o intervalo astral, a questão não existe. [Ha, ha, ha, diz a transcrição, tomando nota de um dos muitos trocadilhos infelizes de Michael.] Gostaríamos de salientar que experienciar a cultura, com limites e tudo, é válido e, de facto, aqueles que não o fazem ou não o conseguem são considerados loucos. Alcançar um "lugar no mundo" faz parte de ser uma espécie com alma, independentemente da forma em que essa espécie exista. Mas com tais "benefícios" vêm também restrições, incluindo a suposição "natural" de um mundo predominantemente de almas Jovens, de que cada cultura tem o caminho "certo" e aqueles que discordam estão "errados". Isto é geralmente imposto por várias instituições culturais, tais como tribunais, fiscalidade,

religiões e organizações monolíticas semelhantes que servem para impor regras culturais tanto quanto para "beneficiar" a população. As consequências de "ir contra" a cultura têm sido frequentemente severas ao ponto da fatalidade, embora isso seja mais geralmente imposto em "nações" de cultura única do que em nações multiculturais. No entanto, quando "nações" multiculturais sofrem um choque de culturas interno, os resultados podem ser a guerra civil.

Apenas espécies com alma ou criaturas de razão podem experienciar cultura, embora a maioria dos animais que prestam "cuidados parentais" tenha uma espécie de estrutura "familiar", ditada pela "programação rígida" da alma de grupo da espécie. Criaturas sem razão não podem experienciar cultura. Um cão será um cão, não importa a que cultura o seu dono pertença e, embora o dono possa ser capaz de treinar o cão para fazer certas coisas que são culturalmente aceitáveis ou desejáveis, o cão não irá, de facto, participar na cultura de qualquer maneira "válida" e, deixado por sua conta, o cão comportar-se-á como os canídeos se comportam em todo o mundo.

O mesmo é verdade para gatos, gado, cavalos, ovelhas, aves e todos os outros animais ditos "domésticos", que fizeram alguma acomodação às exigências "humanas" e, até certo ponto, transpuseram as barreiras da espécie através da sua interação com os humanos, a qual se estende a outras espécies através da "interface" humana.

No que toca aos seres humanos, existe, naturalmente, uma componente na espécie de primata, uma vez que a encarnação da alma ocorreu em primatas. Cada um de vós possui qualidades de primata, e a experiência dessas qualidades é válida, embora a cultura faça muito para "distorcer" a experiência primata e moldá-la às necessidades da cultura. Deixem-nos explicar: os primatas, particularmente os vossos parentes mais próximos, como o chimpanzé, são imitadores habilidosos, o que faz parte da adaptação da sua espécie à vida em grupos.

Os seres humanos partilham esta habilidade, mas a maioria das culturas direciona esta habilidade para atividades "mágicas" ou artísticas, tais como, mas não limitadas a, a dança e o teatro. Muitas culturas definem quando, onde e como a mímica pode ser "devidamente" feita, e qual pode ser o resultado desejado. A tradição de vudu de "ser cavalgado" pelos deuses — que, aliás, não se limita de todo à cultura religiosa das Caraíbas; muitas outras religiões incluem tais "manifestações" de adoração — tem as suas raízes de espécie mais profundas na habilidade primata para a mímica.

Como dissemos antes, a encarnação da alma da vossa espécie ocorreu há entre cinquenta e sessenta mil anos, e é marcada pelo desenvolvimento do pensamento abstrato, que por sua vez levou à linguagem, à estética, a emoções e perceções definidas, a "voos de fantasia", à antecipação, à preocupação, à intimidade, incluindo a introspeção, à identidade e, depois, àquilo a que no plano físico chamam

arte. Isto não quer dizer que os proto-humanos não tivessem comunicações verbais rudimentares, mas os chimpanzés também as têm e, como todos os animais "inteligentes", os proto-humanos podiam reconhecer uma variedade muito ampla de sons distintos. Mas o "pensamento" abstrato alargou todos os potenciais da espécie proto-humana.

Sem o pensamento abstrato, a linguagem, comparada com o vasto "vocabulário" de resmungos, guinchos, risos e gritos dos primatas, é conceptualmente "impossível", pois, pela sua própria natureza, contém informação não imediatamente aparente. E embora seja "verdade" que muitos animais têm uma série de "vocalizações informativas", estas não contêm abstrações, que são os pilares de toda a linguagem. A linguagem e a abstração que deve, por necessidade, acompanhá-la, é a característica identificável mais singular da encarnação da alma para a vossa espécie. Muitos animais muito inteligentes são capazes de "aprender" muitas coisas com os seres humanos e, como tal, podem parecer ter aprendido a abstração, mas isto é, de facto, incorreto, pois sem o "fator" humano, o comportamento observado não ocorreria nem poderia ocorrer.

Outro fator da cultura é o que poderiam descrever como cosmologia e o seu derivado, a religião; isto é, a natureza, o propósito, o afeto e a perceção do universo. O conceito cultural chinês do Mandato do Céu contém um "construto" cosmológico muito diferente da Vontade de Deus do Médio Oriente e Ocidental, embora os dois possam parecer semelhantes à primeira vista. Uma revisão das consequências culturais de "discordar" do Mandato do Céu e da Vontade de Deus é reveladora. Além disso, a forma de aplicar as consequências é levada a cabo por corpos de oficiais culturais muito diferentes. Quem tem o poder de manter a cultura e o que podem "corretamente" fazer para a manter é sempre uma abordagem válida para avaliar a questão da cultura.

Tanto o Mandato do Céu, que poderiam desejar ver como a Ordem do Universo, como a Vontade de Deus, que assume que existe uma Autoridade Superior, são conceitos muito ambíguos, capazes de ser "entendidos" de várias formas, que variam de tempos a tempos à medida que as sociedades das culturas sofreram — e continuam a sofrer — muitas mudanças e ajustes. Considerem também, se assim o desejarem, as divindades dos romanos "pagãos", que tendiam a personificar virtudes cívicas nos seus deuses e deusas, em comparação com as forças da natureza que eram características das versões gregas dos mesmos.

A cosmologia cultural incluída no termo genérico do Hinduísmo é muito mais ambígua do que os arquétipos ocidentais, na medida em que a maioria das divindades são personificações de qualidades opostas, tais como fertilidade-e-destruição, carnalidade-e-ascetismo, contemplação-e-conflito, filosofia-e-guerra, e assim por diante.

«Então, do vosso ponto de vista, Michael, divindades de todos os tipos são arquétipos ou paradigmas culturais?»

Com certeza — o que mais poderiam ser e manter qualquer validade para os membros de um grupo cultural? Por extensão, as religiões são primariamente instituições culturais, estabelecidas para manter a integridade cultural através da imposição de códigos de comportamento e do estabelecimento de modelos de "virtude" e "vício" que são depois usados como paradigmas de continuidade cultural. A maioria das religiões que "viajam" bem têm pontos comuns suficientes para serem compreensíveis culturalmente por aqueles que não pertencem à cultura de origem, por maior que seja a Verdade sobre a qual a religião possa estar fundamentada.

Dissemos antes que os ensinamentos das manifestações da Alma Transcendental e da Alma Infinita são válidos como a "verdade" apenas enquanto as manifestações estão vivas para serem questionadas. Assim que as manifestações morrem, os registos dos seus ensinamentos tornam-se literatura, e é nessa forma que devem ser apresentados a outras culturas, se essa for a escolha dos fragmentos que subscrevem os seus princípios.

«Porque é que a cultura tem um impacto tão tremendo sobre nós?»

A cultura fornece o contexto, isto é, a estrutura na qual a sociedade se define e as unidades familiares funcionam, e cada fragmento tem algum tipo de contexto familiar, embora a forma que uma "família" assume seja frequentemente o resultado de definições culturais e sociais tanto quanto de qualquer coisa que tenha a ver com relações de "sangue". A cultura molda grande parte da perceção de escolha, e o início do reconhecimento da escolha ocorre dentro das famílias, que são culturas microcósmicas. Mesmo as crianças órfãs ou abandonadas têm contextos de "família".

Nos casos mais extremos — aqueles fragmentos chamados crianças "selvagens" — a "família" é geralmente encontrada noutra espécie, mas o conceito de "família" está presente, ainda assim. Se optarem por pensar numa família como uma pequena caixa dentro de uma caixa maior, que é uma sociedade, e esta contida numa caixa ainda maior, que é uma cultura, estariam a simplificar muito a questão; mas a perceção básica é válida e pode ajudar a "separar" os níveis de influência inerentes à experiência da vida.

Claro que, numa sociedade como a dos Estados Unidos da América neste momento, a sociedade forma um todo mais frouxo e maior para acomodar os muitos "fatores" culturais trazidos para a sociedade, que é essencialmente um ramo social da cultura europeia, embora seja muito mais flexível do que a cultura europeia da qual "evoluiu". No que diz respeito à "aprendizagem" no sentido educativo, pelo menos metade do que é "ensinado" são as regras da cultura e da sociedade, bem

como as de "casta" ou "classe", sendo ambas construtos sociais válidos para mundos de almas jovens.

O conceito de comportamento "adequado" é um dos principais eixos da educação, bem como o fornecimento do que a cultura considera informação necessária para que os fragmentos funcionem "apropriadamente" dentro da cultura em questão, incluindo a história "popular" da cultura, que é marcadamente diferente dos eventos reais, tal como a famosa fábula da cerejeira, que, de facto, nunca aconteceu, e derivou de um comentário feito sobre o Guerreiro Maduro em questão de que ele era uma criança tão honesta que admitiria qualquer má conduta, incluindo ter cortado a cerejeira de estimação do seu pai. A educação também explica as consequências do comportamento "impróprio" e as gamas de comportamento "impróprio".

A forma como os fragmentos individuais reagem a tal instrução é, naturalmente, uma questão de escolha, e é frequentemente representativa da função das sobreposições (*overleaves*). Um fragmento com uma meta de rejeição pode estar mais disposto a questionar as "regras" da sociedade e a natureza da cultura do que um fragmento com uma meta de crescimento, que pode, em vez disso, escolher estender os limites da sociedade e da cultura. Ou não. Para todas as espécies com alma, a escolha é o propósito mais essencial de cada vida e não existe um caminho "certo" ou "errado" para levar uma vida, não importa o que uma família, sociedade ou cultura possa tentar convencer-vos.

Deixem-nos salientar que as "expectativas" culturais são muitas vezes mais rigorosas do que os ícones familiares [que são discutidos no Capítulo 4]. Tais "expectativas" podem "exigir" que um fragmento abandone a cultura em questão se o fragmento escolher romper com as "expectativas" impostas pela cultura. Romper com a sociedade pode envolver conflito com o sistema legal da sociedade e lidar com conceitos de legalidade.

Romper com a cultura é um ato mais "complexo", e é mais uma questão de "heresia" ou "incompreensibilidade" e nem sempre confronta o "sistema" legal, embora seja frequentemente entendido como "loucura", o que, no sentido da alma Jovem, o é, embora seja um estado de espírito bastante "normal" para almas Maduras.

Isto não significa que as leis, como tal, sejam inválidas, ou que não exista tal coisa como a loucura "verdadeira", ou que aqueles que sofrem de estados mentais alterados não estejam, de facto, num estado mental alterado. Nós não dissemos isso e não o sugerimos. As leis são os meios pelos quais a sociedade impõe a conduta "desejável", e é válido que os fragmentos respondam pelos conflitos com a sociedade. E embora concordemos que existem sempre "razões" pelas quais os fragmentos escolhem "quebrar a lei", essas razões não fazem com que uma lei não tenha sido quebrada. Iniquidades e a imposição arbitrária, que são "típicas" de

espécies e culturas de almas Jovens, puseram em causa muitas leis, o que reflete parte das mudanças rápidas que ocorrem na sociedade e das mais lentas que contribuem para a evolução cultural.

Quanto à loucura, existem muitos casos, geralmente escolhidos como parte do plano de vida, que têm a ver com desequilíbrios químicos ou neurológicos no corpo, o que faz com que a informação seja "processada" de uma forma que não está de acordo com a experiência diária padrão do planeta físico. Todas as culturas, em todo o mundo, reconhecem que existem aqueles com deficiências de tal magnitude e complexidade que os fragmentos não conseguem "sobreviver" como membros "regulares" da sociedade.

A esquizofrenia é reconhecida por todas as culturas e na maioria dos períodos de tempo, mas não existe necessariamente um acordo quanto ao que a condição, de facto, é, uma vez que as opiniões sobre a natureza e definição da loucura variam significativamente e são reflexo da cosmologia cultural bem como das tradições religiosas. Em quase todas as culturas, aos fragmentos loucos é concedido um "estatuto" especial, parte dele privilegiado, parte dele restritivo, dependendo dos paradigmas da cultura em que o fragmento "louco" vive.

Condições como a que tem sido chamada "dupla personalidade" ou "transtorno de personalidade múltipla" evoluem frequentemente de incidentes de trauma, e são aparentes em todos os fragmentos, sãos e loucos, em maior ou menor grau, e têm a ver com "esferas" de atividades e comportamento "apropriados" às "esferas". Quando tais "facetas" se tornam "discretas" ao ponto de não haver congruência com o fragmento e com as sobreposições do fragmento que as possui, a condição torna-se uma que é vista como um sinal de "doença" e, portanto, sujeita a "tratamento" e outras "restrições" sociais com o propósito de tornar possível que o fragmento afligido não seja "penalizado" societariamente pela incapacidade de "funcionar normalmente". Teríamos de dizer que este tipo de "proteção" alargada àqueles que tentam lidar com tais condições muitas vezes exacerba os próprios problemas que procura "curar", mas isso, novamente, é típico das abordagens de almas Jovens a comportamentos que não refletem "adequadamente" as "expectativas" sociais e culturais.

Muitas culturas têm pouca "folga" para desvios significativos daquilo que é percebido como "normal". Frequentemente, qualquer desvio significativo é considerado uma forma de loucura e tratado como tal, embora tenha pouco a ver com ser "louco" propriamente dito, no sentido de alguém que sofre de certas condições, geralmente com uma componente bioquímica, que resultam no que se poderia chamar de "má instalação elétrica". Nalgumas culturas, a peculiaridade de nascimento, como Infantes múltiplos ou Infantes com "irregularidades" instantaneamente aparentes, são consideradas "intoleráveis" e são relegadas a

posições de párias. Outras culturas têm nichos limitados-mas-privilegiados para tais "desvios" da "norma".

O mesmo se pode dizer dos muito dotados. Em muitas culturas, talentos óbvios não abraçados já pela cultura são vistos com extrema suspeição e podem resultar no fragmento que possui o talento ser "expulso" da própria cultura. E para que não pensem que isto se limita a povos "primitivos" das partes remotas do mundo onde não existem telefones, lembramos-vos de que em certos grupos sociais — pelos quais queremos dizer mais do que um grupo, claro — dentro da vossa própria nação multicultural, jovens que mostram uma predisposição para a matemática em vez de armas são olhados com extrema "desaprovação", e jovens mulheres com habilidades semelhantes são frequentemente consideradas "não casáveis" porque não são do mesmo "tipo" que as outras jovens mulheres.

«Seguramente existem formas de superar estes problemas?»

Numa cultura como esta, sim, existem algumas, embora tais escolhas incluam frequentemente uma "rutura" dramática com a cultura base em questão e a aculturação a outras "expectativas". Algumas das "conversões" dramáticas experienciadas por fragmentos na vossa sociedade brotam desta necessidade de uma "rutura dramática" com a cultura base. Em geral, tal escolha "precisa" de sobreposições, especialmente de traços principais (*chief features*), para impelir o fragmento a tal ação. E pensaríamos que contemplar tal "rutura" sem qualquer sugestão de apoio imporia um fardo tremendo sobre o fragmento, embora aqueles com metas de rejeição pudessem considerá-lo algo menos árduo do que aqueles com outras metas.

Mais uma vez, numa cultura com grupos tão diversos como esta, as possibilidades são mais prontamente percebidas por todos os fragmentos que escolhem olhar. Pensaríamos que isto é uma "bênção mista" para muitos cuja cultura base é de natureza restritiva e "rígida" nas expectativas. Na verdade, estamos cientes de muitos grupos culturais que são incapazes de aceitar a diversidade da cultura mais ampla e se "fecham sobre si mesmos" numa tentativa de se livrarem da confusão apresentada por tantas possibilidades culturais imediatamente à "mão".

Muitas vezes, fragmentos dotados nascidos em grupos social e culturalmente restritos fazem-no para "lutar" com as limitações da cultura tanto quanto para ter sucesso com os seus "dons". Isso não significa que todos os fragmentos dotados em culturas restritas tenham escolhido superar os limites da cultura ou que o único propósito de nascer numa cultura restritiva seja lutar com ela para expressar certos dons. Nós não dissemos isso e não o sugerimos.

Apenas desejamos observar que tende a haver mais desse padrão aqui e em culturas semelhantes de "recém-chegados" do que naquelas que estão estabelecidas há muitos séculos, porque nestas culturas multiculturais existe sempre uma

alternativa disponível às "expectativas" culturais da cultura base, e frequentemente consequências menos rigorosas por "romper" com os padrões culturais da família e da sociedade imediata em redor da família.

À medida que a informação instantânea geral se torna mais "universalmente" disponível, a rigidez de muitas culturas terá de aprender a acomodar o Excesso de Informação (*Information Glut*) a fim de preservar alguma aparência de congruência. Isto não é "fácil" para culturas razoavelmente flexíveis, como a encontrada aqui neste país e no Canadá; para aquelas culturas mais rígidas, a adaptação é propensa a ser difícil e realizada com mais convulsão social do que a encontrada no conjunto cultural da América do Norte. E muitos de vós estão cientes de grupos que fizeram questão de resistir à inovação e à mudança mesmo neste contexto cultural.

Estamos cientes de sociedades restritivas em muitas partes do mundo onde os "poderes constituídos" tentaram legislar contra a informação, o que é, asseguramos-vos, inútil, embora muitos fragmentos escolham fazer a tentativa. Também é inútil legislar a moralidade, pois isso inevitavelmente interfere com a escolha e cria consideravelmente mais "vício", ou moralidade-inversa, do que existiria sem a tentativa de tornar as questões morais legais ou ilegais.

Em 1977, Michael disse: Em geral, consideramos as "morais" como sendo uma influência negativa nas sociedades que as abraçam, pois a imposição de tais "códigos" leva inevitavelmente a uma justificação da crueldade. Basta lerem a história, para não falar dos vossos jornais, para verem a validade disto. Pensamos, em geral, que uma compreensão da ética é muito menos "intrusiva" e fornece menos "desculpas" para os tipos de ações que marcaram as ações "morais". Claro que existem fragmentos que "disfarçam" as suas posturas morais como "dilemas" éticos.

Em 1979, Michael disse: Do nosso ponto de vista, a moralidade é terrorismo cultural praticado por aqueles que já estão em autoridade com o propósito de impor os seus "padrões" como um meio de controlo. As morais são também ferramentas do traço principal para distorcer e negar perceções através da infusão do medo.

Em 1982, Michael disse: Já afirmámos antes, mas iremos reiterar: a moralidade é um "dispositivo" imposto aos fragmentos para justificar a imposição do sofrimento, e leva inevitavelmente a uma proliferação da própria conduta que supostamente procura erradicar, ao polarizar as escolhas disponíveis para serem feitas. Por exemplo, a orientação sexual é estabelecida além de qualquer alteração na altura em que um fragmento tem três anos, muito antes de qualquer componente "moral" ser incluído na questão, o que faz parte da fixação da centragem e da conclusão da segunda mónada interna, ou a validação da individualidade.

Ao "fingir" que a fixação sexual é uma questão "moral", "condena-se" aqueles com orientações sexuais que não estão de acordo com o padrão "moral" a intrusões sociais destinadas a humilhar e aterrorizar os fragmentos. A crueldade "moral" mais

extrema ocorre quando aqueles com tal orientação recebem a oferta de um "ajuste" ou uma "cura" para a sua "aberração", uma situação que leva frequentemente a carma para o suposto "ajustador" por manipulação mental (*mind-fuck*). E ao estabelecer definições rígidas para a conduta sexual "aceitável", muitos fragmentos são "compelidos" a decidir ser "uma coisa ou outra" de uma forma que não está de acordo com o plano de vida ou com as sobreposições.

Em 1984, Michael disse: A moralidade baseia-se no medo e, como tal, é o bastião societal do traço principal. O medo subjacente a todos os traços principais [O medo subjacente à Autodepreciação é o medo da inadequação; o medo subjacente à Autodestruição é o medo da perda de controlo; o medo subjacente ao Martírio é o medo da falta de valor; o medo subjacente à Teimosia é o medo de lidar com novas situações; o medo subjacente à Ganância é o medo da perda ou da carência; o medo subjacente à Arrogância é o medo da vulnerabilidade; e o medo subjacente à Impaciência é o medo de perder algo.] têm "ganchos morais" neles. Abraçar a "certeza moral", exceto no sentido legal, em vez das ambiguidades da escolha, é abraçar deliberadamente um cato e uma filosofia de "mais vale a dor que se conhece".

Em 1987, Michael disse: A moralidade, tal como é entendida pela maioria dos fragmentos, é uma palavra socialmente mais aceitável para o preconceito e a intolerância, transformando aqueles que não aceitam ou não aceitarão os "padrões" do moralista naquele grupo amorfo "desprezível" chamado Eles, cujo único propósito de existência é tornar-Nos miseráveis, e a quem Nós "devemos", por "elevadas" razões "morais", controlar/ensinar/corrigir/melhorar/subjugar/transformar/deter/eliminar.

Ao abraçarem a moralidade, os fragmentos sucumbem às exigências do traço principal e permitem que os seus medos moldem as suas perceções dos outros e baseiem as suas respostas na suposição de que o caráter é contagioso. A moralidade fornece, assim, uma desculpa aceitável para seguir os ditames dos traços principais e para bloquear a intimidade como sendo "inapropriada" ou "imoral". A ética não permite, em geral, uma despersonalização tão simplista e, embora as escolhas sejam mais "difíceis" em contextos éticos, baseiam-se numa apreciação da "pessoalidade" partilhada, que não permite tão facilmente a imposição de "expectativas" na extensão que a moralidade permite.

A moralidade pressupõe que existe uma "autoridade" externa que "justifica" uma resposta que não é responsável nem informada. "O diabo obrigou-me a fazê-lo" é uma afirmação eminentemente moral do nosso ponto de vista, na medida em que coloca a "culpa" em poderes além do conhecimento do fragmento. A ética, por outro lado, não fornece uma fonte externa de escolha e torna o fragmento individualmente responsável pelas suas ações, o que, de facto, é o caso.

Em 1991, Michael disse: Um dos poucos desafios viáveis à moralidade cultural é o Excesso de Informação, pois disponibiliza imediatamente contra-argumentos a qualquer postura moralista e revela um padrão de outros métodos e padrões de trabalho, o que, por sua vez, revela a crueldade da imposição "moral". Esta é uma das razões pelas quais a "moralidade" está aparentemente a "desmoronar-se" em todo o mundo. Estejam cientes, caso escolham examinar a questão, de que o povo da Bósnia acredita ter uma obrigação "moral" de se matarem uns aos outros, e apenas o acesso à opinião mundial geral para todos os fragmentos envolvidos pode revelar outro ponto de vista que questione a legitimidade dessa "convicção".

Existem, naturalmente, aspetos do Excesso de Informação que não são tão "desejáveis" como a utilidade em pôr a "moralidade" em dúvida. Por um lado, muitos fragmentos, ao verem a carnificina na Jugoslávia ou na África ou no Iraque ou na América Latina ou na China, podem sentir-se frustrados por "não haver nada que possam fazer" em relação a estes eventos, embora eles estejam a ocorrer enquanto os fragmentos estão a ver ou a ouvir. Esta não é, em si mesma, uma perceção inválida, pois a vossa espécie está inclinada a responder a situações em evolução.

Existe o desejo muito "humano" de intervir em eventos imediatos. Uma coisa é saber de um massacre ou de uma tragédia semelhante um dia ou uma semana ou um mês após o evento, pois esse deslocamento no tempo traz consigo o consolo de que agora é "demasiado tarde" para fazer algo a respeito, não importa quão trágico o evento relatado possa ser. Com a velocidade da comunicação tal como desenvolvida na última década, isso já não é verdade, e poucos fragmentos desenvolveram competências para lidar com as reações que experienciam ao verem ou ouvirem calamidades instantâneas.

Pode ser importante lembrar que os seres humanos não se movem, de facto, com a velocidade da informação, pelo menos não nesta década, e a exigência de uma resposta instantânea é algo bastante novo. Durante vários milénios, o "habitual" era que a informação "fidedigna" se movesse tão depressa quanto um mensageiro humano a pudesse carregar. Por exemplo, no auge do Império Romano, uma mensagem escrita podia ser fisicamente deslocada à razão de oitenta e cinco milhas por dia com bom tempo. Os sinais podiam mover-se mais depressa, claro, à razão de cerca de duzentas milhas por dia, novamente, com bom tempo.

Durante a maior parte da história humana, no entanto, as mensagens físicas moveram-se consideravelmente mais devagar e com perigo crescente à medida que a distância a cobrir se tornava mais vasta. Os mensageiros imperiais chineses, em tempo de paz, podiam carregar uma mensagem por terra à razão de sessenta milhas por dia com bom tempo. Mas, na maior parte, as mensagens físicas, até à revolução das comunicações dos últimos cento e cinquenta anos, moveram-se a uma média de

vinte e duas milhas por dia com bom tempo, com cerca de dez por cento de aumento na não-entrega por cada cinco dias em trânsito.

A maioria das culturas humanas não está "preparada" para lidar com esta transformação na acessibilidade e no volume de informação, e algum do "stresse" desta rápida transformação tornou-se aparente nos últimos anos, tanto no sentido social como no legal. Discutimos o "atraso" cultural no passado e lembramos que este em lado nenhum é mais aparente do que ao lidar com o aumento vertiginoso de informação atual disponível.

Mesmo aquelas culturas tecnologicamente "sofisticadas", como a maioria dos Estados Unidos, do Canadá e da Europa Ocidental, têm poucos "meios" culturais para lidar com o bombardeamento constante de informação, que muitos fragmentos consideram avassalador, em grande parte porque não existem verdadeiras "ferramentas" culturais para gerir a pletora de informação.

Nessas partes do mundo onde a acessibilidade à informação tem sido rigidamente controlada, o grau de "choque" causado pela importação de informação tem sido maior do que naquelas culturas onde o acesso à informação é um desenvolvimento mais "regular", e que as expectativas sociais tornaram "tolerável". Para culturas e sociedades onde os esforços para controlar a disponibilidade de informação são contínuos, o choque está a tornar-se mais grave, pois percebemos a disseminação de dispositivos tão "nefários" como aparelhos de "fax" e antenas "parabólicas" como sendo os aspetos mais "subversivos" dentro de tais culturas.

Como tal, eles representam não apenas os "males" das sociedades tecnológicas, mas colocam em questão as supostas "normas" sociais

ao revelarem desenvolvimentos que não estão de acordo com os paradigmas culturais e são, por isso, "perigosos". Em muitos lugares do mundo, onde existe um único "modelo" cultural, os problemas de "separar" estas diferenças tornam-se uma questão mais difícil, pois a diversidade não faz parte das expectativas permitidas. Em tais estruturas culturais "vinculativas", o desvio das "expectativas" da cultura é frequentemente colocado no contexto da loucura, pois, nos "limites" culturais, o comportamento não é "racional".

Por outras palavras, se tu próprio fores prussiano e todos à tua volta forem prussianos, não é fácil lidar com o mundo em termos não prussianos, ou com aqueles que não fazem parte da cultura e sociedade prussiana, com aqueles fragmentos que não conhecem as "regras" ou a forma "certa" de se comportar, isto é, a maneira prussiana. O mesmo se pode dizer dos zulu ou dos sauditas. Para fragmentos vindos dessas culturas, a necessidade de se "adaptarem" a outras expectativas culturais é mais difícil do que aqueles fragmentos pertencentes a sociedades multiculturais conseguem prontamente "compreender", pois embora existam muitos casos de "mal-entendido" cultural em sociedades multiculturais,

existe também uma apreciação das funções da diversidade, o que a torna menos "ameaçadora" para os fragmentos na sociedade quando confrontados com paradigmas culturais que não estão de acordo com os seus próprios.

«O Excesso de Informação torna isto melhor ou pior?»

Não é uma questão de "melhor" ou "pior", mas de expectativas e complexidade. Em sociedades de caráter monocultural, a introdução de informação é geralmente algo mais "regulado" do que em sociedades multiculturais. Existe também o grau em que a informação é capaz de "balançar o barco" cultural. As sociedades monoculturais são propensas a abordar a informação que contraria o modelo sociais como "herética" ou "errada" muito mais do que as sociedades multiculturais. A cultura não é inteiramente uma questão de etnia, aliás, embora esse seja frequentemente um fator. Existe também muito um aspeto de classe.

A cultura dos governantes hindus de classe alta de há três séculos era tão alheia a um hindu de classe baixa do período como a cultura dos esquimós. Em sociedades multiculturais, as linhas de classe tendem a esbater-se enquanto as linhas étnicas/linguísticas/de género tendem a aguçar-se. Isto tem sido verdade durante quase três mil anos de experiência "humana" e, embora este padrão tenha sido ligeiramente modificado no último século, graças em grande parte ao desenvolvimento das comunicações, o "atraso" é muito forte e bastante pervasivo, e pensaríamos que permaneceria um fator significativo até que a idade média da alma da vossa espécie tenha evoluído até ao meio do ciclo de Madura. [De acordo com Michael, a idade média da alma da espécie encarnada neste planeta neste momento é o quinto nível de Jovem].

Isto não significa que aqueles países com uma idade média de alma de meio do ciclo de Madura ou mais velha tenham necessariamente mais facilidade em acomodar a diversidade cultural, embora tais grupos nacionais tendam a não reagir de forma tão "explosiva" como aqueles países onde predominam as almas mais jovens. Pensaríamos que padrões discernidos na Rússia não metropolitana e em Inglaterra, para nomear dois países de alma Madura, mostrariam algumas das dificuldades características das sociedades de alma Madura. Assim como o lema da alma Infante é "Faz bem feito ou não faças de todo", e da alma Jovem é "Faz à minha maneira", lembramos que o lema da alma Madura é "Faz em qualquer lugar menos aqui". Muitas vezes, os países de alma Madura têm dificuldade com o ecletismo, não por medo de "heresia", mas por aversão à "intrusão". Em muitos países de alma Madura, o Excesso de Informação é uma maior "imposição" sobre os fragmentos que lá vivem, bem como sobre o "tecido" cultural, porque se torna uma "interferência" significativa na natureza do ciclo da alma Madura.

Há muito a considerar, caso optem por fazê-lo, sobre a tapeçaria da cultura e como é geralmente impossível remover um "fio" sem "desfiar" todo o "pano". Isto não quer dizer que toda a cultura seja, portanto, "imutável", mas sim que a natureza

dos elementos culturais é complexa o suficiente para tornar difícil separá-los de qualquer forma "discreta". Teríamos de dizer que aqueles que desejam "consertar" uma cultura livrando-a de um único elemento ou conjunto de elementos considerados "indesejáveis" estão "condenados" ao fracasso, pois a cultura não pode ser "consertada" através da eliminação de um único aspeto ou grupo de aspetos sem danificar o todo e criar uma espécie de cultura de "faz-de-conta", tal como, mas não limitado a, aqueles que tentam recriar ou reconstruir culturas do passado.

Estas existem em muitas partes do mundo hoje e são inevitavelmente dependentes da cultura dominante ao seu redor para manter uma aparência de sobrevivência e, neste caso, aparência é a palavra operacional, pois a aparente congruência cultural é, de facto, viciada. Os fragmentos que vivem em tais culturas sofrem frequentemente de muitos distúrbios de "personalidade" complexos devido à natureza incompleta da cultura, pois as suas definições dos seus lugares no mundo não são "íntegras". Por outro lado, para aqueles fragmentos que procuram aculturar-se ou "romper" com uma cultura, é mais fácil realizar isto nestas culturas de "faz-de-conta" do que naquelas de "solidez" integral.

«O Excesso de Informação contribui para estas culturas de ‘faz-de-conta’?»

Até certo ponto. Na cultura ocidental existe uma acentuada "necessidade" de entretenimento como um meio de romper com o rigor intelectual da cultura em geral, embora a sociedade seja profundamente "anti-intelectual" e desvie a maior parte do rigor intelectual para o comércio e transações em muitas formas variadas. Este entretenimento assume frequentemente a forma de identidades de "tempo de brincadeira", tais como, mas não limitadas a, jogos de interpretação de papéis (*role-playing games*), várias afiliações de aficionados, renascimentos de tradições e costumes de tempos passados ou de outras culturas, e qualquer número de outros "entretenimentos". Aqueles com uma necessidade mais "estrita" podem expressar esta "necessidade" em práticas religiosas extremas, atividades políticas rígidas, e assim por diante.

O Excesso de Informação é a "carne para canhão" para estes "entretenimentos" e, como tal, contribui para, mas não cria a "procura". A cultura oriental exerce um "domínio" diferente sobre aqueles que nela participam, e esta necessidade de "entretenimento" não é tão exigente, embora, à medida que a cultura oriental, por força das circunstâncias, é exposta à cultura ocidental, não seja impossível que o fascínio pelas culturas de "faz-de-conta" seja sentido também na cultura oriental, pois tais culturas de "faz-de-conta" ajudam de facto a "libertar pressão" e ajudam a diminuir o "stresse" do "choque cultural" que é bastante pervasivo em todo o mundo e é fortemente influenciado pelo Excesso de Informação.

É também significativo que estas culturas de "faz-de-conta" joguem frequentemente diretamente nas "mãos" daqueles que levam as culturas de "faz-de-conta" um passo mais além e fundam seitas (*cults*), que são culturas de "faz-de-

conta" que pretendem ser "o mundo real" enquanto tudo o resto é "faz-de-conta". Nos exemplos mais extremos, as seitas destroem os seus membros como forma de reivindicar a sua "realidade" face a demonstrações claras em contrário. Teríamos de dizer que estes extremistas de seitas acabam frequentemente com dívidas cármicas resultantes de manipulação mental (*mind-fuck*) e aprisionamento injusto, que muitas vezes não é realizado numa prisão real, mas é encontrado na criação de uma "gaiola" física, financeira ou religiosa.

Isto não quer dizer que a cultura de "faz-de-conta" seja ou não Bom Trabalho, embora estejamos cientes de que ela leva frequentemente à confusão antes da quarta mónada interna em termos de reconhecimento e validação, e para aqueles fragmentos que estão muito perturbados, a introdução de tal quadro de referência "artificial" pode ser severamente "desorientadora", na medida em que pode aumentar a confusão experienciada pelos fragmentos muito perturbados.

Deixem-nos salientar que a cultura ocidental mudou "dramaticamente" nos últimos cinquenta anos, muito mais do que a cultura oriental, porque, embora tenha havido eventos extremamente disruptivos em ambas as partes do mundo, as culturas reagiram de forma muito diferente, particularmente em relação ao excesso de informação e a todas as suas permutações. No mundo ocidental, onde o dogma do "progresso" foi tecido no pano cultural durante muito tempo, as mudanças provocadas não foram vistas como "ameaçadoras" na escala em que ainda são percebidas em grande parte da cultura oriental do mundo, onde a "continuidade" é o pilar da cultura, e onde qualquer "progresso" deve ser inculcado para o tornar "aceitável" culturalmente.

Existem também as culturas de África, do Médio Oriente, da região do Pacífico Sul, da América Latina e outros bolsões por todo o planeta que são fatores em todos os choques culturais da atualidade, embora de longe os mais "visíveis" possam ser chamados de "Oriente" e "Ocidente", e o resultado tipo guarda-chuva da sua natureza seja prontamente percebido. Estamos cientes de que as diferenças inerentes entre o Oriente e o Ocidente têm um impacto maior noutras culturas mundiais do que as outras culturas têm no Oriente ou no Ocidente. O sinal mais seguro disto é o grau em que estas outras culturas "imitam" as culturas Orientais e/ou Ocidentais, e com que fins em mente.

Em geral, estamos cientes de que o Excesso de Informação trouxe matérias que tinham sido considerações menores para situações de proeminência cultural. Não acreditamos que isto vá mudar em "breve": isto não é uma previsão, aliás, apenas uma observação. Os fragmentos nessas ou em quaisquer culturas são livres de escolher mudar a qualquer momento, embora a maioria dos padrões sociais em questão não sejam rapidamente transformáveis num estado mais "elástico". Pensaríamos que áreas em que as culturas são incapazes de se adaptar ou acomodar o Excesso de Informação são áreas onde a cultura terá "problemas" integrais nas

próximas duas gerações: novamente, isto não é uma previsão, apenas uma observação baseada nas observações de longos séculos de experiência e numa perceção de "estruturas" sociais, que não subscreve necessariamente a elas.

E por problemas com tais culturas não queremos dizer nada tão simples ou óbvio como um pobre fragmento desejar as posses e oportunidades daqueles com mais dinheiro, embora os efeitos deste padrão já se estejam a tornar aparentes e tenham mostrado repercussões em muitos níveis de sociedades por todo o mundo. O que queremos dizer neste caso é um problema mais complexo, que tem a ver com a "fluidez" cultural e a "flexibilidade" de estar disposto a rejeitar os dogmas da cultura pelos "modelos" da sociedade, e de tornar possível que a informação seja "processada" sem "disrupção" da congruência cultural.

Deixem-nos aprofundar isto: todas as culturas propõem um "padrão" de expectativas diretamente relacionado com o comportamento, e que é dependente de a cultura ser capaz de "cumprir" a promessa associada ao comportamento — "Quebra a lei, vai para a cadeia", "Poupa para o futuro, tem uma velhice feliz", "Casa bem, progride no mundo" — e imposto por uma "compreensão" partilhada do que são as "recompensas" e de como elas são alcançáveis. Quando a cultura é incapaz de "cumprir" a promessa implícita, existe stresse cultural, desenvolvendo-se frequentemente em conflito aberto, o qual, se continuar por algum tempo, resulta em mudança cultural. Isto não significa que todas as mudanças culturais sejam provocadas por conflito, mas que o ímpeto para a mudança é sempre o resultado de stresse cultural.

Com o aumento de informação imediatamente disponível, os stresses tendem a ser mais "instantâneos" e mais "definidos" do que era o caso há um século. Pensem que problemas teriam confrontado os James Brothers, por exemplo, se os xerifes e oficiais de justiça regionais tivessem tido modems e aparelhos de fax, para não falar de helicópteros e impressões digitais. As preocupações atuais com "lei e ordem" são tanto um resultado da consciência da ubiquidade dos crimes, via o Excesso de Informação, do que de qualquer perigo individual imediato, e a aplicação da lei é uma das promessas mais contínuas desta ou de qualquer cultura, pois a "proteção" é uma das funções essenciais das culturas.

Onde o "apinhamento" social é agudo, a "promessa" e a "recompensa" de uma sociedade é uma questão de tremenda preocupação, pois as repercussões tendem a pôr em questão todos os padrões dentro da cultura, e a resposta a um "incumprimento" do padrão resulta frequentemente em respostas extremas, que são aparentes historicamente bem como atualmente.

Pensaríamos que o caráter dos protestos sociais das últimas quatro décadas mostrou a validade disto, pois muito da "natureza" e do "estilo" dos protestos baseou-se não tanto em questões "morais", mas na sensação percebida de que a cultura tinha falhado em manter o padrão pregado pela natureza do "tecido" cultural.

A conduta da "lei" também mudou, em parte por causa do Excesso de Informação e em parte devido à "velocidade" evolutiva cultural, tudo o que contribuiu para a suposição de "falha" da sociedade em "lidar". A razão para essas falhas percebidas teve mais a ver com informação contraditória imediatamente disponível do que com qualquer aumento da "ternura" da "consciência" social.

A cultura torna possível aos fragmentos experienciarem o ambiente do planeta em diferentes contextos e de "enfrentarem" a realidade de que, não importa o que o mundo "faça" à vossa espécie, existe uma estrutura que torna possível lidar com isso. As culturas, claro, refletem a idade média da alma da maioria dos fragmentos que vivem dentro da sua "estrutura", como discutimos anteriormente com detalhe.

Onde fragmentos de idades de alma diferentes da média entram em tais culturas, haverá obrigatoriamente algum nível de desconforto "pessoal" com a cultura, embora não seja "inevitável" que a cultura em questão seja rejeitada. Muitos críticos sociais e filósofos abordam a cultura do ponto de vista de alguém num ponto diferente da evolução. Em geral, teríamos de dizer que o deslocamento da idade da alma é frequentemente o ponto de partida para muitos tipos daquilo a que no plano físico chamam expressão artística.

Claro que existem muitas considerações que podem influenciar ou "sobrepor-se" às "exigências" culturais, tais como o carma e certas mónadas e acordos. Existem também laços que, onde reconhecidos, tenderão a transcender os limites da cultura, tais como Gémeos de Essência, Companheiros de Tarefa, Companheiros de Cadência, e semelhantes. Onde os requisitos culturais são muito fortes, fragmentos com carma, mónadas ou acordos para completar podem, nessa vida, abdicar e adiar o carma, mónadas ou acordos para um momento mais "propício" e um contexto cultural mais "adaptável". Não existe nada de "errado" em tal escolha; é tão válida como todas as outras escolhas.

«O carma torna-se pior se não for queimado quando se tem no plano de vida?»

Carma é carma; nem "melhor" nem "pior" numa vida do que noutra, embora se os fragmentos estiverem a ter dificuldade em queimar a fita, possam escolher uma vida onde as exigências da vida sejam tais que evitar a fita seja difícil. Tais escolhas podem ser expressas numa vasta gama de opções. Estamos cientes de um par daquilo a que chamam gémeos siameses onde um gémeo devia ao outro uma dívida cármica de abandono e não tinha sido capaz de queimar a fita em três "tentativas" separadas: em duas, o devedor tinha exigências mais "prementes" sobre si; numa, o fragmento credor tinha evitado com sucesso lidar com o devedor.

Como gémeo siamês, o abandono não era fisicamente possível, e a fita foi completamente queimada nessa vida partilhada, embora tenha sido geralmente reconhecido que nenhum dos gémeos "gostava" muito do outro. Isso, aliás, não significa que todos os gémeos siameses estejam cármica bem como fisicamente

ligados. Nós não dissemos isso e não o sugerimos. Mas em termos de escolher uma vida na qual o abandono fosse severamente impraticável, os dois fragmentos concordaram que a união era uma solução eminentemente pragmática para o problema.

Deixem-nos observar que lidar com a cultura é uma parte "necessária" da experiência de serem fragmentos com alma independentemente móveis. Todas as espécies com alma independentemente móveis por todo o plano físico têm algum tipo de cultura a fim de manter a coesão da espécie. Aquelas espécies com alma que não são independentemente móveis não "dependem" da cultura para o contexto, e têm outros meios de estabelecer o contexto para a experiência no plano físico.

Pois um sentido de "estrutura" é uma parte da vida com alma no plano físico, tendo a própria vida, tal como experienciada no plano físico, um certo "curso" que não é inteiramente o do plano de vida, mas reflexo da natureza do experienciar da vida. Ao fornecer este quadro de referência, a cultura também molda os limites que o fragmento irá impor a si próprio como a forma "correta" de viver. Claro que, uma vez deixado para trás o plano físico, também se deixa a cultura, bem como o género e a espécie e todos os outros aspetos da fisicalidade. Não existe um "Bairro Latino" nos planos astral ou superiores, tal como não existe tal coisa como "energia" masculina ou feminina para além da tensão sexual experienciada pela vossa espécie em certas circunstâncias que variam de cultura para cultura, o que é tanto um resultado da evolução geral de alma Jovem do vosso planeta quanto qualquer coisa inerente ao próprio género.

No entanto, observámos anteriormente que ao ter apenas dois sexos, a vossa espécie permitiu que isso se tornasse não uma dualidade, mas uma polarização, o que não é Bom Trabalho. Já afirmámos antes, mas repetiremos, que para espécies com alma independentemente móveis, três sexos são mais "habituais" no plano físico.

«As várias essências têm culturas? Existem culturas pelas quais certas essências se sentem mais atraídas do que outras?»

Não lhes chamaríamos culturas propriamente ditas, não, mas pensaríamos que existem instituições dentro das culturas para onde certas essências — se as sobreposições e a fundição (*casting*) apoiarem tais escolhas — tendem "naturalmente" a gravitar. [Esta é outra piada de Michael. Eles acham-na muito engraçada.] Os Escravos (*Slaves*), claro, são as mais adaptáveis de todas as essências e podem "encaixar-se" em qualquer lugar, embora as ocupações de apoio sejam lugares onde os Escravos consideram mais fácil cumprir o Bem Comum, seja o que for que o fragmento Escravo individual decida que o Bem Comum é.

Os Escravos dão excelentes professores, médicos, enfermeiros, políticos, advogados, treinadores e diplomatas. Eles, como grupo, não gostam de conflito

aberto onde este possa ser evitado e estão dispostos a dedicar-se a uma causa ou vocação com pouco crédito ou reconhecimento. Escravos Jovens dirigem a maioria das grandes corporações do mundo e gerem-nas muito bem. Fragmentos como Jonas Salk, Isabel II, Mikhail Gorbachev, Javier Pérez de Cuéllar e muitos outros na vida pública dedicada são Escravos Maduros. Os Escravos estão "em casa" em todas as partes da sociedade e em todos os níveis de função e são, de facto, a única função em essência de que isto é verdade. Mais vencedores do Prémio Nobel são Escravos do que qualquer outra essência. Os Escravos entram no plano físico "preparados" para ele e não precisam de "tempo" ou de "circunstâncias especiais" para se realizarem. Aliás, este número elevado de Nobelistas não é reflexo do número naturalmente superior de Escravos, mas de uma quantidade significativamente desproporcionada de Nobelistas — em excesso de quarenta e cinco por cento são Escravos, o que, pensaríamos, qualquer estatístico consideraria um desvio significativo da "curva" demográfica.

Os Artesãos (*Artisans*) são os construtores da sociedade e sentem-se muito atraídos [mais um infeliz trocadilho de Michael] por coisas como arquitetura, construção, moda, arte e atletismo. São também bons no entretenimento e na culinária. Os Artesãos procuram a estrutura em todas as coisas, da genética à astrofísica, mas preferem a engenharia, a escultura e a dança para a expressão dessa estrutura. Fragmentos como John Travolta, Joe Montana e Cher são Artesãos Jovens, e Steven Spielberg, Frank Lloyd Wright e Martha Graham são/foram Maduros. Os Artesãos parecem muitas vezes algo "dispersos" por causa da sua constante "avaliação" da estrutura, e muitos fragmentos de outras essências não compreendem a visão de larga escala que a natureza do Artesão tem por definição.

Os Artesãos realizam-se durante o segundo ciclo, ou ciclo Infante, de encarnações e, a partir daí, são capazes de atingir toda a gama do seu potencial, caso escolham fazê-lo. O atual Presidente do Supremo Tribunal é um Artesão Maduro. Botticelli e Miguel Ângelo foram também Artesãos Maduros. Em geral, os Artesãos não gostam de estar ligados a nenhum grupo por um período de tempo significativo, a menos que o próprio grupo esteja a evoluir, pois isso "interfere" com a estrutura em evolução que é o foco da essência Artesã.

Os Guerreiros (*Warriors*) são propensos a inventar regimentos para si próprios e são ferozmente leais aos seus regimentos, seja esse regimento uma família, um negócio, uma profissão ou, de facto, um regimento — qualquer coisa que permita ao Guerreiro enfrentar o desafio, seja qual for o desafio que o Guerreiro decida que é. A natureza de "cavalo de batalha" do Guerreiro é frequentemente intrigante para Artesãos e Sábios, que não estão "programados" para tal persistência na linha da frente. Os Guerreiros realizam-se no Jovem, ou terceiro ciclo de encarnações. Os Guerreiros são extremamente protetores daqueles que escolhem proteger e apenas os Reis são oponentes mais implacáveis. Aliás, após o ciclo Jovem, os Guerreiros estão inclinados a não gostar da guerra e da batalha em todas as formas — a experiência

ensinou-lhes que tal esforço é demasiado dispendioso e fútil para valer grande coisa, embora permaneçam muito bons em estratégia e tática através de todos os seus ciclos de vidas.

Jéssica Lange, Harrison Ford e James Mason são exemplos de Guerreiros Velhos. Bram Stoker era um Guerreiro Maduro. Marilyn Horne é uma Guerreira Madura. Abraham Lincoln foi fundido na posição de Académico da sua cadência, ciclo Maduro (Académico), quarto nível (Académico) de Guerreiro, que tinha mais do que a sua quota-parte de características de Académico.

«Pensei que as transcrições anteriores identificassem o Lincoln como um Académico.»

Essas sobreposições foram perguntadas muito cedo na formação do nosso pequeno grupo e a médium chamada Jéssica ainda não tinha "apurado" as suas competências até à acuidade dos anos seguintes. Quando as sobreposições dele foram perguntadas pela primeira vez, a médium captou tudo o que era de Académico, sendo ela própria uma Estudiosa, e falhou completamente o Guerreiro, um "lapso" compreensível neste caso.

«Qual é a incidência de erro mediúnico?»

Para médiuns legítimos qualificados e experientes, a margem de erro é de cerca de doze a quinze por cento, dependendo de coisas como a fadiga, a natureza da pergunta feita e a energia disponível no momento. Aliás, a médium chamada Jéssica foi capaz, após quatro anos de canalização, de reduzir os seus erros nas sobreposições para oito por cento. Por exemplo, inquirir a Jéssica sobre a natureza da sociedade dos bugandeses do século dez, na contagem comum, pode não ser tão preciso como a informação dada sobre gregos do século dez, na contagem comum, devido à falta de "pontos de referência" acessíveis, particularmente em relação a uma cultura não literata, como a que os bugandeses tinham na altura. É também importante lembrar que muitas vezes as minúcias de detalhes são difíceis de obter quando existe uma compreensão geral do contexto, como qualquer grupo de relatos de testemunhas oculares pode demonstrar. Por exemplo, canalizar informação sobre a vida de um moleiro no século doze pode não ser facilmente diferenciado da vida de um moleiro no século onze ou no treze, na contagem comum.

Tais matérias criam frequentemente margens de erro na informação, o que não é "culpa" de ninguém. Além disso, estamos cientes de que a nossa "visão" sobre o "tempo" é vastamente diferente da vossa e isto é frequentemente um fator em "erros" aparentes neste material, o que, novamente, não é uma questão de "culpa". Quando falamos de margens de erro, incluímos material que a médium "bloqueia" por qualquer número de razões, incluindo os problemas da experiência "passada".

A maioria dos médiuns é incapaz de canalizar informação sobre o passado no qual eles, numa vida anterior, desempenharam um papel. Por outras palavras, se um

médium tivesse sido um cortesão na corte de Luís XIV de França, o médium seria capaz de obter apenas informação "esparsa" sobre a própria corte, embora o resto da cultura francesa do período fosse provavelmente mais "acessível" para o médium.

«Voltando às atrações culturais e sociais para as várias essências.»

Com certeza. Os Académicos (*Scholars*) são atraídos pela sala de aula e, mais significativamente, pela biblioteca. Eles obviamente realizam-se no ciclo Maduro ou quarto ciclo. Quando nenhuma das instituições está facilmente acessível, o claustro é frequentemente uma alternativa escolhida. Em geral, os Académicos estão mais contentes com uma vida solitária do que a maioria das outras essências e, à parte reunirem-se em colégios para a troca de informação, os Académicos estão frequentemente inclinados a "manter-se fora" de grupos, particularmente no ciclo Maduro, que é uma "dose dupla" de Académico.

Teríamos de observar aqui que os Académicos também estão inclinados a explorar a fim de reunir mais informação. Os Académicos, estando na posição neutra, são capazes de se "misturar" bem com todas as outras essências, mas muitas vezes prefeririam não ter de ser "incomodados", a menos que escolham reunir informação sobre outras pessoas, caso em que tenderão a ser intensamente gregários. Os Académicos também dão excelentes jornalistas, pois serão implacáveis na sua busca de informação.

Todos os Académicos deliciam-se em aprender coisas, embora após o início do ciclo Maduro, os Académicos tenham muitas vezes pouca paciência com os rigores da educação superior "formal", a menos que a informação que procuram seja atingida através da educação superior. Fragmentos como Richard Nixon e John Knox foram Académicos Infantes; Académicos Jovens incluem Gay Talese, Leonard Wolfe e Candace Bergen; Lord Byron, Richard Brinsley Sheridan e Mary Shelley foram Académicos Maduros, tal como Rossini, Verdi, Prokofiev e Sibelius.

A atriz britânica Wendy Hiller é outro exemplo de Estudiosa Madura, juntamente com o jornalista Mike Wallace, tal como foi o físico Robert Oppenheimer. Entre os distintos Académicos Velhos estão a autora Reay Tannahill e o ator Anthony Hopkins.

Os Sábios (*Sages*), que partilham a Polaridade da Expressão com os Artesãos, são amantes do drama, tanto no sentido da observação como no da participação, e realizam-se no ciclo Velho. Isso não significa, como é óbvio, que não possam ter vidas "completas" antes do ciclo Velho. Nós não dissemos isso nem o sugerimos. Queremos apenas dizer que a gama total de possibilidades atinge o maior potencial no ciclo Velho. Os Sábios são as almas Velhas mais "confortáveis". Estão em casa em tribunais, teatros, circos e centros diplomáticos por todo o mundo. Os Sábios são os grandes comunicadores e tendem a ser atraídos para o "foco dos holofotes".

São também capazes de muitos *insights* significativos e de um humanitarismo genuíno. Teríamos de dizer que a atração dos Sábios pela vida política é "natural", pois combina a atenção de alto perfil com o alto drama, uma combinação irresistível para qualquer verdadeiro Sábio. Por estas razões, se não por outras, os Sábios são diplomatas e negociadores habilidosos. Por outro lado, os Sábios experienciam as "necessidades" do público mais intensamente do que a maioria dos outros fragmentos e estão inclinados a ser mais "responsivos" do que muitos outros, o que pode ser exaustivo para todos os envolvidos. Os Sábios dão grandes contadores de histórias (*raconteurs*) e anfitriões maravilhosos, mas quando privados de um "público", os Sábios podem transformar associados próximos e a família em público com pouco ou nenhum aviso prévio. Sábios notáveis incluem Bill Clinton, Richard Chamberlain e Bernadette Peters no ciclo Jovem; Jack Palance, Diana Rigg e Diane Sawyer são Sábios Maduros, tal como Tom Brokaw; Gene Hackman, Montserrat Caballé e o irreprimível Sir Thomas Beecham são/foram Sábios Velhos.

Os Sacerdotes (*Priests*), que partilham a Polaridade da Inspiração com os Escravos, servem sempre um ideal superior, seja qual for o ideal superior que o Sacerdote decida servir. Os Sacerdotes têm sempre uma espécie de ligação "astral" na sua natureza porque, como sexta essência, nunca atingem um estado que seja inteiramente seu no plano físico. Isto pode levar a complicações para os Sacerdotes que não estão conscientes desta esfera "extra" de "consciência" que é crucial para a essência de Sacerdote. Os Sacerdotes têm quase sempre um sentido de "propósito interior" no que fazem e muitas vezes assumem que outros fragmentos sabem qual é esse propósito e, claro, que o partilham, o que nem sempre é o caso ou o apropriado.

Servir ideais superiores é o trabalho do Sacerdote, e não o de outras essências, por mais difícil que seja para os Sacerdotes acreditarem nisso. Os Sacerdotes tendem a criar congregações para si próprios, no sentido literal e figurado, que podem ser qualquer coisa desde um grupo recreativo a uma equipa de negócios ou um sindicato e, nos casos mais extremos, uma seita. Têm uma necessidade permanente de realizar a ligação astral com todas as coisas "terrenas" e encontram várias formas de expressar isto, muitas das quais são intrigantes para fragmentos que não pertencem à polaridade da Inspiração.

Aliás, cada Sacerdote tem o seu próprio ideal superior — eles não concordam necessariamente entre si sobre qual seja. Os Sacerdotes Jovens são muitas vezes tão zelosos que são incapazes de ver aqueles que discordam deles como algo mais do que heréticos deliberados, e respondem desfavoravelmente a tais fragmentos. Dependendo do poder exercido pelos Sacerdotes, esta falta de favor pode significar qualquer coisa desde um ombro frio até uma fogueira quente. A apostasia é geralmente vista pelos Sacerdotes como significativamente pior do que a heresia, pois a apostasia significa a rejeição do ideal superior do Sacerdote depois de este ter sido aceite, o que nega completamente todo o "propósito de vida" do Sacerdote. George Bush é um Sacerdote Jovem, tal como foi Indira Gandhi. Sacerdotes

Maduros incluem o ator Peter O'Toole, a romancista Anne Rice e o diplomata Anwar Sadat. Entre os Sacerdotes Velhos contam-se o poeta Theodore Roethke, o artista Danny Kaye, o compositor Olivier Messiaen e a artista Mary Cassatt.

Os Reis (*Kings*), como é óbvio, têm reinos, e estes mudam a sua natureza à medida que a essência de Rei evolui. O Rei está "ligado" ao plano causal, tal como os Sacerdotes estão ligados ao astral, e existe sempre um sentido de algo maior ou superior ao imediato na natureza dos Reis. Tal como os Sacerdotes, eles não tendem a reunir outros Reis à sua volta, mas selecionam a sua corte, particularmente a sua guarda palaciana, que é mais frequentemente escolhida do outro lado da polaridade da Ação, entre os Guerreiros, que são a única essência improvável de ser "pressionada" com sucesso pelos Reis. A falha em demonstrar lealdade suficiente pode resultar em banimento, que é o castigo individual máximo do Rei.

Os Reis tendem a considerar qualquer "deserção" percebida como "traição" e cortarão relações com o fragmento, literal ou figuradamente, por este comportamento "inaceitável". É difícil colocar um Rei numa posição subordinada a menos que o Rei tenha sobreposições muito acomodadas e, mesmo assim, não é fácil. O maior problema que os Reis enfrentam é que nunca serão obrigados a assumir a responsabilidade total pela autoridade que exercem. Isto é especialmente verdade quando aos Reis foi "permitido" gerir uma família desde a infância, o que acontece com bastante frequência, como podem supor.

Os Reis que não aprendem a assumir a responsabilidade pela sua autoridade são fragmentos perigosos, de facto, e teríamos de dizer que causam muitos problemas para si próprios, bem como para aqueles que lhes "dobraram o joelho". Os Reis Jovens tendem a ser fragmentos altamente visíveis: o falecido Xá do Irão era um Rei Jovem, tal como o é o CEO da Standard Oil. Reis Maduros incluem Madeleine Albright, a embaixadora dos EUA nas Nações Unidas, a diva Dame Kiri Te Kanawa e o ator James Garner. Entre os Reis Velhos estão Sarah Caldwell da Ópera de Boston, a psicanalista Alice Miller e o ator Tommy Lee Jones.

As culturas fornecem o "contexto" no qual fragmentos de todas as essências irão trabalhar a natureza das suas sobreposições e do seu plano de vida e, por essa razão, se não por outra, a cultura é crucial para a natureza das escolhas que o fragmento tenderá a fazer. Aqueles fragmentos de um nível de evolução marcadamente diferente do fragmento "médio" ao seu redor tenderão a sentir-se deslocados e "fora de contacto" com a sociedade, independentemente das sobreposições escolhidas, a menos que o fragmento abdique tanto da terceira como da quarta mónadas internas, permitindo que a família e a sociedade definam a personalidade em vez das sobreposições.

Por outro lado, a cultura na qual um fragmento nasce faz parte das escolhas de vida feitas antes da encarnação, e pensaríamos que poucos fragmentos ignoram a "realidade" da cultura ao fazerem tais escolhas sobre a encarnação, embora a cultura

acabe frequentemente por ser mais um "obstáculo" do que os fragmentos antecipam que será quando fazem escolhas entre vidas, altura em que tais verdades mundiais têm menos "domínio" sobre a "consciência" de todos os fragmentos.

A cultura é o "fardo" que os fragmentos criaram como um meio de organizar competências de sobrevivência. Sem criar uma sociedade, a vossa espécie não teria sido capaz de ganhar uma base sólida suficiente no mundo para permitir os níveis de evolução que levaram à encarnação da alma. Não é improvável que a vossa espécie tivesse permanecido num nível "social" semelhante ao dos gorilas se as vantagens da organização complexa não se tivessem tornado "aparentes", levando aos tipos de adaptações que provocaram um desenvolvimento suficiente para que a encarnação da alma fosse uma adição "prática" à natureza da espécie.

Pois entre os primatas, a vossa espécie depende mais fortemente da "solidariedade" de grupo para a sobrevivência e, dadas as muitas vulnerabilidades da vossa espécie, o desenvolvimento de "tribos" e da "sociedade" apresentou a única solução viável para os problemas que a vossa espécie enfrentou enquanto caminhava para um ponto em que a encarnação da alma fosse "sensata". A cultura forneceu um "ponto de referência" para fragmentos que desejam ter a experiência "humana", como todos os fragmentos existentes na vossa espécie desejam.

Isto não significa que a encarnação da alma seja o fim "natural" para o qual todas as espécies evoluem, ou que a "cultura" seja um subproduto da encarnação da alma. Este não é comprovadamente o caso. Mas dada a variedade de vida que o vosso planeta sustenta, teria sido "estranho" se a encarnação da alma não se tivesse tornado parte da "mistura" durante o longo desenvolvimento da vida no vosso planeta. Que tenham uma espécie primata com alma e que os cetáceos tenham alma é um nível "modesto" de "atividade" evolutiva. Estamos cientes de outros planetas com menos espécies disponíveis onde três ou quatro delas têm alma. Isto deve-se a altos níveis de interação e interdependência entre espécies, o que acontece muito menos com a vossa espécie, ou com os cetáceos, quanto a isso.

Não pretendemos sugerir que a capitulação às exigências culturais seja "exigida", pois isso obviaria a escolha. A cultura é um contexto que fornece aos fragmentos uma estrutura e um local para a tarefa de vida ser realizada e, como tal, é "necessário" para a vossa espécie realizar as tarefas em mãos de alguma forma que tenha "congruência" no impacto e na realização. Também fornece uma "história" para todos os fragmentos partilharem.

---

## Capítulo 3

## Género, Sexualidade, Biologia e Destino

Todos os fragmentos no plano físico experienciam algum tipo de diferenciação física que pode ser percebida como género. Na vossa espécie, mesmo aqueles com graves desequilíbrios cromossómicos e hormonais são geralmente identificáveis como masculinos ou femininos, embora existam exceções muito raras a isto. Na maioria das instâncias, pelas quais queremos dizer entre todas as espécies com alma independentemente móveis, existem indicações externas que tornam o género identificável para os membros da espécie, embora nem sempre seja algo visível. É da natureza da encarnação da alma na vossa espécie que cada um de vós seja uma mistura do que chamam masculino e feminino, embora isto não seja inteiramente uma questão "biológica", pois muito do que constitui as características percebidas como masculinas e femininas é mais determinado pela cultura do que por coisas como hormonas.

Como a vossa ciência bem sabe, quase todos os fetos em estado inicial são fêmeas potenciais. Uma "mudança" hormonal modifica a fêmea para a forma masculina. Isto por si só deve servir como um lembrete de que coisas como a identificação rigorosa de género não são uma questão tão simples como superficialmente possa parecer. Porque a vossa espécie atribui um significado tão pesado à diferenciação de género, estamos cientes de que estas considerações tendem a ocupar mais a atenção de todos os fragmentos do que é "justificado" pela natureza da vida tal como a experienciam.

Por exemplo, uma queimadura queima machos e fêmeas com igual dor e gravidade. A luz solar exerce as mesmas oportunidades visuais para machos e fêmeas da mesma forma. O oxigénio é igualmente importante para ambos os sexos, tal como a água, o alimento, a proteção, a instrução, a estimulação, a saúde e todo o resto da experiência "humana". Mas, devido à dicotomia aparente de macho e fêmea, todo o tipo de suposições foram feitas baseadas em nada mais do que uma única e muito pequena variação dentro da espécie.

Estamos cientes de que muitos fragmentos veem o "outro" sexo, qualquer que ele seja, não apenas como outra forma de humano, mas como algo tão inteiramente alienígena, que sentem que espécies não primatas são mais parecidas com o fragmento em questão do que um membro do "outro" sexo, e isto apesar do facto de as espécies não primatas terem também os mesmos dois sexos. Perceber outros membros da mesma espécie como alienígenas é, pensaríamos, indiscutivelmente ridículo e, no entanto, é evidente em grande parte das estruturas culturais da vossa espécie que foi precisamente isso que aconteceu.

«O género e o sexo não estão um pouco fora da esfera de Michael? Não existem coisas mais apropriadas para estudos esotéricos?»

Sim, concordaríamos que, como já não experienciamos o género, nem a encarnação, já agora, não estamos tão "presos nos estertores" como vocês no plano físico estão. O que é, claro, uma lição crucial do plano físico. Já dissemos antes, mas

afirmaremos novamente: existem lições que só podem ser aprendidas no plano físico.

Todas as ramificações de ter um corpo são a mais "essencial" [Michael faz outro trocadilho] dessas lições, e o "propósito", se tal coisa for necessária, para a encarnação da alma na vossa ou em qualquer espécie. Aqueles no plano físico, independentemente da forma que a sua encarnação assuma, têm de lidar com a "realidade" da fisicalidade e, em termos de sobrevivência, o género e o sexo são significativos no seu impacto, e pensaríamos que a maioria dos fragmentos atualmente existentes no plano físico concordaria.

Quanto ao que é apropriado para estudos esotéricos, qualquer coisa que um fragmento perceba é válida para estudos esotéricos, tanto como assunto como esfera de investigação. Pensaríamos que aqueles que estão determinados a não permitir que a sua fisicalidade "interfira" com o seu crescimento "espiritual" estão, de facto, a falhar o alvo. A espiritualidade é "abundante" na vossa espécie e em todas as espécies com alma. O espírito tem pouca ou nenhuma necessidade do vosso "envolvimento", pois é uma constante mais duradoura do que a própria matéria, mas o corpo tem-na certamente. Uma das lições mais contínuas dos corpos é toda a questão da "manutenção".

Devem ser nutridos, protegidos, e uma certa percentagem deles precisa de se reproduzir a fim de manter a espécie, embora, como temos frequentemente observado, a vossa espécie se tenha deixado "levar" pela "necessidade" de reprodução. Existe outro aspeto em incluir o corpo em estudos com professores como nós — podem rapidamente validar que estamos "à altura" com a nossa informação através da experiência física. Por exemplo, um fragmento pode perguntar a causa para dores de cabeça na experiência desse fragmento, ou problemas físicos semelhantes.

O nosso diagnóstico e recomendações podem rapidamente ser "verificados" e validados, o que apoia o nosso ensinamento menos facilmente validável. Isto é verdade também em matérias relacionadas com o género. Temos sido frequentemente questionados sobre escolhas feitas a este respeito e discutiremos a identidade de género e a orientação sexual do nosso ponto de vista.

Em termos de sexualidade, teríamos de dizer que muitos fragmentos estão tão preocupados com a natureza da sua sexualidade que têm pouco sentido da sua personalidade para além do impacto desta na sexualidade. Isso é definitivamente colocar "o carro à frente dos bois", na medida em que a sexualidade, embora seja uma parte importante da vida, não o negaremos, é apenas uma faceta da complexidade da personalidade e, como tal, não é mais nem menos importante do que a mão com que se escreve.

Na verdade, uma vez que muitos fragmentos passam muito mais tempo a usar a sua mão esquerda ou direita em tarefas diárias do que passam em atividade sexual explícita, pensaríamos que a "lateralidade" é em muitos aspetos mais significativa do que a orientação sexual do fragmento que a possui.

Poucos Infantes nascem com orientação sexual, embora alguns nasçam, por razões de escolhas de vida, e essas escolhas tendem a manifestar-se cedo na vida. A maioria fixa-se como hetero, homo, ambi, não, etc., sexual na altura da segunda mónada interna, que ocorre aproximadamente aos três anos de idade. Alguns completam esta mónada tão cedo quanto aos vinte e seis meses, mas existe geralmente trauma associado a um trânsito tão precoce. Nesta mónada interna, ocorre a diferenciação dos outros, a criança escolhe a centragem vital, que é parte integrante das perceções sexuais.

Embora muito desta orientação sexual surja através de um sentido de "confiança" e "validação", é essencial estar consciente de que estas decisões são feitas em termos de uma pessoa muito jovem, e tais conceitos não são as matérias filosóficas complexas em que muitas vezes se tornam mais tarde na vida, mas uma questão de fisicalidade traduzida em "compreensão".

Muitos estudos foram feitos sobre os efeitos do tratamento precoce de crianças e o desenvolvimento subsequente e, embora concordemos que certas coisas tenderão a ser mais "úteis" para a criança do que outras, teríamos de dizer que a essência e as sobreposições da criança são significativas em termos de como qualquer tratamento, "bom", "mau" ou "indiferente", é percebido pelo fragmento em questão. Obviamente, deixar uma criança passar fome e espancá-la ser-lhe-á prejudicial, como seria para qualquer ser vivo, mas existem aspetos da dinâmica familiar que exercem pressões subtis sobre os Infantes que são geralmente inteiramente "insignificantes" para os fragmentos mais velhos que cuidam dos Infantes em questão.

O que torna o Infante consciente das suas respostas sexuais é de uma gama tão vasta e "estranha" que não poderíamos discuti-lo exceto numa base individual, e os fatores incluídos na escolha de um Infante tenderiam a ser intrigantes para os adultos. Não existe um conjunto de instruções para fixar a sexualidade do vosso Infante, nem pode um ser desenvolvido, pois isso ab-rogaria a escolha, que é, como frequentemente vos lembramos, o "objetivo" de viver.

«E quanto à preocupação de que a instrução escolar possa fazer uma criança escolher uma orientação sexual ao criar um ar de aprovação para todas as orientações sexuais?»

Deixem-nos assegurar-vos que na altura em que um fragmento está na escola, a orientação sexual está fixada. A orientação sexual não é algo que se "apanhe" como a gripe; é uma escolha feita na conclusão da segunda mónada interna. Só

porque não existe uma expressão explícita ou óbvia da orientação sexual, é impreciso assumir que ela não existe. As vossas preocupações a este respeito são inválidas. Na altura em que a educação formal começa, o "dano" está feito. Aqueles fragmentos que acreditam que as lições na escola irão mudar a orientação sexual de uma criança estão a enganar-se a si próprios e a tentar criar bodes expiatórios para algo que não é de modo algum uma questão de "doutrinação".

Na verdade, para aqueles fragmentos que escolheram uma orientação não apoiada geralmente pela sociedade, pensaríamos que alguma indicação de tolerância e viabilidade não seria despropositada. Teríamos também de observar que, para alguns fragmentos que sentem ambivalência familiar em relação a várias orientações sexuais, a exposição a uma perspetiva mais diversa pode salvar o fragmento de muitas horas longas e desconfortáveis de autocrítica e de indulgência no traço principal sobre questões de orientação sexual, a sua própria ou a orientação daqueles que os rodeiam. É também de interesse neste caso estar consciente de que as "normas" sociais têm pouco a ver com as razões pelas quais um fragmento escolhe a orientação sexual que escolhe, pois em idade tão jovem, as "normas" sociais não são um conceito compreendido.

Isto não quer dizer que alguns jovens não irão experimentar, por curiosidade, expressões sexuais que não estão de acordo com a sua orientação. Este comportamento não é incomum em todos os jovens e não é de forma alguma notável ou "censurável". Estamos cientes de uma fragmento que esteve a dada altura associada a um membro do nosso pequeno grupo que tinha, aos vinte e quatro anos, decidido que era politicamente aconselhável, como feminista, ter as suas alianças sexuais com mulheres, embora a sua orientação sexual escolhida fosse enfaticamente heterossexual.

A sexualidade pode ser uma questão nas muitas dificuldades entre homens e mulheres, mas a orientação sexual, asseguramos-vos, não é um aspeto da política da espécie. Que esta Artesã Jovem tenha sido incapaz de sustentar as suas alianças sexuais com mulheres não nos surpreende, tal como não nos surpreende que o anterior parceiro sexual de uma das mulheres do nosso pequeno grupo tenha tido dificuldade em encontrar a parceira "certa" entre as mulheres que perseguiu, uma vez que a sua orientação sexual é para o seu próprio sexo. No caso dele, uma grande quantidade de chantagem religiosa distorceu a sua capacidade de reconhecer a sua sexualidade pelo que ela é, e isto causou-lhe uma grande dose de miséria que, inevitavelmente, ele partilha com as suas parceiras sexuais femininas.

Deixem que salientemos igualmente que o género, como tal, tem pouco que ver com o que chamam romance. O romance não é o produto da sexualidade, mas de expectativas culturais e da condução de amizades íntimas de natureza sexual ou não sexual. Percebemos que nesta cultura, como em todas as culturas de alma Jovem, existe uma tendência para assumir que romance e sexualidade são necessariamente a

mesma coisa, o que pode levar a mal-entendidos dramáticos e, ocasionalmente, a atividades hostis como a agressão e o que está a ser designado como violação em encontros (*date rape*). O romance pode ser "desfrutado" em muitos níveis, alguns deles mais ténues do que outros. Pensaríamos também que muitos fragmentos beneficiariam de "perceber" as "regras" do romance corretamente desde o início. Dessa forma, um casal cuja orientação sexual não é compatível pode ser capaz de desfrutar de uma associação romântica sem mal-entendidos por parte de ninguém. Pensaríamos que muito poderia ser aprendido por todas as partes em tal empreendimento.

«Então é possível mudar a orientação sexual?»

Se com isso quer dizer se é possível ter contacto sexual com aqueles que não são o género verdadeiramente desejado, claro que é. Perguntem a qualquer pessoa que já tenha estado na prisão, se supõem o contrário. Ou façam inquirições a quem dirige instituições educativas onde fragmentos pós-púberes são rigidamente segregados. Existem tantos, muitos fragmentos que deixaram o seu condicionamento social sobrepor-se às suas escolhas originais que teríamos de dizer que pelo menos quinze por cento da população adulta experiencia alguma forma de distorção da orientação sexual devido à pressão social, embora isto não se limite de todo à pressão para que aqueles atraídos pelo seu próprio sexo formem alianças sexuais com membros do sexo "oposto".

Muitas vezes, aqueles fragmentos, especialmente machos, que são abusivos para com as fêmeas com quem vivem, são na verdade atraídos por membros do seu próprio género e estão zangados com as fêmeas por tornarem inaceitável que eles sigam as suas inclinações. Claro que nem todos os maridos ou esposas abusadores são homossexuais reprimidos, mas tais orientações contribuem frequentemente, consciente ou inconscientemente, para o tratamento do fragmento do sexo "oposto" com quem o fragmento abusivo coabita. Pode também haver fatores religiosos na continuação do abuso, baseados na crença convicta de que o comportamento sexual é pecaminoso e que os fragmentos que tentam o fragmento abusivo ao pecado merecem castigo.

Estas não são as únicas questões que provocam o abuso de um parceiro sexual, mas pelo menos um fator é geralmente uma componente em qualquer relação abusiva contínua.

Tais alianças, isto é, aquelas alianças com um fragmento que não é um daqueles para quem o parceiro está sexualmente orientado, não precisam de ser "desagradáveis". Por exemplo, estamos cientes de Companheiros de Tarefa que viveram juntos como parceiros sexuais durante uma década, embora um dos dois homens seja heterossexual em termos da sua escolha original.

No entanto, a satisfação da sua relação com o seu Companheiro de Tarefa é suficientemente abrangente para que o aspeto sexual da sua aliança não apresente um "problema" para ele, e ele está verdadeiramente contente com a sua vida com o seu Companheiro de Tarefa, tal como não estava contente com o seu casamento de oito anos com uma Sábia Jovem "temperamental". Esta escolha mais tarde na vida não foi feita para menosprezar a Sábia, como ela frequentemente acusou o seu ex-marido; foi feita por uma "necessidade" de um ambiente geral de apoio, que viver com o Companheiro de Tarefa fornece de forma muito mais abrangente do que o casamento com a Sábia fornecia.

E, neste caso, o aspeto mais significativo de ambas as relações foi o de viverem juntos, não a expressão e atividade sexual, mas todas as outras horas em que a expressão sexual não era o foco da aliança. Assumir que toda a atividade sexual é o resultado da orientação sexual é ter uma visão excessivamente rigorosa da natureza da experiência humana, pelo menos tal como a entendemos.

«Se essa escolha foi feita mais tarde na vida, não foi uma escolha moral?»

Deixem-nos sugerir que ela seja examinada eticamente em vez de moralmente, pois, como afirmámos antes, a questão da moralidade não é válida neste, ou em quase qualquer, contexto. Percebemos que existem muitos de vós que consideram "perturbador" aceitar este novo quadro de referência; deixem-nos assegurar-vos de que, uma vez examinado o conceito, a nossa "visão" sobre o assunto pode ser "compreendida". Mais carma resultou de fragmentos a fazerem a coisa "moral" do que daqueles que escolheram fazer a coisa "ética".

Pensaríamos ser muito mais ético aceitar uma relação de apoio em vez de uma movida quase inteiramente pelo traço principal, independentemente de quão "correta" a relação pudesse parecer exteriormente. Existem aqueles que recomendariam que um divórcio é imoral e, portanto, encorajam os parceiros a "aguentarem-se" juntos "por causa dos filhos", o que apenas serve para reforçar a negatividade nos parceiros e para demonstrar aos filhos que os "casamentos" são infelizes. Permanecer numa "espiral" negativa porque é mais aceitável societariamente em termos de sexualidade aparente pode servir certos preceitos morais limitados, mas é eticamente inválido. Estar disposto a acabar com a "espiral" negativa é, pensaríamos, Bom Trabalho. E teríamos de dizer que há muito de louvável na validação de laços positivos. Se a orientação sexual de ambos os Companheiros de Tarefa tivesse sido ativamente homossexual, pensaríamos que a transição teria sido mais fácil para todos os envolvidos.

«E quanto aos transexuais? Como é que isso se encaixa no ‘esquema das coisas’?»

Primeiro, teríamos de observar que tal escolha não foi possível até aos últimos trinta anos, sensivelmente, e o impacto na cultura em geral ainda não foi totalmente

avaliado, nem o será por pelo menos três gerações, ou um período de sessenta a setenta anos. Concordaríamos que certas perceções familiares podem "enviesar" a expressão da orientação sexual para muitos fragmentos, e que não é incomum os fragmentos sentirem que de alguma forma "fizeram as coisas mal" no que diz respeito a expressar a orientação sexual, embora raramente na questão da orientação sexual em si.

Nesses casos, uma avaliação da conduta sexual entre os pais poderia revelar certos tipos de comportamento com os quais a criança não escolheu identificar-se como parte da sua própria orientação sexual, o que levou a um desejo de "romper" o "padrão".

Que existam vários homens (predominantemente) que desejem tornar-se mulheres, consideramos uma escolha interessante, especialmente para aqueles que foram criados como machos e tinham feito escolhas heterossexuais em termos da sua orientação sexual. Isto reflete-se no número de machos transexuais que, uma vez alterados cirurgicamente para fêmeas, continuam a ser sexualmente atraídos por fêmeas, delineando o "problema" da identidade em relação à sexualidade com clareza notável. Isso não significa que a "transexualidade" tenha sido um "erro", apenas que a orientação sexual não é algo ditado pelo "equipamento".

Esta atração contínua por fêmeas por parte de machos que se tornaram fêmeas não é um desenvolvimento tão invulgar como possa parecer pois, como a maioria dos homossexuais vos dirá, poucos deles querem ser do sexo "oposto" simplesmente porque se sentem atraídos pelo seu próprio. A suposição de uma heterossexualidade incipiente em toda a expressão sexual é uma perceção errónea e obvia a validade da orientação sexual ao negar que esta tenha qualquer forma verdadeira a não ser uma.

Deixem-nos também salientar que existem vidas em que as orientações sexuais são escolhidas como parte do plano de vida, sejam elas societariamente "corretas" ou não. Até há relativamente pouco tempo, na cultura ocidental, a escolha de uma vida celibatária em comunidades religiosas era vista como admirável e algo que era favorável. Agora, tais escolhas, e as compulsões subjacentes frequentemente associadas a tais instituições que impõem este código de comportamento, vieram sob um escrutínio que mostrou que muito do celibato era, de facto, uma fachada para atividades que eram consideradas "inaceitáveis" pela sociedade como um todo.

Frequentemente, os fragmentos que entravam nas restrições de uma vida religiosa faziam-no na esperança de que as suas compulsões pudessem ser "desviadas" para expressões mais "aceitáveis". Isso não significa que todos os fragmentos que escolhem viver em comunidades celibatárias sofram de inclinações sexuais "aberrantes". Nós não dissemos isso nem o sugerimos. Houve qualquer número de fragmentos que escolheram um "estilo de vida" não sexual por qualquer número de razões, tal como aqueles que expressam a sua sexualidade de alguma forma ativa o fazem por uma vasta gama de razões.

E nem todos aqueles que escolhem vidas celibatárias o fazem no contexto da religião. Estamos cientes de um grande número de fragmentos em profissões de natureza tão disruptiva e "exigente" que sustentar uma aliança sexual se torna um fardo intolerável para o fragmento em questão e, para realizar o "trabalho", o fragmento tem pouco ou nenhum contacto sexual real de qualquer tipo. Obviamente, existem fragmentos que usam uma ocupação exigente como desculpa para evitar os perigos da intimidade de qualquer tipo fora do contexto da ocupação. Isso, claro, é uma questão de escolha, como tudo na vida. E, do nosso ponto de vista, todas as escolhas são igualmente válidas.

Existem fragmentos que percebem todas as escolhas sexuais como "maculadas" e acreditam que expressar a sexualidade revela uma "perda de inocência", o que não é uma perceção válida, embora sejam certamente livres de escolher tê-la. Equiparar inocência a ignorância, como faz a suposição da "perda de inocência", coloca toda a questão da sexualidade e da orientação sexual numa área de comportamento onde esta se torna o método de autocondenação. Aqueles que escolhem acreditar que as crianças são incapazes de perceções sexuais estão a permitir que os seus traços principais sentimentalizem a experiência da infância e a realidade da natureza da sexualidade à medida que esta se desenvolve nos jovens humanos.

Todos os fragmentos experienciam estimulação sexual de um tipo orientado após os três anos de idade, quando a segunda mónada interna está completa; a capacidade dos adultos para descartar isto advém do facto de que, antes da puberdade, a estimulação sexual não está "limitada" aos genitais, ou a um foco orgásmico, mas está, em vez disso, ligada à sensualidade e à gratificação. A sexualidade, em si mesma, não é uma questão de responsabilidade legal e, portanto, todo o conceito de culpa é inapropriado para o assunto e para as escolhas feitas no momento da orientação sexual.

Existem formas de os fragmentos se conduzirem sexualmente que não são responsáveis num sentido legal, e essa conduta pode ser descrita como culpada, mas não por ser sexual — mas por ser irresponsável. Esta distinção pode revelar-se "difícil" de "compreender" para certos fragmentos, devido às expectativas da sua doutrinação cultural e aos lisonjeios dos traços principais. Mas asseguramos-vos que a sexualidade é "natural" para a vossa espécie, e as vossas escolhas a esse respeito são todas válidas.

As oportunidades para confundir atividades sexuais com agressão são muitas, e aqueles que percebem todas as formas sexualizadas de agressão como tendo um propósito sexual permitiram que as suas próprias preocupações com a sexualidade distorcessem a sua compreensão da natureza da agressão. Isto é mais aparente na atitude altamente ambivalente mantida na maioria das sociedades humanas em relação à questão da violação. Embora seja geralmente reconhecido legalmente que

a violação é um crime de agressão expresso sexualmente, a maioria dos fragmentos não "acredita" totalmente nisso, como revela o número relativamente pequeno de queixas, para não falar do número muito menor de processos judiciais e das percentagens relativamente baixas de condenações. Isto deve-se, em grande parte, à crença de que é moralmente incorreto atrair sexualmente aqueles que podem ser agressivos na sua resposta, daí a tendência para "culpar a vítima".

Este é também um padrão claro na questão da exploração sexual agressiva de crianças, tornada mais complicada porque a maioria das crianças tem poucas ferramentas de personalidade para avaliar com precisão os atos que suportaram, particularmente porque as perceções sexuais nos jovens não são tão específicas do corpo como tendem a tornar-se nos adultos. E, muitas vezes, as recordações na vida adulta são "coloridas" por perceções adultas que, naturalmente, não faziam parte do "quadro" quando o fragmento era uma criança.

Nem todos aqueles que são compelidos a expressar a sua sexualidade através de atos sobre crianças podem ser resumidos em algumas frases, mas existe alguma comunhão na maioria dos padrões que estes fragmentos exibem: aqueles que têm uma compulsão para descarregar as suas agressões de formas abertamente sexuais em crianças estão, em grande parte, confundidos sobre a sua resposta às crianças e a natureza da intimidade, na medida em que os fragmentos agressivos não só temem a crítica de um parceiro sexual, como o seu terror perante a ameaça da intimidade é tão grande que os traços principais "exigem" "parceiros" sexuais que não tenham compreensão do foco da sexualidade nos adultos e não possam, portanto, responder de qualquer forma que conduza a um contacto válido com o agressor.

Nem todos os fragmentos desejam participar ativamente em tais atividades, por muito que sejam atraídos por crianças num sentido sexual. A intimidade de qualquer tipo pressupõe "acesso", o que não é possível através do abismo entre a sexualidade infantil e a adulta. Aqueles que consideram a "pornografia infantil" estimulante estão frequentemente tão intensamente envergonhados da sua própria vulnerabilidade sexual adulta que validar o processo "erótico" com adultos é demasiado aterrador para tornar o contacto "compensador", exceto no contexto inapropriado de crianças, que ainda não são capazes de focar a sua orientação sexual de qualquer forma válida ou ter "conhecimento" da natureza do que está a acontecer. O facto de muitas crianças considerarem lisonjeira a abordagem inicial de um adulto sexualmente interessado contribui muito para "complicar" tais contactos, pois, neste caso, é demasiado fácil "culpar a vítima" e fazer com que a vítima aceite a culpa sem questionar.

Estamos cientes de que muitos — para não dizer a maioria — dos fragmentos têm perceções sexuais "inapropriadas" ocasionais, e fantasias baseadas nestas perceções são não só uma ocorrência comum, como são um sinal de boa saúde mental em quase todas as instâncias, pois revelam um equilíbrio no fragmento. Seria

um sinal muito preocupante se um fragmento nunca tivesse tais perceções, pois isso significaria que existia uma falta perigosa de autoconsciência que poderia levar a "problemas" emocionais devido a uma "falha" em conceptualizar as respostas físicas, ou a uma "necessidade" de renegar quaisquer impulsos que não estejam sob estrito controlo mental, o que é, naturalmente, impossível num fragmento "saudável".

Deixem-nos também mencionar aqui que os fragmentos que são incapazes de reconhecer a fantasia pelo que ela é — uma fantasia — e insistem em responder-lhe como se fosse a realidade, colocam-se em estados precários, embora tais respostas na puberdade não sejam invulgares e só sejam alarmantes nas nossas perceções quando se prolongam pela vida "adulta". Existem muitos, muitos fragmentos cuja curiosidade é despertada em contextos sexuais, e a natureza da descoberta em relação às questões levantadas é mais geralmente expressa em atividade sexual experimental.

Por outras palavras, a maioria dos fragmentos terá, nalgum momento das suas vidas, ocasião para sentir um "frémito" sexual desencadeado por um fragmento que não é um "alvo" real de atividade sexual. Não existe nada de "terrível" nisso, pois a maioria dos fragmentos humanos tem tais experiências. O que aconselhamos, no entanto, é que estas perceções ocasionais sejam reconhecidas pelo que são e não "condenadas" ou "descartadas" ou "negadas" ou usadas para "justificar" atividades que exploram o corpo e negam a intimidade de um parceiro sexual. Usar a "culpa" estimulada por pensamentos sexuais sobre a filha adolescente de um vizinho como desculpa para bater na sua esposa não é Bom Trabalho em nenhum sentido da palavra, e é o triunfo do traço principal, pois pega no método preferido de intimidade humana e transforma-o na traição mais intensa, cujas repercussões se refletem em escolhas ao longo da vida.

«Existem espécies com alma independentemente móveis para as quais o contacto sexual não é o método preferido de intimidade?»

Com certeza. Para algumas espécies, o ato de se alimentarem juntas é a forma mais íntima de comunicação: existe uma espécie com alma independentemente móvel para a qual o consumo mútuo de partes redundantes do corpo é o ato mais íntimo possível. Existem espécies para as quais uma troca de odores corporais é o auge da intimidade. Existem espécies onde aquilo que vocês perceberiam como um cruzamento entre competição atlética e massagem é o ato mais íntimo: para esta espécie, a própria atividade é a fonte da expressão sexual.

Existem espécies onde as vocalizações são a troca mais íntima. De facto, existem expressões íntimas em várias espécies que pareceriam tão "bizarras" para a vossa espécie que não reconheceriam a intimidade a acontecer se fossem capazes de a observar. E existem espécies com alma independentemente móveis para as quais a

atividade sexual — isto é, a atividade reprodutiva — não é mais íntima do que os processos recreativos do salmão.

«Quão importantes são o género e a orientação sexual para tais espécies?»

Essa pergunta não tem uma resposta única pois cada espécie, como podem supor, é diferente, e existem muitos aspetos da atividade íntima que não podem ser facilmente identificados naquilo que perceberiam como "específico do género". Razão pela qual dizemos que, em relação ao centro sexual na vossa espécie, a excitação física associada à atividade sexual é a natureza do centro. A função da excitação física é essencial para aqueles no centro motor, ou na parte emocional ou intelectual do centro motor, pois sem a resposta física, a possibilidade de movimento torna-se aleatória. Deixem-nos assegurar-vos de que não existe nenhuma espécie com alma independentemente móvel que não tenha alguma expressão de intimidade que, de alguma forma, reflita uma predileção biológica dos fragmentos envolvidos, independentemente de quão "peculiarmente" isso se manifeste.

Para espécies com alma independentemente móveis, o género sob alguma forma ou outra — e muitas dessas formas são notavelmente "estranhas" do vosso ponto de vista — é sempre um fator, pois é algo que só pode ser experienciado no plano físico e, portanto, é "pertinente" ao próprio plano físico para os fragmentos encarnados em espécies independentemente móveis. O requisito da reprodução não "exige", de facto, mais do que um sexo, mas a aquisição de material genético diversificado para evitar a "consanguinidade" é necessariamente um fator na evolução. Mesmo a mais estável das espécies com alma tem uma "compulsão" para reunir material genético de mais de uma fonte com o propósito de "elasticidade" evolutiva.

Deixem-nos lembrar-vos de que o plano físico tem experiências para oferecer que não podem ser obtidas em mais lado nenhum. O género e as suas ramificações é uma das experiências mais "significativas" do plano físico, fazendo tanto parte da natureza da "sobrevivência" como o alimento, o descanso e a segurança. E embora não pensemos que os fragmentos "devam" lidar com o género em todas as vidas, pensaríamos que a escolha de não o fazer poderia muito bem ser muito mais "absorvente" do que pareceria ser o caso numa primeira análise.

A própria experiência de ter um género é válida apenas no plano físico, e pensaríamos que só por essa razão, se não por outra, todos os fragmentos estariam inclinados a compreender o efeito e o afeto do género em todos os contextos válidos, bem como a determinar que contextos não são válidos. Por exemplo, não existe razão biossocial para que as fêmeas recebam salários mais baixos pelo mesmo trabalho do que os machos recebem, mas todos vós estais cientes de que esta é uma prática relativamente comum. Também não existe razão biossocial para que fêmeas com capacidades atléticas não possam competir abertamente com machos em muitos eventos, tais como o golfe ou o ténis. O problema real em tais instâncias é,

naturalmente, cultural, e um reflexo da maneira como as culturas "repartem" o poder e o reconhecimento. A maioria dos machos nesta cultura não gostaria de ter de enfrentar uma fêmea em competição de igualdade, por medo de um desgosto intolerável que resultaria se a fêmea prevalecesse.

Não existe razão biossocial para que as competências intelectuais não possam ser desenvolvidas em qualquer um dos géneros, embora existam muitas "desculpas" culturais para não o fazer, e muitas recompensas por aceitar estes paradigmas; por exemplo, machos e fêmeas são ambos igualmente capazes de compreender a astronomia, e as suas observações são igualmente válidas, embora muitas culturas predisponham os membros da cultura a pensar o contrário.

Também não existe razão biossocial para que coisas como o ensino iluminado "devam" vir de qualquer um dos géneros pois tais ensinamentos, como nós, não têm género. Faltam-nos corpos para exercer o género. Aqueles que reivindicam validade para a identificação sexual e orientação para além do plano físico não estão a apresentar *insights* válidos desses planos para além do físico e desses *insights* para além do corpo.

Os corpos, sendo físicos, estão sujeitos ao "desgaste", tal como as vestes que neles colocam. Este uso contínuo dos corpos tem uma componente da experiência mais básica do plano físico: o tempo. O tempo, tal como experienciado linearmente, que é a natureza do plano físico, traz exigências que não podem ser encontradas em mais nenhum plano de existência. Um dos aspetos mais cativantes da encarnação para fragmentos no processo de evolução é a experiência do tempo de uma forma linear e o lidar com os seus muitos impactos, do nascimento até à morte.

Quando abordam matérias de fisicalidade e "biologia", estão no coração da "significância" do plano físico. Queremos lembrar-vos de que esta experiência, com todas as suas dificuldades, é única para o plano físico e tem as suas próprias "virtudes" que fazem da sua validade uma parte essencial da evolução da essência. Apreciar a vossa fisicalidade é o início daquilo a que chamam iluminação. Aqueles que procuram atingir um estado "além" do corpo enquanto ainda estão encarnados num, estão a "falhar" o "alvo". Renunciar ao corpo é privar-se da validação e do reconhecimento do plano físico. Sem tal validação e reconhecimento, aquilo a que chamam iluminação torna-se inatingível, além de dar aos traços principais mais do que um pouco de poder através do esforço para "excluir" a experiência do corpo.

Quando aquilo a que chamam iluminação ocorre, o corpo é experienciado como o que é, nem mimado nem negligenciado. Cilícios não têm mérito espiritual e levam frequentemente a graves intrusões na saúde. A flagelação, por si próprio ou por outros, não faz nada para além de prejudicar a carne. Sim, é verdade que tornar o corpo horrivelmente desconfortável pode levar a experiências fora do corpo; a natureza de escapar à dor, pela sua própria natureza, torna impossível atingir um estado de iluminação.

«Mas não é Bom Trabalho perceber a maya na nossa existência aqui?»

Se por *maya* quer dizer a falta de reconhecimento de que a essência é eterna face ao corpo finito, então, sim, concordaríamos que é Bom Trabalho. Mas renegar o corpo com a impressão errada de que ele é uma ilusão não é de todo Bom Trabalho, pois leva a muitos equívocos, particularmente sobre a natureza da vida, a passagem do tempo tal como o plano físico a experimenta, e todo o processo de crescimento e envelhecimento num corpo.

«Se o tempo não é como pensamos que é, o que diz isso sobre a escolha? Não está tudo no lugar algures nos planos superiores?»

Deixem-nos responder desta forma: se imaginarem um cabo composto por muitos filamentos, alguns dos quais, mas não todos, estão a ser entrançados no cabo. O cabo são as vidas que completaram e o resultado das escolhas que fizeram. Existem nós ocasionais no cabo provocados pelo carma, quando as escolhas de vida foram retiradas ou pelo fragmento em questão ou do fragmento em questão. O local onde o entrançamento está a ocorrer é o ponto atual na vida. Os filamentos são de diferentes comprimentos, substâncias e texturas, e alguns tendem a ser mais "centrais" para o cabo do que outros, mas em cada escolha, os filamentos são entrançados para dentro ou para fora, dependendo das ramificações da escolha feita. Razão pela qual não prevemos: não prevemos porque não podemos. Cada escolha é feita pelo fragmento em questão, e cada uma traz nova forma ao cabo.

Do nosso ponto de vista, todos os filamentos são válidos — embora alguns sejam mais prováveis do que outros — até que a escolha seja feita. É também por isso que não existe destino, apenas vetores, que tendem a emaranhar os filamentos — porque o emaranhamento é causado pela escolha. Por outras palavras, podem estar em vetores com outro fragmento e ter-se-iam encontrado no concerto naquela noite, exceto que escolheram cuidar de um amigo ferido. Isso não significa que tal encontro "nunca" ocorrerá, mas se escolherem que ele aconteça, será num local diferente, sob circunstâncias que não faziam parte do acordo original. Não fazer parte do plano original não é crucial, tal como não o é mudar a hora de um almoço marcado para acomodar mudanças de horários.

Alguns de vós que são mais visualmente orientados podem preferir pensar na diferença entre um esboço e a pintura a fresco finalizada, do tipo que é feita em gesso fresco. O esboço, muitas vezes mais do que um esboço, ou parte de um esboço, é apenas uma sugestão, uma de muitas opções, que não é uma "pintura" real até que a tinta seja colocada na superfície, o que é, não precisamos de vos lembrar, o resultado da escolha. Alguma modificação pode ocorrer depois, mas não muita, pois a tinta penetra no gesso rapidamente e não é facilmente alterada. Esta analogia não é totalmente precisa, tal como a do cabo-e-filamentos não o é, mas entre as duas, é possível algum sentido de como percebemos as vossas vidas.

Deixem-nos oferecer uma terceira analogia, para acomodar os centros motor, intelectual e emocional: existe um número de rotas de ligação para o mesmo destino. Algumas são mais diretas do que outras, mas todas são igualmente eficazes. Onde o viajante se encontra nesta complexa série de rotas é o presente. A opção de selecionar outras rotas em cada junção (escolha) e cada aspeto resultante da jornada (ramificações da escolha) são a experiência válida da vida. Pensaríamos que isto poderia tornar mais fácil compreender as exigências da vida, bem como a importância da escolha. Pode também mostrar como podem completar a vossa jornada sem chegarem ao destino que tinham em mente no início. E talvez possa mostrar algo da natureza de como coisas como desvios, estradas esburacadas e as intrusões do plano físico podem fazer tanto para tornar a jornada tão "imprevisível" como ela é. Não é descabido ter em mente que as estradas não sofrem derrocadas para arruinar o vosso dia; elas sofrem derrocadas como parte dos perigos do plano físico. Lidar com o perigo é tanto uma questão de escolha como qualquer outro aspeto da vida.

Confrontados com uma estrada cortada por uma derrocada, podem tentar voltar à última junção e seguir outra rota, podem amaldiçoar a estrada, podem culpar-se por terem feito uma escolha errada, podem seguir pelo lado da estrada cortada para se manterem o mais possível no curso antigo, podem escolher fazer algo inteiramente diferente do que tinham estado a fazer, podem sentar-se e esperar que a estrada seja reparada, podem tentar encontrar ajuda para atravessar a parte cortada, podem inventar algum meio de passar para o outro lado, ou qualquer outra das inúmeras escolhas disponíveis para vós neste dilema. Todas as escolhas são válidas e qualquer escolha que façam é tão válida como qualquer outra. Lembramos-vos mais uma vez de que não fazer nada é tanto uma escolha como qualquer ação ou decisão que possam escolher.

«Tudo bem, todas as escolhas são válidas. Mas não serão algumas melhores do que outras? Não serão algumas mais propensas a fazer avançar em termos de evolução da essência do que outras?»

Do nosso ponto de vista não existe "melhor" ou "pior", apenas as ramificações da escolha. É verdade que algumas escolhas trazem mais fitas cármicas do que outras, mas se isso ocorrer, escolherão a seu tempo formas de queimar essas fitas. Deixem-nos observar que é o propósito das sobreposições tornar possível ao fragmento completar a tarefa de vida escolhida para a vida em questão. Existem alturas em que os meios para completar a tarefa de vida não surgem prontamente, ou que eventos no plano físico intervêm na sua realização. Isto não é um erro, como pensaríamos que "deveria" ser evidente por agora. Existem alturas em que o ímpeto da tarefa de vida não está de acordo com a cultura. Por exemplo, conhecemos Companheiros de Tarefa que têm uma mónada para realizar nesta vida — caso escolham fazê-lo — relacionada com reciprocidade e responsabilidades sociais. Ambos são almas Jovens. Um é um polícia muito dedicado, o outro é um criminoso

consumado. Eles estão "trancados" numa "valsa" legalista há mais de uma dúzia de anos e ambos têm uma afeição "inexplicável" pelo outro. Uma condenação bem-sucedida do criminoso tenderia a ter um efeito devastador no polícia, que definiu a sua importância em termos de como interage com o criminoso.

E o criminoso não gostaria de ter de colocar de lado a sua competição com o polícia. Ambos, sem as atividades do outro, estariam propensos a sentir-se "inúteis" e "entediados". Isso não quer dizer que todos os polícias e criminosos sejam Companheiros de Tarefa a trabalhar em mónadas, pois tal é demonstravelmente impossível, apenas pelos números. Mas nesta instância particular, um fator significativo na sua relação contínua são as ações e as consequências das ações em relação à lei. Noutra vida, é provável que escolham lidar com a sua relação de uma forma diferente, possivelmente uma com menos intrusões sociais ou talvez com consequências menos rigorosas para o fragmento cardeal.

«Disse que certas escolhas na vida eram mais prováveis para fragmentos individuais. Isto é de alguma forma específico da essência?»

Teríamos de dizer de uma forma geral que sim: os Escravos estão mais aptos a escolher o filamento que serve o bem comum do que um que não o faça; os Artesãos estão mais aptos a escolher o filamento que integra a estrutura; os Guerreiros estão mais aptos a escolher o filamento que responde a um desafio; os Académicos estão mais aptos a escolher o filamento que fornece a maior informação; os Sábios estão aptos a escolher o filamento que torna possível o maior grau de comunicação; os Sacerdotes estão aptos a escolher o filamento que tende a servir o ideal superior; os Reis estão mais aptos a escolher o filamento que une o reino.

Estamos cientes de mais de um Rei que quase se matou a trabalhar para fazer avançar o reino; na verdade, alguns deles conseguiram mesmo morrer. Isso não quer dizer, no entanto, que tais escolhas vão sempre refletir as necessidades da essência, pois tal não é o caso. No que acabámos de dizer, "apto" é a palavra operacional, e não pode ser vista como revelando mais do que uma inclinação sem qualquer modificação de coisas como a idade da alma, sobreposições, fase da vida, as circunstâncias relativas à escolha, aspetos culturais e familiares, e tudo o resto, incluindo o humor, o clima, influências astrológicas, condicionamento físico, ambiente físico, outras exigências sobre o fragmento, e o capricho.

Pode também ser útil recordar que o plano físico, pela sua própria natureza de matéria e tempo, é o único lugar onde acidentes podem acontecer. Alguns fragmentos têm alguma habilidade em sentir a aproximação de certos acidentes, mas, na sua maioria, os acidentes chegam e o seu impacto, maior ou menor, é intrusivo. Lidar com estes desenvolvimentos é uma das experiências mais válidas no plano físico, embora todas as experiências sejam válidas.

«Existe algo que possamos fazer para aumentar a nossa capacidade de lidar com acidentes?»

Poderia ser útil reconhecer e validar que eles acontecem, que não têm de ser responsáveis legal, ética, espiritual ou psicologicamente pelo evento, exceto no que diz respeito à vossa própria resposta. Se forem atingidos por um autocarro desgovernado, isto não é necessariamente uma indicação de que fazia parte do vosso plano de vida ou de que "precisavam" de ser atingidos por um autocarro. Pode ser que o evento tenha sido um acidente. Poucos fragmentos feridos em acidentes de viação o são por razões de plano de vida.

Quase todos são alvo de acidentes. Teríamos de dizer que, ao lidarem com a vossa resposta neste, ou em qualquer contexto, não é desarrazoado supor que a vossa experiência será complexa — assumindo que sobrevivem. Tentar apresentar uma reação uniforme a qualquer acidente, particularmente ao longo do tempo, não servirá para nada a não ser para o traço principal. As respostas têm múltiplas camadas e, como tal, manifestam-se de uma vasta gama de formas e têm tendência a mudar com o tempo. Continuar a ver um evento, qualquer evento, como se ele tivesse acabado de ocorrer é negar a validade do tempo, o que não é Bom Trabalho no plano físico.

Para aqueles que procuram ter alguma visão sobre os seus próprios vetores, pensaríamos em consultar um astrólogo — e sublinhamos, competente — ou um leitor de cartas de tarot ou práticas "divinatórias" semelhantes. Os astrólogos, para serem competentes, precisam de ter um "talento" para isso, bem como conhecimento especial proveniente do estudo. Aqueles que confiam em computadores não terão as perceções que aqueles que realmente fazem o trabalho por si próprios forneceriam. Claro que todas as áreas de esforço são mais eficazes quando o fragmento que realiza a atividade tem "talento" para ela, desde compor sinfonias a soldar peças de motor; da matemática abstrata a campos de compostagem.

Encorajamos aqueles de vós que escolhem fazer isto a tirarem notas e a avaliarem-nas criticamente, pois de que outra forma podem determinar a competência do "especialista" consultado? Não seria descabido rever os comentários de tais "especialistas" de tempos a tempos com o propósito de analisar o material, não apenas quanto à precisão, mas quanto ao conteúdo e impacto. Por exemplo, tal "especialista" pode dizer-vos que é provável que recebam uma grande quantia de dinheiro e propriedades nos próximos seis meses. Em si mesmo, isto significa pouco. Pensaríamos que também quererão saber a fonte e a razão para a "boa sorte", a qual seria, suspeitamos, mais bem-vinda vinda de uma lotaria, de uma progressão no vosso trabalho, ou de outras experiências "favoráveis", do que se a "boa sorte" viesse de testamentos ou indemnizações judiciais pela perda de todas as vossas posses.

Um grau de circunspeção não é descabido ao usar estes métodos de discernir vetores na vida, e teria o benefício adicional de tornar possível avaliarem o valor de

tais consultas. A única razão pela qual tais artes "divinatórias" têm qualquer interesse para nós é que elas tornam possível escolherem com um pouco mais de visão, se escolherem usar tais "especialistas" para vos permitir ter algum sentido de como as influências ao vosso redor se estão a desenvolver. Se escolherem considerar tal material como "fado", teríamos de dizer que isso não vos ajudará a escolher, pois move a vossa responsabilidade para fora da vossa própria escolha para as regiões nebulosas do "destino", o qual, como já vos informámos no passado, não existe. Isso não significa que não possam escolher fazê-lo, pois tudo é escolhido.

«E quanto àqueles indivíduos que parecem ser capazes de prever o futuro. O que se passa com eles?»

Como já dissemos, alguns fragmentos têm a capacidade de sentir vetores. Existem alguns — e não podemos tornar esse alguns um número suficientemente pequeno — que são capazes, sendo de sexta ou sétima fundição num sexto ou sétimo nível em qualquer ciclo que ocupem, de, sob certas circunstâncias, tornarem-se conscientes de eventos iminentes de uma forma suficientemente coerente para tornar isso útil como uma previsão fiável. No entanto, muito do que se supõe ser previsão não é nada mais do que um bom palpite estatístico. Por exemplo, prever uma seca no oeste do Texas não é um grande feito, tal como prever terramotos na Califórnia ou no Japão.

Estatisticamente, tais eventos vão acontecer. É mais significativo se um "profeta" prever uma tempestade de neve em maio em Atlanta ou em Roma, e o evento ocorrer, pois esse é um evento estatisticamente improvável e algo que pode ser julgado num quadro temporal. Aqueles fragmentos que experienciam o que supõem ser poderes precognitivos fariam bem em manter um diário das impressões, com o máximo de detalhe possível, e depois rever o diário e atualizá-lo quanto à precisão. Isto conseguirá duas coisas: (um) permitir-vos-á determinar se estão a captar algo "genuíno" ou apenas a reagir ao traço principal e, (dois) tornará possível desenvolverem uma compreensão mais aguçada da natureza das experiências precognitivas que têm e aprimorarem as vossas competências de reconhecimento.

«Existem coisas como médiuns videntes (*psychics*)? Videntes reais?»

Se quer dizer se existem fragmentos que são capazes de ganhar acesso aos Centros Intelectual Superior e/ou Emocional Superior com alguma regularidade e com alguma disciplina, sim, claro que existem. Mas não são encontrados com frequência, são muitas vezes "esquivos" à atenção, e pensaríamos que aqueles que não estão dispostos a ser avaliados pelos resultados ou cujos preços são mais do que o salário de uma semana não estão isentos de agendas que têm mais a ver com lucro e estatuto de seita do que com o uso real de talentos mediúnicos. Existe uma grande dose de credulidade em torno do que por vezes é chamado o "paranormal", e existem muitos fragmentos dispostos a explorar essa credulidade. Essa é uma das razões pelas quais vos encorajamos a questionar as nossas respostas e a avaliar a

informação com parâmetros "realistas", pois, de outra forma, não serão capazes de reconhecer, muito menos de validar, o que temos para dizer.

Desejamos recordar a todos os aqui reunidos que a posse de tal talento raramente é algo agradável, e aqueles cujos dons são genuínos — devido a coisas como a posição na fundição (*casting*), evolução e idade da alma — escolhem muitas vezes "subestimar" os talentos que possuem a serem sujeitos aos tipos de exigências emocionais e pessoais que podem ser feitas ao longo do tempo, para não falar de terem de "viver com" as coisas que percebem. Seria útil considerar o fardo do talento, bem como quaisquer supostas vantagens. Há boas razões para perceber a habilidade mediúnica genuína como sendo, pelo menos, tão problemática como uma doença crónica mas de baixo nível — algo que exige atenção constante e que pode agravar-se sem aviso, mas que vos dá uma "vantagem" sobre o mundo ao tornar-vos mais conscientes de perigos potenciais.

Aliás, uma grande parte dos videntes consegue "ler" para toda a gente menos para si próprios. Isto é, ocasionalmente, uma escolha de vida, mas é mais frequentemente o resultado da interferência do traço principal, tal como a maioria dos verdadeiros médiuns consegue obter informação sobre toda a gente menos sobre si mesmos, no passado e no presente. Para aqueles fragmentos que escolhem habilidades mediúnicas como parte do plano de vida, pensaríamos que as razões preponderantes para tal escolha seriam cármicas, geralmente para permitir uma "recompensa" (*pay-back*) pelo laço cármico de "manipulação mental" (*mind-fuck*).

«E quanto a todos aqueles relatos de pais a quem foi dito que o seu filho Infante seria um líder mundial, e acaba por ser verdade?»

Pensem, se assim o desejarem, no número de vezes que tal previsão foi feita e o fragmento não se tornou um líder mundial. Asseguramos-vos que esta é uma ocorrência muito mais comum do que o cumprimento da "profecia". Não são muitos os fragmentos que "vêm equipados" para tal trabalho, e não aproveitaria muito ao Infante ou aos seus pais "forçar" a questão. É uma previsão bastante popular para Infantes do sexo masculino, e quem prevê tem mais probabilidades de ser bem recebido se tiver tal mensagem do que uma de natureza mais precisa. Isso não quer dizer que, ocasionalmente, tais previsões não estejam certas — estatisticamente, se não por outra razão, esse seria o caso. Teríamos de dizer que, muito raramente, um "vidente" faz uma "previsão" baseada num sentido de sobreposições e tarefa de vida que confere legitimidade a tais pronunciamentos.

Pensaríamos que seria mais significativo se tal coisa fosse prevista para um Infante do sexo feminino, embora o clima cultural que aceita tal noção esteja a mudar nalgumas partes da vossa sociedade. Aliás, desejaríamos salientar que a previsão de grandeza falhou em relação a algumas figuras significativas: o Sábio Maduro que foi Josef Estaline nunca foi previsto como alguém que subiria no mundo e, no contexto dos seus pais, ele nunca realizou o que eles esperavam; o

Sábio Velho Angelo Roncalli, que reinou como João XXIII, não se esperava que fosse longe, tanto pelas suas origens camponesas como pela sua abordagem pouco ortodoxa à Igreja; o Académico Infante Richard Nixon era considerado como alguém que teria tão pouco sucesso como o seu pai, e durante toda a sua vida receou que isso pudesse ser verdade; o Guerreiro Maduro Júlio César era esperado como alguém que nunca chegaria a ser nada e, até meados dos seus trinta anos e à quarta mónada interna, cumpriu essa expectativa.

O Escravo Maduro Jonas Salk era considerado uma criança pouco promissora, e a família tinha padrões muito elevados para todos os membros cumprirem; o Sacerdote Maduro Dante Alighieri foi previsto como sendo uma desilusão e, aos olhos de vários dos seus parentes, ele foi; a Rei Jovem Catarina, a Grande, da Rússia, como uma fêmea aristocrática alemã menor, não se esperava que alcançasse muito além de um bom casamento, que se assumia ser o máximo que ela poderia fazer; o Artesão Jovem Steve Croft não se esperava que fosse longe, e as suas inclinações jornalísticas não foram inicialmente encorajadas. Existem muitas outras figuras notáveis que poderiam ser incluídas neste catálogo, fragmentos históricos e atuais importantes para os quais não houve profecias extraordinárias ao nascimento. Não seria inapropriado manter isto em mente ao lidar com prognósticos na infância.

Sendo a retrospetiva o que é, é possível olhar para os exemplos citados e sentir-se "presunçoso" porque as escolhas dos fragmentos em questão se tornaram aparentes pelo curso das suas vidas. Considerem os pais, que foram confrontados com uma criança cujo potencial apenas pode ser adivinhado, e as suposições devem, por necessidade, refletir a compreensão do mundo por parte dos pais, bem como as vitórias e desilusões dos mesmos. Deixem-nos lembrar-vos, no entanto, que existem inúmeros fragmentos ao vosso redor que são crianças agora, que estão sobrecarregados com as expectativas das suas famílias de formas que podem não ser apropriadas para as crianças em questão. Não que isto seja "evitável", pois não o é, e onde tais "estruturas" familiares faltam, a criança torna-se o que se chama "selvagem" e incapaz de encontrar um lugar na sociedade humana geral.

A natureza da experiência de vida é tal que incidentes como os que relatámos são de "esperar". Discutiremos mais tarde o ícone familiar e o seu impacto no fragmento, mas baste dizer neste ponto que a natureza da antecipação para as crianças pode ser tanto uma força impeditiva como um apoio, independentemente de quão "bem-intencionada" a família seja ao fazer as escolhas para o Infante. A "função" da criança dentro de uma família é geralmente estabelecida antes de a criança nascer, e não é incomum as crianças pensarem em si mesmas em termos de "papel" familiar, o que faz parte do processo de viver na vossa espécie. Pois, como afirmámos no passado, vocês são tanto primatas como são fragmentos com alma, e a experiência da dicotomia é inteiramente válida. Pensaríamos que muitos fragmentos consideram isto difícil de compreender, em grande parte porque desejam "estabelecer" o que é mais válido — o primata ou a essência. A resposta é que eles

têm paridade no plano físico, o que é, claro, uma das "lições" mais significativas da vida no plano físico.

O destino é, como indicámos no passado, uma mentira, pois implica que a escolha não faz diferença, que um curso predeterminado está em vigor, como o labirinto de um rato, e a vida não é nada mais do que uma corrida para o queijo. Isto não significa que não tenham escolha sobre a natureza da vida antes de ela começar, ou que ela seja inteiramente sem "direção", pois esse também não é o caso. Existe o caminho de vida, que podem escolher seguir ou abdicar em qualquer momento no decurso de uma vida. Existem mónadas internas para transitar ou abdicar, conforme escolherem. Existe o carma, que eventualmente escolherão queimar, mas isso é escolha, não fado, e uma parte da evolução da essência.

Se houvesse fado verdadeiro, isto é, um "esquema das coisas" definido, a escolha seria a mentira, e cada fragmento não seria nada mais do que uma espécie de braço robótico de uma força externa, menos independente do que membros de almas de grupo (*hive souls*), e de forma alguma responsável por nada do que o fragmento faz, ou por nada que seja "infligido" ao fragmento. Onde existe escolha — e asseguramos-vos que a escolha é a única validade — existe responsabilidade. Podem decidir fazer qualquer coisa que escolham fazer. E são responsáveis por isso.

«Responsáveis perante quem?»

Ora, perante a essência, claro; perante o núcleo do vosso eu atual e o núcleo de todos os eus que foram no passado e serão no futuro. É a essência que escolhe as sobreposições e as tarefas de vida, o caminho de vida, faz acordos, estabelece vetores e tudo o resto. Depois, a essência encarna no corpo e toda a questão da escolha passa para vós, ou seja, para a pessoa que o fragmento encarna. A essência é o que a maioria dos fragmentos percebe quando "vê Deus", embora não seja Deus, nem nós o somos, já agora. É a "luz" para onde vão no processo da morte, tal como o "túnel" percebido é o plano físico. É também o que alguns chamam o "Anjo da Guarda".

A oração, como dissemos antes, é a personalidade, verdadeira ou falsa, a peticionar à essência para intervir. A essência nunca compele, aliás. A essência impele. Não podemos enfatizar isto com firmeza suficiente. A essência não vos irá "forçar" a fazer nada, pois isso obvia a escolha e não é Bom Trabalho; ninguém pode ser "ordenado" a evoluir ou "convencido" a crescer. O *insight*, o reconhecimento e a validação são os processos usados para crescer e, como tal, dão acesso à essência. A essência é uma função do amor e, como tal, não irá "exigir" nada do fragmento. Os traços principais, por outro lado, são a destilação do medo, e são manipuladores e muito, muito sedutores. Os traços principais podem apresentar os seus medos sob as formas mais persuasivas, o que é uma das razões pelas quais são tão bons a governar as vossas vidas — eles não "parecem" amedrontar-vos,

apenas "salvar-vos". A essência é a única coisa capaz de vos "salvar", não que qualquer fragmento precise realmente de ser "salvo".

Pensaríamos que aqueles dispostos a reconhecer a validade da essência podem fazer muito, caso escolham fazê-lo, para "enfrentar" os traços principais. Aliás, não é "necessário" extinguir os traços principais para evoluir, embora os fragmentos ocasionalmente consigam isso. O contacto com a essência, ou o que chamam de intimidade, é o meio de evolução. Por mais breve que o contacto com a essência possa ser, e por mais ferozmente que seja negado pelos traços principais após o facto, todo o contacto com a essência é válido, e o verdadeiro meio de evolução dos fragmentos encarnados em todo o lado no plano físico.

---

## Capítulo 4

## A Família

Assume-se frequentemente que a família é um microcosmo da sociedade ao seu redor, mas pensaríamos que a sociedade é, de facto, um macrocosmo da família, e mais "pertinentemente" reconhecida sob esta luz pelas coisas que a sociedade tenta acomodar. Isto não é apenas um pouco de prestidigitação semântica, mas uma representação válida das nossas perceções sobre este assunto, e pensaríamos que alguns de vós podem escolher considerar examiná-la.

O "propósito" da sociedade é fornecer contexto, congruência, oportunidade e cuidado aos seus membros, que é precisamente o que se supõe que as famílias façam. Estamos cientes de padrões familiares que remontam à primeira encarnação da alma, e onde a família sobreviveu. Aqueles padrões familiares que protegeram os seus membros prosperaram em todas as instâncias e foram mais bem-sucedidos do que aqueles que falharam em fazê-lo. Isto é mais facilmente percebido no desenvolvimento daquilo a que chamam civilização do que pela observação imediata do mundo atual, pois a confusão de elementos que regularmente colidem com o que chamam de vida real pode levar a avaliações distorcidas devido à multiplicidade de fatores. A vida real, para aqueles em sociedades multiculturais, tem mais um "alargamento" para atingir a "familiaridade" societal.

Famílias alargadas já existiam na vossa espécie quando ocorreu a encarnação da alma. E esses grupos de família alargada tornaram-se rapidamente grupos familiares interligados, ou seja, tribos, que, por sua vez, à medida que a vida nómada dava lugar à vida agrária, deram lugar a lugarejos e depois a aldeias. Ao nível da aldeia, o modelo de família ainda é mais ou menos "visível". Mas assim que as vilas se desenvolvem, também se desenvolve a burocracia, e a posição dos anciãos, ou pais da aldeia, tornam-se funcionários, e o modelo de família torna-se institucionalizado e, portanto, menos capaz de gerir a conduta familiar numa base

individual, embora as necessidades "sociais" possam ser pela primeira vez atendidas de forma eficiente e abrangente.

Na altura em que as aldeias se tornam cidades, a habituada "divisão do trabalho" levou a uma estrutura de classes e ao desenvolvimento de arquétipos societais, que são os equivalentes culturais dos ícones familiares, os quais, por sua vez, provocam uma "autoconsciência" reforçada da cultura como uma identidade tanto quanto uma estrutura, e um contexto no qual todo o plano físico pode ser interpretado.

As famílias têm "obrigações" para além de nutrir os seus membros, embora esta seja certamente a base essencial. Para existir como membro de uma espécie com alma, um fragmento tem de saber mais do que falar, o quê e quando comer, e como atar os atacadores. Aquelas famílias onde nada mais do que competências básicas de sobrevivência são ensinadas podem dizer-se que não são de todo uma família, mas uma espécie de bivaque temporário para fragmentos de todas as idades. Na medida em que uma sociedade ou cultura faz isto, falhou nas suas "primeiras obrigações": "imitar" a família.

Isto não significa que a coação política seja Bom Trabalho, pois certamente não o é; de facto, a coação política, com os seus rótulos e epítetos, é muito parecida com um ícone familiar político permanente, atribuído arbitrariamente a grupos pelas unidades políticas da sociedade, e ao qual é dado o mesmo estatuto sagrado que os ícones familiares têm dentro de uma família. Muitas vezes, os grupos rotulados — Idosos, Os Sem-Abrigo, Jovens Hispânicos, Mães Solteiras, Esquerdistas Radicais, Direita Religiosa Radical, Habitantes dos Subúrbios, Blocos Rurais, etc., para selecionar alguns dos atualmente populares na vossa sociedade — partilham a veneração do seu ícone na medida em que este remove a sua responsabilidade individual pelas suas escolhas: «Não pude evitar o que fiz — o que mais se pode esperar de miúdos de rua afro-americanos?» «Não sou responsável porque venho de uma Família Disfuncional.» «A culpa não foi minha porque tive uma Infância Abusiva», e assim por diante.

O propósito destas afirmações é invocar o ícone tanto para fornecer uma "desculpa" como uma razão para a ação. Lembramos-vos mais uma vez que a reação a todos os eventos na vida, não importa quais sejam, é uma questão de escolha, e a escolha e as suas ramificações é o "propósito" da vossa vida. Além disso, todas as coisas escolhidas na vida têm uma "razão", que pode ou não ser "racional" ou "apropriada", mas é, no entanto, uma razão, e geralmente tem pouco a ver com ícones de grupo ou outros "rótulos" culturais. Estes ícones de grupo, se reconhecidos pelo que são, podem ser quebrados, tal como o ícone familiar pode ser quebrado, com reconhecimento e validação.

Os Infantes aprendem tudo o que alguma vez irão "acreditar" sobre uma sociedade, uma família e uma cultura na altura da segunda mónada interna, o que,

claro, significa antes de terem sido ensinados a "pensar", e antes de terem desenvolvido um vocabulário significativo, o que, por sua vez, indica que estas coisas são aprendidas pelo que é observado, não pelo que é ensinado. Vós, como pais ou supervisores adultos, podem passar horas a "dizer" a uma criança como um membro desta família se comporta no sentido mais correto, mas se a instrução não estiver de acordo com a ação diária, é para "nada".

Pensaríamos que aqueles que trabalham com crianças pequenas concordariam com esta afirmação. Uma criança observa mais atentamente nos primeiros dois anos de vida do que em qualquer outra altura e, embora possa não parecer estar a concentrar-se, gostaríamos de vos lembrar que aqueles em "transe" também não parecem estar a "pensar". Não é inapropriado rever as vossas ações com as vossas instruções ao lidar com crianças muito pequenas, caso escolham fazê-lo, a fim de minimizar as inconsistências que podem ser percebidas. Por exemplo, uma criança pequena pode ser informada repetidamente que bater nas pessoas é errado, mas se o "papá" bate na "mamã", particularmente onde a criança pode ver, a criança nunca aceitará totalmente tal comportamento como sendo "errado".

Embora concordemos que muitas vezes as exigências do plano físico tornaram a proteção familiar problemática, no melhor dos casos, também pensaríamos que onde o cuidado familiar foi classificado como o "mais elevado", a família e, portanto, a tribo, avançou mais "eficazmente" do que aquelas onde o cuidado familiar de todos os membros não foi uma prioridade elevada. A família confrontada com uma catástrofe ambiental, se a estrutura familiar for baseada num apoio mútuo contínuo, está mais apta a preservar os membros da sua família e a manter a coesão do que aquelas famílias onde o apoio mútuo contínuo está ausente.

Teríamos de acrescentar que as famílias, em qualquer altura de crise, tenderão ou a "trabalhar em equipa" ou a "desmoronar-se", dependendo da forma como a família "desempenhou os seus deveres" para com os membros da família no passado, em tempos menos "difíceis". Aliás, do nosso ponto de vista, as famílias com múltiplos cônjuges não são concebidas para cuidar de todos os membros responsavelmente. A redundância de cônjuges, e portanto, a taxa de natalidade mais elevada, está geralmente ligada a estruturas familiares onde os múltiplos cônjuges são "substituíveis", tal como os seus filhos. Onde os parceiros têm um cônjuge de cada vez, pensaríamos que a preocupação com esse cônjuge será de maior significância familiar do que onde existe uma pletora de cônjuges.

Deixem-nos observar que as famílias constituem a base pela qual um recém-nascido aprende ou não aprende a confiança, o que pode parecer óbvio mas, após reflexão, descobrirão que é uma questão complexa. E a confiança é essencial para desenvolver uma base para a intimidade, e o meio pelo qual ela é alcançada mais tarde na vida. Sem confiança, o contacto com a essência, incluindo a auto-intimidade, torna-se quase impossível, e o acesso do medo à personalidade aumenta

dramaticamente. Não podemos enfatizar isto o suficiente — uma criança que não aprende a confiança antes da segunda mónada interna terá muita dificuldade em ser capaz de confiar noutros fragmentos durante o resto dessa vida particular, ou em compreendê-la quando ela é dada ao fragmento desconfiado. A forma individual mais importante de criar confiança é através da resposta pessoal direta à criança quando ela chora; a resposta ao choro não irá, de facto, "mimar" a criança, particularmente antes da segunda mónada interna.

Mesmo o ganir (*whining*) é um sinal de angústia ou mal-estar, e uma criança deixada a lidar com tais "terrores sem nome" como os representados pelo ganir tenderá a ser assolada por medos ao longo da vida. Uma criança que não é segurada ao colo quando chora, independentemente das sobreposições, terá muito mais dificuldade do que a maioria mais tarde na vida onde a intimidade está em causa, pois o risco percebido na intimidade parecerá muito maior para tais fragmentos do que para a maioria, e a maioria dos fragmentos considera a iniciação da verdadeira intimidade assustadora, na melhor das hipóteses.

Isto é tanto um fator por serem primatas como por terem alma, pois, como observarão, caso escolham fazê-lo, um Infante chimpanzé negligenciado nunca irá verdadeiramente "pertencer" em nenhum contexto, devido principalmente à falta de confiança. A confiança, aliás, permite a um fragmento dizer "não" sem pôr em perigo o apoio ou temer o ostracismo, o que é uma coisa bastante rara neste ou em qualquer mundo de almas jovens, onde o não é geralmente percebido como desafio e o qual, se o apoio for retirado por causa disso, rapidamente se torna.

Considerar as famílias como meros acidentes de reprodução é, do nosso ponto de vista, um equívoco [muito engraçado, Michael]. As famílias são muitas vezes produtos de acordos e "velhos hábitos" e, embora seja relativamente comum ter associações familiares com aqueles fragmentos com quem os fragmentos têm alguma "história" estabelecida, é raro que membros da família imediata façam parte da mesma entidade, pois esse laço é também bastante familiar na sua natureza e isto produz muitas vezes um "duplo impacto" de aperto que não é necessariamente desejado. Isso não significa que tais coisas não ocorram, pois, claro que ocorrem, mas sublinhamos novamente que as instâncias são infrequentes. É, no entanto, relativamente comum os fragmentos terem companheiros de entidade a um grau de distância, tais como tios, tias, primos, avós e semelhantes, ou ocasionalmente amigos de longa data dos pais serão companheiros de entidade com os filhos em questão.

Os Gémeos de Essência raramente encarnam na mesma família, embora isso aconteça muito, muito, muito ocasionalmente. Os Companheiros de Tarefa podem encarnar na mesma família um pouco mais frequentemente do que os Gémeos de Essência, especialmente quando a sua tarefa partilhada "exige" preparação ao longo da vida.

Dentro de uma família, existe uma compreensão baseada em alianças formadas pelo que chamam de sangue, o que, de facto, tem a ver com o ADN, biologicamente, e com a aculturação, psicologicamente. Estas alianças são primordiais para determinar um sentido de identidade, que é definido na segunda mónada interna, quando a diferenciação experiencial é verdadeiramente possível pela primeira vez. A primeira mónada interna — ou seja, o nascimento — é um conceito familiar, embora não necessariamente uma realidade. A segunda mónada interna — o estabelecimento da identidade individual — é muitas vezes mais "carregada" de complexidades, dependendo da estrutura familiar, realidade e expectativas.

Deixem-nos mencionar aqui que onde a um Infante não foi permitido ou encorajado a ter um sentido de si próprio mas, em vez disso, é encorajado a ser uma "peça numa engrenagem", a possibilidade de completar e validar a segunda mónada não é grande e, como resultado, todas as mónadas subsequentes permanecerão por necessidade incompletas, e o domínio dos traços principais tende a tornar-se mais forte com o tempo. Para que um fragmento tenha uma identidade individual, a segunda mónada, que, afirmámos, ocorre até aos três anos de idade, deve ser validada não apenas pelo fragmento mas pela família também, a fim de que o fragmento seja capaz de aprender a fazer escolhas de natureza individual que estejam verdadeiramente de acordo com o plano de vida.

Todas as famílias, sem exceção, estão sujeitas a várias formas de rutura: do nascimento de uma criança à morte de um membro da família, a flutuações na fortuna, mudanças nas condições de vida, problemas de saúde, reestruturação de relações familiares, casamentos, divórcios, atividades criminosas, mudanças políticas e militares, e todos os restantes desenvolvimentos que fazem parte da forma como uma vida é conduzida. Não podemos enfatizar o suficiente que tais flutuações fazem parte da vida tal como é vivida no plano físico, e lidar com elas — ou não lidar com elas — são escolhas válidas. Com as ruturas vêm escolhas que nem sempre são bem-vindas, mas geralmente são "necessárias" e, como tal, difíceis para todos os membros da família.

É importante saber que não há nada de "errado" nas ruturas e que, de facto, é "prudente" esperá-las, pois elas vão acontecer, e estar ciente de que, quando chegarem, uma resposta de algum tipo será "exigida". Isto não é uma previsão, aliás, mas uma simples observação sobre a natureza da vida tal como é experienciada, e basta reverem as vossas próprias vidas para perceberem a validade do que dizemos. A única forma de um fragmento escapar às ruturas é tornar-se catatónico, o que alguns fragmentos escolhem fazer de tempos a tempos, mas gostaríamos de salientar que, em tal estado, o cuidado e apoio contínuos de outros são absolutamente essenciais para a sobrevivência e, portanto, não se pode dizer que isso exclua realmente o fragmento que se retira da função familiar, seja no sentido do microcosmo ou do macrocosmo.

Para manter um "sentido de identidade" como família, é necessário que a família se "nomeie" a si própria e atribua uma "função" ou "papel" para desempenhar. Cada nova criança nascida numa família recebe um ícone — e referimo-nos a isso literalmente, uma imagem sagrada — pelos pais, ou substitutos dos pais, o qual foi decidido antes do nascimento da criança na maioria das instâncias. O ícone é o papel que se espera que a criança desempenhe na família, e é através do ícone que a falsa personalidade é formada, a qual é a personalidade disponível até à quarta mónada interna, onde a personalidade verdadeira se manifesta ou a falsa personalidade — isto é, o ícone familiar — se torna fixa.

Isso não quer dizer que o ícone familiar não seja Bom Trabalho: ele fornece uma estrutura necessária para o fragmento usar para encontrar o seu lugar no mundo. Os ícones familiares permanecem como o "mito" partilhado da família bem depois de o fragmento ter transitado a quarta mónada e manifestado a personalidade verdadeira. Nesta sociedade, a quarta mónada é geralmente transitada entre meados e o final dos trinta anos, ou cerca de metade de uma esperança média de vida. Nalgumas sociedades, claro, a mónada ocorre numa idade mais jovem para acomodar uma esperança média de vida mais curta.

Dentro das famílias, os pais, como adultos, criam também ícones para as suas posições. Isto também ocorre, mas com menos rigor, para aqueles que não têm uma família com filhos. Numa parceria doméstica, os adultos assumem ícones que refletem o papel que desempenham na relação. Para muitas famílias, toda a "comunicação" é feita de ícone para ícone, sem outra possibilidade considerada. Pensaríamos que, nestas instâncias, muitos membros da família têm um sentido de frustração e futilidade que torna as interações familiares difíceis, no melhor dos casos.

«O Michael poderia dar alguns exemplos de ícones familiares?»

Para começar, estamos cientes de uma Artesã Madura de quem se esperava que fosse do sexo masculino e, porque era do sexo feminino, ficou presa ao ícone de A Filha Inapropriada. Isto causou-lhe muita dificuldade em lidar com a sua família, pois nada do que pudesse fazer ou dizer lhe daria acesso à família da forma que procurava, e era geralmente percebido pela família que ela não era capaz de "compreender" o seu "lugar" na família. Eventualmente, como resultado da terceira mónada interna, esta adesão ao ícone levou a um grau de distanciamento entre ela e o resto da sua família e, embora tenha iniciado a quarta mónada interna, o processo revelou-se demasiado "esgotante" e ela abdicou dele ao quinto nível.

O seu ícone como progenitora é A Progenitora Que Não Critica, uma resposta direta ao seu ícone na juventude. Estamos também cientes de um Escravo maduro com o ícone Uma Fonte Constante de Orgulho e Alegria, o que tem sido um fardo tremendo para ele, pois a sua família exige que ele se comporte de tal forma que cumpra o ícone. Como pai, o seu ícone para si próprio é O Tolerante Que Permite

Que os Outros Cresçam. O ícone adulto da sua esposa é A Tomadora de Decisões Sensata. Estamos também cientes de um fragmento muito infeliz a quem foi dado o ícone de O Anjo Caído, por uma progenitora tão em conflito com a culpa sobre o sexo que a única "punição" suficiente para o seu "lapso" foi dar à luz o próprio Lúcifer. O filho com este ícone não tem tido uma boa relação com a mãe há muitos anos, e nenhuma com o pai, que abandonou a família quando o rapaz era jovem, sendo incapaz de lidar com o constante tumulto da esposa sobre os "deveres" de uma esposa para com o marido.

Os ícones familiares baseiam-se nas necessidades familiares, não na personalidade real do fragmento, e ocasionalmente estes podem estar em tal divergência que o "problema" de viver de acordo com o ícone é aparente cedo, como um Sacerdote Jovem nascido numa família de músicos, que não tem ele próprio talento musical, cujo ícone é **O Prodígio Feliz**. Os seus talentos e interesses já começaram a revelar que o ícone não é adequado à sua vida, mas a família não tem sido capaz de compreender isso e descarta os seus interesses não musicais como uma "fase" pela qual ele está a passar.

Pensaríamos que a terceira mónada, a mónada do sair-do-ninho, que ocorre geralmente nesta sociedade entre os dezoito e os vinte e cinco anos, pode, de facto, ser transitada cedo por este fragmento como uma forma de diminuir a pressão que o ícone exerce na sua vida. Estamos também cientes de um fragmento nascido numa família depois de a mãe ter tido uma série de abortos espontâneos. O ícone para esta filha é A Menina Mais Preciosa do Mundo e, embora possa parecer útil e recompensador, significa um nível de proteção e reforço de permanecer uma criança que se está a revelar, agora que a filha se aproxima da terceira mónada, um fardo muito real.

Estamos também cientes de um fragmento que tem estado "preso" na terceira mónada há mais de vinte anos por causa das limitações impostas pelo ícone, que é A Criança Que Nunca Comete um Erro, e erros, neste caso, incluem a rutura com a família implícita na terceira mónada interna, a qual este fragmento abdicou obedientemente. Como resultado, este fragmento, enfrentando a quarta mónada interna, é incapaz de fazer mais do que "mexer" nas perceções da quarta mónada interna.

Existe também um fragmento Guerreiro Jovem a quem foi dado o ícone de A Menina Que Depende Sempre do Papá, e foi então prontamente — aos dois anos — "despojada" quando o seu pai partiu para um contrato de trabalho de engenharia de três anos no Médio Oriente; na altura em que ele regressou, o distanciamento e o ressentimento tinham-se instalado e permanecem firmes até hoje.

«Como são escolhidos os ícones?»

Os ícones refletem como a família se vê a si própria e aos membros dentro dela, e estabelecem o "tom" para a família e as suas ações no mundo, bem como entre os membros da família. A escolha é feita, como indicámos, pelos pais, para dar estrutura à sua perceção do que a família é, o que, por sua vez, fornece ao jovem alguma "estrutura" para se habituar a viver essa vida particular. O ícone está ligado à "lenda" familiar, ou seja, à história que a família conta sobre si própria e as pessoas dentro dela, a qual o ícone permite continuar. Na maioria das instâncias os pais concordam no ícone mas, ocasionalmente, isso não ocorrerá e a criança terá um ícone de cada progenitor, o que pode criar um problema real dentro da família, pois o papel que a criança tem de cumprir para o pai e o papel a cumprir para a mãe não é o mesmo.

Dependendo da criança, do seu papel em essência, das sobreposições, do plano de vida e da medida de divergência inerente aos dois ícones, isto pode ser qualquer coisa desde "estranho" a "calamitoso". Outra "nuance" no tecido é que o lado materno da família tenderá a refletir o ícone da mãe, e o lado paterno, o do pai, de modo que um grau de "adaptação" a cada lado da família alargada será "exigido" à criança de ícone duplo. Ícones duplos ocorrem em cerca de um por cento das crianças, aliás, e para algumas levam a distúrbios de personalidade na vida adulta e, para outras, a uma infância difícil, muitas vezes marcada por um interesse precoce em áreas de esforço que "tiram" a criança de casa. Muitas dessas crianças — embora de forma alguma todas elas — que desenvolvem interesses de carreira na escola primária são, em parte, movidas por ícones duplos e pela necessidade de atingir a terceira mónada interna "antes do previsto".

Claro que nem todos os "problemas" da infância são gerados por ícones. Nós não dissemos isso e não o sugerimos. Estamos cientes, no entanto, de que os ícones, embora "necessários" para crescer dentro de um contexto e de uma cultura, não melhoram a vida após a quarta mónada interna. É também verdade que os ícones são frequentemente componentes fortes em disputas e conflitos familiares. Se, por exemplo, um fragmento tem o ícone de O Pacificador Paciente, as reuniões familiares são propensas a tornar-se uma tarefa terrível por causa da suposição constante de que este fragmento pode tornar tudo "bem" quando ocorrem atritos. O ícone da Ovelha Negra pode ser atribuído de forma muito arbitrária, e estamos cientes de um cientista de renome mundial que tem este ícone familiar e que se esforçou por "ir além dele" a maior parte da sua vida.

É interessante notar que ele é o único académico na família; é também interessante notar que o ícone é mais forte do que as suas realizações, pois ele continua a deter o ícone, apesar das honras e da elevada consideração não apenas da comunidade académica e científica, mas da população em geral. De facto, o seu sucesso num campo não "aprovado" pela família serve apenas para fortalecer o ícone nas perceções familiares. Muitos fragmentos que sofrem do que se chama "baixa autoestima" estão, na realidade, sobrecarregados com ícones familiares que

lançam o fragmento numa posição pouco lisonjeira ou sem apoio, tal como, mas não limitado a:

- A Criança Extra
- O Traste
- O Fardo Indesejado
- A Última Adição
- A Criança Infeliz
- O Infantezinho Adorável
- A Criança para "Praticar"
- A Criança Que é uma Desilusão
- A Maldição da Família
- A Criança Que Nunca se Queixa
- A Criança Que Irá Compensar os Nossos Erros
- A Criança Que Apoia Sempre a Sua Família
- A Criança sem Nada para Oferecer
- A Dedução Fiscal
- O Rival
- A Criança Que Põe em Perigo a Saúde da Mamã
- O Intruso Indesejado no Nosso Ninho de Amor
- A Criança Que Promete Muito e Realiza Pouco
- A Criança Que Irá Preencher o Lugar Daquela Que Perdemos
- O Vindicador da Honra da Família
- O Melhorzinho dos de Segunda Categoria
- A Prova do Pecado
- A Criança Que Poderá Valer Alguma Coisa Algum Dia
- A Ofensa Contra os Seus Pais
- A Folha em Branco, e assim por diante.

Asseguramos-lhes que todos estes ícones, e muitos outros menos "graciosos", estão em vigor no mundo; estes, de facto, são ícones detidos por fragmentos

conhecidos por fragmentos no nosso pequeno grupo, embora nenhum deles seja do nosso próprio pequeno grupo.

«Parece que um ícone familiar é uma verdadeira bênção mista.»

Sim, concordaríamos, embora não no sentido de julgamento de "bênção". No "melhor" dos casos, o ícone familiar é um "impulso" na vida; no "pior", é um "mal necessário" como meio de atingir um lugar e uma forma de se "encaixar". O impacto em todos os fragmentos, independentemente do ícone, é misto, como são muitas coisas "necessárias" na vida. A remoção de amígdalas propensas a infeções não é agradável, mas é muito menos "prejudicial" do que a infeção por estafilococos que poderia revelar-se mortal.

Aliás, desejaríamos divagar aqui mais uma vez sobre a questão da "dor" (*hurt*) e do "dano" (*harm*). A maioria dos fragmentos teme a dor porque é dolorosa, e isto não é surpreendente, embora a dor, como na remoção das amígdalas, previna o dano sob a forma de uma infeção mortal. Coisas que causam dano podem parecer agradáveis e não oferecer dor de todo, mas o prejuízo causado, como não remover as amígdalas, é muito mais prejudicial e intrusivo do que a dor pode ser. Sugeriríamos, portanto, que diferenciar o doloroso do prejudicial seria Bom Trabalho. E no contexto dos ícones familiares, a maioria deles — e sublinhamos a maioria — é frequentemente dolorosa, mas uma vez que a quarta mónada interna é completada, reconhecida e validada, não é prejudicial.

Onde a quarta mónada interna é abdicada ou deixada por validar [com o que Michael quer dizer que a mónada foi completada mas no polo negativo, que é a aquiescência, em vez do polo positivo de autorrealização], o ícone familiar, ao subsumir a personalidade verdadeira, isto é, a função das sobreposições escolhidas, com a falsa, isto é, o ícone familiar, torna-se inevitavelmente prejudicial, pois torna a auto-intimidade quase impossível, e os *insights* procurados na vida não são propensos a ser aplicados, o que, por sua vez, torna o trabalho na tarefa de vida "aleatório", no melhor dos casos.

Pensaríamos que, para aqueles que se "renderam" ao ícone, os benefícios são mais ilusórios do que reais e tenderão a estar presentes quando o ícone é reforçado pela presença da família. Além disso, os fragmentos que abdicam da terceira mónada terão dificuldade em cumprir o ícone adulto escolhido quando houve o "rompimento" com a família, e tenderão a ter um ícone adulto o mais parecido possível com o ícone da infância.

Considerando uma família alargada como uma tribo — o que, de facto, ela é — pensaríamos que a atribuição de "funções", ou seja, ícones, é uma parte essencial para a sobrevivência. Dado que dentro da maioria das sociedades tribais que restam hoje o fragmento individual é menos "importante" do que o papel que ele ou ela

desempenha na tribo, é fácil perceber a significância do ícone e apreciar a sua necessidade para o jovem ao "ganhar o seu sustento".

Esta não é uma consideração trivial na maioria das sociedades tribais pois, quer sejam sedentárias ou nómadas, as exigências da vida diária são estritamente proscritas e devem ser cumpridas antes que qualquer expressão de individualidade se torne desejável ou possível. O ícone, portanto, é uma ferramenta para promover a continuidade da tribo, tal como as lendas da tribo são, de facto, os antecedentes diretos das "lendas" familiares do mundo "moderno".

Desejaríamos dizer que em sociedades e culturas como esta, que foram além dos conceitos e "requisitos" tribais, a identidade é uma coisa inteiramente diferente para os fragmentos, na medida em que deve abordar muito mais do que o ícone familiar pode "gerir". Em sociedades complexas e multiculturais como esta, o ícone é mais essencial do que nunca para o jovem confrontado com as intrincadas questões da vida diária. Sem um ícone para fornecer contexto — mesmo que seja um negativo — todo o problema é propenso a revelar-se avassalador e ameaçador para além da compreensão adulta, devido à falta de experiência cumulativa, que é a base para o que chamam de bom senso.

Um grande número de crianças autistas, que não estão seriamente comprometidas na função cerebral ou não estão envolvidas na queima de fitas cármicas, estão, de facto, sem ícones para lhes fornecer uma "entrada" no mundo, o que, como não seria de esperar, provoca o isolamento. A criação artificial de um ícone "após o facto", se ocorrer após a segunda mónada interna, é de pouca utilidade para tais crianças, pois a "janela de oportunidade" foi perdida e a mónada está incompleta. Pensaríamos que fornecer contexto àquelas crianças autistas que não estão comprometidas na função cerebral e não estão a queimar fitas cármicas poderia, pelo menos, mitigar o terror que experienciam quando confrontadas com o mundo.

Existe uma "boa razão" para o terror pois, sem a estrutura fornecida pelo ícone, o fragmento muito jovem não tem meios para escolher um meio de desencadear a ação de vida. É interessante notar que muitas das famílias com uma criança autista relatam a maior "incerteza" ou "ambivalência" sobre ter a criança, isto é, se forem sinceras. Isso não significa que muitas crianças autistas sejam indesejadas. Nós não dissemos isso e não o sugerimos. Apenas dizemos que aquelas crianças autistas que o são por terem um ícone mal definido ou nenhum de todo não foram percebidas como tendo um "lugar" para ocupar na estrutura familiar, o que levou os fragmentos em questão a procurar um "refúgio" onde pudessem encontrar o menos de confusão possível.

«E quanto às lendas familiares que o Michael mencionou? De onde vêm? O que são e que função cumprem?»

Todas as famílias, mesmo as mais caóticas, têm lendas que contam sobre si próprias, isto é, o relato narrativo — não lhe chamaremos história, pois os factos muitas vezes têm pouco a ver com isso — das "raízes" e desenvolvimentos da família. Estas lendas são "essenciais" para se definir a si própria e apresentar as suas aspirações aos membros dentro dela. Todas as personagens têm os ícones como seus arquétipos e pensaríamos que as discussões em feriados ou datas festivas revelariam muito, caso escolham ouvi-las neste contexto.

Pode haver contos sobre o Tio Willy, o Gastador, que era Encantador e um pouco Vigarista mas Nunca Maltratou uma Mosca. O seu sobrinho, que recebeu o seu nome, tem o fardo duplo do seu próprio ícone e de um grau do ícone do seu tio, como acontece com todas as crianças que recebem nomes de membros mais velhos da família, que é uma das muitas razões pelas quais pensaríamos que mais fragmentos escolheriam dar aos seus descendentes novos nomes, a fim de tornar o processo de ter uma identidade menos "árduo" do que é. Aliás, os "juniores" são os mais sobrecarregados de todos, e as expectativas sobre tais crianças são muitas vezes tão contraditórias que o "sentido de si próprio" é "colorido" pela perceção que a criança tem do ícone do "sénior".

Para retomar o cenário da reunião familiar e a recitação "tradicional" da "lenda". Pode haver contos sobre a **Santa Tia Sarah**, que passou anos a fazer trabalho de caridade — na verdade como uma forma de evitar lidar com um marido abusivo, mas relatado como tendo um "coração de ouro" — que Sacrificou Tudo pelos Outros. Existem também pequenas "parábolas" familiares, como A Vez que o Timmy Comeu um Galão de Gelado, ou O Valor do John quando a Casa do Vizinho se Incendiou e Ele os Ajudou a Escapar, ou A Terrível Mudança que Ocorreu na Helen após o Tom Regressar do Vietname, ou Porque é que o Divórcio da Penny foi um Erro Tão Grande, ou Porque é que o Casamento do Harold foi Quase um Desastre, ou Como o Tio Lou Conseguiu o Seu Primeiro Negócio após Sair de Casa, ou O Mapa do Tesouro da Avó Alice, ou O que Aconteceu ao Primo Benjamin em Paris, ou A Tola Vendeta entre a Tia Sandra e a Tia Betty. Pode haver também novas adições à lenda, como o **Chuck**, que está prestes a entrar na terceira mónada, cujo ícone familiar é O Malandro Capaz, e que é Esperto como um Alho, ou a Diana, aos quinze anos com problemas na escola, cujo ícone é A Desajustada, e que tem Falta de Direção. Talvez um dos adultos tenha um ícone adulto de O Árbitro ou O Magistrado Sábio, e será aquele a "editar" a lenda e a preservá-la para uso futuro. Existe também o tesouro dos males familiares: Porque Não Nos é Permitido Progredir, O que Nunca Recebemos Crédito Por, Porque é que o Sistema nos Lixa, Como as Nossas Realizações são Ignoradas, e recitações semelhantes de infortúnios, reais e imaginários, formam a maior parte desta lenda familiar negativa, e pensaríamos que alguma forma delas poderá ser familiar para a maioria dos fragmentos, embora isto aconteça menos frequentemente em famílias multiculturais do que em famílias monoculturais.

As famílias, ou seja, as famílias nucleares de pais e descendentes, possuem habitualmente um ícone para a unidade familiar, tal como, mas não se limitando a: A Aventura Segura, Os Cidadãos Modelo, Os Frustrados, Os Infatigáveis, Os Desajustados, O "Bando" Diverso e Talentoso, e designações semelhantes. Estes ícones familiares são o resultado de um "propósito" partilhado e são, geralmente, mais fáceis de estabelecer em famílias onde a cultura e a sociedade são comuns a ambos os progenitores. Quanto mais divergentes forem as influências societais dos pais, menos categoricamente definido tenderá a ser o ícone familiar. Independentemente de como o ícone familiar é estabelecido e mantido, ele "molda" as perceções dos fragmentos em termos da abordagem ao mundo em geral e tem muito a ver com o estilo. Isto é, naturalmente, incorporado na lenda familiar e geralmente reforçado pelas recontagens das lendas.

**"E quanto aos adultos solteiros, ou famílias monoparentais, ou famílias divorciadas, ou famílias sem filhos, ou crianças adotadas, ou órfãos? Como é que tudo isto os influencia?"**

Para responder por ordem às questões colocadas: Os adultos solteiros, sob o início da quarta mónada, são "coloridos" pelo ícone familiar, e podem ter um sentido persistente dos ícones familiares, no sentido de que haverá uma ligação, não estritamente definida após a terceira mónada interna, que continuará a influenciar a forma como o fragmento solteiro aborda o mundo, a menos que tenha havido um distanciamento completo da família, caso em que o adulto solteiro provavelmente criará um ícone adulto para si próprio como meio de assegurar a independência e uma identidade separada da família em questão.

A "razão" para a solteirice também desempenha um papel, pois se o fragmento se tornou freira ou é um médico da UNICEF em África, o impacto é diferente de quando o fragmento é um "workaholic" — uma expressão que, incidentalmente, consideramos enganadora e imprecisa — ou se o fragmento tem andado a "saltar de flor em flor". Se o fragmento permanecer solteiro após a quarta mónada interna, pensamos que a maioria terá "evoluído" para os seus próprios ícones adultos, que tenderão a influenciar todas as parcerias assumidas pelo fragmento após esse momento.

Os fragmentos que se tornam solteiros no final da meia-idade ou na velhice têm dificuldades, pois geralmente o ícone familiar baseia-se numa parceria que já não está disponível. Para tais fragmentos, a sensação de "desconexão" ou "falta de rumo" está frequentemente presente. Se a família alargada estiver "intacta", existe um grau de reforço para o fragmento viúvo ou divorciado que torna a perda do parceiro mais "compreensível", pois o contexto está disponível e uma gama "aprovada" de reações foi apresentada ao fragmento.

Mas se não houver uma família alargada para fornecer "lastro", não é invulgar que tais fragmentos idosos assumam comportamentos de curto ou longo prazo que

poderiam ser descritos como levemente autistas, ou seja, em "estado de choque", até que algum novo contexto seja encontrado e o ícone modificado o suficiente para proporcionar um sentido de função ao fragmento.

Nas famílias monoparentais, a razão para a monoparentalidade é significativa, bem como a fase em que a solteirice se encontra; no caso de um fragmento ter perdido o cônjuge, existe um ícone adulto que já não está "acessível" e que, por isso, pode ser "santificado", o que é doloroso mas não confuso, sendo prontamente incutido na lenda familiar em termos facilmente compreendidos, podendo ser venerado em segurança como "memória", em vez dos resultados "desordenados" de quando o cônjuge apenas "partiu" e não morreu. Quando o progenitor é solteiro devido a divórcio, a situação iconográfica é mais complexa, pois embora o fragmento ausente esteja "acessível", isto é, vivo, o fragmento já não faz parte da estrutura iconográfica familiar. Isto é muito confuso para todos os fragmentos envolvidos, particularmente para as crianças mais novas, a maioria das quais anseia por ter a exibição iconográfica completa à mão para reforçar a sua própria validade.

A maioria dos pais que se divorciam "renegam" os seus ícones familiares adultos e tentam estabelecer novos no contexto dos ícones familiares revistos. Quando um ou ambos os ex-parceiros falham nisto, podem surgir conflitos graves e o "dano" é possível para todos os fragmentos envolvidos, pois não só as "expectativas" adultas são negadas, como as crianças não são autorizadas a aceitar a mudança na família, porque a iconografia ainda está presente e, como tal, "exige" certas respostas de todos os membros da família.

Muitas vezes, o processo "necessário" de luto pelo fim de uma família é adiado por anos devido a uma "manutenção" iconográfica inadequada, o que leva a uma espécie de "bloqueio" iconográfico familiar onde os ícones recebem precedência sobre a "realidade", impedindo assim a libertação emocional.

Para famílias sem filhos, continuam a existir ícones adultos e ícones familiares, baseados primariamente na parceria, embora o contexto da parceria seja, naturalmente, miríade. Estas relações têm ícones menos "fixos" do que as famílias com filhos, e estamos cientes de que isto pode ser tanto benéfico como não benéfico, dependendo dos fragmentos envolvidos e da necessidade de definição nas relações.

Para algumas famílias sem filhos, a própria falta de crianças é percebida como uma "calamidade" e o reconhecimento da família como sendo uma família por parte de outros geralmente não acontece, sendo a parceria vista como "incompleta" e os parceiros como dignos de pena ou egoístas pela sua falta de descendência: por vezes é impossível para as famílias alargadas verem como válidas quaisquer parcerias de vida que não produzam filhos e, nestas instâncias, o distanciamento não é invulgar. Isto, pensamos nós, é uma perceção limitadora e, para aqueles que assim o escolham, uma definição mais abrangente de família poderia não ser desadequada, não só para si próprios, mas para os outros ao seu redor, em antecipação ao dia em

que os filhos crescem e a família se definirá de forma diferente, independentemente do ícone. Existem também casais que perderam os seus filhos prematuramente, através de doença, acidente, crime ou "convulsões", caso em que se torna necessário para eles "reinventarem" o seu ícone ou assumirem a tarefa impossível de tentar manter o ícone sem os componentes familiares que o validam.

Onde ocorrem adoções, é uma questão de saber que idade tem a criança adotada, quem a está a adotar e as circunstâncias que envolvem o processo de adoção. Se a criança está a ser adotada ou cuidada por membros da família, o ícone parental continua com apenas uma pequena modificação e um estatuto ocasional de "privilégio" para a criança devido à adoção. Se a criança é um recém-nascido adotado pouco depois do nascimento, o ícone dos pais adotivos — frequentemente muito "estrito" devido ao desejo dos pais de terem filhos — torna-se o "ícone de registo" e, embora possa existir um ícone parental real pré-existente, este terá pouca influência sobre a criança, embora o progenitor possa ter manifestações persistentes do ícone com as quais tenha de "lidar".

Se, contudo, a criança adotada não for um recém-nascido mas tiver menos de três anos, o novo ícone tornar-se-á, de facto, um ícone duplo; isto pode levar a reais mal-entendidos na altura da terceira mónada interna, pois sair do ninho com um ícone não reconhecido como "bagagem" pode ser penoso para todos os envolvidos, visto que o ícone não reconhecido continuará "operativo" para o jovem fragmento, embora outros possam não estar cientes disso. Pensamos que os serviços de alguém qualificado em negociações familiares poderiam ser úteis para tal fragmento durante a terceira e quarta mónadas internas, caso o fragmento escolha consultar um negociador competente.

No que diz respeito a crianças numa família "recém-formada", como após um divórcio ou viuvez, mais uma vez, o impacto do ícone depende de quando a nova estrutura familiar é estabelecida. Se a criança ou crianças têm mais de três anos, então os ícones não mudam muito, embora, naturalmente, o ícone familiar mude, e podem resultar abrasões ocasionais. Permitamo-nos divagar neste contexto e lembrar-vos que, até há pouco mais de um século, o casamento para toda a vida, em média, significava doze a quinze anos, com os homens a sobreviverem às mulheres numa média de seis anos. Devido a vidas mais longas e saudáveis, os casamentos tendem a ser mais longos, mas isso não significa que devam ser concursos de "resistência". A maioria dos ícones familiares ainda sofre de um "atraso cultural" e não é concebida para acomodar mais do que a criação dos filhos, embora este claramente já não seja o caso. Uma vez que a criação de ícones não é uma "decisão consciente", pensamos que poderá ser difícil alterar os padrões num futuro próximo, mas no que toca a lidar com ícones familiares, pensamos que uma maior acomodação não seria desadequada para todos os envolvidos.

Onde múltiplos cuidadores estão envolvidos na vida de uma criança pequena, como uma sucessão de amas ou um número de famílias de acolhimento, pensamos que os problemas seriam óbvios — ícones a mais e demasiado mal definidos impostos a uma criança de tal forma que o sentido de "como se integrar" nunca chega a consolidar-se plenamente, e o fragmento é deixado a funcionar sem um contexto bem estabelecido. Isto pode ser muito mais angustiante do que ter um ícone "inadequado", pois a falta de definição torna quase impossível "desfazer-se" das expectativas associadas ao ícone de modo a que o fragmento consiga sair do ninho na terceira mónada interna, em grande parte porque o fragmento nunca esteve verdadeiramente num ninho, para começar.

No caso de órfãos criados em instituições, mais uma vez, pensamos ser óbvio que os padrões já citados mostram como os ícones funcionam, dependendo da idade do órfão e das circunstâncias da perda dos membros da família. Para crianças que foram abusadas e negligenciadas, pensamos que removê-las para um ambiente "mais seguro" é não só aconselhável mas "necessário" se se pretender preservar qualquer sentido real de personalidade na criança abusada.

Para aqueles que ficaram órfãos por doença ou desastre, pensamos que a natureza do choque, embora diferente da de uma criança abusada ou negligenciada, seria igualmente severa, e a necessidade de reforço da personalidade tão marcada como na criança abusada. Dada a natureza dos orfanatos, no entanto, existe uma carência de um verdadeiro ícone familiar, o que serve para confundir e desorientar as crianças criadas em instituições. Onde o ícone familiar foi invalidado e as crianças ficaram sem um ícone familiar substituto para "honrar", as "apostas" para manter o ícone familiar pessoal sobem drasticamente, podendo levar a muitas dificuldades tanto para as crianças como para os cuidadores.

Encorajaríamos aqueles que prestam cuidados a crianças neste contexto a estabelecer um ícone de apoio e generalizado para o seu grupo, num sentido tribal, e que este fosse mantido por todos os que prestam cuidados às crianças como meio de diminuir a confusão que tal educação pode causar, mas sem tornar o ícone familiar tão avassalador que anule todos os outros ícones nas vidas das crianças institucionalizadas. Naturalmente, tais ícones de família alargada são tanto uma questão de escolha como qualquer outra coisa na vida, e não há nenhuma "razão" imperativa para escolher fazê-lo, além de facilitar o caminho das crianças que escolham ser facilitadas.

Pode ser do vosso interesse notar aqui que todas as espécies com alma e mobilidade independente possuem alguma forma de estrutura de ícone como parte do seu quadro "cultural", embora nem sempre se baseie em ligações genéticas. Nalgumas instâncias, o território é o fator crucial; nalgumas instâncias, é uma questão de aparência; nalgumas instâncias, é uma questão do que chamariam de "sotaque"; nalgumas instâncias, o ícone reflete "precedência" histórica; e nalgumas

instâncias, a comunhão seria inexplicável em qualquer contexto reconhecido pela vossa espécie, embora vos asseguremos que tal comunhão existe sempre.

**"Poderia o Michael descrever o que percecionam como a estrutura familiar mais viável para a nossa espécie?"**

Assumindo que não existem outras considerações nas escolhas familiares, tais como carma, acordos, mónadas externas ou fatores semelhantes, e que todos os membros da família são saudáveis e funcionais: pensamos que, enquanto as crianças são pequenas, o núcleo central deveria ter pelo menos três cuidadores primários adultos, dois deles preferencialmente os pais das crianças.

O cuidador adulto extra serve para atuar como equilíbrio e alívio para os pais, bem como para alargar a compreensão da criança sobre a estrutura familiar e dar a oportunidade de a criança perceber múltiplos pontos de vista dentro de um contexto seguro. Haveria também uma família alargada suficiente para proporcionar à criança um sentido de uma sociedade mais ampla, bem como assegurar à criança o sentido de ter um lugar nessa sociedade alargada, e uma "dispersão" suficientemente ampla de "tipos" culturais para refletir a natureza da sociedade onde a criança vive, para que a própria "estranheza" não crie medos societais na criança.

Isso não significa que todas as famílias "reais" tenham de seguir este modelo, apenas que, da nossa perceção, este arranjo é o mais funcional de todos os que observámos ao longo do tempo. Pensamos também que a oportunidade de as crianças pequenas passarem tempo na sua "própria" companhia não é desadequada, para que o fragmento possa "organizar" toda a informação da juventude que inunda o mundo da criança todos os dias.

**"Isso não é pedir muito aos pais?"**

Nós não pedimos nada a ninguém. Apenas apontamos que o trabalho de ser pai ou mãe é mais complexo do que geralmente se assume. Relembramos que não está dentro do nosso "âmbito" ou "desejo" fazê-lo, mesmo que tivéssemos a capacidade para tal. Fizeram uma pergunta e nós fornecemos a nossa resposta tal como a vemos, sem quaisquer expectativas "aderentes" à resposta. Podem escolher exercer a "parentalidade" da forma que desejarem. Não há nada na nossa resposta que "exija" algo de vós, nem sequer a vossa atenção, pois isso negaria a escolha.

Mas estamos cientes de que, dada a natureza da sociedade humana, o modelo para os pais é variado e potencialmente avassalador. Os pais tendem a esperar muitas coisas de si próprios, e pensamos que não seria desadequado que estivessem conscientes do que são essas expectativas antes de assumirem a "tarefa", embora, claro, tal cognição seja uma questão de escolha, como são todas as coisas. No entanto, permitam-nos observar que, se as famílias estivessem mais dispostas a reconhecer e validar os vários trânsitos monadais dos seus membros, haveria menos instâncias de "angústia" dentro das famílias e significativamente menos "alienação"

para aqueles que completaram a quarta mónada interna, pois frequentemente percebemos agora que os membros da família interpretam estes trânsitos como críticas ou "rejeições" da família, o que, naturalmente, não são. Na verdade, quando um membro da família completa e valida a quarta mónada, a família "deveria" estar disposta a dar-se ao crédito de ter proporcionado a segurança e a oportunidade para que o trânsito ocorresse. A única vez em que este não seria o caso seria quando os fragmentos realizam tais mónadas internas significativamente cedo ou tarde, pois ambos os cenários indicam um nível de "pressão" sobre o fragmento que realiza o trânsito, o que não é Bom Trabalho e pode trazer muita dor "desnecessária" para o fragmento em trânsito.

Aqueles fragmentos que possuem ícones referenciais a outros membros da família — O Anjinho da Mamã, Uma Verdadeira Menina do Papá, Um Tributo Vivo ao Avô, O Melhor Irmão Mais Velho do Mundo, e assim por diante — estão aptos a experienciar o "conflito" mais agudo durante os trânsitos monadais com o fragmento ao qual o ícone está ligado, pois em muitas famílias as crianças são "tacitamente" divididas entre os pais de uma forma que pode ser bastante arbitrária, tendo mais a ver com os ícones familiares do que com qualquer outro aspeto das escolhas de vida.

Pensamos que todos os aqui presentes já perceberam tais "divisões" familiares no passado. Existem também famílias em que os pais assumem uma postura de "eles-contra-nós" em relação aos seus descendentes, e ocasionalmente em relação às suas famílias também, como pais mais velhos e irmãos.

**"Então a competição entre irmãos pode ser o resultado da iconografia familiar?"**

Claro que pode, embora também possa refletir expectativas societais e arquétipos, bem como experiências passadas e *overleaves* atuais, além de aspetos como a ordem de nascimento e padrões culturais de "favor" refletidos em coisas como aparência, género, talento, competências, comportamento e fatores reconhecíveis semelhantes. Pensamos que seria útil considerar o "dogma" da competição para compreender qual é a fonte. Nos irmãos mais velhos, há sempre a questão dos traços principais (*chief features*), que são obtidos no início da terceira mónada interna e são mais fortes quando a terceira mónada interna é abdicada, pois então não existem as perceções do trânsito para mitigar o medo que impulsiona os traços principais. No entanto, na juventude, concordaríamos que a iconografia familiar tem frequentemente um papel significativo na maneira como os fragmentos se relacionam uns com os outros e, uma vez que a iconografia familiar tende a ser reforçada pela própria família, os padrões podem estar bem estabelecidos muito antes de a validade de tal rivalidade poder ser questionada pelos participantes. Em muitos casos, os padrões persistem muito depois do trânsito e da validação da quarta mónada interna.

**"Quando se trata de fazer uma família funcionar bem, na visão do Michael sobre essas coisas, há algo que possa ser útil fazer ou algo que faríamos bem em evitar?"**

Não sois, naturalmente, compelidos de forma alguma a agir de acordo com o que dizemos, mas para responder à questão, diremos, com a ressalva de que tudo é escolhido, que em termos do que é mais útil para os membros da família, pensamos que aqueles que escolhem ouvir os outros membros da família com o mínimo de reverência possível ao ícone, e com a capacidade de compreender a diferenciação experiencial, estariam a fazer um Bom Trabalho. Quanto ao que seria útil evitar, novamente, se for vossa escolha fazê-lo, pensamos que as expressões de desprezo são as mais disruptivas dentro das famílias, muito mais do que expressões de raiva ou de descontentamento.

A maioria dos fragmentos familiares consegue "aguentar" melhor uma calamidade do que "resistir" a uma barragem de comentários depreciativos, por mais "bem-intencionados" que sejam. O desprezo é, do nosso ponto de vista, a atitude "aceitável" mais impulsionada pelo medo nesta ou em qualquer cultura, e também potencialmente a mais "destrutiva". Existem, naturalmente, sociedades e famílias que "consagram" o desprezo sob a forma de todos os vários "ismos" do vosso vocabulário contemporâneo: racismo, sexismo, idadismo, saudismo (*health-ism*), alturismo (*height-ism*), aspetismo (*looks-ism*), laboralismo (*work-ism*), dinheirismo, celebrismo e uma hoste de outros.

Até recentemente, a maioria desses ismos dentro da vossa sociedade tinha apoio religioso geral e, portanto, não podia ser facilmente questionada sem trazer mais problemas para o fragmento que questionasse. Isto extravasa das famílias para as sociedades e para as culturas muito facilmente, como qualquer revisão da história e de outros países revelará. Percebemos que o desprezo permite um grau de solipsismo que reforça o medo ao tornar todos os fragmentos, exceto aquele que manifesta o desprezo, menos "válidos" e, portanto, de "menor consequência". A maioria dos fragmentos nesta e em todas as sociedades ocidentais responde ao desprezo com ressentimento. Quando tais padrões se desenvolvem dentro de uma família, os seus resultados são verdadeiramente devastadores, se não obviamente, de formas encobertas.

**"Então o autocontrolo é necessário?"**

Não por nós, mas pela vossa sociedade e cultura. Isso não quer dizer que não seja um Bom Trabalho ter algum "travão" nos vossos impulsos, pois demonstravelmente isto é "encorajado" na sociedade, e é uma escolha válida para ações societais, sendo igualmente válida dentro das famílias. No entanto, não é desadequado recordar, caso escolham fazê-lo, que o que constitui autocontrolo muda de sociedade para sociedade, de cultura para cultura, de era para era e de família para família.

Um pescador grego no século X, da era comum, demonstraria desagrado com a sua família de uma forma muito diferente de um pescador samoano do mesmo período ou de um pescador grego nesta fase da evolução da vossa espécie. Por um lado, a posição societal do pescador é diferente em todos os casos citados, e o que desagradaria a um chefe de família em todas estas instâncias é dissimilar.

O autocontrolo para os membros da família pode constituir o manter-se dentro de portas por um período de tempo para "manter as coisas em família"; pode consistir em algumas observações acaloradas seguidas de uma tentativa de envolver um transeunte ou conhecido casual em combate; pode consistir no uso de algumas das técnicas de superação que sugerimos ao longo dos anos [e algumas das quais são descritas no último capítulo]; e pode consistir em disciplinas religiosas ou físicas para reforçar o comportamento desejado.

O autocontrolo, quando provém do reconhecimento interior da validade dos outros, é Bom Trabalho. Quando um fragmento escolhe valer-se de alternativas à agressão, pensamos que isto pode ser considerado como um sinal de validação da "realidade" do ponto de vista do outro fragmento, sem necessariamente o endossar. Quando é alimentado pelo traço principal (*chief feature*), pode alcançar em grande parte o mesmo "benefício" exteriormente, mas interiormente é "carente" de validação. Em qualquer caso, as escolhas são escolhas e, como tal, são válidas.

**"Que tipo de coisas as crianças aprendem antes dos dois anos? O que é que uma grande rutura familiar nesta altura faz ao processo?"**

Todos os conceitos de propriedade e comportamento são aprendidos antes de ocorrer o processo de individualização. A maioria da estética, a maioria do gosto pela comida, a maioria do gosto pelo ambiente, a maioria dos padrões de atratividade, a maior parte da relação entre comportamento "favorável" e "desfavorável", a maioria da conduta religiosa e a maioria das afinidades com vários povos e grupos — embora, no último caso, isso possa ser significativamente influenciado por vidas passadas, tal como a estética. O resto é, mais ou menos, um produto da vida imediata.

Quando ocorre uma interrupção importante durante este período — que pode incluir uma lesão ou doença grave, a morte de um progenitor ou irmão, a recolocação drástica da família, um desastre natural, guerra e eventos abrangentes semelhantes —, o Infante pode desenvolver uma dúvida profunda sobre o que foi aprendido, e não é improvável que, em vida posterior, o fragmento questione ou rejeite a validade da experiência precoce. Isto pode tornar-se numa abertura de espírito que de outra forma não ocorreria; pode provocar um comportamento "marginal" (*outlaw behavior*); pode levar a compulsões e obsessões (que vós rotulais erradamente como vícios); pode trazer uma vida inteira de "procura" por "respostas"; pode provocar uma desinclinação para retomar o processo familiar, e assim por diante para todos os fragmentos que experienciam a rutura.

Existem fragmentos — estatisticamente mais vezes os de polaridade de ação do que outros, pois tal transparece nas vidas de fragmentos de polaridade de ação doze por cento mais do que é habitual para outros — que ocasionalmente terão uma "sequência" de vidas familiares interrompidas. Isto resulta ocasionalmente em o fragmento ter uma série de ícones familiares a "assombrá-lo" como resíduos de vidas incompletas. A confusão pode resultar disto, particularmente se as memórias das vidas passadas estiverem "perto da superfície". Em casos deste tipo, o fragmento com os ícones "sobrantes" tenderá a ter mais dificuldade do que a maioria em "integrar-se", devido a remanescentes de outros conjuntos de expectativas familiares.

Pensamos que poderá "valer a pena" introduzir tais crianças cedo à arte do mundo, pois o contexto do passado é geralmente mais nitidamente diferenciado na vossa espécie através da estética visual do que através de qualquer outro processo prontamente acessível. O mesmo meio de acesso ao passado está disponível para todos os fragmentos, naturalmente, mas para crianças com uma série de inícios de vida não resolvidos, pensamos que a apreciação do que veio antes ajudaria a estabelecer a diferenciação experiencial dentro do fragmento em questão.

**"Quanta influência têm as vidas passadas na vida familiar atual?"**

Essa pergunta não é possível de responder numa base geral, pois envolve instâncias muito mais específicas do que é praticável. Cada caso é, naturalmente, único. No entanto, daremos alguns exemplos a fim de vos ajudar a avaliar a gama de tais "aspetos".

[Michael acha isto muito engraçado]

Estamos cientes, por exemplo, de muitas instâncias de fragmentos a realizar a mónada externa progenitor-filho, ou seja, cada um "trocando" o "papel" complementar a fim de assimilar a experiência. Este é frequentemente o tipo de relação progenitor-filho mais "duradouro", e sustenta-se bem para além do ponto em que seria socialmente esperado que mudasse. Isso não significa que todas as filhas solteironas "cativas" e todos os "meninos da mamã" estejam presos na mónada externa progenitor-filho.

Nós não dissemos isso e não o implicámos. De facto, essa mónada não tem a "intenção" de infantilizar a parte-filha da dupla monadal, mas sim de ter disponível toda a gama de experiência, incluindo a idade adulta partilhada e a velhice do progenitor, embora, naturalmente, nem todas essas relações sejam de natureza monadal.

Também estamos cientes de muitos fragmentos com várias associações passadas com membros da família imediata, embora devamos acrescentar que nem todas as associações passadas foram "favoráveis". Isso não torna o contacto familiar inválido — toda a experiência é válida. Estamos também cientes de um número

significativo de famílias, geralmente de almas Jovens, onde todos estão a ter um primeiro contacto e escolheram a estrutura familiar como uma forma de se conhecerem.

Pensamos que é um método tão "direto" como qualquer outro e, num mundo de almas Jovens como este, pensamos que é uma abordagem "típica" de alma Jovem para a "tarefa em mãos", pois coisas como a iconografia familiar encaixam-se perfeitamente no lema da alma Jovem: "Faz à Minha Maneira". Existem muitas outras possibilidades, claro, e cada uma não é mais nem menos válida do que qualquer outra. Asseguramos-vos que a experiência de família é miríade nas suas implicações, e a expressão da experiência é tão diversa quanto toda a gama de diferenciação experiencial.

**"Falando de diferenciação experiencial, não é a família uma das melhores formas de a ver em ação?"**

Se for isso que escolherdes, sim, claro, na medida em que é possível para todos os fragmentos olharem para a mesma experiência de forma "coerente", caso escolham fazê-lo. Mas teríamos de vos lembrar que os ícones podem intrometer-se na avaliação, se não forem reconhecidos pelo que são. A diferenciação experiencial é "prejudicada" por dogmas de todos os tipos, incluindo a iconografia familiar, que tenderá a apoiar a versão de um fragmento como sendo mais válida do que a de outro.

Além disso, há muito reforço nas lendas familiares sobre a validade contínua da família como tal, o que significa que há pressão para considerar cada contacto como sendo "o mesmo" que qualquer um dos contactos anteriores, o que vos asseguramos que não é. Cada contacto é, naturalmente, único, e um meio válido de diferenciação experiencial, nem que seja pelo facto de o vestuário usado tender a ser diferente de uma ocasião para a outra. Em geral, pensamos que a diferenciação experiencial familiar, sem o "cacete" do dogma iconográfico, proporcionaria uma série de *insights* bem-vindos, bem como os meios para diminuir os mal-entendidos habituais.

**"E quanto àqueles que perderam, foram rejeitados por, ou rejeitaram as suas famílias?"**

Pensamos que as razões percebidas para isto seriam cruciais de modo a fornecer uma resposta à vossa questão. Pensamos também que esta pergunta revela alguns dos conflitos básicos entre a sociedade-como-família e a família-como-sociedade. Mas em muitas instâncias, tais respostas são de natureza iconoclasta [literalmente, destruidora de ícones], seja por parte da família que rejeita ou por parte do fragmento rejeitado. Isso não quer dizer que todos os "vagabundos", "dependentes de drogas", "loucos", "membros de seitas" e afins estejam em missões iconoclastas, pois não estamos a dizer isso. Pensamos que saber algo sobre a

natureza do plano de vida, para não dizer nada sobre as últimas vidas, poderia fornecer uma visão sobre estas escolhas.

Gostaríamos também de salientar que uma das lições do ciclo maduro para todos os fragmentos é servir honradamente um mestre corrupto. Naturalmente, a maioria dos mestres corruptos não se perceciona como tal, mas sim inclina-se a pensar em si próprios como "cruzados", "messias", "revolucionários" e, mais consistentemente, "heróis". Assim, fragmentos que põem de lado as suas famílias e ícones para tal experiência podem muito bem ter-se "inscrito" para ela, como no caso de três das seguidoras femininas de Charles Manson que ainda estão na prisão pela sua devoção ao heroísmo autoproclamado dele.

Quando as famílias "expulsam" os filhos, o fator mais "revelador" é a idade em que isto ocorre e quanta pressão relacionada com o ícone está a funcionar no momento da "expulsão". Pensamos ser óbvio que as famílias com filhos abandonados antes dos cinco anos de idade estão no auge de exigências externas ou de tal pressão interna que continuar com as obrigações de serem pais está além dos limites "aceitáveis".

Isto é especialmente verdade em famílias monoparentais, onde o agregado familiar é tão "intrusivo" como as exigências imediatas da família. Se uma criança é separada de uma família por causas externas — desastre, guerra, etc. —, então o "significado" é, naturalmente, diferente daqueles "desconhecimentos" provocados por tensões internas. Na maioria dos casos, pensamos que algum grau de "ineptidão" parental seria um fator, ou uma disputa iconográfica demasiado enorme para ser "ajustada". Onde filhos adolescentes ou mais velhos estão em conflito, pensamos que ícones familiares a colidir com expectativas sociais estão envolvidos em algum nível.

E não é improvável que o comportamento da criança seja exacerbado pelo reconhecimento do conflito iconográfico. Onde os pais são forçados a sair das famílias, tais como através de divórcio, ações criminais, considerações de saúde, perturbação mental, necessidade geográfica, "realidades" económicas, pressão religiosa ou política, pensamos que não é invulgar descobrir que os ícones parentais não são suficientes para lidar com as tensões adicionadas à estrutura familiar. Em todos os casos, pensamos que uma revisão da iconografia familiar não seria desadequada quando surge a turbulência, caso opte por fazê-lo.

**"Pode o Michael dar algumas sugestões sobre como evitar ser 'enganado' (*suckered*) pelos ícones familiares?"**

Se por enganado quer dizer "ludibriado", pensamos que um grau disso é inevitável, pois "negar" o ícone é remover a estrutura necessária da família e dos indivíduos dentro dela. No entanto, não seria desadequado ter em mente que todas as perceções de todos os membros familiares são, naturalmente, distorcidas e, por

causa disso, cada fragmento individual pode ter perceções totalmente inválidas dos outros dentro da família. Também é útil recordar que, embora um fragmento adulto possa adquirir um ícone adulto, dentro da família na qual o fragmento é/foi uma criança, o ícone da infância reina preeminente e numa posição singular e duradoura.

Também não é inapropriado, caso escolha fazê-lo, manter-se afastado do dogma iconográfico ao recusar negar as perceções dos outros, por mais "fora do habitual" que possam parecer. Afirmações como: "Tu não queres dizer isso" e/ou "Como podes pensar tal coisa?" causam um "dano" real na validação para o fragmento que faz o "inesperado".

Nas famílias, não há uma fórmula para um caminho "certo" porque, naturalmente, o caminho certo não existe; e pensamos que reconhecer a iconografia familiar pelo que ela é, não com o propósito de a rejeitar, mas permitindo a sua função para evitar que se torne um dogma imutável, seria um *insight* muito louvável para aqueles que escolham empreender tal tarefa.

Ao lidar com a natureza das famílias no contexto imediato da vida quotidiana, teríamos de observar que percebemos os muitos usos "necessários" da iconografia familiar, mas também percebemos as suas muitas limitações, e pensamos que para fragmentos dispostos a "estabelecer" um "equilíbrio" evolutivo, pode haver muito *insight* valioso a ser ganho. No entanto, tal "dedicação" não é "exigida", e se não escolher seguir o assunto, não há "erro" nesta ou em qualquer outra escolha.

## CAPÍTULO 5:

## Estar Aqui

Gostaríamos de lembrar a todos os aqui presentes que o processo de viver no plano físico é o foco da "razão" para a vida com alma no plano físico. Qualquer vida onde esta perceção é reconhecida e validada é uma vida na qual a evolução da essência é possível. Noutros planos de existência não há uma manifestação contínua e reconhecível do "tempo" ou dos aspetos de escolha que derivam dos perigos do plano físico.

Em nenhum outro plano a escolha tem tantas formas de manifestação como no plano físico, e em nenhum outro plano de existência a natureza do próprio plano incide tão implacavelmente sobre os fragmentos ali existentes. Portanto, podeis considerar grande parte da vossa tarefa em mãos relacionada com o processo de estar no plano físico, pois é por isso que escolhestes estar aqui em primeiro lugar.

Não há "atalho" para sair dos ciclos no plano físico, pois isso negaria o processo de reconhecimento e validação. Existe apenas a evolução e, para cada fragmento, a evolução é o resultado das escolhas feitas por esse fragmento. Realizar a evolução mais rapidamente ou menos rapidamente do que outros fragmentos não

tem um "valor" associado, e é um mal-entendido assumir que tem. A progressão dos dias é uma experiência válida, e todos os dias, não importa quão muitos ou quão poucos, são igualmente válidos. O que estais aqui para fazer em toda e qualquer vida no plano físico é, de facto, lidar com o plano físico e o estar encarnado na espécie humana.

Isso não significa que viver seja um concurso de resistência sombrio com o ambiente físico, embora possais escolher vê-lo dessa forma, ou que cada segundo seja tão precioso que a vida deva ser prolongada a qualquer custo e sob quaisquer circunstâncias, embora, novamente, possais escolher vê-lo dessa forma. Gostaríamos de vos alertar que tais pontos de vista podem fornecer muito "alimento para reflexão" no intervalo astral, mas fornecem pouco em termos de *insights* e, nesse sentido, não são conducentes ao crescimento. A vida raramente é uma experiência "monolítica", ou seja, um bloco único do mesmo material e densidade em toda a sua extensão. Por muito terrível ou afortunada que uma vida específica possa ser, haverá momentos menos terríveis e menos despreocupados, e interações com outros fragmentos que influenciam as perceções dos fragmentos.

A vida, pela natureza da vossa espécie e pela natureza do plano físico, está sujeita a mudanças constantes e, por essa razão, se por mais nenhuma, torna o ajuste uma "necessidade" "física". [Mais um dos trocadilhos do Michael.] A falha em reconhecer isto significa, entre outras coisas, nunca ter o tamanho de sapato adequado, pois os pés, tal como os narizes e as orelhas na vossa espécie, continuam, embora lentamente, a crescer ao longo de toda a vida.

Uma avaliação ocasional das passagens da vida pode ser empreendida, caso escolha fazê-lo, ao longo de um período de tempo, e eventualmente comparada para permitir ao fragmento identificar áreas de crescimento e áreas de "bloqueio" e, caso o fragmento escolha fazê-lo, haveria então uma oportunidade para desenvolver métodos para lidar com o bloqueio.

Incidentalmente, ao fazer uma avaliação, é útil "reservar" o julgamento, o que suspeitamos ser quase impossível para a maioria dos fragmentos, sendo os traços principais o que são. É frequentemente impossível para um fragmento trazer uma visão desimpedida ao processo, que é onde os *insights* de outros podem revelar-se úteis, ou a comparação de *insights* com pelo menos cinco anos de idade. Isto pode parecer árduo e, se for esse o caso, não aconselharíamos tal empreendimento. Se escolherdes fazer a comparação de cinco anos, devemos salientar que "espreitar" interferirá com todo o propósito do "exercício".

No entanto, ter um registo de *insights* pode ser, por si só, revelador. Isto não é de modo algum "exigido", e não o recomendamos se o fragmento não estiver inclinado a tais contemplações, pois isso também derrotaria o propósito do exercício, embora desejássemos acrescentar que é, obliquamente, a força motriz por trás das "Resoluções de Ano Novo".

Os riscos do crescimento — e por isso queremos dizer crescimento de todos os tipos — não são apenas "básicos" para o plano físico, são especialmente percetíveis em espécies com alma e mobilidade independente e, por essa razão, se por mais nenhuma, pensamos que é provável que seja importante "considerar" o crescimento na maioria das avaliações feitas, quer envolva o tamanho da casa a ser construída, o montante necessário para as propinas universitárias numa década ou a loiça necessária para servir um banquete.

O próprio planeta está sujeito ao fluxo e ao alongamento da evolução, e isso pode ter ramificações para as espécies com alma que nele habitam — tanto cetáceos como humanos. Dada a natureza do próprio planeta, pensamos que todos os fragmentos nele existentes tiveram, em algum momento de cada vida, de fazer ajustes abruptos para lidar com as "realidades" da evolução planetária, o que, por sua vez, pode levar ao crescimento por parte dos fragmentos que lidam com as intrusões do ambiente.

Não é "sensato" assumir que uma vida não terá imposições feitas por furacões, inundações, terramotos, erupções vulcânicas e tudo o mais, bem como por mortes, casamentos, nascimentos, divórcios, falências de negócios e todos os outros desenvolvimentos "pessoais", bem como guerras, fomes, pragas e todas as outras catástrofes inclusivas que direta ou indiretamente incidem sobre a vida e "exigem" um ajuste de algum tipo.

Após a questão das intrusões do "mundo real", uma das primeiras lições de ser humano é aprender a fazer contacto com outros membros da sua espécie, começando, na maioria dos casos, com membros da própria família. Obviamente, para os Infantes, isto é feito através do choro. Para fragmentos socialmente adaptados, existem regras estabelecidas para os níveis de contacto que podem ser "corretamente" permitidos em função do que poderíamos chamar de intimidade "social", que é a forma como a maioria das interações sociais são conduzidas, e cada uma é uma espécie de "esquema" de relacionamento.

Existem, naturalmente, sete níveis:

1. **Nível Um (Polidez Padrão):** O que descreveríamos como polidez padrão, em que não se troca qualquer tipo de informação pessoal, mas se reconhece um contacto "social" válido. Por exemplo, diz a um caixa de banco ou a um funcionário de mercearia: "Como vai isso?" e o funcionário responde: "Bem", o que na verdade fornece uma validação mútua da realidade do outro, uma indicação de que está ciente de que está a lidar com outro fragmento e está disposto a indicá-lo.

2. **Nível Dois (Troca Menor de Informação):** Diz ao funcionário: "Como vai isso?" e a resposta é: "Bem, já sabe como é". Isto

comunica que cada um reconhece que o outro tem um contexto de vida para além do imediatamente aparente.

3. **Nível Três (Informação "Humana" Voluntária):** Pergunta ao funcionário: "Como vai isso?" e a resposta é: "Tenho uma dor de cabeça", e você diz: "Que pena", ou alguma expressão de comiseração. Esta é uma informação válida de ambos os lados, bem como simpatia entre "criaturas".

4. **Nível Quatro (Paridade de Interação):** Quando diz "que pena" ou algo semelhante, acrescenta: "Espero que esteja a tomar algo para isso", o que, na realidade, cria uma paridade que falta nos níveis anteriores de contacto.

5. **Nível Cinco (Preocupação Contínua):** Após a troca básica, o funcionário reage com um comentário nestas linhas: "Oh, muito obrigado. Tenho uma aspirina na mala", ao que você responde com algo como: "Cuide-se", o que expressa um processo contínuo de preocupação.

6. **Nível Seis (Reconhecimento de Preocupação):** Tem todos os elementos dos anteriores mais um reconhecimento adicional da preocupação contínua, tal como: "Vou fazer isso; agradeço por ter perguntado/dito isso". Isto produz uma dupla validação e um sentido mais forte de contexto externo.

7. **Nível Sete (Validação Completa):** Faria uma adição a isso, que indicaria uma vontade de fazer mais do que simpatizar, com uma garantia desta natureza: "Se não melhorar em breve, procure ajuda ou ligue-me", o que valida completamente a experiência do funcionário.

Pensamos que a "curva de ocorrência" para estas interações seria a mesma que para a distribuição dos papéis da essência, com as interações de nível um a ocorrerem cerca de **25%** das vezes, e o nível sete cerca de **4%** das vezes.

**A Linguagem e a Sociedade**

Incidentalmente, o "estilo" de tais interações muda de ciclo para ciclo, conforme as perceções variam, mas não a "mensagem social" da interação, que é moldada pelo "treino", não pela evolução. Obviamente, estas trocas não são apenas culturais na forma, mas dependem de formas de tratamento, expectativas sociais e usos da linguagem que se tornaram "tradicionalizados" ao longo do tempo.

Certamente é possível expressar validação de formas não-verbais, mas, esmagadoramente entre a vossa espécie, a fala é o meio de comunicação preferido, o que não é incomum em fragmentos de alma Jovem com mobilidade independente; pois a fala, ou o seu equivalente, não só serve o propósito imediato da comunicação habitual, como pode ser notada por outros e "avaliada" como apropriada ou não. A fala tem também a capacidade de múltiplas interpretações, o que a torna uma

"ferramenta" mais interessante do que a maioria dos outros sentidos proporciona, com a possível exceção da visão.

O que constitui uma linguagem social apropriada, claro, muda de ano para ano, de cultura para cultura, de sociedade para sociedade, de lugar para lugar, de instituição para instituição, de moda para moda e, claro, de família para família.

A tendência atual no que se chama linguagem "politicamente correta", incidentalmente, embora "nobre" no propósito, tornou-se tão distorcida na sua tentativa de não ofender ninguém que é frequentemente inapropriada para as circunstâncias, de modo que as implicações de julgamento dos usos politicamente corretos implicam maior desprezo do que a palavra tradicional, ao esvaziar as palavras de qualquer significado — como dizer "visualmente limitado" em vez de cego.

Tal diminuição "etérea" da experiência serve mais para proporcionar conforto aos que veem e se sentem desajeitados perto da cegueira do que para "poupar os sentimentos" dos cegos. Embora pensemos que diminuir a ocasião para "insultos" religiosos, sociais, étnicos e semelhantes é positivo, pensamos que as "tendências" atuais tornam difícil, se não impossível, ter qualquer discussão útil sobre os problemas enfrentados por tais grupos que estão a ser tão cuidadosamente "não ofendidos".

Ressecar a linguagem não corrige, de facto, os males sociais, mas sim disfarça-os em frases ambíguas que obscurecem a questão, de modo que o mal social fica "nublado" e menos identificável. Chamar a um homem que espanca mulheres até à inconsciência de "parceiro abusivo" é exculpatório para ele e trivializante para as mulheres espancadas, e pensamos que não serve qualquer fim útil. Por outro lado, para tornar o nosso ponto claro, epítetos raciais, sociais, étnicos, políticos, económicos e/ou sexuais de natureza insultuosa são e foram sempre humilhantes — esse é o propósito de tais "calúnias".

O desenvolvimento da linguagem como linguagem ocorreu quando a vossa espécie foi dotada de alma, e pensamos que as suas vantagens superam em muito as suas desvantagens. Ter formas de identificar, extrapolar, contemporizar, mediar, apreciar, teorizar, rapsodizar, elevar, inspirar, revelar, recontar, codificar, quantificar, qualificar, persuadir, informar, insultar, prevaricar, et cetera, et cetera, através de todas as permutações das aplicações da linguagem, compensa largamente as limitações impostas pelo uso da própria linguagem; pois a linguagem impõe limitações, e não podemos repetir isto vezes suficientes.

Para alguns fragmentos, aprender a "ir além" da linguagem é uma tarefa impossível, e mesmo o que vós no plano físico chamais de artes é amplamente incompreensível. Mas através "das artes" e de certos aspetos da matemática, as limitações da linguagem podem ser transcendidas, embora o nível em que tais

conceitos comunicam seja esotérico o suficiente para não ser prontamente acessível ou, muitas vezes, crucial. Uma estátua, por mais inspirada e capaz de intimidade na aplicação, não pode substituir o aviso de que existem terroristas com armas à espera para embarcar no avião.

Por muito essencial que a linguagem seja, não é inconcebível que, à medida que este mundo evolua para um mundo de alma madura, a forte dependência da linguagem para toda a comunicação diminua, e a espécie esteja mais inclinada a fazer das artes uma parte integrante de comunicações de todos os tipos, como sendo mais "genuínas", embora menos "específicas" que a linguagem. Usar a fala com precisão é uma das maiores conquistas a que qualquer fragmento humano pode aspirar, pois é através da fala precisa que o reconhecimento e a validação são aplicados na vida. Quanto mais precisa a fala, mais coerente a perceção que ela implica; quanto menos precisa a fala, menos categórica a perceção.

A linguagem é a "evidência" mais clara e básica da vossa posse de alma, para a vossa espécie e para os cetáceos também. Todas as espécies com alma têm uma habilidade específica que as diferencia dos seres de alma-colmeia (*hive-soul*). No vosso caso, a capacidade de "discutir" é o início não só da sociedade, mas do conhecimento, da história, do mito e da religião. Por mais inteligente que a criatura de alma-colmeia possa ser, o uso da linguagem como transportador do pensamento abstrato simplesmente não é possível.

**Comunicação Animal vs. Humana**

Vamos discutir os animais domésticos mais populares — cães e gatos. Concordamos que um animal de estimação inteligente pode "ler" as suas pessoas mais rapidamente do que a maioria dos humanos, mas não, por exemplo, através do telefone. E embora estas criaturas possam chegar a reconhecer muitas "palavras", elas são associadas não a "conceitos", mas a resultados desejados.

Para explicar: um cão esperto e bem treinado, ao qual se diz "vai procurar a Betty", se ele tiver experiência em saber quem é a Betty (pelo comportamento e cheiro) e se lhe for dito por um humano que ele considera ter autoridade, ele será capaz de encontrar a Betty se ela estiver perto o suficiente para ser acessível. Isso não significa que o cão compreenda a palavra "vai" ou "procurar" ou o nome "Betty", mas que aprendeu que estes sons exigem ações específicas da sua parte e aceita a autoridade do humano que dá a ordem. Devido à "cablagem" (*hardwiring*) do "centro-canino", seguir ordens é algo que surge "naturalmente" aos cães porque — com exceção das raposas — eles caçam em grupo.

Os felinos chegam a reconhecer tantas palavras, mas não respondem à maioria das ordens porque são — com exceção dos leões — predadores solitários e caçam sozinhos; não estão "cablados" pelo "centro-felino" para a cooperação com líderes

de grupo como os caninos estão. Não importa quantas palavras o animal possa chegar a reconhecer, elas não serão vistas como contendo informação, mas como sons que exigem certas respostas. Os cães, estando habituados a encaixar numa "ordem", podem ser ensinados a ter respostas treinadas a palavras cujos significados nada têm a ver com a resposta comandada. Um cão pode ser treinado para "juntar" à palavra "esparguete" ou "lobisomem" sem conflitos de vocabulário, se o instrutor humano selecionar tal palavra para a resposta. O cão não consegue diferenciar entre o significado da palavra e o comando treinado.

Os seres humanos, por outro lado, juntamente com os cetáceos, avaliam a linguagem desde o seu primeiro fôlego e rapidamente chegam a reconhecer as palavras pelo que são. A maioria dos Infantes humanos compreende que as palavras têm significado e especificidade por volta do quarto dia de vida, embora, naturalmente, ainda não sejam capazes de as usar. Isto acontece porque os seres humanos estão "cablados" pela posse de alma para pensar em abstratos, o que, para a vossa espécie, significa palavras, pois todas as abstrações posteriores começam com palavras. Por mais que tentem, nenhum animal de alma-colmeia consegue captar o conceito de uma metáfora, mas a maioria dos humanos não só capta como as usa por volta da altura da segunda mónada interna; as metáforas são "essenciais" para o uso da linguagem em quase todas as culturas e, nalgumas, como a cultura chinesa, a metáfora é a base da própria língua.

**Os Papéis da Essência e a Experiência**

**"Poderia o Michael comentar as diferentes formas como os vários papéis na essência experienciam o plano físico?"**

Pensamos que a compreensão do que o papel na essência vê como o seu propósito pode trazer algum entendimento:

- **Escravos (*Slaves*):** Servindo o bem comum em qualquer capacidade que definam;
- **Artesãos (*Artisans*):** Procurando estrutura em todas as coisas;
- **Guerreiros (*Warriors*):** Procurando desafios;
- **Sábios (*Scholars*):** Procurando informação;
- **Magos (*Sages*):** Esforçando-se por comunicar;
- **Sacerdotes (*Priests*):** Servindo os seus ideais superiores individuais;
- **Reis (*Kings*):** Comandando os seus reinos.

Existem outros aspetos da experiência que podem ser ligados aos papéis na essência, e essa é a maneira como eles "processam" a experiência:

- **Reis, Guerreiros e Sábios:** Têm um canal de entrada; por outras palavras, são funis experienciais. Não possuem um "segundo plano" (*back-burner*), embora possam ajustar as suas prioridades rapidamente e concentrar-se no meio do caos.

- **Sacerdotes e Escravos:** Têm dois canais de entrada, um relacionado com o aqui e agora, o outro relacionado com o ideal que servem. Têm um "segundo plano". O problema para eles é não confundir o canal um com o canal dois.

- **Magos:** Têm três canais de entrada, para que possam "monitorizar" a resposta que estão a criar, bem como ter um "segundo plano".

- **Artesãos:** Têm cinco canais de entrada e isto, quando não reconhecido, pode levar a uma "distração" (*spaciness*) devido ao "girar do sintonizador". Quando focado, no entanto, um Artesão consegue lidar com uma multiplicidade de coisas mais ou menos ao mesmo tempo, o que é a verdadeira força da entrada de múltiplos canais.

É "inútil" tentar mudar este padrão de entrada, pois ele "vem com" o papel na essência. Ocasionalmente, mal-entendidos derivados de diferentes tipos de capacidade de entrada podem levar a altercações sérias, o que é algo lamentável de ocorrer, pois os canais de entrada não estão sujeitos a mudança.

**O Uso da Linguagem por Cada Essência**

**"Faria o Michael o mesmo para a linguagem, se houver uma diferença entre o uso da linguagem pelas essências?"**

Claro que sim. Frequentemente a essência, ou o impulso dos *overleaves*, revela-se no uso da linguagem.

- **Escravos:** Usam linguagem refletora de serviço, abordando questões que o Escravo percebe serem para o bem comum. Frequentemente "temperam" a fala com lembretes da sociedade em geral ou preocupações humanitárias. No ciclo Infante e Jovem inicial, isto pode assumir a forma de posições extremas, muitas vezes de natureza "elitista", tais como posições religiosas Fundamentalistas.

- **Artesãos:** Frequentemente não são bons na fala propriamente dita, mas apresentarão obras de arte ou artesanato como resposta à linguagem, o que para o Artesão é apropriado, embora muitas vezes desconcertante para outras essências, exceto Magos. Nos ciclos Jovem e Maduro, os Artesãos sentem-se atraídos por profissões que requerem menos fala para a comunicação, como desportos profissionais, eletrónica esotérica, design comercial e culinária.

- **Guerreiros:** Frequentemente usam linguagem de batalha para situações mundanas, como ter uma "estratégia" para um jantar ou uma "cadeia de comando" para arranjos de férias. Como grupo, os Guerreiros tendem a ser diretos e são vistos como mais confrontacionais do que realmente são devido à crueza da fala. Nos ciclos Maduro e Velho, desenvolvem competências de linguagem como técnica para entrar no pólo positivo da sua essência, que é a persuasão.

- **Sábios:** Amam a linguagem porque é a "casa" da informação. Podem não ser grandes oradores, mas amam a eloquência quando contém *insights*, estilo e informação, e desconfiam dela quando não há informação útil. No ciclo Jovem, a informação é o fator mais importante; nos ciclos Maduro e Velho, a arte torna-se um fator significativo na apreciação da linguagem.

- **Magos:** A linguagem é o "coração" da questão; como grandes comunicadores, têm uma compreensão do impacto da linguagem maior que qualquer outra essência e, por isso, são mais facilmente seduzidos por ela. No ciclo Infante e Jovem inicial, procuram a linguagem que tenha o maior impacto imediato na maior "audiência" possível (religião popularizada, política, entretenimento). Mais tarde, comunicam algo de "valor", como filosofia ou psicologia.

- **Sacerdotes:** A linguagem é o seu meio de comunicar o ideal superior que servem. A suposição habitual de que todos compreendem e partilham esse ideal cria um "jargão" altamente personalizado e dogmático. Após a primeira metade do ciclo Maduro, podem ser inspiradores quando percebem que o ideal superior precisa de ser comunicado; nessas alturas, o uso da linguagem, particularmente a poesia, pode ser notável pela clareza.

- **Reis:** A linguagem tende a ecoar o seu propósito de comandar. Têm o mesmo sentido de estratégia que os Guerreiros, mas com uma intenção muito mais ampla. Motivam os outros. Passam a primeira década de vida a aprender a mitigar o tom da fala para não se tornarem rufias (*bullies*). No ciclo Maduro, essa tendência desaparece em favor de assistir o seu "reino" rumo ao objetivo.

Embora estas observações sejam válidas, são também "simplistas" por não terem em conta experiências de vidas passadas, *overleaves*, etc. Por exemplo, um Sábio Jovem com modo de Poder e atitude de Idealista parecerá e agirá mais como um Mago do que como um Sábio.

**Matéria Física vs. Matéria Astral**

**"O Michael disse que só podemos experienciar matéria no plano físico, mas também disseram que existe algo como matéria astral. Poderiam clarificar isto?"**

Não há contradição nestas afirmações. A matéria tem validade tanto no plano astral como no físico, mas a sua natureza, usos e propósitos são diferentes.

No plano físico, a maioria da matéria não é facilmente alterada pela intenção humana. A matéria é persistente e específica. O que é sólido não se torna facilmente líquido. A carne não assume prontamente as características de outras substâncias.

No plano astral, existe uma matéria de certa espécie, mas, ao contrário da vossa matéria física, a matéria do plano astral é **infinitamente maleável**, de duração limitada, uma espécie de "sopa" que se ajusta a todas as situações e não requer ferramentas além da vontade para a moldar. É também menos duradoura, raramente durando mais de **20 minutos**, embora existam ocasiões em que tais manifestações, "alimentadas" por mais do que uma vontade humana, duraram uma hora ou mais (aparições de personagens "santos" ou "demoníacos").

Num nível menos ambicioso, pode conjurar uma imagem da sua avó falecida usando matéria astral, mas as feições serão pouco mais do que uma massa com olhos, e a sua memória fornecerá os detalhes reais. A "semelhança" perdurará apenas enquanto a desejar manter, altura em que voltará a ser matéria astral — que é o equivalente astral da "plasticina" (*Silly Putty*), mas muito menos sustentável, tangível e plástica. [Michael ficou muito satisfeito com este trocadilho.]

Teríamos de dizer que, na nossa experiência, as manipulações ocasionais de matéria astral pela vontade humana resultaram em algo como crianças esguias, sem feições reais exceto os olhos. O mesmo se pode dizer de fragmentos no intervalo astral: quando procuram tornar-se "físicos", raramente conseguem mais do que a forma semelhante à humana, não muito grande e sem características distintas, sendo estas difíceis de manter e, do ponto de vista astral, pouco importantes.

— Parece-se com a imagem de extraterrestres que muitas pessoas afirmam ter visto. —

Pensaríamos que essa observação é válida, pois, da nossa perspetiva, tais encontros são, com muito mais frequência, encontros astrais em vez de encontros com extraterrestres, ou seja, membros de uma espécie não existente no vosso planeta. Estes "eventos" são significativos em termos de diferenciação experiencial, bem como no reconhecimento de "anomalias" na vida. Aliás, já o dissemos antes, mas iremos reiterar: existem algumas espécies extraterrestres a fazer observações do vosso planeta, uma das quais confinou os seus estudos a espécies que vivem na água, sendo ela própria o que perceberiam como uma espécie aquática. Das que estão ativamente interessadas no vosso planeta, apenas uma é sequer vagamente humanoide na configuração.

A maioria das unidades de observação enviadas ao vosso planeta são robôs, pois, tal como vocês humanos, a maioria das espécies faz a sua exploração inicial com naves robóticas que enviam "relatórios" para avaliação da espécie, de forma

muito semelhante ao que têm feito com as vossas sondas planetárias. Se pensarem no problema da distância e dos mantimentos, usar robôs é o meio mais prático "à mão" para obter informação com um risco relativamente pequeno de perder uma tripulação treinada e/ou de perigar o planeta que está a ser estudado com bactérias, vírus e "contágios" extraterrestres semelhantes.

Devastar a vossa espécie com vírus extraterrestres seria irresponsável no extremo e não redundaria em crédito para a espécie que o fizesse, tal como permitir que uma tripulação altamente treinada se expusesse aos perigos inerentes ao vosso planeta, pois existem vírus e bactérias neste planeta que seriam completamente fatais para espécies de outros planetas. A preocupação com o vosso bem-estar não é totalmente altruísta, mas prática também.

Como padrão de avaliação, pensaríamos que, se os supostos extraterrestres são humanos na aparência e no comportamento, são provavelmente humanos astrais, não extraterrestres do plano físico. A incidência de encontros reais com extraterrestres comparada com encontros astrais interpretados como extraterrestres é: astrais, setenta e sete por cento; extraterrestres, cinco por cento (embora não se pareçam com bonecos humanos de olhos grandes); delírios, dezoito por cento. Isso não significa que tais contactos sejam inválidos, apenas que foram identificados incorretamente.

— Michael continua a referir-se à diferenciação experiencial, que aparentemente tem a ver com perceções individuais. Poderiam ser mais específicos? O que é, e como funciona? —

Teríamos de dizer, em relação a diferenciar a diferenciação experiencial, que muito Bom Trabalho está a ser feito desta forma: reconhecer que cada fragmento experiencia tudo de forma diferente de todos os outros fragmentos é o primeiro passo para a validação e reconhecimento da igualdade dos fragmentos e da validade das lições e escolhas de toda e qualquer vida. Nada pode ser repetido, pois cada experiência é a sua própria experiência, única e distinta de todas as outras. Isto pode ser estendido à validação da diferenciação experiencial das vidas individuais de cada fragmento.

Por outras palavras, numa vida o fragmento pode ser alérgico ao leite e espirrar quando há rosas presentes; noutra vida o fragmento pode ter varíola, resultando em cicatrizes faciais, e detestar o sabor de raízes hortícolas; noutra, o fragmento pode amar o aroma do jasmim e ser incapaz de tolerar comidas picantes. Estas experiências, sendo verdades pessoais, são tão válidas para o indivíduo como são as verdades mundiais e as verdades universais mas, sendo verdades pessoais, não são necessariamente válidas para qualquer outro fragmento. Em cada vida, a experiência é válida para essa vida, mas não se segue que o que é verdade numa vida do corpo seja verdade noutra vida do corpo, mesmo que a essência que experiencia essas vidas seja a mesma.

Deixem-nos explicar melhor: dentro do âmbito de uma única vida, a diferenciação da diferenciação experiencial ocorre mais usualmente desta maneira: um fragmento visitará um restaurante e, nesse restaurante, terá comida medíocre na companhia de um casal a ter uma discussão. Isto não significa que outra ida a esse restaurante deva necessariamente fornecer comida medíocre e casais a discutir. Existem aqueles que assumem, após tal evento, que todos os restaurantes apresentarão experiências semelhantes e, por isso, evitá-los-ão no que se supõe ser prudência e o "benefício" de aprender com a experiência, não estando dispostos a experienciar cada experiência como individual.

Sob uma luz mais favorável, para muitos casais envolvidos em atividades sexuais, existe uma tendência para repetir — muitas vezes dogmaticamente — aqueles comportamentos que no passado provaram ser mais prazerosos. Isso não quer dizer que os casais "devam" variar o comportamento sexual em todos os momentos. Nós não dissemos isso nem o sugerimos. Queremos dizer que as atividades em si não vão proporcionar satisfação se forem transformadas num ritual. Muitas vezes, quando os primeiros episódios de prazer começam a esmorecer, o casal renovará a dedicação aos mesmos comportamentos em vez de procurar novos, devido à certeza supersticiosa de que não existe outra forma de atingir o nível de prazer que procuram.

Esta "perceção" nega a diferenciação experiencial, bem como o diferenciar a diferenciação experiencial, na medida em que assume que ambos os fragmentos devem sempre achar certas atividades gratificantes, e que os elementos de excitação individual nunca variam de encontro para encontro. Isto não quer dizer que a maioria dos fragmentos não desenvolva preferências distintas no comportamento sexual, mas a adesão a tal comportamento sem permitir coisas como o estado de espírito, o estado de saúde, o estado do ambiente, o estado de concentração, etc., provará geralmente ser dececionante. Por extensão, a falha em atingir a satisfação com certas atividades numa ocasião não garante absolutamente que tal falha deva ser sempre o resultado de tais atividades. A experimentação afetuosa e lúdica não é descabida quando não é escolhida com a exclusão de todas as outras atividades.

Uma das razões por que falámos contra o ritual no que respeita ao exercício espiritual é o problema que surge ao diferenciar a diferenciação experiencial, a extensão da diferenciação experiencial. Propor que as experiências transcendentes ou o contacto com a essência só podem ser válidos quando certas condições ritualísticas são cumpridas é patentemente absurdo, pois pressupõe que existe apenas uma forma "correta" de ter uma experiência, o que torna a escolha desnecessária. Esta abordagem formularística à experiência pode levar a um grave sofrimento emocional se levada a extremos.

É verdade, para a maioria dos fragmentos que procuram deliberadamente o alargamento espiritual, que certos "rituais" podem ajudar a preparar o fragmento

para reconhecer e validar a experiência mais plenamente, mas não se o ritual se tornar "essencial" [ha, ha, ha] para a experiência e, portanto, quaisquer *insights* espirituais obtidos sem o ritual forem considerados inválidos. Coisas como as limpezas de chakras e rotinas semelhantes são desenhadas para reduzir a "estática", mas se um fragmento se agarrar a elas como o fim em vez de o meio, tal escolha será provavelmente pouco compensadora, e as rotinas revelar-se-ão dececionantes para aqueles que procuram usá-las como o meio necessário para um fim ou a forma "correta" de atingir a "iluminação".

Concordamos que existem necessidades de planos e de uma estrutura de atividades. A maioria dos fragmentos não realizaria muito se tivesse de reinventar as suas vidas todos os dias. Mas planos não são expectativas, e expectativas não são guiões (*scripts*). O que recomendaríamos, para aqueles que escolhem fazê-lo, é encarar os eventos com um estado de espírito que seja simultaneamente flexível e "tolerante", ou seja, capaz de aceitar que outros que partilham o evento não têm, de facto, a mesma experiência que os seus "companheiros". Para verem a verdade disto, falem com os vários membros de um júri relativamente aos eventos de um julgamento.

Descobrirão rapidamente que cada um dos membros do júri testemunhou um evento diferente, embora possam concordar na maioria dos pormenores; as suas ênfases individuais não serão as mesmas.

Por exemplo, um jurado pode não gostar do juiz porque ele ou ela lhe lembra o seu professor da segunda classe e, por isso, o jurado tende a desconfiar das decisões do juiz; um jurado pode desenvolver uma paixão pelo arguido (um evento que acontece mais vezes do que poderiam supor) e, por isso, vê todo o julgamento como uma forma de perseguição; um jurado pode ser sensível à luz da sala de tribunal e, como resultado, passar todo o julgamento a tentar ignorar uma dor de cabeça ligeira; um jurado pode decidir que os "polícias" estão a "armar uma cilada" ao tribunal e, por isso, reage negativamente a todos os testemunhos policiais, não importa a quem beneficiem; um jurado pode simpatizar com a acusação e ver isto como a sua atuação estrela; um jurado pode não gostar dos fatos que o procurador usa e, por isso, desconfia do seu julgamento em todos os assuntos.

Um jurado pode ter opiniões fortes sobre membros do clero como testemunhas e, por isso, centra as questões do julgamento em torno de tal testemunho; um jurado pode estar desesperadamente necessitado de um sentido de controlo e, por isso, procura influenciar outros jurados — para este fragmento, as deliberações são a questão real do julgamento, não o testemunho, o interrogatório e a apresentação de provas; um jurado pode ter problemas crónicos no escritório ou em casa, e para este jurado o julgamento é uma distração, seja bem-vinda ou indesejada; um jurado pode estar maravilhado com todo o procedimento e ser absorvido pela maquinaria social tão completamente que o jurado se torna uma extensão do próprio tribunal.

Um jurado pode estar recentemente de luto e, por isso, sujeito a respostas emocionais que não são diretamente atribuíveis ao julgamento; um jurado pode ser propenso a uma vacilação constante e incapaz de avaliar provas e testemunhos com qualquer discrição e, por isso, não tem uma avaliação coerente do julgamento ou das questões do julgamento. Reconhecer que todo e cada jurado tem uma experiência válida é o que queremos dizer com diferenciação experiencial. Perceber que todo e cada júri será diferente de todos os outros júris é diferenciar a diferenciação experiencial.

Desejaríamos divagar sobre as questões de planear, esperar e guionizar. No planeamento, o estado que já mencionámos é mantido. O fragmento está recetivo dentro da estrutura conveniente do evento. Por outras palavras, o fragmento compreende que é socialmente inapropriado usar fatos de treino numa receção diplomática ou insistir que todos tragam salada de batata alemã para o piquenique. O fragmento reconhece o comportamento apropriado nas circunstâncias e planeia com perceções "realistas", sem impor exigências ou punir comportamentos inapropriados que não sejam angustiantes ou agressivos. As expectativas implicam recompensas e punições: o fragmento que espera diz, com efeito:

"Se fizeres isto e aquilo, eu comportar-me-ei bem. Se falhares em fazer isto e aquilo, eu não me comportarei bem". As expectativas exigem limitações que bloqueiam *insights* e intimidade e tornam a diferenciação experiencial difícil. Para aqueles com expectativas, se o fragmento não desfruta da festa, ninguém "deve" desfrutar da festa. Guionizar (*scripting*), claro, leva as expectativas mais longe, ao ponto de o fragmento ter planeado antecipadamente todo o desenrolar do evento em questão, e qualquer desvio que seja, mesmo um benéfico, é visto como ameaçador no melhor dos casos, e catastrófico no pior. O guionizar tem muitas ramificações, todas as quais mitigam contra a validade da escolha. Onde um guionizar "sério" está ativo, não pode haver diferenciação experiencial, pois as perceções de outros fragmentos são invalidadas desde o início. Diferenciar a diferenciação experiencial é extremamente difícil onde o guionizar está presente.

Deixem-nos ilustrar o nosso ponto desta maneira: temos conhecimento de um fragmento, que não faz parte do nosso pequeno grupo, que assistiu a um jantar de família ao ar livre durante o último mês da sua primeira gravidez. Sendo uma Estudante Jovem de segundo nível com uma teimosia acentuada, este fragmento é propenso a guionizar na "melhor das ocasiões", o que esta não era. Durante as festividades, rebentaram-lhe as águas, o que não fazia parte do guião. Tão aguda foi a sua vergonha por isto que ela tem sido incapaz de regressar à casa deste parente desde o evento, embora já não esteja grávida e o evento não possa possivelmente repetir-se. A sua incapacidade de diferenciar a sua diferenciação experiencial levou-a a acreditar que é impossível para ela ir àquela casa sem uma vergonha desastrosa. Ela está também convencida de que o rebentamento das águas foi o momento mais significativo da festa para todos os presentes, e não acreditaria que, para a maioria

dos fragmentos presentes, o incidente mal é importante, exceto pelo facto de ter levado ao nascimento de outro membro da família na manhã seguinte.

Outro meio de diferenciar a diferenciação experiencial é ver a mesma demonstração de artes performativas várias vezes durante uma vida. Por exemplo, a Sinfonia "Júpiter" de Mozart foi interpretada muitas vezes, a maioria delas suficientemente diferente umas das outras para que um ouvinte razoavelmente informado possa facilmente notar as diferenças [ho, ho]. Mas existe aqui outro nível de diferenciação experiencial — o de um fragmento em vários momentos durante a vida.

Deixem-nos observar que a obra, não importa o quanto seja ou não apreciada, evocará diferentes respostas em cada audição, tanto pelo estado de espírito percetivo do ouvinte como pela interpretação dos músicos que a tocam. Pela mesma medida, toda a gente que ouve qualquer performance em questão ouvirá algo ligeiramente diferente, o que é completamente válido. Aquelas performances onde as diferenciações experienciais globais estão dentro de limites coerentes são geralmente consideradas excecionalmente bem-sucedidas. Pela mesma medida, *Hamlet* é alterado pelos atores, pelo encenador, pela equipa técnica e pelo público em toda e cada performance.

Boa, má ou indiferente, cada performance tem alguma validade, embora possa não trazer as lições da peça à tona — o que, para as nossas perceções, diz respeito à razão versus paixão — ou resultar em contacto com a essência. Ver uma má performance é uma experiência tão válida como ver uma boa. O "truque" é estar disposto a experienciar uma ou ambas.

Relativamente a experiências múltiplas, tal como só se pode ter um primeiro dia no escritório uma vez, também só se pode ter um ducentésimo septuagésimo sexto dia no escritório uma vez, no ducentésimo septuagésimo sexto dia em que se está no escritório. Todos os dias são igualmente válidos, e a experiência cumulativa é válida também, tanto como experiências individuais como experiências cumulativas. Embora grande parte da experiência pareça repetitiva, cada experiência é, de facto, única e não pode, em nenhum sentido válido, ser repetida. As experiências repetidas são o principal "escoramento" da ilusão de permanência que é tão essencial para um mundo de almas Jovens, tal como a presunção de racionalidade o é. Se tiverem dúvidas de que cada experiência é única, podem desejar manter um diário de experiências diárias para registar as formas como cada dia é diferente de todos os outros, tomando nota de desvios, que podem ser tão importantes como "uma inundação destruiu a rota matinal de ida para o trabalho" até ao "a máquina de café avariou", a fim de ajudar o processo de diferenciação.

A maioria das espécies independentemente móveis no ciclo Jovem atribui um valor elevado ao que quer que a espécie defina como racionalidade, ou seja, exigem que as "coisas" "façam sentido" dentro do contexto das suas experiências. Isto não é

necessariamente um não Bom Trabalho, mas nega muitas das experiências da vida porque uma grande quantidade de experiências em qualquer vida dada não "faz sentido" e é, por isso, excluída nas avaliações da vida. A repetição, para as almas Jovens, traz uma espécie de racionalidade "embutida" — se eu faço algo repetidamente, deve ser algo racional a fazer — o que, após qualquer reflexão, é ridículo. Deixem-nos salientar que uma das razões pelas quais assassinos em massa continuam a assassinar é para tornar isso algo "racional" de fazer por virtude da repetição.

Para a vossa espécie, e para uma grande quantidade de outras no ciclo Jovem, hábito e racionalidade são conceptualmente intercambiáveis. O descarte desta perceção é uma parte necessária dos níveis iniciais do ciclo Maduro e, para muitos fragmentos maduros atualmente existentes como seres humanos, o choque das perceções do ciclo de alma Jovem e do Maduro leva a um grave sofrimento emocional que só pode ser mitigado com ajuda "apropriada", tal como, mas não limitado a, psicoterapia.

**«O otimismo e o pessimismo desempenham algum papel nisto? E, se sim, qual?»**

Aquilo que percebem como otimismo e pessimismo tem influência na natureza dos vossos *insights* e na diferenciação experiencial. Deixem-nos dar um exemplo: se ocorre uma mudança política importante e indesejada, o fragmento pessimista pode percebê-la como um sinal do colapso iminente de toda a civilização; o otimista pode ver tal mudança como um "chamamento às armas" contra as repercussões negativas percebidas, embora, ocasionalmente, o otimismo possa ser tão "distorcido" quanto o pessimismo. Existem fragmentos que, sob o disfarce de otimismo, assumirão que a mudança indesejada ficará bem quando a fação indesejada "ganhar juízo".

Nenhum deles está "certo" ou "errado", embora o pessimismo tenda a apoiar o traço principal mais do que o otimismo "sensato". A tendência para acreditar mais na dor do que na alegria faz parte do "mecanismo" pelo qual o domínio do pessimismo é "validado", pois a imediação da dor, comparada com a natureza da vida interior da alegria, é prontamente identificável e tornada aceitável pelas experiências e receios dos outros. Provem-no por vós mesmos, caso escolham examinar a premissa: digam "corte de papel" em voz alta e vejam quantas pessoas se encolhem.

Depois, digam "êxtase" e notem quantos ficam confusos ou até envergonhados com a palavra. A alegria não é considerada digna de confiança e, portanto, não é tão prontamente reconhecida. Podem também notar que a dor é socialmente mais apropriada do que a alegria. A maioria dos fragmentos pode sentir-se constrangida ao admitir a dor, mas sentirá vergonha ao admitir a alegria.

Isto reflete-se de muitas formas, geralmente apresentadas sob formas "racionais", como a saúde. Deixem-nos explicar: em relação ao traço principal da **Autodestruição**, existe um "desejo" constante de manter o controlo, e qualquer perda deste suposto controlo é vista como "capitulação" e, claro, qualquer tratamento resultante estaria, por definição, condenado ao fracasso. Aqueles com o traço de Autodestruição ignorarão frequentemente o corpo até que este pare efetivamente, momento em que a Autodestruição determina que tudo está perdido e, muitas vezes, fará pouco ou nada para ajudar na recuperação "impossível".

O traço principal do **Martírio** expressa-se frequentemente num sofrimento prolongado e determinado. Muitas vezes, aqueles com Martírio procurarão condições físicas debilitantes de longo prazo, quanto melhor para suportar todas as coisas e para desculpar o pessimismo como um estado de espírito "natural". O traço principal da **Autodepreciação** esforça-se frequentemente por convencer o fragmento de que, obviamente, o que quer que esteja errado com ele é culpa própria, insistindo depois que o fragmento não é capaz de lidar com qualquer metodologia usada para o tratar, o que é pessimista em todos os aspetos.

A **Teimosia** insistirá frequentemente que, em primeiro lugar, nada está errado, independentemente de haver evidências em contrário; mas, uma vez manifestada a doença, esforça-se por continuar o padrão para que nada tão perigoso como uma nova melhoria seja permitido. Quanto mais sombrio o quadro, mais satisfeito fica o pessimismo. No caso da **Ganância**, a fixação desta é crucial; no entanto, uma vez adquirido o hábito da má saúde, este pode ser apresentado com variações infinitas, reforçando o pessimismo a cada nova "nuance". A **Arrogância** exige uma "boa razão" para a má saúde e, uma vez fornecida, usa-a como exemplo das falhas do fragmento — e ainda por cima embaraçosa — reforçando o fascínio do pessimismo. Quanto mais vulnerável a doença torna o fragmento, maior é a falha.

A **Impaciência** salta, na maioria das vezes, para o pior cenário possível e procura incessantemente provas para apoiar a sua posição e entrincheirar o seu pessimismo. Isto aparece frequentemente como hipocondria, embora não o seja: «Tenho uma dor de cabeça. Deve ser um tumor cerebral, maligno e inoperável». Todas estas questões de saúde são "reforçadas" pelo pessimismo e servem para tornar os traços principais mais "credíveis", pois existe o desconforto do corpo para "provar" o pessimismo e, logo, o traço principal é apropriado à situação em mãos.

### Questões Cruciais do Plano Físico

**«O Michael poderia discutir o que vê como questões cruciais de estar no plano físico, especialmente para a nossa espécie?»**

Diríamos que, além da necessidade de intimidade da essência, para a vossa espécie começaríamos com o **abrigo**, que inclui o vestuário. É a preocupação principal de todos os seres humanos, independentemente da fase da história ou evolução, pois sem abrigo adequado, o fragmento será incapaz de sobreviver. Demonstravelmente, é menos difícil obter o abrigo necessário em Samoa do que na Gronelândia, mas isso é apenas uma questão de grau. Como espécie, a proteção física contra os "elementos" é "exigida", dada a fragilidade da vossa espécie, o que também tornou possível a vossa alta adaptabilidade.

Depois, claro, a **alimentação** vem logo em segundo lugar, pois uma vez protegido, deve ter combustível para a máquina ou o abrigo será inútil. Estas duas questões, para a vossa espécie, têm a prioridade mais alta e precederão outros "requisitos" em tempos de emergência extrema. Se a vossa região foi, por exemplo, sujeita a fogos, uma vez escapado o fogo, a necessidade mais urgente é de abrigo de algum tipo, e depois comida. Outras preocupações "entram em ação" assim que esses dois essenciais são supridos.

Quando essas duas necessidades são satisfeitas, a manutenção do **contexto social** entra em jogo, o que pode significar reunir-se com membros da família ou regressar a qualquer unidade que se tenha tornado a definição central de sustento, como instituições ocupacionais ou religiosas. Depois, as preocupações sobre as gerações futuras tornam-se primordiais, não apenas como meio de proteger os jovens existentes, mas também a procriação.

Pensaríamos que estas fases de desenvolvimento são prontamente identificáveis, caso escolham fazer avaliações de comportamento após grandes "desastres". Já dissemos antes, mas não podemos repetir o suficiente, que o impulso para continuar a espécie, embora válido, levou à vossa atual crise populacional e pode muito bem ser considerado uma inclinação perigosa no que toca à vossa sobrevivência.

Do grupo social menos tecnológico ao mais tecnologicamente "sofisticado", estes estratos de "necessidade" podem ser percebidos, pois são expressos com um "guionizar" cultural mínimo. Só quando os grupos sociais são restaurados é que os imperativos culturais entram em jogo, e a forma como os problemas são lidados é moldada tanto pelas expectativas sociais como pelas "exigências" das circunstâncias externas.

Pensaríamos que a divergência de influências culturais se torna marcada a partir deste estrato e, por essa razão, as definições são propensas a ter mais "estrutura" cultural do que estas questões mais "atávicas". Por exemplo, em sociedades tecnologicamente "sofisticadas", o **transporte** é uma consideração importante, e pensaríamos que existem muitos níveis para os problemas de transporte, que são diferentes para mercadorias e pessoas. Começaremos com a questão do transporte de pessoas e o processo conhecido como "transporte de

massas", pois esta é uma questão cada vez mais crescente para a maioria dos fragmentos urbanos.

**A Questão do Transporte de Massas**

**«O Michael poderia discutir a questão do transporte mais a fundo, particularmente em relação ao transporte de massas?»**

Dadas as atuais "realidades" da urbanização implacável da vossa espécie, pensaríamos que o transporte de massas está apto a tornar-se uma preocupação fundamental em muitas partes do "globo". Um dos aspetos mais prevalentes do transporte de fragmentos individuais é o problema do "passageiro pendular médio" (*average commuter*), que, numa base mais ou menos diária, deve deslocar-se de uma área residencial relativamente distante para uma área de trabalho na cidade e regressar, de forma atempada e fiável.

O segundo nível no processo de transporte individual é o viajante de longa distância que, individualmente ou em grupo, necessita de se apresentar e aos seus bens para viagens de alguma duração e distância significativa. Quer lidemos com carga marítima ou passageiros de companhias aéreas com destino a praias estrangeiras, os problemas apresentados são essencialmente os mesmos.

O terceiro nível é a interligação de um sistema de transporte com outro, permitindo que os passageiros de uma forma de transporte tenham acesso razoável e fiável a outra, de tal modo que obvie a necessidade de transporte individual para ligações ou "interfaces" demoradas. O maior número de pessoas a utilizar tal sistema desejará viajar ao nível do "passageiro pendular médio" na maioria das instâncias. O segundo maior número de pessoas a utilizar o "transporte de massas" quererá usufruir dele no contexto de longa distância, e o terceiro grupo, o grupo de ligação, será o menos frequente.

Pensaríamos que abordar o problema do transporte do ponto de vista do "passageiro pendular médio" poderá ser o mais "compensador", pois resolveria o maior número de problemas primeiro e criaria uma atmosfera de aprovação para qualquer alargamento da atividade contemplada. Assim, na altura em que a "interligação" for desenvolvida, a aceitação do conceito estará bem estabelecida e terá um valor "comprovado". Alguma compreensão geral do tempo atual e das despesas incorridas pelo passageiro pendular regular em áreas periféricas poderá ser o início mais eficaz para apresentar uma solução bem-vinda ao que, até agora, tem sido uma abordagem inadequada a um problema regional.

Existem outras aplicações desta tecnologia que discutiremos com prazer. Parecer-nos-ia óbvio que quanto mais remoto o "passageiro pendular médio" estiver do "alvo" da deslocação, mais o serviço deve fornecer a este passageiro um transporte dependente para que o uso de tal sistema seja uma escolha razoável. A **segurança** é outra questão que entra na "equação", e não apenas a segurança em

relação a outros seres humanos, mas a segurança em termos do próprio sistema, particularmente no que toca a perigos ambientais locais, como inundações e/ou avalanches.

A **disponibilidade** é outro fator a considerar. O sistema precisaria de estar disponível "vinte e quatro horas por dia" e com frequência suficiente para torná-lo uma escolha razoável, e em locais suficientes para tornar o seu uso prático. Teríamos de dizer que não seria inapropriado que tais sistemas de trânsito fossem flexíveis o suficiente para acomodar as várias exigências de serviço, baseadas não apenas nas horas do dia, mas em coisas como grandes eventos, que incluiriam razoavelmente grandes competições desportivas, celebrações nacionais e "compras de Natal". Se a prontidão fizesse parte do sistema, pensaríamos que ele seria mais prontamente utilizado por muitos fragmentos atualmente relutantes em melhorar os sistemas atuais ou em desenvolver novos.

**Transporte Individual e Combustíveis**

**«E quanto às questões de transporte individual? O Michael poderia discuti-las?»**

Estamos cientes de que, na maioria das sociedades tecnológicas, o indivíduo é geralmente "obrigado" a ser mais móvel do que os fragmentos em sociedades menos avançadas tecnologicamente e, por essa razão, espera-se que o indivíduo seja capaz de se deslocar de lugar para lugar de forma rápida e esteja preparado para o fazer com alguma regularidade. Isto significa que viajar, para fragmentos em sociedades tecnologicamente avançadas, é mais um "facto da vida" do que em sociedades onde a mobilidade é definida pela velocidade a que os humanos e as bestas de carga caminham. A quantidade de tempo que um membro de uma sociedade tecnologicamente avançada deve dedicar a viajar e a distância que se espera que o fragmento cubra nesse tempo é radicalmente diferente das equações em sociedades não avançadas tecnologicamente.

Isto significa que muita perícia em viajar faz parte da vida daqueles em sociedades tecnologicamente avançadas. Para esses, a capacidade de conduzir um automóvel é uma competência "padrão", e que muitas ocupações exigem. A capacidade de pilotar aviões é exigida com menos frequência, embora existam negócios onde tal realização é não só prudente mas recomendada, e pensaríamos que, com o tempo, isto fará mais vezes parte das expectativas de um empregador para com os seus empregados.

O que é mais "preocupante", do nosso ponto de vista, é que estas competências, embora "razoáveis" dada a natureza das sociedades tecnologicamente avançadas, não exigem, de facto, uma conduta mais "responsável" em relação ao ambiente. Não queremos dizer com isto que todos os fragmentos "devam" deslocar-se de bicicleta. Nós não dissemos isso nem o sugerimos. Mas pensamos que é falta

de visão não desenvolver combustíveis para automóveis e aviões baseados em **metano** em vez dos atualmente populares hidrocarbonetos. O metano não é apenas menos tóxico, como está prontamente disponível e é relativamente inesgotável. Já dissemos isto noutras ocasiões, mas desejaríamos repeti-lo. Enquanto as sociedades tecnologicamente sofisticadas tornarem a viagem individual rápida "necessária", pensaríamos que mudar para combustíveis de metano teria grandes vantagens ambientais e não seria tão impossível de desenvolver ao ponto de ser impraticável.

Não propomos que o automóvel individual seja "banido", pois essa não é uma noção prática dado o estado atual do trabalho e da habitação, mas que um combustível menos intrusivo seja considerado. O motor de combustão interna pode ser facilmente adaptado a combustíveis de metano, e isso por si só torna a transferência não só "fácil" como útil para todos os envolvidos. Além disso, em questões de saúde pública, muitas doenças desencadeadas pelo ambiente seriam reduzidas tanto em frequência como em gravidade se o metano fosse o combustível de eleição.

**Doenças Ambientais e Saúde Pública**

**«O Michael poderia expandir esse ponto, por favor?»**

Muitas doenças crónicas, particularmente aquelas que surgem a meio da vida, têm uma ligação com o estado do ambiente. Alguns locais de desenvolvimento de cancro são diretamente afetados por condições ambientais, tal como o são síndromes como a Fadiga Crónica, Lúpus Sistémico, Sinusite Crónica e muitas condições alérgicas, incluindo a asma que surge na idade adulta.

Teríamos de dizer que as partículas na atmosfera e na água contribuem para a presença de tais doenças e, embora nem todos os fragmentos as "devam" contrair, dado que bem mais de noventa por cento de todos os corpos são geneticamente imperfeitos, o stresse imposto pelos contaminantes ambientais pode tender a "sobrecarregar" o sistema e resultar em doenças crónicas. O impacto dos "males" ambientais não pode ser subestimado, pois teríamos de dizer que de cada fragmento com uma deficiência de saúde crónica, setenta e oito por cento tem uma componente ambiental.

Embora a "moda" médica atual não lide muito com nada exceto as formas mais graves de elementos ambientais no comprometimento da saúde, pensaríamos que exames mais detalhados provariam ser interessantes a este respeito. Concordamos que é frustrante lidar com questões de saúde que são simultaneamente ubíquas e efémeras, mas sem qualquer análise cuidadosa os problemas tendem a aumentar e a agravar-se.

Enfrentar a questão agora é propenso a ser mais bem-sucedido do que se tais estudos forem adiados até que o impacto sinérgico seja tão complexo que obter uma compreensão do problema se torne o aspeto mais difícil do "programa". Por outras

palavras, os problemas tenderão a tornar-se mais complexos com o tempo e mais difíceis de avaliar devido a essa complexidade.

Existe também a questão das imunizações, pois embora não queiramos desencorajar a imunização, teríamos de observar que infetar Infantes de forma protetora pode contribuir para várias doenças que ocorrem mais tarde na vida. Isso não significa que seja "recomendado" evitar a imunização, pois não é esse o caso. É um esforço louvável minimizar os eventos de doença na vida e diminuir a gravidade da mesma. A imunização faz muito mais para preservar a vida do que a falta dela, mas desejamos avisar-vos de que não podem escapar às repercussões de tais terapias como a imunização. Muitos fragmentos desenvolvem condições crónicas de baixo nível como resultado das imunizações administradas na primeira infância.

Não pensamos que seja aconselhável adiar ou limitar as imunizações, pois está longe de ser esse o caso, especialmente numa altura de tal densidade populacional, mas pensaríamos que uma reavaliação de muitas condições de saúde crónicas à luz do historial de imunização poderia revelar muito interesse. Pensaríamos que se as imunizações fossem dadas em doses mais baixas durante um período de tempo mais longo, a proteção desejada não seria significativamente reduzida e o stresse para o corpo do Infante não teria o potencial de dano que tem agora.

Existem muitos problemas de saúde pública que não estão a ser lidados de uma maneira "sensata", não sendo o menor deles o tratamento do cancro que é, como dissemos muitas vezes antes, uma doença do colagénio, razão pela qual se espalha da forma como o faz. Envenenar o corpo ao ponto de as células comprometidas morrerem com a esperança de que as saudáveis não o façam é típico do pensamento médico de há seiscentos anos, tal como queimar os tumores com radiação.

Pensaríamos que reavaliar a doença como uma falha do colagénio e esforçar-se por "recondicionar" o colagénio poderia levar a um tratamento mais eficaz do que qualquer outro atualmente disponível no tratamento ocidental padrão. Existem algumas práticas médicas na China que provaram ter um melhor impacto no paciente com cancro, tanto na redução da presença da doença como na manutenção de uma "qualidade de vida" razoável e, embora as práticas médicas ocidentais considerem tal tratamento como heresia, existem muitos benefícios a obter das perceções chinesas.

Além do cancro, condições sistémicas como artérias entupidas e nervos danificados têm sido abordadas com a mesma perspetiva com que foram abordadas há um século. Os meios de deteção e medição da deficiência melhoraram significativamente, mas a avaliação da natureza de tais condições permanece em grande parte inalterada, embora muita investigação genética tenha mostrado componentes de muitas doenças que são de origem genética.

Como os métodos atuais da cultura dos Estados Unidos da América consistem em ver a saúde como um produto e a prestação de cuidados de saúde como uma indústria, pensaríamos que existem muitas razões comerciais sólidas para a forma como esses cuidados são disponibilizados e, enquanto o conceito de "saúde-como-produto" permanecer o padrão, pensaríamos que o progresso em certas doenças crónicas não será muito pronunciado, porque o investimento a longo prazo no tratamento de doenças crónicas poderia ser comprometido por uma "cura" ou outro tratamento demasiado abrangente.

Isto não significa que os profissionais de saúde individuais não procurem acabar com as doenças, apenas que a perspetiva atual sobre a natureza e os objetivos dos cuidados de saúde é tal que a indústria se inclina a continuar a querer ganhar o máximo possível de uma fonte previsível, isto é, as condições crónicas, que são as "vacas leiteiras" da indústria médica. Apenas quando e se as perceções da cultura em geral passarem a ver a disponibilidade de cuidados de saúde como uma questão de serviço público é que este "estado de coisas" estaria propenso a mudar. E, claro, encorajar o nascimento de mais crianças faz florescer o negócio da medicina.

**O Instinto de Procriação**

**«O Michael discutiria toda a questão da procriação? É instintiva, cultural ou um pouco de ambos?»**

Como primatas, vocês têm uma "necessidade" de ter descendência, pois ela vem com a "programação rígida" da vossa espécie. E embora existam muitas estruturas culturais em vigor para promover o aumento da população, de facto, a maioria dos mamíferos — como podem observar noutras criaturas mamíferas — tem uma programação bastante legítima e muito forte vinda da sua central-de-espécie, que é o que chamariam de instinto, para dar à luz e nutrir as suas crias. Isto não se limita aos mamíferos, mas é mais prontamente identificável neles devido a padrões de comportamento partilhados.

Os primatas, como grupo, geralmente não geram mais do que duas crias de cada vez, e estas descendências requerem geralmente um período de cuidados e treino intensivos; testemunhem o comportamento dos gorilas, chimpanzés e orangotangos. Portanto, sim, existe validamente um instinto maternal e paternal e existem impulsos sexuais igualmente válidos mas distintos.

No entanto, e devemos enfatizar isto, poucas criaturas de razão-de-grupo, se é que alguma, associam o impulso sexual com os desejos parentais. Os lobos, sendo uma espécie que acasala para a vida toda, essencialmente desligarão todos os impulsos sexuais se algo acontecer ao parceiro, mas irão, de facto, nutrir as crias de outros lobos. E é bem sabido pelos agricultores que porcas e ovelhas em amamentação aceitarão qualquer número de "descendências" improváveis e cuidarão delas, mesmo que sejam membros de uma espécie ordinariamente hostil ou até

predadora para porcos e ovelhas. Isto ocorre mais frequentemente devido à intervenção humana e com algum grau de supervisão. Também tem sido notado em muitas ocasiões que a maioria dos mamíferos tolerará comportamentos das crias de outros animais que não toleraria na versão "adulta".

O que fez a maior diferença para a vossa espécie foi a descoberta e o reconhecimento da paternidade, acompanhados pelo orgulho legalizado, também conhecido como a lei da primogenitura, que na maioria das culturas se aplica apenas aos machos. Isto fez muito para distorcer as simples perceções mamíferas inerentes à vossa espécie encarnada. Isto é também o que permitiu que os vossos vários sistemas legais evoluíssem de modo que essencialmente definem as fêmeas e a descendência como propriedade dos machos: enquanto estas suposições legais estiverem em vigor, não é provável que ocorram decisões "racionais" relativas à fertilidade, reprodução e sexualidade, exceto numa base individual.

A maioria das culturas está estruturada para continuar o que é considerado uma ordem "natural", baseada na dominância masculina — que é um remanescente da programação rígida da vossa espécie — e reforçada por pressupostos religiosos que, na sua maioria, se baseiam em paradigmas sociais com mais de quatro mil anos. É, claro, possível para vós escolherem não sustentar as decisões baseadas no comportamento sexual dos vossos parentes de espécie mais próximos, e pensaríamos que, uma vez que o ciclo da alma madura seja a média para a vossa espécie, vocês como espécie estarão menos propensos a responder à territorialidade sexual dos vossos companheiros primatas, e a cultura mudará para acomodar a mudança nas perceções.

**Extinção e Sobrevivência da Espécie**

**«E se poluirmos a Terra de tal forma que não consigamos sobreviver aqui como espécie? O que acontece então?»**

Então encarnarão noutra espécie independentemente móvel noutro planeta e continuarão a vossa evolução. Não existe atalho para a evolução, e muitas espécies deixam de ser viáveis antes de a evolução dos fragmentos nelas encarnados ter completado os seus ciclos no plano físico. Em tal momento, uma nova espécie é selecionada e recebe a encarnação das almas. Frequentemente, quando uma espécie esteve numa forma-de-espécie capaz de manipular o seu ambiente — como vocês estão — a próxima espécie escolhida para encarnar será uma que não pode manipular o seu ambiente, e as experiências dessa fase da evolução serão, portanto, marcadamente diferentes das experienciadas nesta espécie. Isso não é, aliás, uma questão de "castigo", apenas de diferenciação experiencial. Vocês não escolhem nenhuma espécie com o propósito de punição própria, mas pela qualidade da experiência.

Quando uma espécie é encarnada com fragmentos de entidades, essa espécie torna-se capaz de escolha. A forma como a escolha se manifesta é determinada pela natureza da espécie na qual o fragmento está encarnado. Por exemplo, podem escolher que vos nasçam asas e voar, mas essa não é uma possibilidade para a vossa espécie. Então podem escolher, em vez disso, inventar aviões para o mesmo propósito, o que é algo que a vossa espécie é capaz de fazer.

A natureza da evolução é tal que duplicar a experiência de uma espécie para a seguinte tenderia a interferir com a diferenciação experiencial, e nós "esperaríamos" que quaisquer que fossem as limitações de uma nova espécie de encarnação, estas criariam novas esferas de escolha para vós, dentro dos limites do plano físico. E asseguramos-vos que o progresso é possível em muitos níveis, não importa quais sejam as características da espécie encarnada.

## Capítulo 6

## Evolução, Extinção e Reencarnação

Se existe uma experiência para ser experienciada no plano físico, é a capacidade de experienciar a passagem do tempo e as manifestações visíveis provocadas ao longo do "tempo", em cada fragmento com alma, nos artefactos da espécie, na "realidade" geográfica e em eventos astronómicos. Esta é de longe a experiência mais "única" possível no plano físico — o tempo linear.

Não podemos dizer isto com impacto suficiente pois, tal como nós não fazemos parte do tempo do plano físico, também vós, estando existentes nele, não se podem divorciar dele, nem seria apropriado à vossa experiência, mesmo que fosse possível. Do desenvolvimento das galáxias à bactéria mais perecível, pensaríamos que o "ciclo" da vida seria considerado revelador da validade da experiência do plano físico.

**«Michael, tudo isso soa um pouco elíptico. Poderia ser mais específico?»**

Percebemos o tempo de uma maneira que já descrevemos, baseada em possibilidades e escolhas. Da nossa perspetiva, todas as escolhas disponíveis são igualmente válidas, e apenas no plano físico se pode fazer a avaliação de qual é a mais "apropriada" para o fragmento em questão. Pensaríamos que este é o "valor" das vidas no plano físico, tendo possibilidades que são escolhidas e trazem consequências no contexto do desenvolvimento linear. Pensaríamos que, ao avaliar a escolha em termos de "o que vem a seguir", uma ferramenta valiosa de *insight* é tornada acessível a todos os fragmentos no plano físico.

Ser capaz de ver os eventos "desenrolarem-se" é uma experiência que só pode ser plenamente realizada no tempo linear e no contexto de uma vida em curso. O reconhecimento e a validação da experiência num contexto cronológico fornece

muitas oportunidades para lidar com verdades pessoais e mundiais e com a sua evolução dentro da vida particular que está a ser levada. Por exemplo, ser capaz de situar no tempo o processo de aprender a ler permite ao fragmento compreender a verdade pessoal da evolução, da verdade pessoal de "não sei ler" para a verdade pessoal de "sei ler". A verdade mundial aqui envolvida é que é possível para um ser humano ler. Sem um conceito de tempo e da sua passagem, tal identificação é feita com menos prontidão e, como resultado, a lição do processo não é tão bem discernida como o é dentro de uma compreensão do tempo.

A evolução ocorre em muitos níveis, nem todos relacionados com espécies de alma-de-grupo (*hive-soul*). A espécie humana está em processo de evolução, e cada fragmento encarnado na humana — ou em qualquer outra espécie por todo o plano físico — está a evoluir. É da natureza de toda a energia, não importa como expressa, evoluir. Uma vez que a matéria é, como dissemos antes, energia coagulada, ela também evolui de formas prontamente percebidas pela evolução e extinção de espécies ao longo de longas eras, muito antes de os mamíferos, quanto mais os primatas, entrarem "em cena". Teríamos de observar que as várias espécies que evoluíram ao longo do tempo estavam, claro, adequadas ao seu ambiente. Quando deixaram de estar adequadas ao seu ambiente, morreram, deixando um "vácuo" para ser preenchido por outras espécies, as quais, claro, evoluíram para preencher o "nicho" vago mais eficazmente, à medida que o "nicho", tal como a espécie, estava também a evoluir.

Dizemos isto para vos lembrar que não são o cumprimento glorioso do processo evolutivo, mas apenas uma das suas manifestações, e quando a vossa espécie deixar de ser viável, isso não significa que o vosso sol se tornará uma nova e a galáxia implodirá. Se isso acontecesse cada vez que uma espécie encarnada se extinguisse, haveria uma erupção constante de novas por todo o plano físico, e a encarnação das almas saltaria de espécie em espécie com uma velocidade vertiginosa. Isso não significa que a partida de espécies encarnadas de um planeta seja isenta de impacto. Nós não dissemos isso nem o sugerimos. A presença de qualquer espécie, planta ou animal, com alma ou de alma-de-grupo, é "significativa" e a sua ausência impacta o planeta e o ambiente do planeta.

Desejamos observar aqui, no entanto, que a existência planetária não depende da presença de espécies encarnadas para a viabilidade planetária. Na verdade, a presença de espécies encarnadas pode ser mais um perigo do que um benefício para muitos planetas, o vosso, claro, entre eles. As espécies encarnadas impactam os ambientes ao ponto de as suas escolhas poderem alterar os ambientes, e a sua presença ou ausência é significativa ao grau em que as suas escolhas levam ao impacto ambiental.

Todas as espécies, por mais "insignificantes" que sejam, têm impacto no ambiente em maior ou menor grau, e teríamos de dizer que, onde a espécie tem a

opção de manipular o ambiente, fá-lo-á pela natureza da sua "programação rígida" ou instinto, pois essa manipulação é o resultado da evolução. Por exemplo, o *Tyrannosaurus rex* não teria evoluído se não houvesse uma pletora de outros dinossauros para servirem de presa e, tendo evoluído para esse propósito, a espécie não poderia sobreviver sem presas suficientes para a sustentar. À medida que o ambiente dos dinossauros evoluiu, também, claro, evoluíram os dinossauros. Aqueles que não o fizeram extinguiram-se.

**«Falando de dinossauros, eles morreram ou evoluíram para aves?»**

Sim. Muitas das espécies morreram muito antes da rutura cataclísmica que alterou o ambiente tão drasticamente que a sobrevivência para a maioria foi impossível. No entanto, sim, aquelas espécies com maior adaptabilidade foram capazes de sobreviver às grandes extinções e evoluíram, como é aparente, para aves. Lembrem-se, se assim o escolherem, que quando o ambiente mudou subitamente, muitas outras espécies que tinham sido marginais tornaram-se subitamente mais ativas num ambiente que as suportava mais prontamente do que as espécies bem estabelecidas.

Muitas formas de bactérias e vírus floresceram no novo ambiente, e insetos adaptados a alimentarem-se de carne em decomposição prosperaram neste período. Assim, claro, muitas outras espécies sucumbiram a doenças com as quais não tinham tido de lidar antes. Mudanças no ambiente causam sempre um aumento de atividade nas doenças e nos seus vetores, porque o ciclo evolutivo das doenças "requer" um hospedeiro ou uma população de vetores enfraquecida para que a doença se torne virulenta, e isto tem sido verdade desde que os primeiros paramécios entraram nos mares primitivos.

Na física, isto é expresso da seguinte forma: **Para cada ação existe uma reação de igual intensidade e sentido oposto.** Onde muitos fragmentos se confundem é na suposição de que "igual" é uma medição de quantidade, e não uma medição de qualidade, o que é enganoso. O princípio da ação e reação é, para usar outro "velho ditado", "A natureza abomina o vácuo". Isto é verdade em termos de evolução tanto quanto em biologia, e pode ser demonstrado repetidamente.

Existem, como há muito foi estabelecido, muitas espécies de mamíferos que também se extinguiram, desde o tempo dos dinossauros até aos dias de hoje. Os seus restos não despertam o entusiasmo e o interesse geral da mesma forma que os dinossauros, mas o estudo deles pode ser tão revelador como o estudo dos antigos répteis, os quais foram, asseguramos-vos, não apenas lagartos crescidos demais, mas outro ramo evolutivo na árvore dos lagartos. Mais da central-dos-dinossauros está agora incorporada na central-das-aves do que está atualmente na central-dos-répteis.

**«A "sobrevivência do mais apto" (*survival of the fittest*) é válida? Se não, o que é?»**

Teríamos de dizer que a "sobrevivência do mais adaptável" é a regra. Aptidão (*fitness*) implica que a espécie é adequada para o seu "nicho", o que não é o caso das espécies que sobrevivem. A maioria das espécies que sobrevivem e evoluem fazem-no porque não estavam ultimamente adequadas ao seu "nicho" e, por isso, sujeitas à extinção, como os mais aptos estão quando o "nicho" desapareceu. Podem ver isto em termos de culturas — aquelas que se conseguem adaptar sobrevivem, aquelas que não conseguem ou sofrem mutação ou são subsumidas por uma cultura mais adaptável. Uma das marcas da sobrevivência cultural, bem como da sobrevivência das espécies, é a **tolerância**, devendo a palavra ser interpretada no âmbito mais amplo possível.

Se uma espécie apenas consegue sobreviver com certas espécies de plantas, se essas plantas sofrerem mutação por um vírus vegetal ou morrerem por outras razões, a hipótese de a espécie sobreviver ou de essas plantas serem capazes de sobreviver é pequena. Mas se uma espécie tiver uma maior tolerância alimentar, mesmo que a sua principal fonte de alimento desapareça, a espécie tem uma melhor hipótese de sobreviver e evoluir juntamente com a sua fonte de alimento. Pela mesma medida, uma cultura que se tornou tão rígida que a mudança não pode ser acomodada está "condenada" à extinção, pois a mudança ocorrerá, sendo a mudança a natureza do plano físico.

Aquelas culturas que têm apenas um "quadro de referência" no qual operar estão no mesmo dilema que a espécie com uma única fonte de alimento ou um habitat muito limitado. Claro que a escolha entra no quadro onde as culturas estão envolvidas e, em casos onde a rigidez cultural leva ao perigo, pensaríamos que é provável que os membros da cultura fossem capazes de escolher alterar a sua cultura em vez de a perderem, embora a história esteja repleta de exemplos de culturas que falharam em fazê-lo e se extinguiram.

**Carma e Interação com Outras Espécies**

**«Existe carma associado à extinção de espécies?»**

Geralmente não existe, embora os "ficheiros" mantidos pela central-da-espécie sobre cada fragmento com o qual a espécie da central interage possam colocar-vos numa posição desfavorável perante os outros membros da espécie sobrevivente. Por outras palavras, onde estão a lidar com criaturas de alma-de-grupo, o carma não é operativo da mesma forma que o é se interferirem nas escolhas de vida de outros seres humanos ou de cetáceos.

Por exemplo, se matassem deliberadamente o último Alca-gigante por desporto, a central-das-aves poderia não ter um "relatório" favorável sobre vós, e a vossa relação com as aves nas próximas doze ou mais encarnações poderia ser, no melhor dos casos, "incerta". O mesmo acontece com animais de outras espécies. Outro exemplo: se se propusessem a eliminar o último rinoceronte-branco com a

ideia de ter um troféu único, pensaríamos que as espécies relacionadas, incluindo os equídeos, poderiam não responder bem a vós por muitas encarnações seguintes.

Pensaríamos que, em algumas vidas após tal escolha, escolheriam fazer as pazes através de ações benéficas para com a espécie em questão, tais como, mas não limitadas a, fundar e apoiar um importante santuário de aves no primeiro caso, ou estabelecer importantes instalações de investigação sobre mamíferos extintos e formas de proteger espécies atualmente em perigo no segundo.

Isso não significa que todos os fragmentos que trabalham para apoiar vários projetos de animais e vida selvagem estejam a fazer as pazes com alguma central-de-espécie, ou que todos aqueles que desejam fazer as pazes escolham tais formas de o fazer, mas significa que quando alguém dedica a sua vida a tal atividade, o fazer as pazes pode ser uma componente na escolha. Por favor notem que dizemos "pode", não "é". Para muitos fragmentos, cuidar de animais é o meio de escapar à sua própria animosidade em relação a outros seres humanos e, através desta preocupação "lateral", procuram evitar lidar com pessoas. Isto não é um erro pois, como dissemos muitas vezes, não existem erros, existe apenas a escolha e as consequências da escolha. Mas pensaríamos que os fragmentos que usam animais de alma-de-grupo como um substituto para a interação com outros seres humanos poderiam querer examinar o foco subjacente a esta escolha, se a evolução na vida for desejada.

Desejaríamos salientar que a intervenção humana preservou uma grande quantidade de espécies que, de outra forma, poderiam ter-se extinguido, e não apenas no último século, mas ao longo dos últimos dez milénios. Assim que os seres humanos começaram a agricultura, isto é, a criar plantas e animais para alimentação e outro sustento, eles "meteram a mão" [Michael acha isto muito engraçado] na preservação e adaptação de espécies para benefício humano, o que significou que as espécies "domesticadas" foram criadas para a diversidade e adaptabilidade, o que, por sua vez, aumentou as hipóteses de sobrevivência das espécies. Pensaríamos que as adaptações das espécies "domesticadas" foram mais bem-sucedidas quando empreendidas com animais de rebanho, de modo que o humano pudesse "tomar o lugar" do animal sénior do rebanho. Menos sucesso resultou quando animais solitários foram trazidos para o "redil doméstico".

E embora concordemos que os seres humanos causaram a extinção de espécies, isto não se limita à ação humana, pois o mesmo aconteceu com outras espécies de alma-de-grupo. Muitos dinossauros carnívoros "eliminaram" espécies herbívoras, e certos herbívoros mais adaptáveis, invadindo o território e o alimento de outros dinossauros herbívoros menos adaptáveis, causaram a morte dos menos adaptáveis. Isto nada teve a ver com carma ou destino, apenas com a natureza da espécie em questão e a sua adaptabilidade ao ambiente alterado, pois certamente a presença de competição ou de predadores altera o ambiente tanto quanto desastres "naturais" como inundações, pestes, fomes, secas e todo o resto do catálogo de

"desventuras" do plano físico. Com o surgimento da diversidade mamífera, que foi possível devido à falta de dinossauros no ambiente, muitas espécies foram incapazes de sobreviver devido à maior adaptabilidade de outros mamíferos. Isto faz parte da evolução e é apropriado à sua manifestação no plano físico.

Desejamos observar aqui que, do nosso ponto de vista, a teoria mais significativa no pensamento humano é a **teoria da extinção**, pois foi apenas depois de essa teoria ter sido proposta e aceite por aqueles que exploravam a natureza da vida que foi possível desenvolver as teorias e esquemas da evolução.

Embora a mudança geológica tenha sido, de certa forma, compreendida e registada desde o século VI antes da Era Comum [século VI a.C.], a relação entre tais mudanças "terrenas" e o desenvolvimento das espécies não tinha sido feita nem reconhecida até muito mais tarde. Dizemos "de certa forma" porque, sem a compreensão da extinção, grande parte da avaliação da informação geológica era "incompleta". Isso não quer dizer que não tivessem sido feitas explorações ou descobertas. Ossos desenterrados antes das primeiras explorações sobre a extinção — e, logo, sobre a evolução — eram considerados como "prova" da existência de gigantes — o que de facto eram, mas não da espécie humana. A reavaliação desses ossos e o processo cognitivo que isso provocou alteraram toda a perceção humana, embora muito poucos, incluindo o próprio Cuvier, tenham percebido a extensão do seu impacto na altura.

Sem a teoria das extinções, muitos estudos biológicos teriam definhado por falta de um "quadro de referência". O passado, até que essa teoria surgisse, era em grande parte um registo religioso e político, parando na fundação do sistema religioso ou político, fosse em tempo documentado ou em origens míticas. Perceber que o passado ia muito além do passado "humano" foi uma inovação chocante no início do século XIX, e as repercussões fizeram-se sentir em todo o mundo científico por mais de meio século, e ainda estão a causar problemas em muitos centros religiosos.

Quando o Académico Velho **Georges Cuvier** apresentou as suas teorias sobre a extinção, trouxe uma nova definição do passado juntamente com as suas tentativas de explicar os fósseis que tinha analisado criticamente e — neste caso, a segunda parte da sua "descoberta" é o aspeto mais significativo da sua teoria — colocado em contexto temporal. Que tais criaturas tivessem existido já era surpreendente o suficiente, mas que tivessem deixado de existir exigia uma enormidade de pensamento que nem todos, naquela época, conseguiam alcançar; e poucos, mesmo agora, têm uma perspetiva precisa sobre o assunto. Dado o facto de a teoria da extinção ter tido de "nadar contra a corrente" de um poderoso fluxo cultural e religioso, é notável que tenha, de facto, sobrevivido. Tivesse Cuvier introduzido a teoria dois séculos antes, e poderia ter encontrado uma receção dramaticamente diferente para as suas ideias, e muito menos "curiosidade intelectual". Na verdade,

um matemático consumado no que é hoje a Jordânia propôs uma teoria de natureza semelhante, baseada nos seus cálculos astronómicos e extrapolações, no século XI, e foi cegado e teve a língua cortada por tal blasfémia.

Teríamos de dizer que Cuvier escolheu um momento mais apropriado para introduzir a sua "descoberta", pois embora a receção que recebeu estivesse longe de ser universalmente favorável, o clima cultural era tal que o pensamento inovador era tolerado pela maioria dos membros da comunidade académica da época; as suas descobertas foram respeitadas pelos seus pares, e a sua teoria não só foi discutida como avançada em instituições intelectuais. Agora que a sua teoria levou à verificação científica, teríamos de dizer que o desenvolvimento subsequente dos estudos evolutivos tornou possível para muitos fragmentos compreenderem a validade de um passado que não lhes diz respeito diretamente, mas que está relacionado com o planeta, não com a espécie humana.

A natureza da evolução não se foca em nenhuma espécie em particular em momento algum, mas sim na viabilidade do ambiente de todas as espécies do meio planetário, sem qualquer "favoritismo" pelas espécies com alma em comparação com as de alma-de-grupo (*hive-souled*). Deixem-nos também comentar que a atual resistência à teoria da evolução por parte daqueles que preferem o "conforto" do dogma religioso aos "perigos" da evolução é a manifestação do medo da perda de poder por parte daqueles que defendem a interpretação religiosa do passado, tornando assim os seres humanos o glorioso produto final da evolução, ocupando uma posição favorecida perante os "poderes constituídos", quer esse poder se chame Jeová, Deus, Alá ou Krishna. E embora as suas crenças não sejam precisas, elas demonstram os problemas daqueles que confundem o mito religioso com eventos passados reais, e pensaríamos que aderir ao dogma face a evidências factuais tenderá a levar o dogma religioso ao mesmo destino do dinossauro, e pela mesma razão.

**A Reencarnação na Evolução Humana**

**«O Michael poderia discutir como a reencarnação funciona em termos da evolução humana?»**

Isso é tudo o que discutimos, mas fá-lo-emos em termos específicos. Cada fragmento, da primeira à última encarnação, está a experienciar uma vida única, com sobreposições escolhidas para permitir ao fragmento realizar a tarefa escolhida para essa vida. As vidas levadas são todas igualmente válidas e contribuem para a evolução do fragmento, bem como da espécie que o fragmento encarnou. Não existem vidas "desperdiçadas". Deixem-nos oferecer alguns exemplos, um de cada essência, de fragmentos que estão agora a viver as suas vidas finais no plano físico, e acompanhá-los desde a primeira encarnação até esta última. Aliás, aquelas vidas onde a transição do nível três para o nível quatro se "sobrepõe" em função são, de facto, vidas de meio de ciclo, embora habitualmente não as identifiquemos como tal.

**1. O Escravo (Slave)**

Para começar pelo início, com um Escravo de primeira fundição que é agora um **Escravo Velho de nível final** nos seus quarenta anos, a viver na Suíça e a trabalhar numa unidade médica para doentes terminais. Esta é a sua **centésima nona vida**. Recordamos que os Escravos se realizam desde a sua primeira encarnação e são adaptáveis de formas que outros fragmentos não são, o que em termos de evolução é uma verdadeira vantagem.

Este fragmento Escravo em particular iniciou a sua evolução há **5.233 anos**:

- **1.ª vida:** Nasceu homem numa família de fabricantes de tijolos no que é hoje o Afeganistão. Durou vinte e dois anos; aprendeu a fazer tijolos.
- **2.ª vida (Infante nível 1):** Durou apenas quatro anos, na atual Birmânia. Sucumbiu a uma intoxicação alimentar.
- **3.ª vida (Infante nível 1):** Num colonato no Danúbio. Foi mulher, viveu trinta e um anos, teve quatro filhos e aprendeu a pintar cerâmica.
- **4.ª vida (Infante nível 2):** Homem, na China ocidental, como agricultor. Teve seis filhos, dois sobreviveram. Morreu aos vinte e nove anos de pneumonia.
- **5.ª vida (Infante nível 2):** Na Pérsia. Escravo vendido a um ferreiro que o tornou eunuco e o pôs a cargo da família. Morreu numa inundação aos dezanove anos.
- **6.ª vida (Infante nível 2):** No antigo Egipto, preparava tintas. Viveu trinta e quatro anos, teve um filho e morreu de complicações de vesícula biliar.
- **7.ª vida (Infante nível 2):** Tecelã na Índia. Considerada não casável por ser parcialmente surda. Morreu num incêndio aos vinte e oito anos.
- **8.ª vida (Infante nível 3):** Homem, guarda de caça no norte da Grécia. Morreu de febre por carraças aos trinta e um anos.
- **9.ª vida (Infante nível 3):** Breve; oferecido como sacrifício aos seis meses.
- **10.ª vida (Infante nível 3):** No atual Brasil. Mulher, cozinheira da aldeia por doze anos. Teve sete filhos; morreu aos vinte e nove de uma queda.
- **11.ª vida (Infante nível 4):** No Norte de África, tribo nómada. Tecia tendas. Morreu aos trinta e dois no nono parto.

- **12.ª vida (Infante nível 4):** Aldeia piscatória em Espanha. Homem, morreu afogado aos quinze anos.

- **13.ª vida (Infante nível 4):** Em Creta. Morreu aos oito anos, morto por saqueadores.

- **14.ª vida (Infante nível 4):** No Sri Lanka. Entregue a um templo aos dez anos; morreu aos vinte de picada de cobra.

- **15.ª vida (Infante nível 4):** Na Venezuela. Homem, braço direito de um sacerdote por quem estava apaixonado. Morreu de cólera aos vinte e seis.

- **16.ª vida (Infante nível 4):** No delta do Nilo. Mulher, pescadora e prostituta. Assassinada aos dezanove por um primo por causa de um barco.

- **17.ª vida (Infante nível 5):** Marceneiro no Camboja. Morreu aos dezassete de parasitas.

- **18.ª vida (Infante nível 5):** Na Normandia. Morreu de frio aos dois anos.

- **19.ª vida (Infante nível 5):** Na China, homem, construtor de casas. Casou duas vezes, sete filhos. Morreu aos quarenta na queda de um muro.

- **20.ª vida (Infante nível 5):** África Oriental. Mulher, fazia cestos. Morta pelo marido aos vinte e dois por não ter filhos.

- **21.ª vida (Infante nível 6):** Mulher, vendida a um estalajadeiro no Mar Negro. Concubina com mancha de nascença no rosto (mau agouro). Morreu de exaustão aos trinta e quatro.

- **22.ª vida (Infante nível 6):** Fabricante de lanças na Europa central. Morreu gelado aos vinte e sete.

- **23.ª vida (Infante nível 6):** Órfã estropiada no sul de França. Ao cuidado de uma herbanária (que foi o seu primo assassino na 16.ª vida), queimando a fita cármica. Morreu aos dezanove.

- **24.ª vida (Infante nível 7):** No Canadá ocidental, homem, preparador de peles. Morreu de falha cardíaca aos quarenta e três, ancião respeitado.

- **25.ª vida (Infante nível 7):** Na Turquia, homem, metalúrgico. Pobre, morreu de infeção num pé aos vinte e cinco anos.

- **26.ª vida (Infante nível 1):** Na Coreia. Mulher "apropriada", fazia jarros. Morreu no parto de gémeos aos vinte e três.

- **27.ª vida (Infante nível 1):** Na Polónia, mulher. Morreu de fome aos cinco anos.

- **28.ª vida (Infante nível 1):** China, Rio Amarelo. Homem, carroceiro. Viveu quarenta e quatro anos, teve duas esposas e onze filhos.

- **29.ª vida (Infante nível 2):** Mulher, vendida a um bordel aos seis anos. Viveu lá vinte e dois anos; morreu mendiga de subnutrição aos trinta e dois.

- **30.ª vida (Infante nível 2):** Mulher, servente na Hungria. Morta por soldados aos vinte e quatro.

- **31.ª vida (Infante nível 3):** Homem, sacerdote iniciado no reinado de Sesóstris I. Viveu rituais e escrita. Morreu de cancro aos cinquenta e um.

- **32.ª vida (Infante nível 3):** Homem, morto aos três anos por rivais políticos do pai na Índia.

- **33.ª vida (Infante nível 3):** Mulher na Croácia, enfermeira e parteira. Viúva aos dezoito, morreu de apendicite aos sessenta e quatro.

- **34.ª vida (Infante nível 4):** Professor de "números" na Síria. Homem, homossexual e rígido. Morreu aos trinta e oito, envenenado por rivais académicos.

- **35.ª vida (Infante nível 4):** Costa oeste de África, agricultor e compositor de lendas locais. Morreu aos trinta e nove, doze filhos e três esposas.

- **36.ª vida (Infante nível 5):** No Egipto, homem reacionário contra reformas. Morreu aos quarenta e um apedrejado.

- **37.ª vida (Infante nível 5):** China central, mulher de um agricultor. Morreu de gangrena aos vinte e quatro.

- **38.ª vida (Infante nível 5):** Ásia central. Morreu aos dois anos de insolação.

- **39.ª vida (Infante nível 5):** Grécia oriental, tecelã e parceira do seu Companheiro de Tarefa. Morreu de malária aos trinta e cinco. [Nesta fase, o fragmento já tinha passado 1.000 anos encarnado].

- **40.ª vida (Infante nível 5):** No México, mulher, cesteira. Morreu aos quarenta e um por complicações médicas pós-aborto.

- **41.ª vida (Infante nível 5):** Rapaz, morreu de concussão fatal aos dez anos.

- **42.ª vida (Infante nível 6):** Em Tiro, fenício, construtor de barcos. Morreu aos trinta e oito num naufrágio com os sete filhos.

- **43.ª vida (Infante nível 6):** Em Java. Morreu aos seis anos numa erupção vulcânica.

- **44.ª vida (Infante nível 6):** No Alasca, caçador de peles. Morreu de AVC aos cinquenta e seis, com numerosa descendência.

- **45.ª vida (Infante nível 7):** Mulher num harém. Segunda Esposa que eliminava rivais. Morreu envenenada aos trinta e sete.

- **46.ª vida (Infante nível 7):** Espanha, família de caldeireiros nómadas. Mulher, morreu aos dezanove de negligência, queimando duas fitas cármicas (das vidas 40 e 43).

- **47.ª vida (Jovem nível 1):** Família militar no Egipto (XX Dinastia). Guarda pessoal do Faraó, evitou combates através de subornos. Executado injustamente por traição aos trinta e nove.

- **48.ª vida (Jovem nível 1):** Em Esparta, mulher num templo com autoridade cívica. Suicidou-se aos quarenta e seis.

- **49.ª vida (Jovem nível 2):** Homem acusado de falsificar moedas. Perdeu as mãos e morreu pária aos trinta e um.

- **50.ª vida (Jovem nível 2):** No Japão, carpinteiro ambicioso e rápido. Morreu aos quarenta e dois de hipotermia.

- **51.ª vida (Jovem nível 2):** Parteira na China rural. Morreu de fome aos quarenta e três após perder o negócio para um médico.

- **52.ª vida (Jovem nível 3):** No Belize. Morreu de febre aos quatro meses.

- **53.ª vida (Jovem nível 3):** Em Corinto, escrava agrícola. Pagou carma da vida 50 e morreu aos trinta e um.

- **54.ª vida (Jovem nível 3):** Na Alemanha, filha mais nova de um latifundiário. Preferia o seu próprio sexo. Aprisionada pelo irmão após a morte dos pais para evitar partilha de herança. Morreu aos quarenta e sete.

- **55.ª vida (Jovem nível 4):** Mercador de latão e cerâmica no Mediterrâneo. Rico, seis famílias. Morreu de falha renal aos cinquenta.

- **56.ª vida (Jovem nível 4):** Escravo grego que fugiu para a Itália e tornou-se pedreiro (após alguns roubos na estrada). Morreu esmagado por pedras aos trinta anos devido ao seu temperamento feroz.

- **57.ª vida (Jovem nível 4):** Rapaz, morreu de infeção aos onze anos após ser castrado.

- **58.ª vida (Jovem nível 4):** Em Cartago, tecelã e esposa ambiciosa. Pagou duas dívidas cármicas e morreu de cancro aos trinta e nove.

- **59.ª vida (Jovem nível 5):** Na Índia, mulher de casta alta influenciada pela Ganância.

Teve nove filhos e quatro abortos espontâneos antes da sua morte, aos quarenta e quatro anos, devido a parasitas sistémicos. A sexagésima encarnação do Escravo foi como um homem em Esparta, durante a guerra com Atenas; forneceu armas e navios às forças espartanas, foi acusado (justamente) de traição e foi torturado até à morte aos quarenta e nove anos, tendo a sua família sido exilada e todos os seus bens confiscados pelo Estado.

A encarnação seguinte, número sessenta e um, começou na cidade etrusca de Veios e, após a derrota desta pelos romanos, ela foi feita escrava e levada para Roma, onde morreu de febre aos vinte e oito anos. A vida número sessenta e dois durou catorze anos e foi vivida na costa leste do que é hoje o México. O Escravo era do sexo feminino e foi morta na sua noite de núpcias pelo seu novo marido por não o conseguir satisfazer. A sexagésima terceira vida do Escravo foi passada como um homem, numa "cidade" de piratas numa ilha ao largo da costa sul da China. Ele era sanguinário, mas não mais do que o resto da sua sociedade. Teve duas esposas, nove concubinas, trinta e quatro filhos e sentia um grande orgulho em morrer em batalha contra os chineses aos quarenta e três anos.

A vida sessenta e quatro, e o sexto nível do ciclo Jovem, começou no que é hoje o oeste do Panamá e envolveu comércio costeiro. O fragmento era do sexo feminino, de casta muito baixa, e trabalhou principalmente como cozinheira e marinheira, queimando três fitas cármicas quando se afundou com o navio após salvar a maioria dos seus companheiros de bordo. Tinha vinte e um anos. O fragmento renasceu então no que é hoje a Suíça, numa família de pastores. Devido a um pé boto, o fragmento tinha pouco "valor", mas como era o único filho, foi-lhe permitido viver e acabou por se tornar uma espécie de magistrado regional para o lugarejo onde vivia e para vários lugarejos vizinhos. Devido à sua deformidade, não lhe foi permitido casar. Morreu aos trinta e nove anos de intoxicação alimentar.

O Escravo reencarnou depois no que é hoje o Iraque, numa zona de pântanos salgados, e dedicou a sua vida à construção de barcos. Casou-se, teve seis filhos, todos os quais morreram da mesma febre que o matou aos trinta e quatro anos. Na vida seguinte, este Escravo mudou-se para o sétimo nível do ciclo Jovem, foi mulher, filha de uma família de construtores de barcos em Cartago, que fornecia barcos aos militares em Espanha. Casou-se aos quinze anos com o que se poderia chamar um oficial naval, que a levou para Espanha e a abandonou a ela e aos seus três filhos. Morreu de fome numa tentativa de salvar os seus filhos aos vinte e nove anos.

Na vida sessenta e oito, este fragmento foi novamente do sexo feminino, desta vez vivendo e trabalhando em Roma no *lupanar* [zona de meretrício] como prostituta, o que, recordamos-vos, era uma ocupação honrosa naquela época. Alcançou uma reputação invejável, tratou os seus clientes com justiça, desfrutou do seu sucesso e fama, casou bem os seus dois filhos e retirou-se para o campo com uma pequena fortuna, morrendo de tifo aos cinquenta e quatro anos, depois de fornecer a todos os seus escravos cartas de alforria e pequenas doações para que se pudessem estabelecer no mundo como homens livres.

Na sexagésima nona vida, o Escravo entrou no ciclo Maduro; a primeira vida foi passada na China, fabricando instrumentos de latão para uso científico. Casou-se três vezes, teve dez filhos e, finalmente, retirou-se da sociedade e da sua família aos quarenta e nove anos, morrendo de pneumonia aos cinquenta e um. O Escravo, nesta altura, tinha pouco mais de dois mil anos de experiência de vida no plano físico e tinham passado três mil duzentos e dezassete anos desde que o fragmento encarnara pela primeira vez.

O Escravo encarnou depois no Egipto, foi mulher, viveu dois anos e morreu de uma infeção fúngica nos pulmões. O Escravo nasceu pela septuagésima primeira vez no que é hoje a França, numa família de produtores de vinho. Como filho mais novo, tinha pouco a herdar e, por isso, aliou-se a mercadores romanos e tornou-se um corretor de vinhos. Teve quatro filhos de três mulheres diferentes, com uma das quais casou. Morreu de uma doença epidémica aos quarenta e um anos. A vida setenta e dois foi vivida numa região remota do Pacífico Sul onde o Escravo, agora mulher, tratava de cabras e de irmãos mais novos, morrendo aos dezanove anos de choque após ter o ombro partido por uma cabra irritada. O Escravo nasceu novamente mulher, desta vez na Grécia, numa família de mercadores.

Fugiu de casa quando a sua família tentou arranjar-lhe um casamento e acabou por chegar a Alexandria, onde foi trabalhar numa organização "de caridade" dedicada a criar órfãos. Morreu ali, aos vinte e sete anos, de osteomielite. Na vida setenta e quatro, o Escravo passou para o segundo nível Maduro e nasceu homem em Samatra, tornou-se sacerdote do deus local e supervisionou a construção de um novo templo. Contraiu lepra, foi exilado e morreu aos quarenta e quatro anos. A vida número setenta e cinco foi vivida na Sibéria, onde o Escravo era a filha mais velha do criador de renas mais bem-sucedido da região. Foi raptada, resgatada e encarregue de gerir o rebanho da família, uma vez que o seu rapto a tornava não casável. Morreu de hipotermia avançada aos cinquenta e nove anos. A vida seguinte, número setenta e seis, iniciou o terceiro nível do ciclo Maduro e foi vivida na Grã-Bretanha, onde este fragmento supervisionou a construção de povoados cercados. A sua reputação tornou-o tão requisitado que foi assassinado por rivais aos trinta e oito anos. O Escravo nasceu pela septuagésima sétima vez no que é hoje a Flórida, foi mulher, tornou-se habilidosa no trabalho com madeira na fabricação de armaduras corporais, tendo por isso casado bem, teve cinco filhos e morreu de febre amarela

aos trinta e seis anos. A setenta e oitava vida levou o Escravo ao Hindu Kush e ao início do quarto nível do ciclo Maduro.

O fragmento era do sexo masculino, criava cavalos e combatia bandidos, que acabaram por massacrar a sua família. Morreu enquanto tentava vingar-se, aos vinte e nove anos. Na vida seguinte, este Escravo tornou-se um monge que serviu o Papa Inocêncio I, morrendo no mesmo ano que o seu papa, aos sessenta e um anos. O Escravo nasceu para a octogésima vida, mulher, mesmo a tempo de ser morta aos três anos quando Átila saqueou Worms. A octogésima primeira vida foi numa cidade Maia onde, como simples operário, este fragmento viveu num estado de semi-escravatura durante vinte e dois anos, morrendo como sacrifício antes de uma batalha. A octogésima segunda vida iniciou o quinto nível do ciclo Maduro, quando o Escravo nasceu homem no Japão e dedicou a sua vida a construir santuários "Xintoístas", morrendo de leucemia aos trinta e sete anos.

A octogésima terceira vida começou perto de Constantinopla, onde este fragmento, novamente homem, subiu à proeminência como administrador de um hospital notável pela elevada taxa de recuperação dos pacientes. O fragmento queimou mais de dez fitas cármicas nessa vida e sucumbiu a uma infeção viral aos quarenta e um anos. Na octogésima quarta vida, este fragmento foi mulher, no norte da Europa, casada aos dezasseis anos com um ferreiro que, num acesso de raiva incontrolável, a espancou até à morte aos vinte e quatro anos. A vida seguinte, número oitenta e cinco, trouxe o Escravo ao sexto nível do ciclo Maduro e à vida de uma mulher. Entrou no convento de Saint Césaire no ano em que o Imperador Tibério II morreu, e passou a maior parte dos seus sessenta e sete anos como jardineira e agricultora. Na octogésima sexta vida, este Escravo nasceu numa família de tintureiros em Antioquia, foi mulher, casou aos quinze, teve sete filhos e morreu de exaustão por calor aos trinta e quatro anos. Na vida seguinte, este Escravo foi homem, nascido no reinado de Carlos Martel, cujo pai procurava glória e riquezas ao lado de Martel e alistou o seu filho como pajem na corte. O rapaz morreu aos dezasseis anos, resultado de violação homossexual. A octogésima oitava vida deste Escravo foi vivida no que é hoje a Bélgica.

O fragmento herdou o negócio da família e passou a vida a reparar rodas de água por toda a sua região imediata. Foi casado uma vez, teve três filhos sobreviventes e morreu de pescoço partido aos quarenta anos. O Escravo começou a sua octogésima nona vida como agricultor, mas progrediu no mundo quando comprou o direito de gerir um posto de muda de cavalos para mensageiros reais no centro de França. Foi morto por "espiões" aos trinta e dois anos.

Na vida seguinte, o Escravo entrou no ciclo Velho, nasceu homem perto de Bagdade e tornou-se copista na universidade local, especializando-se em transcrever textos antigos sobre astronomia. Morreu de cancro aos trinta e cinco anos. A nonagésima primeira vida deste Escravo foi passada a comerciar no que chamam o

Rio São Lourenço, ajudando o seu marido e criando quatro filhos até à idade núbil. Morreu aos vinte e nove anos. Na vida seguinte, este fragmento serviu como juiz regional no norte da China. Foi notado pelas suas preocupações cívicas. Teve uma esposa e duas concubinas, e seis filhos sobreviventes. Foi assassinado aos trinta e oito anos, juntamente com a maior parte do seu agregado familiar. Na nonagésima terceira vida, este fragmento chegou ao segundo nível do ciclo Velho.

O fragmento nasceu em Bombaim numa família de fabricantes de instrumentos, era do sexo feminino e mostrava habilidade no trabalho, pelo que foi casada com um primo que herdou o negócio e o levou à falência. Morreu na pobreza aos vinte e cinco anos. O Escravo nasceu depois no sul de Inglaterra, novamente mulher, e foi vendida a mercadores para ser servente e cozinheira. Morreu aos onze anos quando a carroça dos mercadores passou "acidentalmente" por cima dela. A nonagésima quinta vida foi passada como mulher em Constantinopla, onde, como freira, este fragmento dedicou a sua vida à oração e ao serviço aos pobres. Morreu de fome durante um jejum de Páscoa aos vinte e oito anos. A nonagésima sexta vida foi passada como homem em Itália onde serviu como escriba e copista para Guido d'Arezzo, morrendo dois anos antes do seu mestre, aos trinta e seis anos. A nonagésima sétima vida do Escravo começou em França, onde o rapaz estudou arquitetura. Foi rapidamente chamado a Londres para ajudar a supervisionar a construção da Torre de Londres. Casou com uma rapariga inglesa, não teve filhos e morreu de inalação de fumo aos quarenta e quatro anos. Na nonagésima oitava vida, este fragmento, novamente homem, contribuiu para o tratado *Antidotarium Nicolai* e trabalhou como boticário na última parte da sua vida. Morreu aos cinquenta e sete anos. Na nonagésima nona vida do Escravo, entrou-se no quarto nível do ciclo Velho.

O Escravo, então mulher, viveu no Tibete, criando os seus próprios quatro filhos e os filhos dos seus irmãos também, perfazendo o total de treze. Acabou por morrer de parasitas hepáticos aos quarenta e sete anos. Na centésima vida, este Escravo, novamente mulher, nasceu em Espanha, filha ilegítima de um dos professores fundadores da Universidade de Salamanca. Recebeu um dote de dinheiro suficiente para encontrar um marido adequado, de quem teve cinco filhos, e morreu aos cinquenta e três anos, sobrevivendo ao marido por uma década.

Na vida seguinte, este fragmento foi novamente mulher, mas a vida foi breve, terminando no rescaldo do massacre conhecido como as Vésperas Sicilianas, aos seis anos. A vida cento e duas colocou o Escravo no quinto nível Velho, e mais uma vez no Japão, onde ajudou no desenvolvimento do drama Nó. A vida durou cinquenta e nove anos e foi geralmente "feliz". O fragmento tinha agora mais de três mil anos de encarnação física e tinham passado aproximadamente quatro mil quinhentos e setenta anos.

A centésima terceira vida do Escravo foi passada como uma enfermeira num hospital recém-estabelecido, o Bethlehem Hospital em Londres, onde cuidou dos internos com tanta compaixão como qualquer pessoa que lá trabalhasse naquela época, até à sua morte aos quarenta e dois anos. Uma das internas era a sua irmã, que seria diagnosticada como esquizofrénica pela maioria dos profissionais de saúde hoje em dia. A vida número cento e quatro foi passada como cozinheiro de navio, homem, o que incluiu viagens ao longo da costa africana para Portugal. O homem morreu no mar aos quarenta e nove anos. O fragmento nasceu mais uma vez no México, de pais crioulos, tornou-se freira aos dezassete anos e permaneceu na sua Ordem até à morte aos oitenta e seis anos. O Escravo viveu no que é hoje a Turquia por um total de quinze anos na centésima sexta vida, no tempo de Kara Mustafa.

A centésima sétima vida, que também iniciou o sétimo nível do ciclo Velho, começou no ano de 1710, na contagem comum, na Rússia oriental, onde esta mulher viveu durante cento e nove anos, cuidando dos rebanhos da sua família e criando oito filhos, vinte e nove netos e sessenta e dois bisnetos. A longevidade não era invulgar para as pessoas daquela região. A centésima oitava vida começou em Inglaterra em 1864, e o fragmento era do sexo masculino. Aos vinte anos foi para a Índia "procurar a sua fortuna", "integrou-se nos costumes locais" (*went native*) e morreu lá, aos sessenta e nove anos, em 1933.

A vida atual deste Escravo começou aproximadamente vinte anos após a última, é a terceira vida no sétimo nível do ciclo Velho, e uma vida final para este fragmento. No decurso destas vidas, o Escravo queimou quatrocentas e setenta e seis fitas cármicas, um valor algo inferior à "média", mesmo considerando a tendência geral do Escravo para ganhar menos carma do que outros fragmentos. O Escravo teve vinte e um contactos com o seu Gémeo de Essência e vinte e oito contactos com o Companheiro de Tarefa, e teve contacto com os seis outros membros da cadência um total de mil duzentas e dezassete vezes.

**2. O Artesão (Artisan)**

Para os Artesãos, seguiremos as vidas de um **Artesão de segunda fundição** que encarnou pela primeira vez há **cinco mil trezentos e sessenta e oito anos** no que chamam Austrália.

- **1.ª vida:** O fragmento era do sexo feminino e morreu aos cinco anos de uma infeção por perna partida.
- **2.ª vida (Infante nível 1):** Nasceu homem na Mongólia oriental, passou os seus dezanove anos como pastor e morreu de disenteria.
- **3.ª vida (Infante nível 1):** Como mulher, viveu na África central durante dois anos, até ser abandonada durante um período de fome.

- **4.ª vida (Infante nível 1):** Reencarnou na América do Sul onde viveu vinte e seis anos e tornou-se tecelão de juncos.

- **5.ª vida (Infante nível 2):** Levou uma vida restrita no que é hoje o Nepal como mulher.

- **6.ª vida (Infante nível 2):** Durou sete anos no que é hoje o norte do Canadá, tendo morrido gelada.

- **7.ª vida (Infante nível 2):** Passada como mulher na Índia oriental. Casou, teve cinco filhos, fazia belas contas de madeira e foi morta pelos sogros aos trinta anos após dois abortos espontâneos.

- **8.ª vida (Infante nível 2):** Passada num pântano da América do Sul onde este Artesão, agora homem, caçava pássaros e morreu de infestação de parasitas aos dezasseis anos.

- **9.ª vida (Infante nível 3):** Entrou no terceiro nível do ciclo Infante e nasceu mulher na África central, tornou-se concubina do líder da região e foi envenenada aos vinte e um anos.

- **10.ª vida (Infante nível 3):** Apanhador de lenha no que é hoje a Bulgária. Homem e ligeiramente "atrasado", o fragmento não foi autorizado a casar e morreu aos vinte e nove anos de febre contraída por ácaros.

- **11.ª vida (Infante nível 3):** Durou dez anos e foi passada nas margens do que é hoje chamado Mar Adriático. O Artesão era filho de um fabricante de redes e teria seguido o ofício do pai se saqueadores não tivessem destruído a aldeia e matado todos os homens.

- **12.ª vida (Infante nível 4):** Nasceu mulher no que chamam Canadá, na parte leste do país, filha do "escriba"/"registador"/"historiador" da aldeia. Casou, teve seis filhos e morreu de infeção bacteriana aos vinte e cinco anos.

- **13.ª vida (Infante nível 4):** Novamente mulher, vivendo na parte sudeste de África. Teve dois "maridos" e dez filhos, e morreu com a idade bastante avançada de trinta e três anos.

- **14.ª vida (Infante nível 4):** Encarnou como mulher no que é hoje o centro de França, foi-lhe dado um lugar para viver pelo homem que a reclamou e de quem teve dois filhos. Ele arranjou um "casamento" melhor, expulsou o Artesão e ela morreu de exposição ao frio aos dezassete anos.

- **15.ª vida (Infante nível 4):** Novamente mulher, desta vez no que é hoje o Paquistão, onde foi sacrificada num festival religioso aos oito anos de idade.

- **16.ª vida (Infante nível 5):** Entrou no quinto nível do ciclo Infante, vivendo como homem e praticando o ofício da pesca na África ocidental. Teve duas "esposas" durante os seus vinte e oito anos e cinco filhos. Morreu de doença durante um ano de fome.

- **17.ª vida (Infante nível 5):** Passada como mulher no que é hoje chamado Ucrânia. Fazia parte de uma grande família de agricultores, casada por aproximação com um primo, teve três filhos sobreviventes e morreu de abcessos aos vinte e sete anos.

- **18.ª vida (Infante nível 5):** Passada como mulher na China ocidental. Ficou estropiada aos nove anos e ao longo dos anos a sua condição deteriorou-se até à morte aos vinte.

- **19.ª vida (Infante nível 6):** Breve; começou o sexto nível do ciclo Infante como mulher no que é hoje o centro do México, morrendo num incêndio aos três anos.

- **20.ª vida (Infante nível 6):** Passada como homem no curso superior do Nilo. O fragmento foi morto "acidentalmente" em combate ritual aos treze anos.

- **21.ª vida (Infante nível 6):** Passada na Babilónia como mendigo, onde morreu de infeções dentárias aos trinta e um anos.

- **22.ª vida (Infante nível 6):** Reencarnou na Europa central, mulher, que cuidava da quinta para o seu marido, que viajava e comerciava. Ela revelou-se mais bem-sucedida do que ele, criou os seus cinco filhos e morreu aos trinta e três anos.

- **23.ª vida (Infante nível 6):** Nascida mulher, este Artesão foi uma escrava no que chamam América Central e morreu aos dezasseis anos como resultado de um castigo severo.

- **24.ª vida (Infante nível 6):** Nasceu no que é hoje o Iraque, mulher, tornou-se bailarina ritual e morreu aos trinta e cinco anos por suicídio religioso.

- **25.ª vida (Infante nível 6):** No que é hoje o nordeste de Espanha. O fragmento era do sexo masculino e, como resultado de uma queda grave, ficou cego aos seis anos. Foi abandonado e morreu pouco depois disso.

- **26.ª vida (Infante nível 6):** Novamente mulher, e viveu uma vida bastante pacata no Sinai, tendo tido dois filhos antes da sua morte aos vinte anos.

Este Artesão entrou no primeiro nível do ciclo Infante na **vida vinte e sete**:

- **27.ª vida (Infante nível 1):** Viveu como mulher no que é hoje a Birmânia. Considerada sagrada devido à hora do seu nascimento, foi ensinada a fazer sinos de madeira. Não teve filhos e morreu de anemia aos trinta e seis anos.

- **28.ª vida (Infante nível 1):** Passada na Europa oriental onde este Artesão, agora homem, cultivava cereais, foi pai de dezassete filhos e praticou a sua religião com zelo extremista. Morreu aos vinte e três anos.

- **29.ª vida (Infante nível 1):** Passada na Rússia oriental. O Artesão era do sexo feminino e morreu aos sete anos após ter sido atacada por cães.

- **30.ª vida (Infante nível 1):** No centro da China, filha de um trabalhador de latão, que morreu de uma doença epidémica aos doze anos.

- **31.ª vida (Infante nível 1):** Encarnou no que é hoje a Guatemala, era homem, com estatuto de "escravo", e foi-lhe dado o trabalho de tratar e abater gado.

- **32.ª vida (Infante nível 2):** Mudou-se para o segundo nível do ciclo Infante; nasceu mulher nas Filipinas, casou aos treze anos, teve três filhos antes de morrer no parto aos dezoito anos.

- **33.ª vida (Infante nível 2):** No sul da Índia como mulher numa família de trabalhadores de couro. Era uma de duas filhas sobreviventes e foi ensinada com relutância "o negócio" pelo pai, trabalhando nele diligentemente durante toda a sua vida adulta. Morreu aos quarenta e quatro de um AVC.

- **34.ª vida (Infante nível 2):** Passada como escravo homem, construindo estradas e pontes. Morreu de pescoço partido aos vinte e nove anos.

- **35.ª vida (Infante nível 3):** Iniciou o terceiro nível do ciclo Infante e foi passada como construtor de barcos no Egipto, perto da Primeira Catarata. O fragmento era homem e morreu de disenteria amebiana aos trinta e um anos.

- **36.ª vida (Infante nível 3):** Nasceu mulher no norte da Europa e tornou-se uma perita no tratamento de peles, primeiro para o seu pai e depois para o seu "marido", sendo ambos caçadores. Não teve filhos sobreviventes e morreu aos vinte anos.

- **37.ª vida (Infante nível 3):** Vivida no norte da China, onde o fragmento, mulher, foi morto aos seis anos durante um ataque ao acampamento da sua família por senhores da guerra rivais.

- **38.ª vida (Infante nível 3):** No que é hoje o Paquistão. O fragmento, mulher, foi ensinada a usar ervas pela mãe e pela tia, foi vendida como escrava por necessidade financeira e morreu de abusos aos dezassete anos.

Este fragmento moveu-se depois para o quarto nível do ciclo Infante, nasceu no que é hoje a Dinamarca, era do sexo feminino, "casou" três vezes, tornou-se conhecida pela sua escultura em osso e morreu de hemorragia aos quarenta e dois anos, deixando quatro filhos e onze netos. A quadragésima vida deste Artesão foi vivida como mulher na Etiópia, onde morreu de úlceras cutâneas infetadas aos três anos. Na quadragésima primeira vida, este fragmento estava no que é hoje a Argélia, estava a treinar para ser um escriba de mercado quando foi mordido por um cão raivoso e morreu aos quinze anos. A vida seguinte foi passada como mulher no nordeste da América.

Os seus parentes deixaram-na morrer de fome quando ela recusou o "casamento" que tinham planeado para ela à idade avançada de vinte e quatro anos. Na quadragésima terceira vida, este Artesão entrou no Quinto nível do ciclo Infante, nasceu homem no Egipto, tornou-se um escultor de pedra e morreu de cancro de pele à idade verdadeiramente avançada de cinquenta e oito anos. Parte do seu trabalho ainda existe. Na quadragésima quarta vida, o Artesão nasceu homem na China, tornou-se malabarista e morreu de febre aos vinte e sete anos. A quadragésima quinta vida foi vivida durante dez anos no que é hoje a República Checa.

O fragmento era do sexo feminino e sucumbiu ao choque após ser atingida na perna por um machado. O Artesão reencarnou então nas ilhas gregas e foram-lhe ensinados os princípios do trabalho em mosaico. Morreu de picadas de escorpião aos dezasseis anos. Na quadragésima sétima vida, este Artesão entrou no Sexto nível do ciclo Infante. Nascida mulher no que é hoje a Áustria, tornou-se esposa de um trabalhador de couro e, de facto, trabalhou com ele quando não estava a dar à luz ou a cuidar dos seus sete filhos. Morreu de insuficiência cardíaca aos trinta e quatro anos.

A quadragésima oitava vida foi passada como homem no Pacífico Sul, onde o Artesão fabricava barcos e morreu afogado aos dezoito anos. Neste ponto, o Artesão tinha vivido mais de mil anos encarnado no plano físico, e tinham passado mais de mil e setecentos anos. A quadragésima nona vida deste Artesão começou no norte da Europa e derivou gradualmente para sul à medida que a "aldeia" de caça se movia para áreas mais promissoras. O Artesão era mulher, teve seis filhos, quatro dos quais morreram na infância, fabricou muitos utensílios de madeira e morreu de uma infeção bacteriana por carne estragada aos vinte e nove anos. No início do sétimo nível do ciclo Infante, este Artesão viveu no Japão, era homem e morreu de febre pouco antes do seu quarto aniversário.

A quinquagésima primeira vida deste Artesão teve lugar na região agora chamada Prússia. O fragmento fazia parte de uma família de pescadores, era do sexo feminino e morreu de hipotermia aos vinte e um anos. Na vida seguinte, este Artesão foi um escravo homem no Laos, incumbido da tarefa de cortar árvores e ajudar na construção de cabanas. Uma carga de troncos esmagou-o até à morte aos vinte e dois anos. A quinquagésima terceira vida deste Artesão foi passada no que é hoje a Serra Leoa, uma criança do sexo feminino com habilidade para fazer joalharia de conchas. Morreu de doença óssea aos onze anos.

O ciclo Jovem começou para este Artesão na vida cinquenta e quatro. Viveu trinta anos, foi escultor na Índia oriental durante dez anos e depois foi exilado por razões religiosas. A sua família não foi autorizada a ir com ele. Morreu aos trinta anos. A quinquagésima quinta vida deste Artesão foi passada na Irlanda, o segundo filho homem de uma família de agricultores. Morreu aos oito anos de bronquite aguda. A quinquagésima sexta vida deste fragmento foi vivida no norte de Espanha, onde foi uma bailarina de algum renome, embora com estatuto de escrava. Morreu aos dezassete anos.

A quinquagésima sétima vida deste fragmento foi vivida na região dos Grandes Lagos, onde teve cinco filhos e foi reconhecida pela sua cestaria, que serviu para sustentar a família quando o seu "marido" ficou estropiado num acidente. Morreu aos vinte anos de fadiga. A quinquagésima oitava vida trouxe o Artesão para o segundo nível do ciclo Jovem, onde o fragmento era do sexo feminino e a sobrevivente de uma epidemia horrenda. Tinha fugido da região e acabou por se tornar a "serva por contrato" (bonded servant) de um mercador. Deu-lhe quatro filhos antes de morrer aos vinte e seis anos. A quinquagésima nona vida deste fragmento foi vivida na fronteira entre a China e a Mongólia, onde fez parte de uma família de fabricantes de selas e arreios durante cinquenta e três anos. O seu marido casou-se para dentro da família e do negócio, e eles prosperaram até à morte do marido, cerca de cinco anos antes da dela. Tiveram quatro filhos sobreviventes e três netos sobreviventes.

A encarnação seguinte, a sexagésima vida para o Artesão, foi vivida no que é hoje a Turquia, onde este fragmento era homem, escravizado enquanto jovem e posto a construir estradas, tarefa na qual morreu aos vinte e nove anos. O Artesão passou então para o terceiro nível do ciclo Jovem, nascendo mulher no que é hoje a Indonésia numa família que fazia marionetas para peças religiosas e festivais. Era surda e nunca casou, embora continuasse a fazer marionetas até à sua morte aos trinta e seis anos. A sexagésima segunda vida do Artesão foi passada como prostituta na Grécia. Foi assassinada aos vinte e cinco anos pelo seu empregador. A sexagésima terceira vida marcou o início do quarto nível do ciclo Jovem. Foi

passada na Núbia, onde o Artesão, mulher, teve nove filhos antes de morrer de sede aos trinta e dois anos. Na vida seguinte, o fragmento era homem, na África austral, e morreu de fome aos cinco anos.

A sexagésima quinta vida foi passada como mulher no que é hoje o oeste de França, onde o fragmento era filha de um agricultor empobrecido. Foi vendida ao mandachuva local depois de o pai abandonar a família. Morreu aos treze anos de complicações resultantes de violação. A vida seguinte do Artesão foi em Java, onde era filha de um Sacerdote menor, casada aos sete anos com o Sacerdote sénior para fazer parte do seu "harém", e morreu aos dezasseis anos por veneno. A vida número sessenta e sete foi vivida em Tiro, onde a rapariga foi cegada e mutilada aos quatro anos e vendida a um mendigo profissional, que a espancou até à morte aos vinte e dois anos.

O Artesão passou a vida sessenta e oito como uma criança do sexo feminino de um fabricante de tambores no que é hoje o estado do Maine. O Artesão e todos os seus irmãos nessa vida morreram numa incursão. Tinha dez anos.

A sexagésima nona vida iniciou o quinto nível do ciclo Jovem para este Artesão. Como mulher no sul de Espanha, foi ensinada a fazer mobiliário e continuou a fazê-lo através de dois casamentos e oito filhos sobreviventes. Tinha quarenta e sete anos quando morreu de apendicite. A septuagésima vida deste Artesão foi vivida como mulher no Japão. Foi considerada louca e as tentativas de a "curar" resultaram na sua morte aos doze anos. A septuagésima primeira vida deste Artesão trouxe o fragmento para o sexto nível do ciclo Jovem. O fragmento nasceu homem no que é hoje Marrocos, onde se tornou famoso pelo seu trabalho superior de embutidos em madeira.

Morreu aos vinte e três anos devido a ferimentos sofridos numa queda. A vida septuagésima segunda foi passada na Europa oriental, onde este Artesão, mulher, foi acolhida por uma família de fabricantes de cordas e finalmente "ganhou o seu sustento" nessa capacidade. Morreu de infeções crónicas nos seios perinasais aos dezoito anos. Na vida seguinte, este Artesão foi mulher, escrava na Grécia, treinada como cozinheira, inventou dois utensílios de cozinha úteis: um esmagador de alho funcional e o outro um tipo simples de batedor (whisk). Morreu aos trinta e um anos de cancro uterino.

A septuagésima quarta vida deste fragmento durou menos de dois anos. O Artesão, então mulher, foi afogado como parte de uma observância religiosa. A septuagésima quinta vida foi vivida na América Central, onde o fragmento contraiu uma infestação parasitária que a matou aos nove anos. A septuagésima sexta vida deste fragmento iniciou o sétimo nível do ciclo Jovem. O Artesão encarnou como

mulher numa família de fabricantes de quadrigas perto do Mar Negro. Suicidou-se aos catorze anos.

A septuagésima sétima vida foi vivida como mulher na Grécia como escrava de um mercador de tecidos. Aprendeu a tecer e morreu de tifo aos dezanove anos. Na septuagésima oitava vida, este fragmento foi uma japonesa que casou numa família de oleiros e ganhou prestígio através da sua perícia na cozedura de peças. Morreu aos vinte e oito anos de infeção pós-parto. A vida septuagésima nona foi passada na Grécia, embora o fragmento fosse da região em redor de Antioquia. Era escravo e atleta que realizava feitos de força para o seu mestre e para o povo em geral. Morreu aos vinte anos de uma hérnia rompida.

O ciclo de alma Madura começou para este Artesão em Roma, onde treinava bailarinos para entretenimentos teatrais. Sentia atração sexual por mulheres e nunca casou. Morreu por mão própria aos trinta e dois anos. A octogésima primeira vida deste Artesão foi passada como carpinteiro de navio no Oceano Índico. Afogou-se aos dezasseis anos. A octogésima segunda vida deste fragmento foi passada como mulher na Europa oriental. Abandonada aos dez anos por uma família incestuosa, conseguiu sobreviver na floresta, onde continuou a viver em isolamento até à sua morte aos trinta e oito anos. O segundo nível do ciclo Maduro começou com uma vida muito breve de menos de um ano, quando o Infante do sexo feminino foi sufocado acidentalmente por um irmão mais velho.

A octogésima quarta vida durou vinte e três anos em Alexandria, onde o fragmento foi um reconhecido escultor em madeira. Na octogésima quinta vida, o Artesão era mulher no que chamam Nova Zelândia, viveu onze anos, morrendo numa derrocada de lama provocada por um terramoto. A octogésima sexta vida foi vivida na cidade de Bizâncio, onde o Artesão fabricava arreios e quadrigas de qualidade superior. O fragmento tinha esposa e sete filhos sobreviventes, e morreu aos trinta e seis anos de doença cardíaca.

A vida oitenta e sete iniciou o terceiro nível do ciclo maduro, altura em que o Artesão era um homem num "clã" de pastores de ovelhas e cabras e eram, por isso, trabalhadores de couro e tecelões, na área perto do Mar Cáspio. Este fragmento casou três vezes, teve dezanove filhos e quarenta e dois netos antes de morrer aos oitenta e um anos. A octogésima oitava vida foi passada no que chamam Alasca. O fragmento era mulher e notada pelas suas competências culinárias. Teve cinco filhos, um dos quais sobreviveu, antes da sua morte aos vinte e oito anos por problemas respiratórios crónicos.

A octogésima nona vida foi como mulher no que é hoje a Nigéria. Era a primeira esposa do homem mais velho da aldeia, mãe de quatro filhos. Foi

assassinada por inimigos políticos da sua família aos trinta e nove anos. A nonagésima vida foi vivida no que é hoje a fronteira da Rússia com a Polónia. O Artesão era mulher e tinha acabado de dar à luz um filho quando saqueadores saquearam e queimaram a aldeia, e ela e a filha morreram numa tentativa de fuga. Tinha quinze anos. A nonagésima primeira vida iniciou o quarto nível do ciclo Maduro para este fragmento. O Artesão era mulher na África austral onde, por razões de ritual e carma, foi assassinada aos oito anos. Como a sua morte supostamente acabou com a seca, tornou-se uma heroína da sua aldeia e, eventualmente, uma divindade menor da região. Na vida noventa e dois, o Artesão escolheu ser mulher no que é hoje a Suécia, era esposa de um trabalhador de couro e morreu no parto aos dezasseis anos.

A vida seguinte foi vivida nas colinas da Albânia como um monge cenobita. Morreu de subnutrição aos vinte e um anos. A vida noventa e quatro marcou o início do Quinto nível do ciclo Maduro e foi vivida como esposa de um mercador na Índia. As fortunas da família flutuaram grandemente e três dos seus cinco filhos falharam nos negócios. Morreu de cancro aos sessenta e três anos. Neste ponto, o fragmento tinha vivido mais de dois mil anos encarnado e tinham passado aproximadamente três mil e quatrocentos anos no plano físico.

A vida número noventa e cinco foi passada como mulher no que é hoje a Letónia. Ficou órfã aos nove anos e morreu de fome aos doze. A nonagésima sexta vida foi vivida no norte de Espanha, onde o Artesão se tornou um cortador de pedra de muito sucesso, cujo trabalho pode ser encontrado em estruturas cristãs primitivas até hoje. Morreu de uma doença epidémica aos vinte e oito anos, deixando três amantes e quatro filhos ilegítimos entregues à sua sorte.

A vida noventa e sete foi passada na China, onde o fragmento era carpinteiro e construtor de casas fortificadas. Fez uma fortuna, que perdeu no jogo, e morreu por acidente aos quarenta e dois anos. A vida noventa e oito iniciou o sexto nível do ciclo Maduro. O fragmento era mulher no que é agora conhecido como Colorado. Morreu quando foi expulsa pelo marido. Tinha dezassete anos e era "aparentemente" estéril.

Na vida seguinte, o Artesão foi mulher na Escócia, casada com um pastor, teve cinco filhos, todos do sexo feminino, e tornou-se uma tecelã fina reconhecida no distrito. Morreu aos trinta e seis anos. Na vida seguinte, este Artesão foi grega, de uma família nobre e considerada uma grande beleza. Casou muito bem, encomendou joalharia e arte, teve dois filhos sobreviventes e morreu aos quarenta e nove anos de veneno autoadministrado depois de o seu marido ter sido acusado de traição.

A vida cento e um iniciou o sétimo nível do ciclo Maduro para este Artesão, que nasceu homem na Pérsia, aprendeu a pintar no estilo de miniatura prevalecente, casou uma vez, teve três filhos e morreu de ataque cardíaco aos cinquenta e um anos. A centésima segunda vida foi passada como mulher numa comunidade religiosa no centro-sul de França, uma comunidade ainda muito influenciada por São João Cassiano. Morreu aos quarenta anos de complicações de gripe.

A centésima terceira vida foi vivida numa cidade Maia, onde este Artesão era uma serva, com a tarefa de cozinheira. Morreu aos vinte e seis anos de um pé infetado. A vida cento e quatro foi passada como Sacerdote na Alemanha, onde morreu como mártir aos trinta e oito anos durante uma revolta regional. Na vida cento e cinco, o fragmento nasceu mulher no que tem sido chamado Flandres. Era a mais nova de cinco filhas e três filhos e, por isso, permaneceu "em casa" para cuidar dos seus pais idosos. Ela e eles morreram de varíola quando ela tinha vinte e cinco anos.

O ciclo Velho começou para este Artesão na vida cento e seis, no que é chamado Açores. Foi morta numa tempestade severa aos sete anos. A vida cento e sete foi vivida, na maior parte, na cidade alemã de Bremen, onde era sapateiro, casou e teve três filhos antes de ser morto por ladrões aos vinte e nove anos. A vida cento e oito foi vivida como mulher na Irlanda. Era considerada uma criança amaldiçoada devido às mortes "misteriosas" dos seus pais e, por isso, permaneceu solteira, sustentando-se através da tecelagem. Morreu aos trinta e quatro anos. A centésima nona vida deste Artesão foi vivida nas montanhas da América do Sul, onde era filha de um mineiro. Morreu de uma queda aos onze anos.

A centésima décima vida iniciou o segundo nível do ciclo Velho, onde este fragmento feminino viveu na China central numa comunidade cristã. Fez tambores e pratos rituais durante quase quarenta anos, foi uma de três esposas do seu marido, não teve filhos sobreviventes e morreu aos cinquenta e três anos. A centésima décima primeira vida foi passada como mulher na América do Norte entre o povo que conhecem como Mandan. Este Artesão era mulher, fazia contas e servia como parteira. Morreu aos vinte e dois anos de exposição ao frio.

A vida número cento e doze foi vivida na parte nordeste da Itália, perto da cidade de Udine, onde o Artesão, homem, era pedreiro e construtor de pontes. Teve um casamento infeliz, bebia em excesso e morreu quando uma carga de pedra colapsou e o esmagou aos trinta e cinco anos. A centésima décima terceira vida foi vivida em "ruínas" romanas no norte de África, onde foi cozinheira para uma família que geria um tipo de parque de campismo para caravanas. Morreu aos vinte e um anos devido a uma violação coletiva.

A vida cento e catorze trouxe o Artesão para o nível três do ciclo Velho. O Artesão nasceu mulher em Tahiti, teve sete filhos de três homens diferentes, foi uma notada compositora de canções e poetisa. Morreu aos trinta e sete anos. A vida cento e quinze foi vivida na Hungria, onde o Artesão, agora homem, fazia parte de uma família de conhecidos fabricantes de carruagens. Morreu numa epidemia de cólera aos trinta e dois anos.

O fragmento iniciou o quarto nível do ciclo Velho no norte da Europa, onde foi vagabundo e mendigo durante a maior parte dos seus vinte e oito anos. Na vida número cento e dezassete, este fragmento, mulher, veio para a América vinda de Inglaterra aos catorze anos como serva por contrato (indentured servant). Foi expulsa quando deu à luz o filho do seu empregador fora do casamento e morreu de fome e frio aos dezoito anos. A centésima décima oitava vida deste Artesão foi vivida em Goa, onde, como viúva de um designer têxtil, geriu o negócio em nome dos seus cinco filhos, morrendo de peste aos trinta e seis anos.

O Artesão iniciou então o quinto nível do ciclo Velho, encarnando no que chamam Argélia, onde foi moço de estrebaria até ser arrastado [por um cavalo] aos catorze anos. A centésima vigésima vida foi vivida no Japão, onde este Artesão se tornou um mestre calígrafo, vivendo até aos sessenta e oito anos. A vida seguinte foi como mulher no sul da Rússia, morta aos seis anos quando os Cossacos atravessaram a sua cidade espetando cães, porcos e crianças nas suas lanças.

O sexto nível do ciclo Velho começou com uma vida no leste da Itália, onde este fragmento, homem, foi um pintor de frescos. Morreu aos vinte e um anos numa rixa. A vida número cento e vinte e três foi passada como mulher em Samoa, onde foi bailarina. Morreu no rescaldo de um tufão, aos dezassete anos. A vida seguinte foi vivida na Alemanha, onde o Artesão caiava casas e morreu de cancro aos trinta e três anos. A centésima vigésima quinta vida foi vivida na Rússia, onde se tornou monja Ortodoxa aos dez anos, morrendo aos vinte e quatro de tuberculose. O sétimo nível do ciclo Velho começou com a vida número cento e vinte e seis, onde o Artesão nasceu mulher em Madagáscar e morreu de um vírus virulento aos dois anos.

A vida cento e vinte e sete foi passada como mulher na China ocidental, onde fez parte de um grupo de músicos itinerantes. Teve quatro filhos pelo caminho e morreu aos cinquenta e um anos de exaustão. A vida cento e vinte e oito foi vivida na Inglaterra, onde este Artesão se tornou uma notada jardineira e solteirona. Foi morta no que chamam Segunda Guerra Mundial, aos trinta e oito anos. O fragmento neste ponto viveu já três mil anos encarnado no plano físico, e passaram-se mais de cinco mil e trezentos anos.

O fragmento tem agora vinte e dois anos, é uma assistente de horticultura na Austrália, do sexo feminino, não interessada em educação superior, mas "boa com as plantas". O fragmento queimou quinhentas e vinte e uma fitas cármicas no decurso das vidas, teve vinte contactos com o Gémeo de Essência e dezanove contactos com o Companheiro de Tarefa, bem como mil oitocentos e trinta e seis contactos com os seis membros da cadência.

### 3. O Guerreiro (Warrior)

O Guerreiro que usaremos para demonstrar um ciclo completo de vidas é o terceiro fundido na cadência, e encarnou pela primeira vez há 5.203 anos no que é hoje a Tailândia.

**1.ª vida:** Morreu a construir uma ponte de bambu aos dezassete anos.

**2.ª vida (Infante nível 1):** Passada como mulher em Samatra. Morreu, aos oito anos, numa epidemia.

**3.ª vida (Infante nível 1):** Passada nas montanhas de Espanha onde este Guerreiro, a "esposa" de um caçador, foi morta por um urso aos vinte e dois anos.

**4.ª vida (Infante nível 1):** Vivida na Índia central, o fragmento era "esposa" de um barqueiro de rio e morreu de exaustão aos trinta, deixando cinco filhos.

**5.ª vida (Infante nível 2):** Começou na China onde o fragmento era aprendiz de armeiro e morreu de queimaduras aos quinze anos.

**6.ª vida (Infante nível 2):** Passada no norte de África onde o Guerreiro era pastor de cabras e morreu a combater ladrões aos vinte e três anos.

**7.ª vida (Infante nível 2):** Passada no que é hoje Kiev. O Guerreiro era mulher e foi morta a defender os seus nove filhos de traficantes de escravos. Tinha vinte e sete anos.

**8.ª vida (Infante nível 3):** Começou o terceiro nível do ciclo Infante. Este Guerreiro nasceu no que é hoje chamado Indonésia, era pescador de mar, casado, um filho. Afogou-se durante uma travessia perigosa aos dezanove anos.

**9.ª vida (Infante nível 3):** Vivida na Austrália, o fragmento era mulher e morreu de fome após se afastar da família, aos dez anos.

**10.ª vida (Infante nível 3):** Este fragmento nasceu na escravatura no que é hoje a Síria, foi treinado como dama de companhia para crianças e foi morta aos dezasseis anos quando ficou velha demais para o cargo.

A décima primeira vida foi passada no norte da Grécia. O Guerreiro era do sexo masculino, um escravo treinado para lidar com gado de grande porte. Morreu de complicações após uma deslocação do ombro aos trinta e três anos. A décima segunda vida iniciou o quarto nível do ciclo Bebé do Guerreiro. O fragmento era um homem no noroeste da China, um domador de cavalos, pisoteado aos vinte e cinco anos. A vida treze foi vivida no Egipto, onde o Guerreiro, mulher, estava casada com um agricultor, teve seis filhos e morreu de disenteria amebiana aos vinte e seis anos. A décima quarta vida foi passada na Rússia como mineiro. Foi soterrado num desabamento aos vinte e um anos.

A décima quinta vida foi no norte da Índia, como metalúrgico, que morreu após a amputação do seu braço aos vinte e oito anos. O quinto nível do ciclo Bebé começou no que é hoje o Canadá, nas montanhas ocidentais, onde o Guerreiro era a "esposa" de um batedor, enviuvou cedo e morreu aos trinta e um anos. A vida dezassete foi passada em Itália, o escravo de um agricultor, homem que morreu aos vinte anos num incêndio. A breve décima oitava vida foi passada em Java, onde esta criança do sexo feminino foi sacrificada num festival religioso com um ano de idade.

A décima nona vida iniciou o sexto nível do ciclo Bebé para este Guerreiro, que nasceu na costa nordeste da América do Sul, era homem, pescador, tinha uma mulher e três filhos, e foi morto no mar, aos vinte e seis anos, por saqueadores que queriam o seu barco. A vigésima vida foi vivida na África ocidental. O Guerreiro era mulher, parte de um "clã" de nómadas. Teve cinco filhos e morreu aos dezoito anos de infeção genital.

A vigésima primeira vida foi vivida na Ásia Central; o Guerreiro era mulher, uma escrava vendida três vezes na vida, morreu no parto aos quinze anos. A vigésima segunda vida foi na China, onde o fragmento, agora homem, criava burros numa quinta que partilhava com o irmão. Morreu de um pulmão perfurado aos vinte e nove anos. O sétimo nível do ciclo Bebé levou o Guerreiro para Espanha, onde, como mulher, casou aos doze anos com um guarda de pomares e morreu aos vinte, vítima da ira do marido. A vigésima quarta vida foi vivida no que é hoje a Coreia. O fragmento era um guarda e torturador para o senhor da guerra local. Foi esfolado vivo aos vinte e quatro anos. A vigésima quinta vida foi na península Arábica. O fragmento era do sexo feminino e foi morta por bandidos aos onze anos.

O ciclo Infante começou na vida vinte e seis para este Guerreiro. A vida foi na parte sul da América do Sul; o fragmento era mulher, casada com o xamã da aldeia. Teve nove filhos, dois dos quais sobreviveram, e morreu aos trinta anos. A vigésima sétima vida teve lugar numa ilha ao largo da China, onde o fragmento era um de um esquadrão de contingência que guardava os sacerdotes da ilha. Foi morto nessa capacidade aos vinte e sete anos. Na vida seguinte, o Guerreiro nasceu na península dinamarquesa, era homem, caçador de baleias e focas, tinha uma "esposa" e quatro filhos. Afogou-se aos trinta e dois anos, uma idade respeitável para a época e a ocupação.

O segundo nível do ciclo Infante começou na Índia, onde o Guerreiro era um escravo homem, feito cativo por rivais do seu mestre e esquartejado aos dezanove anos. A trigésima vida foi passada nas planícies húngaras, onde o fragmento era mulher, teve três filhos e morreu aos quarenta e três anos, a mulher mais velha do lugarejo. A trigésima primeira vida foi passada na Rússia, onde o Guerreiro era homem, lenhador de profissão, que matou a sua mulher — queimando assim uma fita cármica — e foi exilado. Morreu de frio e exposição aos vinte e seis anos. A trigésima segunda vida iniciou o terceiro nível do ciclo Infante quando este Guerreiro nasceu no norte de África, um escravo, homem, que cuidava de camelos e morreu de abusos aos vinte e um anos. A trigésima terceira vida foi passada no oeste de França. O fragmento, mulher, morreu aos quatro anos após se perder na floresta.

A trigésima quarta vida foi na Mongólia, onde o fragmento, guarda do acampamento, foi morto aos vinte e cinco anos. Na vida número trinta e cinco, o fragmento nasceu no que é hoje Portugal, mulher, "esposa" de um agricultor, cinco filhos. Foi levada cativa por saqueadores e suicidou-se dois anos após a sua captura, aos vinte e nove anos. A vida seguinte iniciou o quarto nível do ciclo Infante. O Guerreiro nasceu mulher no vale do Mississipi, teve cinco filhos, tornou-se herbanária e morreu aos trinta e oito anos. A trigésima sétima vida foi nos Mares do Sul, onde o fragmento era mulher, teve oito filhos próprios e "adotou" mais seis. Afogou-se aos trinta e três anos, durante uma mudança de uma ilha para outra.

A trigésima oitava vida foi passada na Sibéria. O Guerreiro era homem, batedor para caçadores regionais, que morreu vítima dos próprios animais que rastreava (tigres), aos vinte e seis anos. A trigésima nona vida foi no Egipto; o fragmento era homem, um subalterno militar que construía quadrigas e treinava asnos para as puxar. Morreu ao ser arrastado aos trinta e um anos. A quadragésima vida iniciou o quinto nível do ciclo Infante para este Guerreiro. O fragmento era uma mulher hitita, cegada e estropiada para ser mendiga profissional. Morreu aos quinze anos, tendo queimado uma fita cármica.

A vida quarenta e um foi persa; o fragmento homem e fabricante de espadas morreu aos cinquenta e um anos. Tinha sido casado quatro vezes e tinha sete filhos sobreviventes. A vida quarenta e dois foi vivida em Tiro; o fragmento era homem, uma espécie de "pistoleiro de aluguer" para mercadores nas suas viagens. Morreu no mar aos trinta e dois anos. O Guerreiro estava agora encarnado há um total de pouco mais de mil anos e tinham passado pouco mais de mil e seiscentos anos no plano físico.

A vida quarenta e três iniciou o sexto nível do ciclo Infante para este fragmento. O Guerreiro nasceu homem na Índia oriental e foi morto pelos elefantes de que tratava aos sete anos. A quadragésima quarta vida foi vivida na África austral, onde o fragmento, escrava e concubina, morreu envenenada aos vinte e três anos. A quadragésima quinta vida foi passada na Grécia, onde o Guerreiro era um soldado mercenário que morreu em batalha aos vinte e quatro anos.

A quadragésima sexta vida foi na China central; o fragmento era mulher, de "boa" família, e a primeira esposa de um nobre menor a quem ela empurrou implacavelmente para uma posição de vantagem política. Teve quatro filhos e morreu aos cinquenta e dois anos de doença cardíaca. A vida quarenta e sete iniciou o sétimo nível do ciclo Infante para este Guerreiro. Nascido em França, este fragmento foi um senhor da guerra regional que foi traído pelos seus próprios primos e torturado até à morte aos quarenta anos, deixando seis filhos a lutar pelo seu poder.

A vida quarenta e oito foi no Médio Oriente, onde este fragmento, mulher, se tornou uma notada "oráculo" que viajou extensivamente para responder às perguntas de vários líderes cívicos. Morreu aos quarenta e sete anos de insolação. A vida quarenta e nove foi vivida na América Central; o fragmento era homem e foi sacrificado a deuses "rivais" após a sua captura por pessoas da região vizinha. A vida cinquenta foi vivida nas Filipinas. O Guerreiro era homem, um de um grupo de bandidos, morto à catanada aos vinte e nove anos.

O ciclo Jovem começou para este Guerreiro na quinquagésima primeira vida, na Costa da Dalmácia. Foi soldado durante a primeira metade da sua vida, mas ao perder uma mão, retirou-se para criar cavalos. Morreu aos quarenta e três anos. A vida cinquenta e dois foi no Noroeste do Pacífico; o fragmento era a filha do xamã e uma batedora local. Morreu de infestação fúngica aos vinte e oito anos. A vida cinquenta e três foi vivida no que hoje se chama Marrocos. O fragmento era homem, o líder de um grupo de guarda política. Morreu aos trinta e quatro anos de problemas de saúde relacionados com o stresse.

A quinquagésima quarta vida foi no Japão, onde o Guerreiro se tornou um famoso instrutor de combate, cuja epilepsia o impediu de ser um líder militar. Morreu, muito honrado, aos trinta e nove anos. A vida cinquenta e cinco trouxe o Guerreiro para o segundo nível do ciclo Jovem. O fragmento nasceu no Egipto, um líder militar de reputação formidável; casou politicamente e esforçou-se por fazer avançar a sua família no mundo. Morreu aos trinta e três anos, vítima de um acidente "conveniente". A vida cinquenta e seis foi nas margens do Mar Negro, onde o fragmento, mulher, nasceu pobre e, através de uma série de amantes, morreu rica aos quarenta e um anos, sem deixar filhos sobreviventes. A vida cinquenta e sete foi na Grécia. O Guerreiro era um "general" regional, casou duas vezes, teve cinco filhos apesar das suas preferências homossexuais, e morreu em batalha aos trinta e oito anos.

A vida cinquenta e oito iniciou o terceiro nível do ciclo Jovem para este Guerreiro. O fragmento nasceu mulher na Birmânia, tornou-se dançarina acrobática e morreu aos vinte e seis anos. A quinquagésima nona vida foi passada na Turquia, onde o Guerreiro foi músico e prostituta, e morreu aos dezassete anos. A vida sessenta foi vivida na costa leste de África, onde o Guerreiro foi o líder de um grupo de piratas e morreu em resultado de ferimentos sofridos em batalha aos trinta anos.

Na vida seguinte, o fragmento nasceu mulher no que é hoje a Tailândia. Casou-se, foi abandonada pelo marido para criar os seus quatro filhos, o que fez apesar de estar estropiada. Morreu aos vinte e nove anos, quando o filho mais velho foi capaz de ir trabalhar. A sexagésima segunda vida foi passada em Roma, onde o Guerreiro foi ativo nas Guerras Púnicas e promovido duas vezes por valor. Morreu em batalha aos trinta e dois anos.

A sexagésima terceira vida iniciou o quarto nível do ciclo Jovem para este Guerreiro, que encarnou como mulher na China. Era de alta linhagem, casada muito infelizmente com um nobre debochado. Tiveram três filhos, dois dos quais foram assassinados. Morreu aos quarenta e sete anos de cancro. A vida sessenta e quatro foi passada em Cartago como um líder militar que se suicidou por honra aos trinta e seis anos após falhar a vitória que tinha prometido. A vida sessenta e cinco foi vivida no que é hoje a Alemanha. O fragmento era homem, de uma família "desonrada", razão pela qual este fragmento foi cortado nos tendões do jarrete aos doze anos.

Tornou-se mendigo e morreu aos vinte e um anos. A vida sessenta e seis foi passada no que é hoje a Sérvia. O Guerreiro era mulher, teve oito filhos, cuidou deles e do seu marido inválido até à sua morte aos trinta e seis anos. A sexagésima sétima vida iniciou o quinto nível do ciclo Jovem para este Guerreiro que encarnou

na Mongólia como ladrão de cavalos. Morreu rico aos trinta e cinco anos, o "herói" da região, com três esposas e catorze filhos. E setecentos e trinta e oito cavalos.

A vida sessenta e oito começou em Hippo Regius como um grumete homem que foi atirado borda fora por se recusar a satisfazer as exigências sexuais do oficial sénior a bordo. Tinha catorze anos. A vida sessenta e nove foi na Sardenha, onde o Guerreiro era mulher, esposa de um bandido, morta numa "vendeta de gangue" aos trinta e um anos juntamente com quatro dos seus sete filhos. A vida setenta teve lugar no Laos, onde o Guerreiro, a irmã mais nova de uma família numerosa, cuidou da quinta e da família do seu irmão mais velho. Morreu aos quarenta anos.

O nível seis do ciclo Jovem começou na vida setenta e um, quando o Guerreiro viveu em Óstia, era mulher, estalajadeira e contrabandista. Era boa em ambos os tipos de trabalho e morreu confortavelmente abastada aos cinquenta e dois anos. Permaneceu solteira, embora tivesse vários amantes. A sua propriedade foi para um sobrinho. A vida setenta e dois foi na Judeia. Era mulher, uma convertida cristã relativamente precoce que se retirou da sociedade ainda adolescente. Morreu aos quarenta e nove anos de uma série de problemas de saúde cumulativos. Neste ponto, o Guerreiro tinha dois mil anos de encarnação física atrás de si, e o plano físico tinha decorrido por aproximadamente três mil e quatrocentos anos desde o momento em que o Guerreiro foi fundido. A vida setenta e três foi vivida ao longo da Antiga Rota da Seda. O Guerreiro era homem, guia e guarda. Morreu de frio aos trinta e três anos. A vida setenta e quatro teve lugar na América do Sul; o fragmento era homem e tecnicamente louco. Como tal, era um pária e morreu aos vinte e cinco anos.

A vida setenta e cinco iniciou o sétimo nível do ciclo Jovem para este fragmento. A encarnação foi feminina. Era filha de um mercador que morreu aos nove anos de uma doença epidémica. A vida setenta e seis foi na Austrália. O Guerreiro, uma criança do sexo masculino, morreu aos dois anos. A septuagésima sétima vida foi na Grã-Bretanha; o fragmento era homem, um pescador que, num esforço (bem-sucedido) para salvar outros oito, se afogou aos dezasseis anos, queimando sete fitas cármicas no processo.

O ciclo Maduro para este Guerreiro começou na Índia, onde o fragmento era mendigo e ladrão. Morreu aos vinte e dois anos. A vida setenta e nove foi vivida na Sicília, onde o fragmento era mulher, nascida na escravatura; ganhou a sua liberdade após tratar dos filhos do seu mestre durante uma doença grave. Morreu aos vinte e nove anos. A vida oitenta foi passada no México, onde o Guerreiro era homem, um sacerdote e arquiteto que morreu de febre aos trinta e três anos. O segundo nível do ciclo Maduro foi passado na Suécia. O Guerreiro era mulher, nascida numa família de construtores de navios, e morreu aos dezasseis anos de diabetes não diagnosticada.

A vida oitenta e dois foi na Grécia central, onde o fragmento, mulher, sobreviveu a uma epidemia na juventude, retirou-se para um convento e passou lá o resto dos seus dias, morrendo aos vinte e quatro anos. A vida oitenta e três foi passada na Indonésia, onde ao fragmento foi dada a perigosa tarefa de mapear as estradas principais para a elite militar. Após a conclusão desta tarefa, foi morto para preservar o segredo. A vida oitenta e quatro trouxe o Guerreiro a Bagdade como armeiro, que morreu de uma doença relacionada com parasitas aos vinte e cinco anos.

A octogésima quinta vida foi a única vivida no terceiro nível do ciclo Maduro. O Guerreiro nasceu na planície húngara, foi um senhor da guerra que uniu a região para repelir invasores. Alcançou este objetivo mas foi morto na batalha "final" aos trinta e seis anos. O fragmento prosseguiu para o quarto nível do ciclo Maduro, vivendo a vida oitenta e seis na Dinamarca como um "navegador" homem que aos vinte e sete anos se perdeu no mar. A vida oitenta e sete foi vivida em Paris, onde o Guerreiro liderou um protesto político, pelo qual foi preso e morto aos trinta e oito anos, deixando a sua família a fugir ou a morrer de fome, ou ambas as coisas. A vida oitenta e oito foi muito curta.

O Guerreiro encarnou no sul da Polónia, um de um par de gémeos, mulher, e morreu com um mês de idade. A vida oitenta e nove foi passada no Rio Amarelo na China, onde este Guerreiro foi uma barqueira que morreu aos dezoito anos numa inundação.

O quinto nível do ciclo Maduro começou quando o Guerreiro encarnou como um estudante "legal" em Arles. Morreu durante uma epidemia de varíola aos vinte e um anos. A vida noventa e um foi em Benares, Índia, onde o fragmento, mulher, casou por carma e morreu aos vinte e seis anos, sem deixar filhos vivos. A vida noventa e dois foi em Londres, onde o fragmento serviu como uma espécie de mensageiro para vários oficiais. Estropiado de nascença, era fiável, literato e discreto. Morreu aos cinquenta anos, com o seu trabalho imaculado.

O sexto nível do ciclo Maduro começou para este Guerreiro na Pérsia, onde foi arquiteto, casou duas vezes e morreu de exaustão aos vinte e oito anos. A vida noventa e quatro foi vivida no Brasil. O fragmento era mulher e considerada uma bruxa. Foi morta pela sua própria família aos dezanove anos. A vida noventa e cinco foi na fronteira germano-dinamarquesa, onde o Guerreiro nasceu como filho mais velho de um criador de cavalos. Mostrou muita promessa mas morreu de tétano aos sete anos. A vida noventa e seis foi no sul da China, onde o Guerreiro viveu como oficial de treino para combatentes navais e exploradores. Morreu num "acidente" aos vinte e nove anos.

O sétimo nível do ciclo Maduro começou na vida noventa e sete, quando o Guerreiro estava no Egipto, homem, explorador e oportunista. Casou com cinco esposas, acumulou muita riqueza e distinguiu-se a si e à sua família antes da sua morte aos trinta e dois anos. A vida seguinte foi na Islândia como mulher. Teve dois filhos antes de o marido morrer. Ela própria tornou-se perita em reparações de metal e morreu num incêndio aos vinte e dois anos. A vida noventa e nove foi passada na Rússia como mercador de peles. Foi emboscado e espancado até à morte por ladrões aos vinte e oito anos. A centésima vida foi vivida no Peru, onde o Guerreiro era um apanhador de pássaros que morreu de infeções virais aos quinze anos.

O ciclo Velho começou com a vida cento e um para este Guerreiro no Canadá como mulher. Teve nove filhos e trinta e um netos na altura da sua morte aos quarenta e um anos. A vida seguinte foi na Coreia, onde este Guerreiro, homem, desenhou edifícios. Morreu de causas desconhecidas aos vinte e nove anos. A centésima terceira vida iniciou o segundo nível do ciclo Velho para este Guerreiro. Nasceu no Sudão e tornou-se monge Copta, morrendo aos vinte e cinco anos.

A vida cento e quatro foi vivida em Espanha, onde o Guerreiro, mulher, herdou o controlo regional do seu pai, não tendo irmãos masculinos para herdar. Revelou-se uma administradora capaz e morreu à secretária aos trinta e quatro anos. A vida cento e cinco foi passada no sul da Índia como enfermeiro de um médico com formação chinesa que tratava de doentes crónicos. Uma doença crónica matou-o aos dezoito anos. A vida cento e seis foi na Rússia ocidental, onde o Guerreiro, agora mulher, se sustentou como costureira e morreu de inalação de fumo aos vinte e sete anos.

A vida número cento e sete iniciou o terceiro nível do ciclo Velho para este Guerreiro. Foi copista em Itália, vagueou de cidade em cidade e morreu de fome aos trinta e três anos quando ia de Pisa para Génova. A vida número cento e oito foi vivida no norte de África, onde o Guerreiro criava cavalos e mulas, teve duas esposas e nove filhos, e suicidou-se aos vinte e nove anos. A centésima nona vida foi no que era então a Boémia. O fragmento era homem, filho mais novo de uma família pobre que o abandonou a ele e a outras duas crianças. Morreu aos dez anos. A vida cento e dez foi vivida na Grécia. O Guerreiro era mulher e foi morta num terramoto aos quatro anos.

O quarto nível do ciclo Velho começou na vida cento e onze. O fragmento nasceu no que é hoje o Afeganistão, homem, que salvou a sua mulher e seis filhos ao entregar-se voluntariamente a rivais da família e ser torturado até à morte. Isto queimou três fitas cármicas. O fragmento tinha vinte e cinco anos. Na vida cento e

doze, o fragmento nasceu numa família pobre em Veneza e morreu de Peste aos catorze anos.

O quinto nível do ciclo Velho começou para este Guerreiro na vida cento e treze na América Latina, mulher, que morreu no parto aos dezassete anos. A vida número cento e catorze foi vivida em França como um eclesiástico de alto escalão e diplomata que foi morto no exercício das suas funções aos trinta e oito anos. A vida cento e quinze foi vivida na China como uma mulher da classe mercantil. Teve seis filhos e vinte e três netos. Morreu de cólera aos sessenta e três anos.

Na vida cento e dezasseis este fragmento entrou no sexto nível do ciclo Velho, nascendo na Europa central como homem. Tornou-se um rapaz de recrutamento e foi morto em batalha aos onze anos. A vida cento e dezassete foi passada em Malta como homem. Trabalhou nas ruas e morreu de uma doença epidémica aos vinte e oito anos. A vida seguinte foi vivida nas Caraíbas como homem. Era pescador, teve uma dúzia de filhos com várias mulheres, todos os quais sustentou alegremente. Sucumbiu à febre aos trinta e oito anos. A centésima décima nona vida, o Guerreiro era da Carélia e mulher, e tendo ficado gravemente ferida, foi morta pelo médico que tentava tratá-la aos vinte e dois anos. Deixou três filhos sobreviventes.

A vida número cento e vinte iniciou o sétimo nível do ciclo Velho para este Guerreiro, que nasceu na Argélia, e homem. Cego de nascença, este fragmento tornou-se um poeta religioso que era sustentado pela mesquita local. Tinha vinte e sete anos quando morreu de complicações após uma infeção do baço. A vida cento e vinte e um foi passada na Bulgária, como um homem que dedicou a sua vida a autenticar e restaurar manuscritos antigos. Era casado, teve dois filhos e morreu aos trinta e um anos. A vida cento e vinte e dois foi bastante curta, apenas dezanove anos. O fragmento era austríaco e morreu gelado na Rússia durante o que chamam a Segunda Guerra Mundial.

Atualmente, este fragmento é um treinador de cavalos de trinta e nove anos na Argentina, homem, solteiro e sem expectativas ou perspetivas. Este fragmento viveu três mil cento e cinquenta e cinco anos encarnado, queimou mil novecentas e trinta e duas fitas cármicas. O Guerreiro teve dezasseis contactos com o Gémeo de Essência e vinte e nove com o Companheiro de Tarefa. Houve um total de dois mil cento e cinquenta e quatro contactos com os outros seis membros da cadência do Guerreiro.

### 3. O Académico (Scholar)

O Académico que usaremos para ilustração é, como seria de esperar, de quarta fundição. O fragmento encarnou pela primeira vez há 5.429 anos no que é hoje o norte do Iraque, num povoado tão pequeno que não restam registos dele hoje em dia.

**1.ª vida**: O fragmento foi feito escravo e trabalhou nos campos e no armazenamento de grãos. Morreu de botulismo aos vinte anos.

**2.ª vida (Bebé nível 1):** Passada como uma coletora de plantas na selva amazónica. Teve dois filhos e afogou-se aos dezoito anos.

**3.ª vida (Bebé nível 1):** No que é hoje o sul da Alemanha. O Académico era do sexo feminino e morreu aos sete anos num ano de fome.

**4.ª vida (Bebé nível 2):** Nasceu no Sudão, era homem e um registador de inventário de mercado. Teve quatro "esposas", três filhos sobreviventes e morreu à idade "respeitável" de trinta e um anos.

**5.ª vida (Bebé nível 2):** No Paquistão. Homem, estropiado por um acidente na infância, que ganhava a vida a copiar inscrições nas paredes do templo local. Morreu aos vinte e oito de colapso físico geral.

**6.ª vida (Bebé nível 2):** Na Noruega. Era mulher e foi sacrificada aos oito anos para garantir uma boa pescaria.

**7.ª vida (Bebé nível 2):** Em Eridu, como homem. Era um arquivista que morreu por infortúnio na conclusão da sua cerimónia de casamento, aos vinte e dois anos.

**8.ª vida (Bebé nível 3):** Começou o terceiro nível do ciclo Bebé. Nasceu na China oriental, era homem e ganhava a vida como inspetor de mercado. Foi esfaqueado até à morte aos vinte e seis anos, deixando duas esposas e cinco filhos entregues à sua sorte.

**9.ª vida (Bebé nível 3):** Passada na África austral. O Académico era mulher, a quarta "esposa" de um dos líderes da aldeia. Morreu de infestação parasitária aos vinte e um anos, deixando três filhos, todos mortos para lhe "fazerem companhia" na "vida além-túmulo".

**10.ª vida (Bebé nível 3):** Perto da cidade de Nal, no Vale do Indo. O fragmento era mulher, teve cinco filhos de um construtor de muros e morreu aos vinte e quatro anos de uma infeção viral.

**11.ª vida (Bebé nível 4):** Início do quarto nível, ou mais precisamente, dada a natureza das perceções, meio do ciclo Bebé para este Académico, que nasceu

homem na Manchúria. Tornou-se mensageiro e "escrivão" assistente. Foi emboscado e morto pelas mensagens que carregava aos dezanove anos.

**12.ª vida (Bebé nível 4):** No norte de África. O Académico era um escravo homem cuja tarefa era assentar fundações de edifícios. Foi emparedado na fundação do templo para o tornar mais sagrado, aos vinte anos.

**13.ª vida (Bebé nível 4):** No Mar da China Meridional. Era homem, fazia parte de uma família que comerciava ao largo da costa, o que fazia muito metodicamente. Afogou-se aos dezoito anos.

**14.ª vida (Bebé nível 4):** Vivida na Europa ocidental, perto da atual fronteira franco-espanhola. O fragmento era mulher, tinha três filhos quando foi vendida para pagar uma dívida. Morreu de abusos aos vinte e dois anos.

**15.ª vida (Bebé nível 5):** Começou o quinto nível do ciclo Bebé. O fragmento nasceu homem no Mediterrâneo oriental, era agricultor, teve três filhos que sobreviveram à infância. Morreu aos vinte e cinco anos em resultado de reações tóxicas a picadas de insetos.

**16.ª vida (Bebé nível 5):** No Vale do Indo. Era mulher, teve dois filhos do líder religioso mais extremista da região. Foi espancada até à morte por desobediência aos dezassete anos.

**17.ª vida (Bebé nível 5):** No sul de Espanha. O fragmento era homem e calceteiro (roofer). Teve um filho sobrevivente, duas esposas e sustentava quatro irmãos mais novos. Morreu de uma queda, aos vinte e três anos.

**18.ª vida (Bebé nível 5):** No noroeste da América do Sul. Era mulher, fabricava flautas e morreu aos treze anos.

**19.ª vida (Bebé nível 6):** Começou o sexto nível do ciclo Bebé e foi vivida na Grécia. O fragmento era homem e serviu como "contabilista" para o tesouro do "rei" ou senhor da guerra regional. Morreu aos vinte e seis anos, executado juntamente com o seu mestre.

**20.ª vida (Bebé nível 6):** No leste do Canadá. O fragmento era homem, um de uma família de caçadores de focas. Morreu de hipotermia aos quinze anos.

**21.ª vida (Bebé nível 6):** Na Austrália. O fragmento era homem, serviu como "astrónomo do clã". Teve duas mulheres, cinco filhos sobreviventes e morreu aos trinta e dois anos.

**22.ª vida (Bebé nível 7):** Começou na parte ocidental da atual Rússia. O fragmento era homem, o último membro vivo do seu "clã" e cativo perene da "cidade" vizinha. Conseguiu suicidar-se aos vinte e nove anos.

**23.ª vida (Bebé nível 7):** Passada na cidade de Ur como homem. Supervisionava projetos de construção, tinha três mulheres e quatro filhos sobreviventes na altura da sua morte aos vinte e cinco anos.

**24.ª vida (Bebé nível 7):** Nasceu no sul da França, era mulher, teve filhas gémeas antes de morrer no parto aos catorze anos.

O primeiro nível do ciclo Infante começou para este Académico na vida número vinte e cinco:

**25.ª vida (Infante nível 1):** Homem, nascido na China, tornou-se escrivão de registos, teve quatro filhos de uma esposa e morreu de febre transmitida por insetos aos vinte e sete anos.

**26.ª vida (Infante nível 1):** Na América do Sul. O fragmento masculino trabalhou como guia de rio e morreu aos vinte anos.

**27.ª vida (Infante nível 1):** Na parte ocidental da China. Era mulher, teve dois filhos de "patronos" e morreu de uma doença sexualmente transmissível aos dezanove anos.

**28.ª vida (Infante nível 1):** Nos mares Mediterrâneo e Egeu. Era um mercador que trabalhava nas águas desde o Egipto até à atual Turquia. Teve nove filhos desconhecidos de diferentes mulheres e morreu às mãos de piratas aos vinte e quatro anos.

**29.ª vida (Infante nível 2):** Começou o segundo nível do ciclo Infante. Nasceu homem no Egipto, era escriba de templo, teve um filho e morreu de disenteria aos vinte e um anos.

**30.ª vida (Infante nível 2):** Encarnou no Irão como mulher. Casou com o seu primo sapateiro e morreu aos dezasseis anos.

**31.ª vida (Infante nível 2):** No Arizona. O fragmento era mulher e morreu de uma queda aos nove anos.

**32.ª vida (Infante nível 2):** Na parte ocidental da Itália. O fragmento era um homem na escravatura e geria uma quinta para o seu dono. Morreu sufocado aos vinte e oito anos.

**33.ª vida (Infante nível 3):** Iniciou o terceiro nível do ciclo Infante. Nasceu numa família de pastores em África e morreu sob os cascos do gado aos doze anos.

**34.ª vida (Infante nível 3):** Vivida na Babilónia como homem, o guardião de registos religiosos e sacrificiais. O fragmento era homossexual e permaneceu solteiro. Morreu aos vinte e nove anos de pneumonia.

**35.ª vida (Infante nível 3):** Nas montanhas do Cáucaso como mulher, uma de várias esposas do chefe bandido local. Morreu durante uma incursão aos vinte anos. Não teve filhos sobreviventes.

**36.ª vida (Infante nível 4):** Iniciou o quarto nível do ciclo Infante. Na Sibéria, perto da atual Irkutsk. O fragmento era guia para os vários pastores nómadas e mercadores da zona. Morreu de parasitas intestinais aos vinte e três anos.

**37.ª vida (Infante nível 4):** Na Espanha, como mulher, leiloada em casamento a um parente distante, o Académico teve quatro filhos antes de ser morta pelas outras esposas do marido aos vinte e seis anos.

**38.ª vida (Infante nível 4):** Nasceu na Alemanha ocidental, era homem e uma espécie de "médico" itinerante. Foi morto pela família de um dos seus pacientes quando este não recuperou.

**39.ª vida (Infante nível 4):** No sul do México, como mulher. Sofria de defeitos congénitos e por isso vivia "à margem" da comunidade, tornando-se perita em ervas e poções. Morreu aos vinte e dois anos por comer o cogumelo errado.

**40.ª vida (Infante nível 5):** Começou o quinto nível do ciclo Infante. Nasceu no Sri Lanka, foi criado para ser um estafeta e, nessa capacidade, foi assassinado aos dezasseis anos.

**41.ª vida (Infante nível 5):** Na Normandia. Filho de um agricultor, morreu de gripe aos cinco anos.

**42.ª vida (Infante nível 5):** Na cidade de Susa. O Académico era homem, serviu como sacerdote e juiz para a cidade. Tinha duas esposas, uma dúzia de concubinas e seis filhos legítimos na altura da sua morte aos trinta e cinco anos.

**43.ª vida (Infante nível 5):** Na atual Virgínia. O Académico era mulher, "esposa" de um mercador. Foi raptada por rivais do marido do "clã" vizinho. Foi morta durante uma tentativa de fuga aos vinte e dois anos.

**44.ª vida (Infante nível 5):** Em Carchemish. Homem, guardião de festivais e compositor de canções festivas, uma posição intensamente política. A vida terminou aos trinta e três anos.

**45.ª vida (Infante nível 6):** Iniciou o sexto nível do ciclo Infante. Nasceu na Birmânia, era homem, ganhava a vida a conservar carne em especiarias. Tinha seis filhos sobreviventes na altura da sua morte aos vinte e sete anos.

**46.ª vida (Infante nível 6):** Na América Latina, homem, um poderoso xamã e curandeiro. Tinha duas esposas, sete filhos sobreviventes na altura da sua morte por um AVC aos trinta e quatro anos. [Nesta altura, o fragmento já tinha vivido mais de mil anos encarnado].

**47.ª vida (Infante nível 6):** No centro do Canadá. O fragmento era homem e morreu de fome, resultado de uma mandíbula partida aos dez anos.

**48.ª vida (Infante nível 6):** Em Creta. Era mulher, atleta e professora. Teve dois filhos e foi morta em competição aos vinte e dois anos.

**49.ª vida (Infante nível 6):** No centro da Mongólia. Homem, o "genealogista" do seu "clã". Morreu durante uma epidemia aos trinta e seis anos.

**50.ª vida (Infante nível 7):** Começou o sétimo nível do ciclo Infante. No norte da Europa. Era mulher e afogou-se num acidente bizarro aos oito anos.

**51.ª vida (Infante nível 7):** Na China oriental. O fragmento era homem, um defensor de negócios e político com ambições de estar na "corte". Tinha três esposas e dezassete filhos quando foi assassinado aos trinta e três anos.

**52.ª vida (Infante nível 7):** Em Jericó. Era homem, músico e profeta menor, parte da sua obra está fragmentariamente [outro trocadilho de Michael] preservada até hoje. Ele e a sua esposa tiveram cinco filhos, todos pereceram em motins religiosos quando o Académico tinha vinte e um anos.

**53.ª vida (Infante nível 7):** No atual Marrocos. Era homem, uma espécie de "bardo", tinha esposa e dois filhos vivos quando morreu de um fígado ulcerado aos vinte e nove anos.

O ciclo Jovem começou com a vida cinquenta e quatro:

**54.ª vida (Jovem nível 1):** Homem no Egipto, onde era sacerdote e "dentista". Tinha duas esposas e dez filhos na altura da sua morte por cancro ósseo aos trinta e um anos.

**55.ª vida (Jovem nível 1):** Na Grã-Bretanha, homem, o "cantor" do "clã", mantendo registos através da poesia. Morreu, solteiro, aos vinte e oito anos.

**56.ª vida (Jovem nível 1):** Na Lituânia. Era mulher, boa música, o que a tornou popular entre as crianças da aldeia. Já tinha seis filhos na altura em que o marido a matou aos vinte e quatro anos.

**57.ª vida (Jovem nível 1):** Na Indonésia. O Académico era homem e cobrador de impostos. Tinha três esposas e doze filhos sobreviventes quando foi torturado até à morte aos vinte e dois anos por suspeita de "desvio de fundos".

**58.ª vida (Jovem nível 2):** Começou o segundo nível do ciclo Jovem na parte ocidental da atual Turquia. O fragmento era homem, um "arquiteto" de "cidades" amuralhadas. Teve dezassete filhos antes de a sua segunda esposa o matar por ciúmes aos vinte e cinco anos.

**59.ª vida (Jovem nível 2):** Na ponta sul da península Arábica. Era mulher e morreu por abandono deliberado ao frio aos doze meses.

**60.ª vida (Jovem nível 2):** Na atual Colômbia. Era mulher, parteira e guardiã de almanaques. Morreu sem ter filhos próprios aos trinta anos.

**61.ª vida (Jovem nível 3):** Começou o terceiro nível do ciclo Jovem no norte da Grécia. Era mulher, escrava doméstica, e morreu por comer grão estragado aos dezanove anos.

**62.ª vida (Jovem nível 3):** Na China. O Académico era homem, músico e bailarino de grande renome regional. Morreu durante a parte mais acrobática da sua dança aos vinte e seis anos.

**63.ª vida (Jovem nível 3):** Em Saís, no Egipto. O fragmento era um sacerdote que funcionava como magistrado regional. Tinha uma esposa, três concubinas e oito filhos na altura em que alguém deixou cair uma cobra venenosa na sua cama aos trinta e três anos.

**64.ª vida (Jovem nível 3):** Na Birmânia, como mulher. Cantava textos religiosos e tinha três filhos na altura da sua morte por "ordália" aos vinte e um anos.

**65.ª vida (Jovem nível 4):** Começou o quarto nível do ciclo Jovem em Chipre. O Académico era homem. Foi condenado à escravatura por esbanjar a fortuna do pai e morreu, aos vinte e quatro anos, de prostração por calor.

**66.ª vida (Jovem nível 4):** Na atual Nova Guiné. O Académico era homem e assassinou o seu caminho até à liderança da aldeia; é lembrado em lendas até hoje como um ícone de ambição e crueldade cujos sofrimentos mais tarde na vida foram um castigo merecido. Morreu de elefantíase aos trinta anos.

**67.ª vida (Jovem nível 4):** Em Chelles, França. O fragmento era mulher, filha de um "político" regional. Casou bem para a sua família, teve três filhos e morreu sob circunstâncias suspeitas aos dezassete anos.

**68.ª vida (Jovem nível 4):** A leste do Mar Cáspio, na cidade de Anau. Homem, serviu como uma espécie de oficial alfandegário para caravanas e outros mercadores. Tinha nove filhos quando morreu de ataque cardíaco aos quarenta e dois anos.

**69.ª vida (Jovem nível 4):** Na parte fenícia da Espanha. Era mulher, com ligeiros danos cerebrais, teve oito filhos antes de ser morta para a "segurança" da comunidade aos vinte e oito anos.

**70.ª vida (Jovem nível 5):** Começou o quinto nível do ciclo Jovem no centro do Midwest americano. Era homem, um líder administrativo do seu "clã", e não estava acima de aceitar o suborno ocasional. Caiu para a morte aos trinta e sete anos, deixando nove filhos.

**71.ª vida (Jovem nível 5):** Em Pártia. Era mulher, teve cinco filhos e criou mais treze órfãos. Morreu, esgotada, aos trinta e um anos.

**72.ª vida (Jovem nível 6):** Começou o sexto nível do ciclo Jovem. O Académico nasceu homem no Japão e morreu no rescaldo de uma erupção vulcânica aos seis anos.

**73.ª vida (Jovem nível 6):** No Rio Dnieper. Era mulher, filha de um mercador que tinha um estrabismo num olho. Suicidou-se por desgosto aos vinte e dois anos.

**74.ª vida (Jovem nível 6):** Em África. Homem, um escravo usado para manter estradas. Morreu de infeções resultantes de rotura de tendões aos vinte e seis anos.

**75.ª vida (Jovem nível 7):** Iniciou o sétimo nível do ciclo Jovem. Nascido no sul da China, este homem era um marinheiro num navio mercante. Foi morto por um tubarão aos vinte anos.

**76.ª vida (Jovem nível 7):** Nas montanhas da América do Sul. Era mulher, fabricava instrumentos musicais, teve nove filhos e dois maridos e foi morta por jovens arruaceiros aos vinte e quatro anos.

**77.ª vida (Jovem nível 7):** Em Malta. Homem, um adorador de Mitra que se tornou um estorvo sobre o assunto e morreu na prisão aos vinte e sete anos, sendo reverenciado nos duzentos anos seguintes como mártir da sua fé.

**78.ª vida (Jovem nível 7):** Na Manchúria e Mongólia como batedor e "espião". "Desapareceu" fatalmente aos trinta e dois anos.

O ciclo Maduro começou na vida setenta e nove:

**79.ª vida (Maduro nível 1):** Em Herculano. Homem, filho de um taberneiro. Morreu aos dezassete anos, no dia 24 de agosto de 79 d.C.

**80.ª vida (Maduro nível 1):** Mulher na Grã-Bretanha. Considerada "sensata para uma mulher", conquistou um lugar na aldeia, falando latim e o dialeto regional. Teve cinco filhos e era viúva quando morreu aos trinta e nove anos de tétano.

**81.ª vida (Maduro nível 1):** Na África austral, homem. Passava os dias como condutor de gado e as noites a beber. Morreu de peritonite aos vinte e três anos.

**82.ª vida (Maduro nível 2):** Passada na Grécia oriental. O Académico era homem e passou a maior parte da sua vida curta a estudar plantas, particularmente as venenosas. Morreu dos efeitos cumulativos das toxinas no seu sangue aos vinte e dois anos.

**83.ª vida (Maduro nível 2):** Na região basca de Espanha, onde serviu como professor e juiz numa aldeia. Notado pela justiça das suas decisões. Casou três vezes, teve sete filhos sobreviventes e onze netos na altura da morte aos sessenta e um anos.

**84.ª vida (Maduro nível 2):** Na Indonésia, como mulher, filha de criadores de porcos. Foi morta e comida pelos porcos aos treze anos.

**85.ª vida (Maduro nível 2):** Na Albânia. Mostrou curiosidade precoce considerada inapropriada para mulheres. Fugiu disfarçada de rapaz na esperança de se educar. Funcionou até aos catorze anos, altura em que foi coagida à prostituição; morreu aos vinte e oito anos, no ano a seguir à divisão do Império Romano em oriente e ocidente. Foi mais bem-sucedida do que pensava possível. [O Académico tinha agora mais de dois mil anos de encarnação].

**86.ª vida (Maduro nível 3):** Começou no ano 359 d.C. O fragmento era homem, viveu no sul da China, foi aprendiz de arquiteto mas morreu de febre aos dezasseis anos.

**87.ª vida (Maduro nível 3):** Mulher na atual Bélgica. Renomada pela sua voz bela, casou muito acima da sua família. Tornou-se esposa do líder militar regional, que acabou por ter de a entregar ao seu superior. Teve cinco filhos e foi morta pelo marido aos trinta e nove anos, após a sua voz ter começado a "fraquejar".

**88.ª vida (Maduro nível 3):** Na Gália (parte germânica). Homem, batedor para quem pagasse mais. Morreu numa emboscada aos vinte e dois anos.

**89.ª vida (Maduro nível 3):** Numa comunidade religiosa em Espanha. Mulher, notada pela sua piedade. Morreu de eczema reinfetado por não se lavar (para mostrar falta do pecado da vaidade) aos trinta e um anos.

**90.ª vida (Maduro nível 4):** Começou o quarto nível do ciclo Maduro. Mulher, escrava de uma caravana para trabalhos pesados e fins sexuais. Percorreu mais de vinte e seis mil milhas na sua vida curta; morreu de disenteria aos dezoito anos.

**91.ª vida (Maduro nível 4):** Na Pérsia. Homem, ganhou reputação como poeta, teve doze filhos de duas esposas, todos morreram de fome quando ele caiu em desgraça. Tinha quarenta anos.

**92.ª vida (Maduro nível 4):** Mercador viajante de Kiev. Aventurou-se até Kazan, Bizâncio e Paris. Morto pelos seus bens na Hungria. Teve nove filhos com oito mulheres em outras tantas cidades.

**93.ª vida (Maduro nível 4):** Num mosteiro na Alemanha. Subiu a abade e supervisionou a fabricação de cerveja. Aos cinquenta e quatro sucumbiu a complicações diabéticas.

**94.ª vida (Maduro nível 4):** Mulher na Dinamarca, esposa de um ferreiro. Teve onze filhos antes de morrer no parto aos trinta e um anos.

**95.ª vida (Maduro nível 5):** Começou o quinto nível do ciclo Maduro. Homem, engenheiro militar de Roma empregado pelos Bizantinos para ajudar a repelir grupos bárbaros. Executado por traição aos vinte anos, em grande parte por ser estrangeiro.

A nonagésima sexta vida foi passada como mulher na China, parte de um "circo" onde ela mantinha os fatos, reparava os instrumentos musicais e fazia a contabilidade para a sua família alargada. Morreu, solteira, após vinte anos com a mesma amante, aos trinta e seis anos, de anemia. A nonagésima sétima vida deste Académico foi na Indonésia, onde morreu numa batalha familiar contínua aos onze anos. A nonagésima oitava vida para este fragmento foi no que é hoje o Arizona. O fragmento era do sexo feminino, fabricava flautas, cestos e cerâmica, teve três filhos e morreu de "colapso" brônquico devido a alergias cumulativas. O sexto nível do ciclo Infante começou para este fragmento no centro de França. O fragmento era do sexo masculino, um monge e o escrivão de registos dos "oficiais alfandegários" da cidade.

Morreu aos quarenta e dois anos de inflamação intestinal crónica. A centésima vida foi passada como mulher na zona geral de Bizâncio. Era uma música talentosa e foi morta pelo seu primo, que era o seu maior rival, quando tinha dezanove anos. A vida cento e um foi vivida em Inglaterra e no Mar do Norte, onde o Académico, agora homem, serviu como navegador durante vinte dos seus trinta e três anos. Teve dois filhos sobreviventes, um dos quais era gravemente atrasado. O Académico morreu de ferimentos internos após uma queda grave.

A vida seguinte foi como homem, na Guatemala, um "homem santo" regional notado pela sua sabedoria e orientação. Morreu de picada de cobra aos vinte e oito anos, deixando seis filhos para "continuarem" o seu trabalho. A centésima terceira vida iniciou o sétimo nível do ciclo Infante para este fragmento. Nasceu homem no que é hoje a Argélia, foi tornado eunuco aos nove anos e morreu aos quinze envenenado. A centésima quarta vida foi vivida na Rússia, mulher, casada, conhecida pela sua perícia na jardinagem. Teve dois filhos e morreu aos vinte e um anos quando o seu marido lhe partiu o pescoço "acidentalmente". A vida cento e cinco foi na África ocidental. O fragmento era homem, o quinto filho de um mercador regional. Foi vendido como escravo e morreu pouco depois de subnutrição e depressão.

O ciclo Velho para este Académico começou na vida cento e seis, como mulher no norte da China. Morreu numa tempestade de areia aos onze anos. A vida cento e sete foi vivida na Arménia, onde este homem foi um soldado envolvido no combate a vários grupos beligerantes para a proteção do centro governamental do "país". Morreu em batalha aos trinta e dois anos, deixando uma família de nove que se tornaram mendigos errantes. A vida número cento e oito iniciou o segundo nível do ciclo Velho para este Académico.

A vida durou trinta e sete anos, o fragmento era mulher, os locais foram a Noruega e a Inglaterra. O Académico foi considerado uma espécie de "bruxa" pela capacidade que tinha de "sentir" a costa adiante, o que eram, na realidade, memórias de vidas anteriores na região. Morreu no mar. A centésima nona vida foi no setor europeu de Tiro, e o fragmento era o segundo filho de um mercador genovês que fez fortuna nos têxteis. O Académico alargou o negócio para incluir corantes e a fortuna cresceu ainda mais. Tinha uma esposa em Génova e uma esposa em Tiro, um total de onze filhos, e morreu às mãos de piratas no mar aos vinte e nove anos. A vida seguinte foi na Mongólia, o fragmento era mulher, filha de um "corretor" de gado. Casou razoavelmente bem, teve cinco filhos e dedicou a sua vida a prepará-los para "progredirem" no mundo. Morreu de cancro aos trinta e um anos. A vida cento e onze iniciou o terceiro nível do ciclo Velho.

Foi no Noroeste do Pacífico, o fragmento era homem. Quando mercadores chineses chegaram com mercadorias, este fragmento pediu para regressar com eles para conhecer a China para o povo da sua "tribo". Tal foi aceite. O junco afundou-se numa tempestade no caminho de volta. O Académico tinha dezassete anos. A vida seguinte foi no sul da Índia. O Académico era mulher, de uma casta inferior, e morreu após ter sido gravemente queimada aos seis anos. A vida cento e treze foi vivida como homem na cidade de Bolonha, em Itália. Trabalhou numa grande olaria, cozendo vasos, taças, pratos e jarros. Morreu de enfisema provocado pela inalação dos fumos de chumbo nos vidrados, aos vinte e dois anos. A vida número cento e catorze foi no sul de França, e o Académico foi mais uma vez homem. Desta vez a sua morte, aos nove anos, deveu-se à chamada Peste Negra. Na sua região, a fatalidade desta doença neste surto foi superior a oitenta por cento. A centésima décima quinta vida iniciou o quarto nível do ciclo Velho para este Académico.

O fragmento era homem, homossexual, e um aderente à disciplina islâmica da dança extática. Morreu aos trinta e seis anos de doença cardíaca. A vida cento e dezasseis foi vivida como mulher na Europa de Leste. Era uma seguidora de acampamento, cuidando de um oficial de infantaria menor. Deu-lhe quatro filhos e, quando o seu acampamento foi atacado, salvou trinta e oito crianças e quarenta e quatro homens feridos antes de ser ela própria morta no combate. Tinha vinte e sete anos. A vida seguinte foi passada como homem no que é hoje o Irão. O Académico

pertencia a uma família de fabricantes de instrumentos inovadores. Mostrou muita promessa mas morreu de cólera aos dezoito anos. A vida cento e dezoito foi breve, terminando aos dois anos quando a aldeia do Académico foi arrasada por fanáticos religiosos.

A vida cento e dezanove iniciou o quinto nível do ciclo Velho para este Académico. Nascido no Japão, o fragmento era homem e tornou-se um prestigioso mestre de caligrafia decorativa. Morreu aos quarenta e um anos de um ataque cardíaco. A centésima vigésima vida teve lugar na América do Sul. O Académico era homem e morreu aos dezasseis anos de sarampo contraído de europeus. A centésima vigésima primeira vida iniciou o sexto nível do ciclo Velho para este Académico.

Nascido no sul da Itália, o Académico era homem, um magistrado dos tribunais. Teve sete filhos, dois deles ilegítimos. Morreu aos cinquenta anos de um aneurisma da aorta. A vida seguinte foi na Polónia — então parte da Boémia — onde o fragmento era homem, um advogado para homens de negócios e compositor a tempo parcial. Enviuvou cedo no seu casamento e criou os seus três filhos com a ajuda da sua irmã solteirona. Morreu de um AVC aos quarenta e cinco anos. A vida cento e vinte e três foi vivida como homem na África central.

Capturado em jovem por rivais étnicos, foi finalmente torturado até à morte aos treze anos para servir de exemplo ao seu povo. O sétimo nível do ciclo Velho começou na vida cento e vinte e quatro na Austrália. O fragmento era a esposa de um estalajadeiro, filha de criminosos "de carreira". Teve cinco filhos e fugiu da vida exigente e "pouco compensadora" aos trinta e dois anos. Morreu em Londres aos trinta e seis anos. Neste ponto, o fragmento estava encarnado há mais de três mil anos e tinham passado mais de cinco mil anos no plano físico. A vida cento e vinte e cinco começou em Leeds, em Inglaterra. O fragmento, mulher, formou-se como professora e foi para a Índia para servir como tutora e bibliotecária de famílias inglesas ali estabelecidas. Foi morta num desastre de comboio aos trinta e quatro anos. A vida cento e vinte e seis foi vivida nos Países Baixos e na Itália.

O Académico, homem, era um músico de orquestra. Casou com uma rapariga italiana, teve dois filhos e depois separaram-se da forma mais amigável possível. Morreu aos cinquenta e um anos, após uma atuação da Sinfonia da Despedida, de úlceras hemorrágicas. O Académico tem atualmente quarenta e dois anos, é um fabricante e restaurador de tapeçarias em Liège. O Académico teve vinte e dois contactos com o Gémeo de Essência e trinta e um com o Companheiro de Tarefa. O fragmento queimou mil trezentas e oitenta e sete fitas cármicas e teve contacto com os outros seis membros da cadência do Académico um total de duas mil quatrocentas e vinte e nove vezes.

— Michael, notámos mais especificidade do que o habitual ao dar informação sobre o Académico. Existe alguma razão para isso? —

Com certeza. O Académico é notado pela busca de informação e, em resultado disso, a especificidade que observaram pode ser considerada "natural".

Passando aos Sábios. O Sábio que iremos considerar é de quinta fundição na cadência, e foi lançado no plano físico há 5.317 anos, começando a primeira vida no que é hoje a Turquia, onde o fragmento, então homem, esculpia portas e padieiras. Morreu de ferimentos recebidos de cinzéis aos vinte e quatro anos. A vida número dois foi na Indonésia, o fragmento era mulher, teve três filhos e afogou-se aos vinte e um anos. A terceira vida teve lugar no noroeste da China, o Sábio era filho de um tecelão que morreu por comer carne estragada aos oito anos. A quarta vida foi vivida na Índia central. O Sábio era mulher, considerada muito bela, e foi executada aos dezasseis anos para acabar com a discórdia entre dois dos seus pretendentes. A quinta vida também foi feminina, vivida na parte sudeste da América do Sul.

O Sábio era mulher e foi sacrificada na sua primeira menstruação, aos doze anos. A sexta vida iniciou o segundo nível do ciclo Bebé. O fragmento era homem, um pastor em África, e morreu de uma fratura craniana aos vinte anos. A sétima vida foi vivida ao longo do Reno, o Sábio era homem e morreu numa nevasca aos doze anos. A oitava vida foi vivida no que é hoje o Equador, o Sábio era mulher, "casada", teve dois filhos e morreu aos dezanove anos de subnutrição. A nona vida iniciou o terceiro nível do ciclo Bebé para este Sábio.

O fragmento nasceu no sul de França, teve oito filhos do contador de histórias e "guru" regional, e morreu aos vinte e seis anos de anemia. A décima vida foi passada no que é hoje o Canadá, como homem, um fabricante de máscaras e "adereços" rituais. Morreu gelado aos vinte e seis anos. A vida onze foi passada no que é hoje o Paquistão. O fragmento era um escravo homem, incumbido da tarefa de instruir e guardar os filhos do "déspota" local.

Não correspondeu às expectativas do seu mestre e foi morto aos vinte e cinco anos. A décima segunda vida foi na Coreia, onde o Sábio, nessa vida uma criança frágil, entrou em declínio muito cedo e estava morto aos dez anos. A vida treze foi vivida na Grã-Bretanha, a filha de um guarda-florestal e caçador. Desenvolveu um talento para relatar as aventuras dele, algumas das quais ainda existem no folclore da região. Morreu aos quinze anos, resultado de uma queda. A décima quarta vida foi vivida no sul da China, onde o Sábio era um homem, um escriba, teve um filho e morreu de uma rutura na bexiga aos vinte e oito anos. A décima quinta vida foi vivida no que é hoje o Irão. O Sábio era filho de um estafeta regional e foi pisoteado por gado aos quatro anos ao tentar seguir o pai nos seus deveres. A vida seguinte foi

passada como mulher na África ocidental, onde morreu em resultado de ritos de puberdade zelosos demais aos doze anos.

A décima sétima vida iniciou o quinto nível do ciclo Bebé. O fragmento era homem, viveu no norte da Europa e melhorou as práticas de venda no mercado local. Morreu aos vinte e três anos após tentar escalar o pico mais alto da região. Foi apanhado por uma tempestade de chuva e caiu para a morte. A vida dezoito teve lugar no sul da Índia. O fragmento era mulher, uma escrava que se especializou em massagens. Morreu no parto aos trinta anos.

A vida número dezanove teve lugar na costa russa do Pacífico. O fragmento era homem, nascido numa comunidade de pesca e baleação, e morreu aos sete anos de hipotermia. A vida seguinte foi vivida na Malásia, o fragmento era mulher e, embora nascida pobre, "melhorou a sua sorte" tornando-se leiloeira de escravos domésticos. Morreu aos vinte e quatro anos de cancro de pele. A vigésima primeira vida iniciou o sexto nível do ciclo Bebé para este Sábio. Nesta vida, o Sábio nasceu mulher na Ásia central e foi sufocada aos dois anos pelos seus irmãos mais velhos por ser "barulhenta demais". A vigésima segunda vida teve lugar numa aldeia ribeirinha no que é hoje a Argentina.

O fragmento era mulher, perita em tatuagens, e foi morta por insetos aos dezasseis anos. A vigésima terceira vida foi passada como homem em Madagáscar, como líder de um grupo de aldeões "dissidentes". O grupo foi caçado e exterminado quando o Sábio tinha vinte e dois anos. A vigésima quarta vida foi vivida como mulher no oeste de Espanha. O fragmento casou três vezes, cada vez com homens mais importantes. O terceiro marido suspeitou de "planos" dela contra ele e "antecipou-se" matando-a quando ela tinha vinte e cinco anos. Teve quatro filhos, um dos quais — do seu terceiro marido — sobreviveu.

A vigésima quinta vida iniciou o sétimo nível do ciclo Bebé para este fragmento, que nasceu homem no Egipto, mostrou aptidão para línguas e tornou-se tradutor para mercadores estrangeiros no Egipto. Tinha duas esposas e nove filhos quando foi morto aos vinte e nove anos. A vigésima sexta vida foi passada como mulher na Mongólia. O fragmento era uma parte indesejada do agregado familiar quando a mãe voltou a casar e, por isso, foi abandonada.

Morreu aos doze anos, vítima de exaustão e animais famintos. A vigésima sétima vida foi passada na África ocidental com uma família de construtores de canoas. A Sábia gostava de viajar no rio e continuou a fazê-lo depois de ser vendida ao seu marido aos catorze anos. Ele devolveu-a à família quando ela não engravidou após dois anos, e a família teve de deixar a área em desgraça. A Sábia contraiu uma infeção transmitida por parasitas e morreu aos dezassete anos.

A vigésima oitava vida iniciou o primeiro nível do ciclo Infante para este Sábio, que nasceu homem no Egipto e tornou-se "pregoeiro" do templo, anunciando procissões, festivais, ritos, decisões e outras notícias. O fragmento tinha uma esposa e quatro filhos quando morreu de cancro intestinal aos trinta e dois anos. A vigésima nona vida foi passada na parte superior do Rio Missouri onde, como filho mais velho do líder judicial do "clã", foi assassinado como vingança contra a sua família aos catorze anos. A trigésima vida foi vivida em Creta como mulher. O fragmento ganhou reputação como "vidente", o que lhe trouxe muita notoriedade.

Esforçou-se por melhorar as suas visões através da inanição e morreu disso aos vinte e cinco anos. A vida trinta e um foi vivida no que é hoje o Nepal. O fragmento era filha do "cobrador de impostos" e foi raptada e morta aos onze anos. A trigésima segunda vida iniciou o segundo nível do ciclo Infante. O fragmento nasceu homem na Europa central. Foi expulso da sua aldeia por se recusar a trabalhar nas minas locais. Tornou-se vagabundo e morreu aos vinte e três anos. A vida trinta e três foi passada no que é hoje o Camboja, a filha mais nova do fabricante de velas. Casou com um homem que a família pensou que a "acalmaria", e acabou por ser confinada por ele a um pequeno quarto por ser "ingovernável".

Conseguiu suicidar-se aos vinte e seis anos. A trigésima quarta vida foi passada como homem no que é hoje a Eslovénia. O fragmento fazia as rondas pelos lugarejos e aldeias locais, levando notícias, informações e outras coisas semelhantes. Morreu aos vinte e dois anos, morto numa rixa de aldeia. A trigésima quinta vida iniciou o terceiro nível do ciclo Infante deste Sábio. Foi passada na China, o fragmento era homem, um "cantor" religioso e recitador de textos sagrados. Foi esmagado até à morte num terramoto aos dezanove anos.

A vida trinta e seis foi passada a treinar para ser oleiro na América do Sul. O aprendiz foi morto numa avalanche aos quinze anos. A vida trinta e sete foi passada como mulher no Egipto, onde foi uma prostituta de muito sucesso para clientes de alto escalão. Foi morta por rivais aos vinte e cinco anos. Não deixou filhos sobreviventes. A vida trinta e oito foi passada em ilhas ao largo da costa leste do que são hoje os Estados Unidos da América. O fragmento era mulher, a segunda esposa de um dos homens mais ricos da ilha. Morreu aos vinte anos no rescaldo de um furacão. Deixou cinco filhos e duas fitas cármicas queimadas.

A trigésima nona vida iniciou o quarto nível do ciclo Infante para este Sábio que nasceu mulher na África austral. Distinguiu-se na dança ritual e foi entregue ao xamã da aldeia para ajudar na sua magia para mulheres. Morreu em resultado de fraturas expostas no braço e perna esquerdos. Tinha vinte e quatro anos e cinco filhos vivos. A quadragésima vida foi vivida na Grécia, o Sábio era homem e um

atleta conhecido pelas suas tropelias. Teve um acidente numa quadriga que o deixou parcialmente paralisado, e morreu aos vinte e nove anos após quatro anos de intensa depressão. A quadragésima primeira vida foi vivida como mulher no que é hoje o Oregon, a única filha sobrevivente de um caçador e da sua esposa. O fragmento era conhecido pela sua perícia com espinhos de porco-espinho em adornos. Teve dois filhos e morreu de exaustão induzida por vírus aos dezasseis anos. A vida seguinte iniciou o quinto nível do ciclo Infante para este Sábio, que nasceu homem em Nínive, um sacerdote cujas ambições poderiam tê-lo levado alto nas fileiras se não se tivesse apaixonado por uma nobre. Foi executado por esta temeridade aos vinte e cinco anos. Na vida seguinte, o fragmento estava na Córsega, era homem e morreu aos seis anos de ferimentos infetados nas pernas e pés.

A quadragésima quarta vida foi passada na Arménia, o fragmento era mulher, casada com o primo de quem teve nove filhos, dois dos quais eram visivelmente atrasados. Morreu aos trinta anos de um abcesso hepático. A quadragésima quinta vida foi passada na China como uma rapariga de um barco-de-flores. Foi empurrada borda fora pelo seu "chulo" quando um dos seus clientes se ofereceu para a comprar. Tinha dezasseis anos. A quadragésima sexta vida foi passada como homem no Egipto, para onde fora enviado para o templo do deus crocodilo para ser sacerdote. Sucumbiu à febre aos doze anos e foi entregue ao seu deus como oferenda.

A quadragésima sétima vida iniciou o sexto nível do ciclo Infante para este Sábio. A vida foi vivida na Irlanda, o fragmento foi considerado "fada" (fey) desde tenra idade e, por isso, nunca casou, mas passou a maior parte do tempo a contar histórias e a vaguear pelo campo. Teve e abandonou quatro filhos, e finalmente morreu de exposição ao frio aos quarenta e três anos. A quadragésima oitava vida foi passada como a "mãe promotora" de três filhos talentosos na China. O seu marido, um jogador, abandonou a família cedo.

Viu dois dos seus filhos tornarem-se artistas de "circo" reconhecidos, e o outro um acrobata consumado antes da idade de dez anos. Morreu aos vinte e quatro anos de um AVC. A vida seguinte durou nem dois anos. O fragmento era homem, levado cativo e tornado escravo com o resto da sua família, e morreu de fome e "negligência". Na quinquagésima vida o fragmento era homem na Grécia, um recitador em festivais religiosos e escritor de versos declamatórios pouco antes do tempo de Alceu.

Morreu de alcoolismo aos trinta e dois anos. A quinquagésima primeira vida iniciou o sétimo nível do ciclo Infante para este Sábio. Foi vivida no que é hoje o Marrocos. O Sábio era a filha mais velha numa família de ladrões profissionais. Foi apreendida a exercer o ofício familiar, teve as mãos cortadas e morreu mendiga aos dez anos. Neste ponto, o Sábio existia no plano físico há pouco mais de mil anos e

tinham passado mais de mil e seiscentos anos no plano físico. A quinquagésima segunda vida foi vivida como homem na Índia ocidental onde ele, um escravo eunuco, foi encarregue de vinte e nove mulheres. Foi diligente nos seus deveres e dedicado às mulheres em questão, protegendo-as de estrangeiros invasores com a sua vida, que terminou com um golpe de lança aos trinta e seis anos.

O ciclo Jovem para este fragmento começou na vida cinquenta e três, quando o fragmento nasceu mulher na Grécia ocidental. Casada com o pretendente escolhido pelos seus pais, este fragmento desencantou-se com o matrimónio e, quando o marido a ridicularizou publicamente, ela retaliou matando os seus dois filhos e suicidando-se. Tinha vinte e dois anos. A quinquagésima quarta vida foi passada como uma "servente" no sul de França, uma escrava para todo o serviço, do sexo feminino. Morreu de subnutrição aos dezassete anos. A vida cinquenta e cinco foi vivida no Tibete, onde este Sábio foi um bailarino religioso da religião Bon. Nunca teve filhos e morreu aos trinta anos de uma infeção bacteriana.

A quinquagésima sexta vida foi vivida na Rússia oriental; o fragmento era mulher, esposa de um agricultor e cantora notável. Morreu aos vinte e seis anos, deixando sete filhos e um marido devastado a chorar a sua morte. A quinquagésima sétima vida iniciou o segundo nível do ciclo Jovem para este Sábio. O fragmento era mulher em Cartago e foi sacrificada para fortalecer a cidade aos quatro anos. A quinquagésima oitava vida foi passada em Chipre como homem. Tornou-se "ministro das cerimónias de estado" e foi morto quando a plataforma que ordenara erguer colapsou sob ele. A quinquagésima nona vida foi passada no Egipto como cortesã. Viveu vinte e dois anos e ainda restam inscrições sobre as suas capacidades. A sexagésima vida foi passada nos Mares do Sul como esposa de um comerciante entre ilhas. Ela, ele e os seus dois filhos pereceram numa tempestade quando ela tinha dezoito anos.

A sexagésima primeira vida iniciou o terceiro nível do ciclo Jovem para este Sábio. O fragmento nasceu homem no que é hoje a Áustria. O fragmento tornou-se um comerciante, percorrendo os lugarejos, aldeias e vilas ao longo do Danúbio. Era conhecido como um sujeito muito divertido e conseguia encontrar itens invulgares para trocar, o que o tornou rico antes da sua morte por afogamento aos trinta e quatro anos. A vida sessenta e dois foi passada na costa oeste de África. O fragmento era homem, "bonitinho", e morreu devido a ferimentos de uma agressão sexual violenta aos dezasseis anos. A vida sessenta e três foi vivida como mulher na Indonésia.

O fragmento pintava desenhos em tecidos e cuidava dos seus cinco filhos, antes de morrer de uma doença óssea degenerativa aos vinte e um anos. O fragmento moveu-se então para o quarto nível do ciclo Jovem. O Sábio nasceu homem em

Tahiti, foi pescador e bailarino, teve seis filhos e criou também os três do primeiro casamento da sua esposa. Morreu aos vinte e oito anos. A sexagésima quinta vida foi passada no norte de Itália, filha e depois esposa de um cortador de pedra. Conhecida pelo seu charme e pelo seu temperamento, conseguiu fazer os seus quatro filhos progredir no mundo antes da sua morte aos vinte e cinco anos devido a um colapso venoso espontâneo.

A sexagésima sexta vida iniciou também o quinto nível do ciclo Jovem para este Sábio. A vida teve lugar no que é hoje a Suíça. O fragmento era mulher, a enteada mais velha numa família combinada de onze. Foi-lhe dada a tarefa de cuidar e ensinar as crianças mais novas, o que fez muito bem até à sua morte num incêndio aos quinze anos. A sexagésima sétima vida teve lugar ao longo da Rota da Seda, que este Sábio se propôs explorar de uma ponta à outra. Toda a tarefa exigiu nove anos e tornou-o muito famoso na sua terra, na China, quando regressou. Os seus relatórios, embora geralmente precisos quanto à distância e geografia, eram algo romanceados quanto às pessoas encontradas. Morreu aos trinta e um anos, felizmente casado e com boa reputação. A sexagésima oitava vida teve lugar na Gália setentrional. O fragmento era mulher; o seu trabalho, além de criar os seus cinco filhos, era manter o registo de todos os eventos familiares. Destacou-se em ambos e morreu, deixando muitas saudades, aos vinte e seis anos. A vida seguinte começou no México. O Sábio nasceu numa família Maia de agricultores. Era gravemente deformado e por isso foi entregue aos sacerdotes para sacrifício aos três anos. A septuagésima vida foi passada como artista em Roma. Conhecido como um grande comediante, o Sábio atuou por mais de quinze anos antes de morrer de tifo aos trinta anos.

O sexto nível do ciclo Jovem teve lugar no Japão; o fragmento era mulher, filha de um músico famoso. Aprendeu com ele e fez um casamento melhor devido às suas capacidades. Morreu ao dar à luz o seu primeiro filho aos dezasseis anos. A septuagésima segunda vida teve lugar na Grécia, onde o fragmento foi um competidor notável em concursos de poesia. Filho de um rico viticultor, teve a oportunidade de aproveitar ao máximo os seus talentos e, para o fazer, viajou amplamente antes de morrer por exaustão imunitária aos vinte e sete anos. A septuagésima terceira vida foi passada nas montanhas da América Latina, onde o fragmento desenvolveu um novo método de bordado com penas, o que trouxe riqueza à sua família e um segundo marido para ela. Morreu de choque aos vinte e quatro anos.

A septuagésima quarta vida iniciou o sétimo nível do ciclo Jovem para este Sábio, que nasceu no que é hoje a Virgínia, um homem que se revelou uma desilusão para os seus parentes belicosos e foi por isso proibido de casar. Morreu aos dezanove anos, num ato que quase foi um suicídio. A septuagésima quinta vida foi passada na China; o fragmento era mulher, esposa de um magistrado, conhecida

por trabalhar em benefício dele em todos os momentos. Promoveu o bem-estar dele em todas as oportunidades, deu-lhe dois filhos, matou as três filhas que teve e ficou gratificada quando ele foi louvado oficialmente pelo Imperador. Morreu aos vinte e oito anos de peritonite. A septuagésima sexta vida foi passada como homem no norte da Índia. Era um de doze filhos e morreu com toda a sua família quando a sua aldeia foi atingida pela varíola. Tinha onze anos de idade.

O ciclo Maduro começou para este Sábio na vida setenta e sete. O fragmento nasceu homem no Egipto e ganhava a vida realizando vários truques nas praças de mercado de muitas vilas e cidades. Tinha um número considerável de seguidores e um horário bastante regular que cumpria. Morreu de febre epidémica aos vinte e seis anos. Na septuagésima oitava vida, o Sábio foi novamente homem, vivendo desta vez na Grã-Bretanha, filho de um líder de aldeia que morrera antes de ele nascer. Criado por parentes, o rapaz vagueou para longe aos nove anos e morreu de frio. A septuagésima nona vida foi vivida como mulher numa grande cidade chinesa.

O fragmento casou com um mercador rico e cuidou dos filhos dele. Tornou-se perita em identificar antiguidades finas e acabou por se tornar quase sócia do marido. Tinha trinta e quatro anos quando morreu de anemia. A octogésima vida também iniciou o segundo nível do ciclo Maduro para este Sábio. A vida teve lugar em Bornéu; o Sábio era mulher e uma espécie de cortesã "cívica", sendo dada como uma "recompensa" àqueles que realmente agradassem aos "poderes constituídos". Morreu numa revolta civil aos vinte e um anos.

A octogésima primeira vida foi passada no que é hoje o Peru, filho de um conhecido "Académico" que aconselhava sobre as épocas de plantio e mantinha registos de fenómenos meteorológicos. O filho morreu num incêndio inesperado aos dezoito anos. A vida oitenta e dois foi passada na Coreia, numa família numerosa, como o quinto filho de oito. Morreu de negligência generalizada aos seis anos. A octogésima terceira vida foi mais uma vez centrada numa família numerosa, desta vez no que é hoje a região flamenga da Europa. O fragmento era mulher, casada com um viúvo com quatro filhos. Deu-lhe mais sete e morreu de complicações pós-parto aos vinte e oito anos.

A octogésima quarta vida iniciou o terceiro nível do ciclo Maduro para este fragmento, que nasceu mulher no sudoeste da Índia e pereceu devido a infestações de insetos aos cinco anos. A octogésima quinta vida foi passada no norte do Canadá como comerciante de peles e contador de histórias. O fragmento era homem, teve cinco filhos antes da sua morte aos trinta e três anos por exsanguinação. A octogésima sexta vida foi passada no centro de Itália como mulher. O fragmento foi levado para a escravatura aos dez anos e passou o resto da sua vida na parte norte de África, num banho cuidando dos desejos dos patronos locais. Morreu aos vinte e

nove anos, tendo tido dois filhos e queimado seis fitas cármicas. A vida seguinte iniciou o quarto nível do ciclo Maduro; o fragmento era homem, viveu no que é hoje a Polónia e morreu num acidente florestal aos doze anos. Nessa vida o fragmento pretendia tornar-se um compositor de canções, mas a vida terminou antes que o plano de vida pudesse ser posto em prática.

A octogésima oitava vida foi vivida como homem no oeste de França, cumprindo os planos da última vida. O fragmento era filho de um Sacerdote — pois nessa altura aos Sacerdotes da Igreja Católica ainda era permitido casar — e aprendeu a ler e a escrever enquanto criança. Decidiu então ir de cidade em cidade, cantando e contando histórias. Deixou um "rasto de destruição" entre as mulheres da região e tinha mais de treze filhos ilegítimos quando morreu na prisão aos vinte e nove anos, em resultado de ter ofendido o senhor da guerra da região numa canção. A vida oitenta e nove foi passada como mulher no que é hoje a Rússia oriental, filha de um fabricante de instrumentos e artista que a ensinou bem. Morreu num acidente quando a carroça em que seguia caiu da estrada estreita para um desfiladeiro.

A nonagésima vida iniciou o quinto nível do ciclo Maduro para este Sábio e foi vivida na América Central. O fragmento era um "diplomata" menor encarregue de negociar a paz entre "cidades" rivais. Foi quase bem-sucedido, mas foi assassinado pelos seus esforços aos vinte e cinco anos, deixando as suas esposas e filhos dependentes da "misericórdia" do seu superior. A nonagésima primeira vida foi passada no que é hoje a República Checa. O fragmento era mulher, da pequena nobreza, e tornou-se "conhecida" em certos círculos pela sua poesia.

Era infeliz no casamento, teve seis filhos e morreu de cancro uterino aos quarenta e nove anos. A nonagésima segunda vida foi vivida, como mulher, na China, filha de um jogador profissional. Morreu aos treze anos, não querendo tornar-se concubina do seu tio. O fragmento nasceu então na Nova Guiné, filho de uma prostituta e de um marinheiro. Teve alguns anos difíceis, alistou-se num navio para fugir da sua situação e morreu com o resto da tripulação quando o navio se afundou num tufão.

A nonagésima quarta vida iniciou o sexto nível do ciclo Maduro para este fragmento, que nasceu homem no que é hoje a Noruega. O fragmento trabalhou com comerciantes de muitas partes do norte e conseguiu acumular uma pequena fortuna antes de ser morto por ladrões aos quarenta e dois anos. Deixou esposa e sete filhos. A nonagésima quinta vida foi vivida na zona do que é hoje a Flórida. Filho do xamã de um pequeno "clã", o fragmento tornou-se famoso pelos seus feitos de memória. Foi mordido por uma cobra-coral aos treze anos. A nonagésima sexta vida foi passada na Sicília, esposa de um pescador bem-sucedido. Teve três filhos e lutou com os seus sogros até à sua morte aos vinte anos por intoxicação alimentar. Neste

ponto, o Sábio estivera encarnado no plano físico por mais de dois mil anos e tinham passado quase quatro mil anos.

A nonagésima sétima vida iniciou o sétimo nível do ciclo Maduro, e o Sábio passou-a no norte da Europa, servindo como uma espécie de arauto para a nobreza do período. Morreu de ataque cardíaco aos cinquenta e quatro anos, muito honrado pela sua dedicação. Nunca casou, preferindo homens a mulheres, mas foi suficientemente discreto para que isso não fosse conhecido senão por muito poucos. A nonagésima oitava vida foi passada no que é hoje o Suriname, esposa de um fabricante de tecidos. Teve de "gerir o negócio" pelo seu marido, que era algo perturbado mentalmente e não conseguia lidar com quaisquer exigências externas.

Foi morta pelo seu marido aos trinta anos, deixando quatro filhos e um negócio florescente para trás. A nonagésima nona vida foi passada nas Midlands inglesas. O fragmento era mulher, esposa de um sapateiro itinerante. Abandonou-o a ele e aos seus dois filhos por uma vida mais estável com um agricultor. Morreu de complicações após a amputação do seu pé esquerdo aos vinte e oito anos.

Para este Sábio, o ciclo Velho começou na vida cem. O Sábio estava no centro de Itália, tendo sido durante a maior parte da sua vida uma reclusa religiosa. Morreu de subnutrição aos vinte e três anos. A vida seguinte foi passada a viajar na China, um dos acrobatas num "circo", que acabou por se tornar o dono do "espetáculo". Foi morto por um urso amestrado aos sessenta e dois anos, deixando o circo a três dos seus netos. A vida cento e dois durou três anos ao longo do Mississipi. O fragmento morreu de Febre Amarela. A vida cento e três foi passada como mulher no que é hoje o Uruguai.

O fragmento, com estatuto de escrava, acabou por se tornar a governanta da casa de um importante líder regional antes da sua morte por infestação parasitária aos quinze anos. A vida cento e quatro foi vivida na África oriental. O Sábio era homem e considerado um servo dos deuses devido ao seu comportamento antes da sua morte aos vinte e três anos por um tumor cerebral. A vida cento e cinco iniciou o segundo nível do ciclo Velho para este fragmento, que nasceu mulher no que é hoje o Nepal. O fragmento era semi-inválida e por isso não casou. Tornou-se mendiga após a morte dos seus pais e morreu ela própria aos vinte e seis anos. A centésima sexta vida foi passada na região do Adriático, parte de uma trupe de músicos que eram também ladrões peritos. O fragmento foi detido e morreu de fome na prisão aos trinta e sete anos.

A vida seguinte iniciou o terceiro nível do ciclo Velho para este Sábio. Nascido homem em Kiev, o fragmento foi aprendiz de um ferreiro e morreu em resultado de um golpe na cabeça aos doze anos. A centésima oitava vida começou

perto de Constantinopla. O fragmento, mulher, tornou-se bailarina, depois "converteu-se" e retirou-se para uma comunidade religiosa onde morreu em "odor de santidade" aos trinta e um anos. A centésima nona vida foi passada nas Ilhas Salomão, sendo uma espécie de "mandrião" até à sua morte aos dezassete anos. A centésima décima vida iniciou o quarto nível do ciclo Velho para este Sábio. Teve lugar na Suécia; o fragmento nasceu surdo e por isso tornou-se o palhaço da aldeia. Era olhado com carinho por todos os que o rodeavam e a sua morte aos vinte e nove anos foi sinceramente lamentada. A centésima décima primeira vida foi vivida na China ocidental como uma espécie de "estalajadeiro" na Antiga Rota da Seda. O fragmento oferecia entretenimento e repouso na sua hospedaria. Tinha três esposas e quinze filhos na altura da sua morte aos trinta e quatro anos devido a uma grave infeção intestinal. A centésima décima segunda vida foi passada no leste do México, numa comunidade piscatória. O fragmento era mulher, "casada", com dois filhos, quando morreu aos vinte e dois anos de pneumonia. A centésima décima terceira vida foi vivida como o filho ilegítimo de um monge na Rússia. Morreu de fome aos catorze anos.

A centésima décima quarta vida iniciou o quinto nível do ciclo Velho para este Sábio. O fragmento era mulher, na Índia, e morreu em resultado de uma incursão à cidade onde a família vivia. Tinha seis anos. A vida seguinte, número cento e quinze, foi passada na Igreja em Espanha, um suposto cantor religioso castrato, na realidade uma mulher que procurava evitar o casamento. O escândalo do seu sexo real manchou a ocasião da sua morte aos vinte e nove anos. A centésima décima sexta vida foi passada na China central. O fragmento era mulher, casou bastante jovem, teve oito filhos e vinte e nove netos, bem como sessenta e dois bisnetos na altura da sua morte por doença cardíaca aos setenta e três anos.

A centésima décima sétima vida foi passada no Rio Amazonas, trabalhando com a sua família que vendia mercadorias rio acima e rio abaixo. Morreu devido a uma zarabatana com dardo envenenado aos dez anos. A vida cento e dezoito começou no que é hoje a Bulgária. O fragmento, então homem, aprendeu várias línguas na taverna dos seus pais. Usou isto para se tornar um tradutor de negócios. Foi esfaqueado até à morte aos vinte e dois anos, deixando três filhos semi-ilegítimos.

A centésima décima nona vida iniciou o sexto nível do ciclo Velho para este Sábio. Nasceu na Malásia, filho de um mestre carpinteiro. Entrou em conflito com a sua família e acabou por fugir aos doze anos. Aos quinze anos morreu de uma doença venérea. A centésima vigésima vida foi vivida na Rússia. O fragmento nasceu como filha bastarda de um Príncipe, e foi sustentada por ele até à morte deste. Tornou-se cortesã e morreu de ataque cardíaco aos cinquenta e dois anos. Não teve filhos vivos. A centésima vigésima primeira vida foi vivida na Europa. O

fragmento, mulher, foi uma das primeiras verdadeiras "divas", cantando em várias cortes até à sua morte por bronquite séptica aos vinte e oito anos. A vida seguinte iniciou o sétimo nível do ciclo Velho para este Sábio. O fragmento nasceu homem nos Estados Unidos da América, foi um vigarista perito que aproveitou ao máximo a Guerra Civil até ser morto por foras-da-lei em 1862, na contagem comum.

A centésima vigésima terceira vida começou na Nova Zelândia. O fragmento era mulher e queria estudar arte. Morreu aos dezanove anos de paralisia infantil. A centésima vigésima quarta vida foi passada na Argélia. O fragmento era homem e morreu num motim aos seis anos. O fragmento tem agora trinta e nove anos, é mulher, vive em Hong Kong, onde dedica a sua fortuna herdada a colecionar arte. Este fragmento teve vinte e seis contactos com o Gémeo de Essência, trinta e três com o Companheiro de Tarefa. O número de fitas cármicas queimadas é de duas mil e dezasseis, e o contacto com um dos seis membros da cadência situa-se agora em duas mil oitocentas e trinta.

O Sacerdote de sexta fundição considerado para esta análise encarnou pela primeira vez há 5.492 anos na Suméria, era homem e morreu como sacrifício aos dezoito anos. A segunda vida foi vivida no Antigo Império do Egipto numa família de construtores de barcos. O Sacerdote morreu aos vinte anos, vítima de insolação. Na terceira vida este Sacerdote foi um escravo de templo em Nuzi, era mulher, e morreu aos vinte e quatro anos de febre hemorrágica. A quarta vida foi passada num povoado no Rio Ródano. O fragmento era homem, um preparador de peles que morreu aos dezasseis anos de septicemia. A vida número cinco foi passada na Birmânia.

O fragmento era mulher e a sua família abandonou-a aos três anos. A sexta vida iniciou o segundo nível do ciclo Bebé para este Sacerdote. A vida teve lugar na ilha grega de Rodes. O fragmento era mulher, casada com um trabalhador de pedreira. Morreu de uma doença viral aos vinte e um anos. A sétima vida foi passada no que é hoje a Colúmbia Britânica. O fragmento era mulher e morreu aos onze anos de alergias exacerbadas. A oitava vida foi passada na Ásia central. O fragmento era homem, parcialmente cego e considerado um xamã. O fragmento morreu de envenenamento acidental aos vinte e cinco anos. A nona vida foi passada na África austral. O fragmento era homem, o filho mais novo da primeira esposa do líder. Foi morto pelos seus meios-irmãos aos catorze anos. A décima vida foi passada na América do Sul na região do que é hoje a Bolívia. O fragmento, como mulher, virtualmente escrava, teve quatro filhos antes de morrer de febre aos dezassete anos.

A décima primeira vida iniciou o terceiro nível do ciclo Bebé. O fragmento nasceu homem no que é hoje o Iraque, era um escravo designado para o serviço de

guarda da cidade. Ficou fascinado com o movimento das estrelas e negligenciou o seu "trabalho", negligência de dever pela qual foi executado aos trinta e dois anos, tendo o seu conhecimento sido descartado. A décima segunda vida foi passada no norte da Grécia; o fragmento era mulher e propensa a "feitiços". Casou três vezes e regressou à família em todas as instâncias. Teve quatro filhos, dois dos quais não sobreviveram à infância. Morreu de exposição ao frio aos vinte e seis anos.

A vida seguinte do Sacerdote foi passada nos Mares do Sul, filha de um fabricante de lanças. Casou aos treze anos, teve dois filhos e morreu ao ter o terceiro aos dezanove anos. A décima quarta vida iniciou o quarto nível do ciclo Bebé para este Sacerdote. O fragmento nasceu homem no que é hoje a Normandia, tornou-se xamã de um lugarejo e morreu por estrangulamento ritual a fim de demonstrar — sem sucesso — a sua imortalidade. A vida seguinte foi feminina na Indonésia, a única sobrevivente de uma epidemia que atingiu a sua aldeia quando tinha nove anos. Morreu aos dez de subnutrição e choque. A décima sexta vida foi na China; o fragmento era mulher e vendida a um "bordel", onde morreu de subnutrição aos vinte e três anos.

A décima sétima vida iniciou o quinto nível do ciclo Bebé. O Sacerdote nasceu no que é hoje a Espanha, fugiu de casa e morreu de exposição ao frio aos seis anos. A décima oitava vida foi passada no que é hoje a Síria. O Sacerdote tornou-se um "concubino" masculino e foi assassinado por ciúmes aos trinta anos, cinco anos após se ter "reformado". A décima nona vida foi passada no sul da Rússia. Foi dada ao senhor da guerra local e morreu durante uma batalha quando o acampamento do senhor da guerra foi invadido. Tinha treze anos na altura. A vigésima vida iniciou o sexto nível do ciclo Bebé para o Sacerdote. A vida foi passada como filha de um agricultor que conseguiu acumular alguma terra e obter um pouco de poder regional no que é hoje o Ohio.

O fragmento morreu aos dezanove anos devido a um espancamento que lhe foi desferido por se recusar a casar. A vigésima primeira vida foi como homem na Ásia central, onde o Sacerdote foi pisoteado até à morte aos dois anos. A vigésima segunda vida teve lugar no que é hoje a Jordânia. O Sacerdote era do sexo feminino, teve sete filhos dos irmãos agricultores que a compraram. Morreu aos vinte e oito anos de malária, deixando nove filhos sobreviventes. A vigésima terceira vida foi passada como mulher, no Vale do Indo. O Sacerdote partiu um braço enquanto jovem e, porque este curou mal e o braço ficou inútil, não era desejada como esposa, pelo que foi soldada por muito pouco dinheiro como escrava. Morreu aos dezasseis anos, ostensivamente de febre, mas na realidade devido a negligência.

A vida seguinte foi passada na Judeia. Nascido homem numa família religiosa, o Sacerdote morreu de infeção aos vinte e dois anos, pouco depois de se tornar o

líder do seu grupo religioso. A vigésima quinta vida iniciou o sétimo nível do ciclo Bebé para este Sacerdote, que nasceu homem no nordeste da América do Sul, tinha o estatuto de "escravo" e foi morto por "membros do clã" irados aos vinte e três anos. A vigésima sexta vida foi passada como homem. O Sacerdote nasceu na Birmânia, era filho de uma mulher de templo que caíra em desgraça. Foram exilados da sua aldeia e morreram devido a um ataque de um animal quando ele tinha cinco anos. A vigésima sétima vida foi passada como homem nas montanhas do Cáucaso. O fragmento era o terceiro filho de um curtidor. Eliminou o seu irmão mais velho na esperança de partilhar a herança com o seu outro irmão mais velho. O irmão mais velho matou-o quando o Sacerdote tinha dezassete anos. A vigésima oitava vida foi passada como mulher na Grécia, como escrava num recinto de um templo onde foi queimada até à morte, graças aos esforços dos sacerdotes de uma divindade rival, aos vinte e dois anos.

A vigésima nona vida iniciou o ciclo Infante para este Sacerdote. O local foi a China ocidental, o fragmento era homem, filho de um mercador com ambições para a sua família. Esperava-se que o Sacerdote se destacasse e, quando as exigências se tornaram demasiado extremas, suicidou-se por vergonha aos quinze anos. A trigésima vida foi passada no Egipto. O Sacerdote era mulher, casada com um "magistrado" da cidade que confiava no seu julgamento. Sobreviveu-lhe uma década, criou os seus cinco filhos e morreu de abcessos intestinais aos trinta e três anos. A trigésima primeira vida foi passada como mulher no norte do México.

O fragmento foi "casado" aos doze anos, teve nove filhos e morreu de complicações pós-parto aos vinte e um anos. A vida seguinte foi passada como homem no norte de Itália. O fragmento mostrou capacidade para cálculos e foi recrutado para ajudar aqueles que supervisionavam a construção de fortificações. Morreu sob um desses muros quando este colapsou. Tinha vinte e dois anos. A trigésima terceira vida iniciou o segundo nível do ciclo Infante para este Sacerdote, que reencarnou como homem no norte de África. O Sacerdote distinguiu-se como líder espiritual e militar em jovem, e continuou nessa capacidade até à sua morte às mãos de uma das suas esposas aos trinta e nove anos.

A trigésima quarta vida foi passada na Indonésia, filha de uma mãe abandonada. As duas lutaram juntas como mendigas, mas acabaram por morrer de fome quando o Sacerdote tinha oito anos. A vida seguinte foi vivida ao longo do Reno. O fragmento era mulher e caiu em desfavor aos olhos da divindade local. Foi afogada ritualmente aos onze anos. A trigésima sexta vida foi vivida como mulher no sul da América do Sul, como curandeira. Morreu aos vinte e seis anos de febre. A trigésima sétima vida foi passada em Creta. O Sacerdote era o supervisor de um "bordel" religioso, teve ele próprio quinze filhos das mulheres do templo. Morreu de veneno autoadministrado aos vinte e seis anos. A trigésima oitava vida iniciou o

terceiro nível do ciclo Infante para este fragmento. Nascido homem no centro do Canadá, o fragmento tornou-se professor e xamã, viveu até aos vinte e quatro anos e morreu de frio. A trigésima nona vida foi passada perto de Ur, onde o Sacerdote estabeleceu uma seita própria, muito estrita e ritualista. Morreu de botulismo aos vinte e sete anos, o que foi visto como um mau agouro pelos seus seguidores, e a seita dissolveu-se.

A quadragésima vida foi passada numa comunidade Maia. O fragmento era casado, teve dois filhos e morreu de infeções de ferimentos aos dezasseis anos. A quadragésima primeira vida teve lugar no que é hoje a Tailândia. O fragmento, homem, foi encarregue de uma instalação para doentes mentais. Morreu durante um pânico na cidade que resultou no incêndio da instalação e de todos os que nela estavam, incluindo as duas esposas e dez filhos do Sacerdote. Tinha trinta e seis anos. O quarto nível do ciclo Infante começou na vida quarenta e dois. O fragmento era mulher, nasceu cega e viveu num estado semi-selvagem durante dezanove anos.

A quadragésima terceira vida foi passada como mulher no norte da China, esposa de um "cobrador de impostos" com quem nunca concordava. Ele matou-a pela sua desobediência quando ela tinha trinta e cinco anos, deixando sete filhos para serem criados pelas suas concubinas. A quadragésima quarta vida iniciou o quinto nível do ciclo Infante para este fragmento. O Sacerdote era mulher, viveu no norte de França, esposa de um caçador e armadilheiro. Morreu aos vinte e um anos, deixando dois pares de gémeos para desonra da sua família.

A quadragésima quinta vida começou na África ocidental; o Sacerdote era filho de um pastor. Foi criado com o gado e era considerado um "bom sujeito". Morreu aos dezasseis anos durante uma competição atlética. A quadragésima sexta vida foi passada no sudeste asiático. O fragmento era homem, um de um "clã" de ladrões errantes. Tinha capturado três mulheres e tinha quatro filhos vivos quando ele e a maioria dos seus parentes foram mortos, aos vinte e cinco anos. A quadragésima sétima vida iniciou o sexto nível do ciclo Infante para este Sacerdote, que nasceu mulher na Birmânia, órfã ao nascimento. Foi entregue a um templo como escrava e morreu ali de subnutrição aos treze anos. A quadragésima oitava vida teve lugar no que é hoje a Dinamarca, onde o Sacerdote era a enteada de um lenhador e, quando a sua mãe morreu, foi abandonada.

Morreu aos seis anos. A quadragésima nona vida foi passada como homem na Grécia, onde serviu como "ministro da justiça" para um reino grego menor. Morreu de insuficiência brônquica aos vinte e três anos. A quinquagésima vida do Sacerdote foi como homem na América Latina. Foi oferecido em sacrifício no seu primeiro aniversário. A quinquagésima primeira vida teve lugar na Mongólia setentrional. O fragmento era mulher, teve nove filhos de dois maridos e morreu aos vinte e oito

anos de infeção abdominal. A quinquagésima segunda vida iniciou o sétimo nível do ciclo Infante para este Sacerdote que encarnou num corpo masculino na Grécia, tornando-se um matemático e geómetra de renome e dogmático.

Teve uma esposa de quem teve seis filhos vivos mas não voltou a casar quando ela morreu, dedicando-se antes ao estudo. Sucumbiu a doença cardíaca aos quarenta e nove anos. Neste ponto, o Sacerdote tinha mais de mil anos de encarnação atrás de si e tinham passado mais de mil e quatrocentos anos no plano físico. A quinquagésima terceira vida foi passada no norte da Índia, escrava de uma família rica. Morreu aos vinte e dois anos de picada de cobra. A quinquagésima quarta vida foi vivida como mulher na África central. Morreu aos treze anos, apedrejada quando falhou em menstruar "a tempo". A quinquagésima quinta vida foi passada na China, o filho debochado de um funcionário do governo. Foi emboscado por gangues de rua e morto aos vinte e nove anos.

O ciclo Jovem começou para este Sacerdote na quinquagésima sexta vida. O fragmento nasceu homem na Austrália, tornou-se conhecido como profeta. Morreu de exaustão por calor aos vinte e seis anos. A quinquagésima sétima vida foi passada como mulher no Noroeste do Pacífico. O fragmento teve quatro filhos e uma "ligação mágica" a ursos. Morreu de septicemia aos dezoito anos. A quinquagésima oitava vida foi vivida no que é hoje a Turquia. O fragmento era mulher, uma mulher da classe alta, casada por razões políticas com um governante regional. Teve sete filhos e morreu aos vinte e três anos. A sua imagem ainda existe em vários locais no território do marido. A quinquagésima nona vida iniciou o segundo nível do ciclo Jovem para este Sacerdote, que nasceu no que é hoje o Japão, irmã de um líder religioso regional a quem dedicou a sua vida, chegando a permanecer solteira por causa dele.

Morreu aos trinta e cinco anos, ainda certa da santidade do seu irmão. A sexagésima vida foi passada na Europa central como homem, o filho ilegítimo de um proprietário de terras que era o favorito do seu pai e foi morto aos vinte e dois anos pelo seu irmão legítimo. A sexagésima primeira vida foi passada no sul do México, o Sacerdote iniciado de um templo estabelecido. Tinha vinte e nove anos quando morreu de um AVC. A sexagésima segunda vida iniciou o terceiro nível do ciclo Jovem para este Sacerdote, como filho de um governante na China ocidental. Foi criado para defender a família, e defendeu-a de facto, morrendo em batalha aos dezoito anos.

A sexagésima terceira vida foi passada na África austral, filha de um xamã que, sendo ela a sua única filha, lhe ensinou o "ofício", no qual ela se destacou. Morreu de cancro do estômago aos vinte e seis anos. A sexagésima quarta vida foi passada na Europa ocidental, onde o Sacerdote era mulher e morreu gelada aos nove

anos. A sexagésima quinta vida foi passada na Índia oriental, filho de um trabalhador de latão que expandiu o negócio com fervor até ficar estropiado num acidente. Definhou durante dois anos, morrendo aos vinte e um.

A sexagésima sexta vida iniciou o quarto nível do ciclo Jovem para este Sacerdote. A vida teve lugar no Alto Egipto. O fragmento tornou-se um líder poderoso na vida religiosa e comercial da comunidade. Estabeleceu uma espécie de imposto cívico bem como um religioso, e morreu, igualmente honrado e odiado, aos quarenta anos. A sexagésima sétima vida foi passada no Pacífico Sul, como um de um grupo de "mercadores" exercendo o seu comércio entre ilhas. Afundou-se com o seu navio aos vinte e dois anos. A vida seguinte foi passada na Grécia; o fragmento era mulher e tornou-se cortesã para evitar tornar-se esposa. Morreu aos dezoito anos às mãos de um cliente. A sexagésima nona vida foi passada em Inglaterra, esposa de um mensageiro e, mais tarde, sua viúva, sustentada pelo líder militar para quem o seu marido trabalhava. Teve onze filhos, três dos quais chegaram à idade adulta. Morreu de uma infeção crónica da vesícula biliar aos trinta anos.

A septuagésima vida iniciou o quinto nível do ciclo Jovem para este Sacerdote. A vida teve lugar na Malásia, a terceira filha de um pária. Ela e os seus oito irmãos morreram às mãos de saqueadores aos sete anos de idade. A septuagésima primeira vida foi passada nas planícies da América do Norte com um povo nómada. Era conhecido pela sua perícia como astrónomo. Morreu de uma queda aos vinte e nove anos. A septuagésima segunda vida foi passada na Coreia; o Sacerdote era homem, um estudante de matemática e morreu de uma doença epidémica aos dezasseis anos. A septuagésima terceira vida começou na Pérsia. O fragmento era mulher, uma cortesã, que morreu de infestação parasitária aos vinte e quatro anos. O sexto nível do ciclo Jovem começou para este Sacerdote na vida número setenta e quatro, no sul da China.

O fragmento era mulher, de uma família de alto escalão, conhecida por ser "estranha". Casou com o homem que os seus pais lhe arranjaram, deu-lhe nove filhos e depois matou-o aos vinte e nove anos, afirmando que um espírito maligno o possuíra. Morreu sob tortura aos trinta e um anos. A septuagésima quinta vida foi passada no que é hoje a Rússia. O fragmento, então mulher, foi devorado por animais selvagens para divertimento da aldeia aos cinco anos. A septuagésima sexta vida foi masculina, filho de um mercador de Tiro. O fragmento foi apedrejado até à morte no Egipto por dar um pontapé num gato. Tinha vinte e quatro anos.

A septuagésima sétima vida foi passada em Roma onde, como filho de um funcionário público, se esperava que ele fosse longe. Morreu de cólera aos treze anos. A septuagésima oitava vida foi passada no que é hoje a Suécia, a filha mais velha de um construtor de barcos. Morreu de frio aos onze anos. A septuagésima

nona vida foi passada na Austrália, um de um grande "clã" que vivia na região do que é hoje Sydney. O fragmento era mulher, teve quatro filhos antes de morrer de fome aos vinte e oito anos. A octogésima vida iniciou o sétimo nível do ciclo Jovem para este Sacerdote.

A vida teve lugar no que é hoje a região montenegrina do que costumava ser a Jugoslávia. O fragmento era homem, um líder judicial da área dedicado a manter o seu modo de vida regional. Morreu durante uma viagem a Atenas aos trinta e três anos, deixando três esposas e catorze filhos para trás. A octogésima primeira vida teve lugar no sul de França; o fragmento era homem, filho de um zelador de estradas. O Sacerdote morreu de amígdalas infetadas aos nove anos. A octogésima segunda vida foi feminina, passada em Roma como uma das Virgens Vestais no tempo da República.

O Sacerdote levou o seu dever a sério e morreu no seu posto aos vinte e dois anos. A octogésima terceira vida deste Sacerdote durou vinte e cinco anos e foi passada dos oito anos em diante na prisão pelo crime de ser o herdeiro legítimo de um trono agora turco. O fragmento morreu de subnutrição, infestações parasitárias e negligência.

O ciclo Maduro começou para este Sacerdote na vida oitenta e quatro. O fragmento nasceu no que é hoje o Illinois, tornou-se o líder religioso da região e estabeleceu um sistema de tribunais religiosos para reparar injustiças. Teve cinco filhos, dois dos quais chegaram a adultos. O fragmento morreu de doença cardíaca aos trinta anos. A octogésima quinta vida começou no que é hoje o Zaire. O fragmento, homem, era fruto de incesto e, por isso, um pária do "clã". O fragmento morreu aos onze anos, tendo sofrido de debilidade crescente provocada por uma deslocação do ombro.

A vida seguinte foi passada nas montanhas entre o que são hoje a França e a Itália. O fragmento era mulher, propensa a estados ocasionais de transe. Cuidou de pais enfermos e não aceitou ofertas de casamento. A vida terminou aos vinte e quatro anos quando o Sacerdote decidiu dar um exemplo de virtude e deixou-se morrer de fome. A octogésima sétima vida foi passada na China ocidental, numa pequena aldeia onde o Sacerdote, mulher, ficou órfã e ficou com a tarefa de cuidar dos seus seis irmãos mais novos. Morreu de subnutrição e febre aos dezassete anos. A octogésima oitava vida iniciou o segundo nível do ciclo Maduro para este Sacerdote, que nasceu mulher na Noruega numa família de construtores de casas, e morreu durante uma nevasca aos nove anos.

A octogésima nona vida começou na Grécia onde o Sacerdote, nascida mulher numa família distinta, estabeleceu um hospital para leprosos e dedicou a maior parte

dos seus vinte e sete anos de vida ao cuidado daqueles que vinham pedir ajuda. A nonagésima vida foi passada no noroeste da Índia como um "ministro de estado" do governante e conselheiro da corte. Ordenou a execução de sessenta e oito "conspiradores" para mostrar a profundidade da sua dedicação ao governante. Teve quatro esposas, vinte e oito filhos e quinze netos na altura da sua morte aos oitenta e um anos.

A vida seguinte foi passada na América do Sul, como mulher. O fragmento era casado, teve quatro filhos vivos e passou grande parte do seu tempo a instruir as crianças da sua aldeia sobre as tradições e a história do seu povo. Morreu de ferimentos sofridos durante um confronto com "vizinhos" quando tinha trinta anos. A nonagésima segunda vida foi passada na Rússia ocidental. O fragmento era mulher, nascida numa família de fabricantes de tijolos e morreu aos dois anos de uma infeção.

A nonagésima terceira vida iniciou o terceiro nível do ciclo Maduro para este Sacerdote, que encarnou na Síria, era homem, um matemático de considerável erudição e uma reputação académica brilhante. O fragmento tinha três esposas, duas concubinas e mais de trinta filhos quando morreu aos trinta e nove anos. A nonagésima quarta vida foi passada em Malta; o Sacerdote era homem, filho de pais pobres que saiu pelo mundo sozinho aos oito anos. Trabalhou nos cais e foi morto aos dezasseis anos quando uma grua de descarga se partiu e deixou cair a carga sobre o Sacerdote. A nonagésima quinta vida foi passada na Grécia, onde o Sacerdote cedo se tornou o líder de um grupo dissidente, uma seita religiosa exclusivamente masculina. O Sacerdote foi morto pelos seus próprios seguidores aos vinte e um anos.

A nonagésima sexta vida iniciou o quarto nível, ou, dada a natureza das perceções validadas, o meio do ciclo Maduro para este Sacerdote, que nasceu homem no que é hoje o estado de Washington. O fragmento comerciou com sucesso até ao norte, na Passagem Interior (Inland Passage), e até ao sul, na Baía de Coos. Morreu numa tempestade severa no mar aos vinte e sete anos, deixando esposa e quatro filhos ao cuidado irregular do seu irmão. O Sacerdote tinha agora mais de dois mil anos de encarnação e tinham passado mais de três mil e oitocentos anos no plano físico. A nonagésima sétima vida foi passada perto da cidade de Roma, onde o Sacerdote, mulher, era a esposa de um estalajadeiro na antiga Via

Ápia, que fez uma pequena fortuna a vender "antiguidades" aos incautos. A nonagésima oitava vida iniciou o quinto nível do ciclo Maduro para este Sacerdote, que nasceu mulher numa pequena ilha ao largo da Coreia numa família de pescadores de pérolas. O Sacerdote morreu como um sacrifício ritual aos dois anos, na esperança de encorajar uma maior produção de pérolas. A nonagésima nona vida

foi passada no Tibete, mulher, casada com três irmãos, um dos quais a matou durante uma disputa. Tinha quinze anos e dois filhos. A vida seguinte foi vivida no México; o fragmento era homem e sacerdote bem como um Sacerdote.

Este fragmento supervisionava a instrução ritual e ensinava os noviços. Morreu de febre aos vinte e oito anos. A centésima primeira vida foi passada no oeste de Espanha, filha de um forasteiro que foi executado juntamente com o resto da sua família quando o pai foi finalmente capturado pelas "autoridades". Tinha vinte e oito anos quando morreu.

A centésima segunda vida iniciou o sexto nível do ciclo Maduro. O Sacerdote nasceu no que é hoje a República Checa, uma mulher numa casa de "má fama". Cresceu ali e morreu de "excesso de trabalho" aos quinze anos. A vida seguinte foi passada na China, onde o fragmento se tornou autor de um almanaque conhecido pela sua precisão. O seu prestígio sobreviveu-lhe por mais de mil anos. Morreu perto de Cantão, deixando uma esposa e cinco filhos aos trinta e seis anos. A centésima quarta vida teve lugar no que é hoje o Marrocos. O fragmento nasceu com defeitos congénitos acentuados e foi vendido a um artista de mercado, que ensinou o fragmento a fazer malabarismos.

O Sacerdote morreu de "angústia" cumulativa aos nove anos. A centésima sexta vida foi passada na Grã-Bretanha; o fragmento era mulher e morreu ao dar à luz o seu terceiro filho aos dezassete anos. A vida número cento e sete iniciou o sétimo nível do ciclo Maduro para este Sacerdote, que nasceu mulher nas atuais Honduras numa família de oleiros. Este fragmento foi casada contra a sua vontade e foi executada pela morte do seu marido (pela qual ela, de facto, não foi responsável) aos vinte e três anos. A vida cento e oito foi vivida como homem durante trinta e quatro anos em muitas partes da África central. O Sacerdote era um contador de histórias e ia de clã em clã aprendendo e contando histórias. Morreu de picada de cobra. A centésima nona vida foi passada como homem na Noruega, um aprendiz de construtor de navios que morreu num incêndio na aldeia aos dezanove anos, deixando três filhos.

A vida cento e dez teve lugar na Índia, o irmão sobrevivente de gémeos idênticos. O fragmento tornou-se um cobrador regional de impostos religiosos e foi estrangulado aos quarenta e nove anos, não deixando família viva. A vida cento e onze foi passada como mulher; a vida durou vinte e sete anos e consistiu principalmente em criar os filhos órfãos de dois dos seus irmãos. A causa da morte foi uma rutura do apêndice.

O ciclo Velho começou para este Sacerdote na centésima décima segunda vida. O fragmento era do sexo masculino, nascido na Malásia, filho de um

herbanário. Morreu devido a experiências com os mantimentos do pai aos dezoito anos. A centésima décima terceira vida foi passada no Egipto, onde esta mulher estabeleceu um "refúgio" para mulheres viverem vidas contemplativas. Ela ainda é reverenciada como santa na tradição Copta e foi, até recentemente, venerada na Igreja Ortodoxa. A centésima décima quarta vida teve lugar na Noruega, na região da Lapónia. O fragmento, nascido mulher, foi considerado dispensável durante um inverno rigoroso e fatalmente abandonado aos três anos de idade. A centésima décima quinta vida foi vivida no Japão, onde o fragmento, então homem, dedicou a sua vida a estabelecer uma estética e filosofia de arranjos florais e jardinagem. Morreu aos vinte e nove anos, viúvo e com dois filhos vivos.

A centésima décima sexta vida iniciou o segundo nível do ciclo Velho para este Sacerdote, que nasceu mulher na América do Sul, num "clã" isolado nas profundezas da floresta tropical. A mulher aprendeu sobre as tradições do "clã" e estava a ser treinada como xamã quando o veneno de uma aranha a abateu aos dezoito anos. A centésima décima sétima vida para este Sacerdote foi vivida a bordo de um barco na foz do Rio Gange, onde serviu como prostituto masculino durante a maior parte dos seus vinte e cinco anos. Afogou-se sob "circunstâncias questionáveis", o que queimou duas fitas cármicas. A centésima décima oitava vida foi passada na Hungria, onde o fragmento era homem e esteve envolvido em manter os invasores bárbaros fora do país, embora tivesse deixado a Igreja para o fazer. Apesar dos seus melhores esforços, tal não aconteceu e ele morreu em batalha aos trinta e três anos.

A centésima décima nona vida iniciou o terceiro nível do ciclo Velho para este fragmento, que nasceu numa família de caravanas na Mongólia. Sendo a quinta filha, foi vendida como escrava enquanto muito jovem e acabou a cuidar de ovelhas. Morreu de frio no seu décimo ano. A centésima vigésima vida foi passada em Antioquia e noutras cidades da região, guiando mercadores europeus. O Sacerdote era conhecido pela sua honestidade e geralmente lucrou com o seu trabalho. Tinha três esposas, onze filhos e cinco camelos quando ele e os mercadores que guiava foram mortos por bandidos, aos quarenta e um anos. A centésima vigésima primeira vida foi passada na Índia central, homem, o aprendiz de um vidente. Morreu de infestação parasitária aos dezasseis anos. A centésima vigésima segunda vida foi passada em África como negociante de artefactos egípcios antigos que ela fornecia através das suas associações com ladrões de túmulos. Foi obrigada a assumir a culpa por blasfémia, e ela e os seus filhos morreram na prisão sob tortura. Tinha trinta e dois anos. A centésima vigésima terceira vida foi passada na América do Norte com o povo chamado Cheyenne. O Sacerdote era homem e morreu num incêndio na pradaria aos oito anos.

A centésima vigésima quarta vida para este Sacerdote foi passada nos Mares do Sul, onde o fragmento treinou como navegador, apenas para se perder no mar na sua segunda viagem aos dezoito anos. A centésima vigésima quinta vida deste Sacerdote teve lugar no norte da Europa como parte de um grupo de monges incumbidos de ministrar aos camponeses da Alemanha e da Polónia. O fragmento morreu aos vinte e quatro anos de exaustão resultante de muitas dificuldades autoimpostas.

A centésima vigésima sexta vida iniciou o quinto nível do ciclo Velho para este Sacerdote, que nasceu homem na Indonésia e foi inscrito num mosteiro budista quando ainda era muito jovem. Morreu ali aos vinte e três anos, reverenciado pela sua maneira contemplativa. A vida seguinte foi passada em Espanha, o fragmento era muçulmano e um copista famoso. Morreu de contaminação fúngica aos trinta e quatro anos. A centésima vigésima oitava vida iniciou o sexto nível do ciclo Velho e foi passada na Córsega, filho de um criador de cavalos que não gostava deste filho e pouco fez para o proteger de bandidos; ele morreu aos onze anos. A vida número cento e vinte e nove começou no nordeste da Itália, o fragmento era mulher, uma compositora religiosa que morreu de ferimentos sofridos durante uma viagem aos vinte e seis anos.

A vida seguinte foi passada como mulher no que é hoje a Venezuela, o fragmento era filha de um tanoeiro e foi morta aos quinze anos durante uma insurreição. A centésima trigésima primeira vida foi passada por toda a Europa de Leste e pelos Balcãs; o fragmento era mulher, de uma trupe ou "clã" de ciganos. Era casada, teve cinco filhos e morreu de pneumonia aos trinta anos. A centésima trigésima segunda vida foi passada na Nova Inglaterra com um grupo de Puritanos. O fragmento era um jovem pastor, dado a noções de tolerância que lhe causaram problemas. Morreu de peritonite aos vinte e oito anos. A centésima trigésima terceira vida foi passada na China, trabalhando como assistente masculino num antro de ópio. O próprio fragmento tornou-se viciado e morreu de subnutrição aos dezanove anos.

A centésima trigésima quarta vida iniciou o sétimo nível do ciclo Velho para este Sacerdote, que nasceu em Calcutá, de pai branco e mãe hindu. Conseguiu sobreviver como servente e teve um filho antes de contrair a Peste Bubónica aos dezasseis anos. A vida seguinte foi passada na Baviera, onde o fragmento, mulher, geriu uma pequena academia para raparigas da classe alta. Aprendiam história, francês, italiano e latim, matemática, comportamento, caligrafia e ou música ou arte. O fragmento morreu aos sessenta e dois anos de cancro, e a sua escola foi assumida por fragmentos menos escrupulosos.

A vida imediatamente anterior, a vida número cento e trinta e seis, foi passada na Manchúria. O fragmento era mulher e morreu a tentar proteger as suas filhas dos japoneses. Na vida atual, o Sacerdote vive na Islândia, é homem e tem dezanove anos, estuda astronomia e faz observações independentes. O Sacerdote teve vinte e um contactos com o Gémeo de Essência e dezasseis com o Companheiro de Tarefa. O fragmento queimou três mil duzentas e sessenta e seis fitas cármicas e teve mil oitocentos e quarenta e nove contactos com os seis membros da cadência.

**4. O Rei (King)**

O Rei que seguiremos é de sétima fundição na cadência e encarnou pela primeira vez há 5.421 anos.

**1.ª vida:** Foi na Índia, onde o fragmento foi tornado um moço de canil, designado para dormir com os cães da aldeia. Morreu de frio aos onze anos.

**2.ª vida (Bebé nível 1):** Passada na América Central, onde o fragmento, então mulher, foi sacrificada pelo bem do "clã" aos doze anos.

**3.ª vida (Bebé nível 1):** No sul de Espanha, mulher, teve cinco filhos e assassinou o seu "marido" para o impedir de vender os filhos. Foi apedrejada até à morte aos vinte e seis anos.

**4.ª vida (Bebé nível 1):** No Paquistão, o fragmento era homem e assistente do xamã da aldeia. Morreu de um espancamento disciplinar aos dezoito anos.

**5.ª vida (Bebé nível 2):** Iniciou o segundo nível do ciclo Bebé no sul de França, onde o fragmento nasceu homem, tornou-se uma espécie de "sargento" do lugarejo, impondo as regras. Teve quatro filhos antes de morrer de uma rutura no baço aos trinta anos.

**6.ª vida (Bebé nível 2):** No Sudão. O fragmento era mulher, filha de caçadores, que morreu de negligência aos cinco anos.

**7.ª vida (Bebé nível 2):** Na Sibéria. O fragmento tornou-se coordenador regional de caça e morreu gelado aos vinte e sete anos, deixando duas esposas e oito filhos.

**8.ª vida (Bebé nível 2):** Nas planícies da Hungria, onde o Rei era um ladrão de cavalos e morreu pelos seus crimes aos dezoito anos.

**9.ª vida (Bebé nível 3):** Iniciou o terceiro nível do ciclo Bebé. O Rei nasceu homem na região dos Grandes Lagos e foi-lhe dado o papel de segurança do lugarejo, trabalho que levou muito a sério. Tinha uma "esposa" e três filhos quando morreu de frio durante uma vigília de inverno aos vinte e dois anos.

**10.ª vida (Bebé nível 3):** No Vale do Indo, o fragmento era mulher, a filha mais velha de um escrivão que lhe permitiu importuná-lo até aprender a manter registos. Continuou a fazê-lo para mercadores da zona após a morte do pai e acabou por casar com um dos mercadores mais bem-sucedidos. Morreu aos trinta e um anos de parasitas intestinais, deixando quatro filhos vivos.

**11.ª vida (Bebé nível 3):** Homem na Etiópia, o fragmento nasceu na escravatura, encarregue do cuidado de cavalos, e morreu em resultado de um coice na cabeça aos quinze anos.

**12.ª vida (Bebé nível 4):** Iniciou o quarto nível do ciclo Bebé. O fragmento nasceu homem nas Ilhas do Canal, entre a França e a Inglaterra. Era pescador numa família de pescadores e foi morto aos dezasseis anos durante um festival religioso para colocar novas pedras num local de culto.

**13.ª vida (Bebé nível 4):** Na África central, o fragmento era mulher, teve dois "maridos", onze filhos, dos quais três sobreviveram. Morreu aos trinta e um anos de uma grave infeção uterina após um aborto espontâneo.

**14.ª vida (Bebé nível 4):** Na Península Malaia, onde o Rei, então homem, se tornou o líder de uma pequena frota de barcos de mercadores. Tinha quatro esposas e dezanove filhos quando foi morto por piratas aos trinta e quatro anos.

**15.ª vida (Bebé nível 4):** Na Europa central; o Rei morreu de uma doença epidémica aos dois anos.

**16.ª vida (Bebé nível 5):** Iniciou o quinto nível do ciclo Bebé. Foi vivida na América do Sul, num "posto comercial" perto da atual São Paulo. O fragmento, então mulher, ajudava a "supervisionar" o mercado, garantindo que nenhuma criança se perdia ou era vendida sem intenção. Morreu aos vinte e um anos enquanto procurava quatro crianças raptadas no posto.

**17.ª vida (Bebé nível 5):** Na Arménia. O Rei era homem, um traficante de escravos na região. Conduziu bem o seu negócio, casou três vezes e tinha quatro filhos vivos quando foi preso e torturado até à morte por se recusar a dar os seus escravos ao senhor da guerra local. Tinha vinte e três anos na altura.

**18.ª vida (Bebé nível 5):** Na China, o Rei era homem, o filho mais novo de um "magistrado" regional. Foi morto aos oito anos numa tentativa de assustar o seu pai para que este tomasse uma decisão "exigida".

**19.ª vida (Bebé nível 6):** Iniciou o sexto nível do ciclo Bebé; o Rei era mulher, nascida na escravatura no norte da Itália. Foi-lhe dada a tarefa de gerir a casa para o seu mestre, o que fez até à sua morte aos vinte e quatro anos devido a furúnculos sépticos.

**20.ª vida (Bebé nível 6):** Na Nova Guiné, o fragmento era mulher e gravemente estropiada desde os dois anos. O Rei teve de se sustentar quando a sua família a abandonou, o que conseguiu fazer durante algum tempo. Morreu aos quinze anos, tecnicamente de fome.

**21.ª vida (Bebé nível 6):** No Egipto, o Rei era homem, tornou-se um mestre-de-obras notado pela qualidade de trabalho que conseguia obter daqueles sob o seu cargo. Morreu de insolação aos vinte anos.

**22.ª vida (Bebé nível 7):** Iniciou o sétimo nível do ciclo Bebé para este Rei, que nasceu mulher na Ásia central. O fragmento foi casada aos dez anos com um criador de camelos bactrianos. Teve seis filhos vivos antes de ele a vender. Morreu de um pulmão perfurado aos vinte e dois anos.

**23.ª vida (Bebé nível 7):** Na China, o organizador de uma espécie de escola dedicada a manter registos do tempo e de outras "condições" ambientais. O Rei fez isto tão bem que foi selecionado para uma recompensa e acabou assassinado por ladrões aos vinte e nove anos.

**24.ª vida (Bebé nível 7):** Na Europa ocidental. O Rei era homem, filho de um servo, morto aos nove anos num incêndio.

**25.ª vida (Bebé nível 7):** No Iraque, o fragmento era homem e tornou-se um líder militar para várias "cidades" na região. Tinha quatro famílias e uma pequena fortuna quando se engasgou com um osso e pereceu aos quarenta e um anos.

O ciclo Infante começou para este fragmento na vida vinte e seis:

**26.ª vida (Infante nível 1):** Mulher no Pacífico Sul, aprendeu quatro línguas faladas na região como parte dos seus deveres como esposa principal do "comandante naval" da zona. Tinha dois filhos vivos quando foi morta durante um tufão.

**27.ª vida (Infante nível 1):** No Alasca, o Rei nasceu numa família de baleeiros e perdeu-se na caça logo na primeira saída, aos doze anos.

**28.ª vida (Infante nível 1):** Na região do Mar Negro, o fragmento era homem, um mercador viajante. Foi morto por soldados aos vinte e seis anos. Embora não tivesse uma "esposa" oficial, deixou nove filhos.

**29.ª vida (Infante nível 1):** Na Grécia oriental, o fragmento era mulher e morreu aos sete anos, sacrificada aos deuses das colheitas após dois anos de colheitas falhadas.

**30.ª vida (Infante nível 1):** Nos Países Baixos, fabricando sandálias e "sapatos". O Rei tornou-se o líder dos anciãos da aldeia e a sua família era tida em alta consideração. Morreu de um AVC aos cinquenta e cinco anos, três vezes viúvo, com oito filhos sobreviventes e seis netos.

**31.ª vida (Infante nível 2):** Iniciou o segundo nível do ciclo Infante. Nasceu mulher na região da atual Vladivostok. A aldeia e noventa e três por cento dos habitantes foram aniquilados por um tsunami. O Rei tinha três anos.

**32.ª vida (Infante nível 2):** Na América Central. O Rei era mulher, viúva com quatro dos seus próprios sete enteados para cuidar. Fez isto mantendo a quinta do seu falecido marido até que a exaustão a apanhou aos vinte e quatro anos.

**33.ª vida (Infante nível 2):** Oficial subalterno no exército egípcio. Morreu após a perda de um braço aos dezasseis anos.

**34.ª vida (Infante nível 2):** No sul da Índia. O fragmento era mulher e morreu de febre aos dezanove anos após dar à luz três filhos, produto de incesto fraternal.

**35.ª vida (Infante nível 3):** Iniciou o terceiro nível do ciclo Infante. Nasceu mulher na Europa central. Teve dois maridos e dez filhos na altura da sua morte por veneno aos trinta e um anos.

**36.ª vida (Infante nível 3):** No Iraque, homem, serviu como "carcereiro" para os prisioneiros do governante. Foi morto pelos internos aos vinte e nove anos, deixando cinco filhos para serem criados pela irmã da sua falecida esposa.

**37.ª vida (Infante nível 4):** Iniciou o quarto nível, ou meio do ciclo, do ciclo Infante no sul de Espanha. Foi treinado para fazer tijolos e ladrilhos, e

trabalhou nessa capacidade até contrair uma febre debilitante e morrer aos quinze anos.

**38.ª vida (Infante nível 4):** Na Mongólia. O Rei nasceu homem numa família de pastores de cabras. Morreu de reações a picadas de insetos aos oito anos.

**39.ª vida (Infante nível 4):** Na China ocidental, o fragmento era mulher, escrava de um xamã religioso. Guardava-o e geria os seus assuntos até à sua morte aos vinte e um anos por botulismo.

**40.ª vida (Infante nível 5):** Iniciou o quinto nível do ciclo Infante. Nasceu em África, tornou-se "esposa" de um batedor e morreu aos dezassete anos, vítima de saqueadores da aldeia.

**41.ª vida (Infante nível 5):** Comandante no exército Hitita. O Rei foi bem-sucedido em batalha e foi morto em campanha aos trinta e dois anos, deixando esposa e três filhos.

**42.ª vida (Infante nível 5):** No México. O Rei nasceu prematuramente e fêmea. Quando se tornou óbvio que a criança não prosperaria, foi abandonada e morreu com um ano de idade.

**43.ª vida (Infante nível 6):** Levou o Rei ao sexto nível do ciclo Infante. Nasceu no Japão numa família de pescadores e mergulhadores. Treinada para recuperar pérolas, este fragmento feminino afogou-se enquanto tentava aumentar o número de pérolas que tinha apanhado. Tinha dezanove anos.

**44.ª vida (Infante nível 6):** Na Argélia. O Rei era o líder de um bando de ladrões. Foi assassinado por ladrões rivais aos vinte e quatro anos.

**45.ª vida (Infante nível 6):** Na Rússia ocidental, cuidando dos cavalos do seu mestre. Morreu de uma infeção fúngica crónica aos dezasseis anos.

**46.ª vida (Infante nível 7):** Iniciou o Sétimo nível do ciclo Infante. Homem, supervisor de um forte na China central. Viveu até aos trinta anos, obteve promoções e respeito pela sua fiabilidade. As suas duas esposas e onze filhos choraram-no sinceramente.

**47.ª vida (Infante nível 7):** Homem, escravo, posto a construir cais no Nilo. Morreu de infestação parasitária aos dezanove anos.

**48.ª vida (Infante nível 7):** Mulher, uma de gémeas no atual Portugal. Separada ao nascimento para compensar o mau augúrio de gémeos, o Rei não foi autorizada a casar por medo de ter mais gémeos. Tornou-se a "escrivã" do mercado para a aldeia e nunca mais viu a sua irmã. Morreu aos trinta e quatro anos de infeção resultante das mordidelas de cães semi-selvagens.

**49.ª vida (Infante nível 7):** Na China oriental, o fragmento era homem e inventou várias novas máquinas militares para defesa de cidades. Por isso foi honrado e aprisionado para que a sua perícia não pudesse ser usada por qualquer outra potência. [O fragmento tinha agora mil anos de encarnação].

O ciclo Jovem começou na vida cinquenta:

**50.ª vida (Jovem nível 1):** Mulher, iniciada religiosa na Índia. Morreu aos dezasseis anos após mordidela de cobra.

**51.ª vida (Jovem nível 1):** Medo, um comandante militar regional que manteve a sua fortaleza contra todos os recém-chegados, incluindo gregos e partos. Morreu de úlceras hemorrágicas aos quarenta e cinco anos.

**52.ª vida (Jovem nível 2):** Iniciou o segundo nível do ciclo Jovem. Homem nas montanhas da América do Sul, com estatuto de "escravo" e designado para construir estradas. Morreu de hipotermia aos nove anos.

**53.ª vida (Jovem nível 2):** No norte de África. O Rei era mulher e geria um bordel que atendia mercadores mediterrânicos. Prosperou e morreu de febre aos vinte e nove anos. Não teve filhos.

**54.ª vida (Jovem nível 2):** Mulher, filha de um líder num "clã" conquistado na Grã-Bretanha. Foi espancada até à morte para servir de lembrete da capitulação aos quinze anos.

**55.ª vida (Jovem nível 2):** Homem no Laos. Era o comandante da região. Morreu em batalha aos vinte e seis anos, deixando quatro filhos legítimos e nove ilegítimos.

**56.ª vida (Jovem nível 3):** Iniciou o terceiro nível do ciclo Jovem. Etnia Algonquin. Morreu aos quatro anos ao ser atingido por uma "bola" durante um jogo.

**57.ª vida (Jovem nível 3):** Homem, estatuto de "escravo", posto a construir fortificações para os seus mestres, um trabalho que ele sabotou deliberadamente para

provocar o colapso da cidade do norte da China que detestava. Morreu aos trinta e quatro anos de exaustão.

**58.ª vida (Jovem nível 3):** Mulher no Japão. Filha mais velha encarregue dos irmãos mais novos, morreu a defendê-los aos dezanove anos.

**59.ª vida (Jovem nível 4):** Trouxe o Rei ao quarto nível do ciclo Jovem. Na Sibéria, homem, morreu de uma queda aos onze anos.

**60.ª vida (Jovem nível 4):** Homem na África ocidental. Comerciante de especiarias, passava a vida de aldeia em aldeia com companheiros e mercadorias. Morreu aos trinta e oito anos, devorado por animais no rio.

**61.ª vida (Jovem nível 4):** Na Suécia, filha de um "escravo" encarregue de gerir uma casa. Foi comprada por um Dinamarquês como concubina e levada para a Dinamarca, onde foi assassinada pela esposa do Dinamarquês aos vinte e um anos, depois de ter dado à luz três filhos.

**62.ª vida (Jovem nível 5):** Iniciou o quinto nível do ciclo Jovem. Mulher num "clã" de mendigos no Egipto. Geriu bem o trabalho, mas envolveu-se numa luta com as "autoridades" que lhe cortaram a garganta aos quinze anos.

**63.ª vida (Jovem nível 5):** Na Indonésia, homem, herdeiro do senhor da guerra regional. Tinha acabado de tomar o lugar do pai quando a região foi tomada por outro senhor da guerra. O Rei morreu aos dezanove anos.

**64.ª vida (Jovem nível 5):** No norte da Europa, onde o Rei era o único membro sobrevivente da casa real e, embora mulher, era a única com o "direito" de governar, o que fez de forma mui cabal até à sua morte aos setenta e dois anos. Nunca casou e não teve filhos.

**65.ª vida (Jovem nível 5):** Em Tiro, vendido como escravo ao nascimento e depois revelou-se demasiado rebelde para ser mantido. Foi "eliminado" aos seis anos.

**66.ª vida (Jovem nível 5):** No norte de Itália, onde o fragmento foi assassinado aos vinte e quatro anos pelos soldados do seu pai-governante por traição imaginária. A sua mulher e filhos foram também mortos nessa altura.

**67.ª vida (Jovem nível 6):** Iniciou o sexto nível do ciclo Jovem. Mulher na Grécia, dada em tributo aos sacerdotes locais. Serviu como prostituta de templo durante a maior parte da sua vida curta, sucumbindo à febre aos dezasseis anos.

**68.ª vida (Jovem nível 6):** No sul da China, fidalgo regional que promovia o "bem" do seu povo. Patrocinou vários rapazes promissores para educação e hipótese de progresso. Também se esforçou por unir o reino sob o seu próprio governo e morreu na tentativa de tomar o poder aos vinte e nove anos.

**69.ª vida (Jovem nível 6):** Homem na América do Sul, fabricante de redes que se suicidou por "tédio" aos oito anos ao tentar voar.

**70.ª vida (Jovem nível 7):** Iniciou o sétimo nível do ciclo Jovem. Na Pérsia, deixou a sua marca no mundo e na história ao tornar-se governante do seu distrito. Teve quatro filhos e mandou assassinar todos os seus amantes para que não pudessem reivindicar o trono.

A septuagésima primeira vida teve lugar em Espanha; o fragmento, agora homem, morreu aos dois anos num incêndio. A septuagésima segunda vida foi passada no centro de França, como esposa de um político romano. Fez tudo o que pôde para fazer avançar a carreira do seu marido, mas as suas ambições chegaram ao fim em resultado de um acidente na estrada que a deixou com a coluna partida. Morreu aos vinte e três anos. A septuagésima terceira vida foi passada nas ilhas chamadas Filipinas. O Rei era homem, o líder eunuco de um grupo de combatentes com a mesma alteração. Os combatentes expulsaram muitos bandos de piratas do mar e tornaram-se suficientemente poderosos para terem algum "peso" político. O Rei morreu de uma infeção renal aos trinta e cinco anos.

Na vida setenta e quatro, o Rei entrou no ciclo Maduro. Essa vida foi passada na África austral, mulher, numa pequena ilha com nove famílias nela residentes. Morreu de negligência aos cinco anos. A vida setenta e cinco foi passada em Roma como tribuno. Embora casado, preferia a companhia sexual de homens. Assim, não teve filhos para consolar a sua esposa quando foi assassinado por um amante possessivo aos vinte e três anos. A septuagésima sexta vida foi passada no que é hoje o Panamá. O Rei era homem, de uma disposição violenta que o levou a um fim prematuro aos dezassete anos. A septuagésima sétima vida foi passada no sudoeste de França, criando gado e vinho. O Rei era mulher e foi capaz de sobreviver a um casamento difícil. Na altura em que morreu, aos oitenta e um anos, tinha sobrevivido a todos os seus nove filhos, bem como a três dos seus trinta e um netos. Deixou outros dezassete bisnetos.

A vida setenta e oito iniciou o segundo nível do ciclo Maduro para este Rei. Nasceu homem, com estatuto de "escravo", no norte da Índia. Apanhado a roubar joias do seu mestre, foi executado aos trinta e nove anos. A septuagésima nona vida foi perto da aldeia que se tornou Kiev. O Rei foi levado numa incursão e morto aos

oito anos. A vida oitenta foi na Sardenha. O Rei tinha dois anos, e era fêmea, quando foi abandonada à sua sorte pela sua família faminta. A octogésima primeira vida foi passada no que é hoje a Albânia. O fragmento era mulher e morreu enquanto combatia com sucesso violadores.

A octogésima segunda vida iniciou o terceiro nível do ciclo Maduro. O fragmento era homem, um monge que estabeleceu uma escola na estrada entre Florença e Viena. A sua filosofia nem sempre encontrou a aprovação dos seus superiores e, como resultado, foi queimado por heresia aos setenta e três anos. A octogésima terceira vida trouxe o Rei para a Manchúria. Melhorou as relações diplomáticas na região e ainda é recordado por esta realização que terminou no seu assassinato aos trinta anos.

A vida seguinte iniciou o quarto nível do ciclo Maduro. O fragmento era mulher, vivendo em território bizantino e morreu durante um dos ataques bárbaros à sua aldeia, aos três anos. A octogésima quinta vida foi passada na região do que é hoje o norte do Arizona. Este Rei estudou a história do seu povo e da região, tentando fazer um registo cultural. Falhou na sua tarefa, mas alcançou mais do que pensara ser possível. Morreu aos dezanove anos, deixando um filho. A octogésima sexta vida foi passada na Indonésia, esposa de um "cortesão" e a sua mais ardente apoiante. Deu-lhe oito filhos e o benefício das suas energias até morrer de um ataque cardíaco aos vinte e oito anos.

A octogésima sétima vida iniciou o quinto nível do ciclo Maduro para este Rei, que nasceu mulher na América do Norte, onde rapidamente decidiu viver por conta própria, o que fez a partir dos catorze anos. Manteve este modo de vida privado até à sua morte aos trinta e seis anos. Entre o povo do seu "clã", tornou-se uma figura de lenda, mais um arquétipo do que uma pessoa. Na octogésima oitava vida, o Rei era um homem, de raça mista, que se tornou um estafeta clandestino e espião para o Imperador da China.

Manteve-se no seu trabalho com uma tremenda devoção ao dever. Não se permitiu ter família para que não pudesse ser influenciado ou chantageado, ou, quanto a isso, rejeitado por causa das suas origens. Morreu às mãos dos seus inimigos, como há muito antecipara, aos quarenta anos. A octogésima nona vida foi passada na Sicília; o fragmento era homem e morreu em resultado de um desafio, inalando gases venenosos de um vulcão próximo. Viveu catorze anos.

A nonagésima vida iniciou o sexto nível do ciclo Maduro para este Rei. Nascida mulher, viveu na Grécia, filha de um sacerdote, e morreu aos seis anos às mãos da sua madrasta. A nonagésima primeira vida foi passada em Gales; o Rei era homem, que reuniu lendas e canções num livro. Era considerado "estranho", embora

hoje pudesse ser considerado "deprimido". Era casado, tinha três filhos sobreviventes quando morreu aos trinta e um anos de uma queda "acidental" de uma ponte. Neste ponto, o Rei tinha mais de duas mil vidas de encarnação no plano físico, e tinham passado mais de três mil e oitocentos anos no plano físico. A nonagésima segunda vida foi passada como homem, na Gronelândia, o "ministro da justiça" para uma série de aldeias. O fragmento tinha cinco filhos sobreviventes quando morreu aos vinte e nove anos de gangrena resultante de hipotermia.

A nonagésima terceira vida iniciou o sétimo nível do ciclo Maduro para este Rei. Teve lugar em África, onde o Rei, agora mulher, se tornou uma cortesã da realeza e morreu no parto aos dezoito anos. A nonagésima quarta vida deste Rei foi passada em Inglaterra. O fragmento era mulher, enviuvou aos vinte e dois anos e assumiu a cervejaria do seu marido, tornando-se uma mestre cervejeira a sério cinco anos mais tarde, quando "comprou" a concorrência. Criou oito sobrinhos e sobrinhas e morreu de doença cardíaca aos cinquenta e seis anos. A nonagésima quinta vida foi passada em Tahiti como mulher, casada com um homem atrasado por razões comunitárias e cármicas. Morreu enquanto "trabalhava" aos dezassete anos.

O ciclo Velho para este Rei começou na vida noventa e seis, quando o fragmento nasceu mulher no Sri Lanka, onde se tornou uma reclusa religiosa e morreu aos vinte e um anos de subnutrição. A nonagésima sétima vida foi passada como homem, um "professor" numa importante universidade na Espanha mourisca. O seu tema era "assuntos mundiais". Teve duas esposas e nove filhos, bem como seis amantes masculinos. Morreu aos quarenta e quatro anos de doença cardíaca. A nonagésima oitava vida foi passada como homem no extremo norte do Canadá. Este fragmento reuniu quatro "clãs" numa unidade comum para uma melhor "divisão do trabalho". Foi pai de onze filhos, dos quais três sobreviveram. Morreu gelado ao tentar puxar um companheiro do oceano. Tinha vinte e sete anos de idade.

A nonagésima nona vida iniciou o segundo nível do ciclo Velho para este Rei e foi passada no que era então a Boémia, filha de um governante regional que a casou com o seu comparsa mais velho. Ela assassinou prontamente o marido, queimando uma velha fita cármica no processo, e foi executada aos vinte e um anos. A centésima vida foi passada em Bornéu com um "clã" de caçadores de cabeças. Desafiou um tabu e acabou na "coleção da aldeia" aos dezoito anos. A centésima primeira vida foi vivida na Índia, onde o Rei escreveu e produziu peças histórico-míticas para a corte do governante. Casou com uma das filhas ilegítimas do governante e teve sete filhos com ela antes da sua morte por cancro aos trinta e um anos. A centésima segunda vida teve lugar em Roma e durou seis anos. O Rei, então homem, morreu de tifo.

A centésima terceira vida teve lugar no que é hoje a região geral da Arménia; o fragmento, embora mulher, tornou-se a força aglutinadora por trás de uma tentativa de travar a expansão mongol do século XII, na contagem comum. A tentativa foi bem-sucedida enquanto ela esteve disponível para a liderar. Assim que ela foi invalidada da luta, a resistência colapsou rapidamente. Morreu aos trinta anos, tanto de desgosto como dos efeitos dos seus velhos ferimentos. A centésima quarta vida foi passada em Chipre; o Rei era uma mendiga profissional que atacava europeus "ingénuos". Morreu de abusos aos doze anos. A centésima quinta vida foi passada como mulher nas selvas da América do Sul, desta vez como a mulher mais velha de um pequeno "clã" e, portanto, a encarregue das crianças. Cumpriu as suas obrigações, queimou quatro fitas cármicas e morreu de uma infeção fúngica aos vinte e sete anos.

A vida seguinte foi passada em grande parte a bordo de um navio, filho de um mercador que percorria os mares desde África até à Alemanha. O fragmento herdou o negócio e decidiu ir explorar. Os seus navios e todos a bordo perderam-se num vendaval no Atlântico a meio caminho da Terra Nova. Tinha vinte e oito anos. A vida cento e sete começou em Espanha e terminou no Japão como marinheiro. Foi executado aos 31 anos. A centésima oitava vida iniciou o quinto nível do ciclo Velho para este Rei. Nasceu no Japão numa família de estalajadeiros. Morreu, juntamente com o seu filho de dois meses, num terramoto aos catorze anos de idade. A centésima nona vida teve lugar em Itália; o Rei foi instruído em música, tornou-se um compositor de madrigais e outras composições vocais, algumas das quais ainda são cantadas hoje. Morreu aos quarenta e oito anos de febre. A centésima décima vida foi vivida na Manchúria; o Rei era homem e tornou-se professor. Teve oito filhos de duas esposas e morreu aos trinta e nove anos de leucemia.

A centésima décima primeira vida iniciou o sexto nível do ciclo Velho para este Rei. Nascido na América do Sul de ascendência mista, tornou-se Sacerdote e defendeu a sua congregação "nativa" contra as exigências de escravatura virtual por parte da Igreja. Morreu na prisão e em desonra aos quarenta e um anos. Na vida seguinte, o fragmento era holandês, capitão de um navio, que salvou todos os seus passageiros e a maioria da sua tripulação após o navio naufragar no Mar de Tasman. Afundou-se com o seu navio aos cinquenta e dois anos. A centésima décima terceira vida, o fragmento nasceu em Boston, homem, filho de um boticário, e morreu num incêndio aos dez anos. A centésima décima quarta vida foi passada em Alexandria; o fragmento era uma mistura de francês e egípcio, homem, um "vigarista" e um patife. Foi morto aos vinte e um anos.

A centésima décima quinta vida iniciou o sétimo nível do ciclo Velho para este Rei, que nasceu homem na China, ensinou caligrafia e literatura, era casado com quatro filhos quando ele e a sua família tiveram de fugir perante uma agitação civil

maciça. Morreu em 1931, na contagem comum, de fome aos cinquenta e oito anos. O Rei é atualmente mulher, de ascendência Apache, vivendo no sul do Novo México, criando os seus cinco netos.

Tem quarenta e sete anos de idade. Este Rei teve menos vidas do que o "habitual" para Reis mas, devido à sétima posição na fundição, tratou do assunto com uma prontidão verdadeiramente Régia. O Rei teve vinte e sete contactos com o Gémeo de Essência e trinta e quatro com o Companheiro de Tarefa. O Rei queimou quatro mil trezentas e sessenta e seis fitas cármicas e teve dois mil quinhentos e trinta e nove contactos com os seis membros da cadência.

Deixem-nos assegurar-vos de que nenhuma vida é mais importante do que qualquer outra, ou que qualquer vida é "melhor" ou "pior". Todos os insights são válidos e nenhuma evolução ocorre sem que os insights sejam reconhecidos. Mas asseguramos-vos: as vidas mais "mundanas" estão tão aptas a estarem repletas de insight e intimidade como as mais criativas e determinadas. As escolhas feitas trazem as suas repercussões, e lidar com a escolha e as ramificações da escolha é todo o "propósito" da vida encarnada, tal como a evolução é o "desejo" da essência, e o produto da evolução é a alegria.

## Capítulo 7
## Lidar com a Realidade (Coping)

Pela sua própria natureza, a vida tal como a experienciam no plano físico faz intrusões e exigências. Das questões básicas às mais complexas, o plano físico é intrusivo e a sua natureza "exige" atenção, atenção essa geralmente manifestada como escolha. A vasta maioria das escolhas são feitas em resposta a estas exigências, geralmente a partir de suposições tão "automáticas" que não as reconhecem como escolhas, tais como a forma como apertam os sapatos, se tiverem atacadores. Há muitas formas de escolherem dar o nó nos atacadores, mas a forma "habitual" é tão habitual que a escolha de apertar os atacadores dessa maneira "terminou" antes de uma "decisão" coerente ter sido tomada, pelo menos após a idade de três anos.

A repetição de movimento faz parte do treino físico, sendo útil bem como válida. Todas as artes marciais seriam impossíveis sem o enraizamento do hábito, de modo que uma escolha avaliativa não tenha de ser feita no momento do conflito. O propósito da instrução é tanto instilar o hábito e criar um "estado de espírito", como controlar a assimilação de informação. O mesmo se pode dizer da prática de um instrumento musical. Uma das razões mais "significativas" para tal repetição não são as notas em si, mas o estabelecimento habitual dos meios pelos quais o som

desejado é produzido, para que o instrumentista não precise de "pensar" em como é tocado a fim de o tocar. Este tipo de resposta habituada não é incomum em muitas espécies com alma, e pensaríamos que é a forma mais básica de lidar com o plano físico.

A rotina tem uma função muito válida para a maioria dos fragmentos, como a interrupção da rotina rapidamente revela pois, uma vez desaparecido o padrão habitual, fazer escolhas de qualquer tipo tende a tornar-se um processo "esgotante", que requer mais tempo e atenção do que o fragmento desejaria ordinariamente dar. Pensaríamos que qualquer revisão de uma grande emergência ou desastre revelaria a validade disto, pois aqueles que passaram por tais eventos relatam frequentemente ter dificuldade em tomarem decisões ou em confiarem no seu próprio julgamento durante um período considerável após o evento em questão ter passado. Isto não significa que as escolhas sejam menos válidas — todas as escolhas são válidas — mas que alguns fragmentos, durante tempos de perturbação da vida, perdem o "jeito" para fazerem as escolhas diárias de forma pronta e fácil.

Acima do nível habitual existem as questões de dharma, o fazer das coisas, que é onde a maioria das escolhas conscientes são feitas. As decisões do dia-a-dia tornam possível a um fragmento lidar com questões muito maiores. Um fragmento a quem a maioria das oportunidades de escolha foi removida pela natureza da cultura ou do carma fica frequentemente perplexo quando confrontado até com a decisão mais "menor". Aqueles que estão em posição de fazer escolhas gerem frequentemente o assunto melhor, por virtude da prática e do hábito, se não por mais nada.

Por exemplo, um fragmento que já decidiu que a roupa suja irá para a limpeza a seco em vez de para a lavandaria; que é altura de comprar uma nova coleira anti-pulgas para o animal de estimação; que a assinatura do jornal será renovada; que a conta do gás sairá do próximo ordenado; que o menu para o jantar para amigos terá de ser modificado a fim de acomodar as alergias de um deles; que a impressora do computador precisa de um novo cartucho de toner; que o presente de aniversário terá de ir por entrega expresso; que uma salada de frango será um almoço mais "prudente" do que uma pizza; que a garagem precisa de um telhado novo; que a sessão da tarde será uma altura melhor para ver o novo grande filme do que as exibições da noite; que a câmara precisa de limpeza; que serão necessários mais dois conjuntos de pratos no jantar se todos tiverem de condizer; que a contribuição para a Amnistia Internacional será maior este ano; que é altura de alugar novamente uma máquina de limpar tapetes; e que o memorando sobre a fusão comercial precisa de ser atualizado — esse fragmento pode então, de forma mais capaz e competente, escolher se o parente idoso deve ou não continuar a receber suporte de vida enquanto está em coma.

Justapostas, aquelas primeiras escolhas podem parecer "triviais" comparadas com a decisão sobre o parente comatoso, mas a prática de fazer estas escolhas supostamente menores é "essencial" para desenvolver a competência de abordar escolhas "difíceis". A prática pode não levar à perfeição — nada o pode fazer onde a matéria está envolvida — mas pode tornar o processo menos assustador, o que auxilia no desenvolvimento da competência no quadro das sobreposições e da "orientação" societal do fragmento.

Aliás, ridicularizar as escolhas dos jovens é uma das formas mais seguras de tornar esse jovem, como adulto, incapaz de escolher "bem", pois não só não houve apoio a qualquer escolha enquanto o jovem praticava, como os resultados foram descartados com escárnio, o que é mais danoso do que o abuso físico direto para a maioria dos fragmentos. Para um fragmento se tornar competente a fazer escolhas, a possibilidade de isso acontecer ao jovem "deve" estar presente, e os esforços que o jovem fez devem ser olhados com respeito.

«Michael parece enfatizar a competência. Poderiam definir o que querem dizer com competência?»

Em relação às decisões, pensaríamos que a prática em fazer escolhas é o passo mais crucial no desenvolvimento da competência. O processo de escolha desenvolve-se com o uso, e pensaríamos que aprender a avaliar a natureza do problema é o aspeto mais básico da competência. É claro que várias culturas definem problemas de várias formas, e o que é visto como uma gafe social para uma cultura representaria uma escolha significativa para outra. À parte disso, pensaríamos que aprender a discernir a natureza do problema em mãos seria uma parte importante da competência. Por exemplo: o problema com o parceiro é um choque de sobreposições (overleaves) ou uma questão de "expectativas" não realizadas? Dependendo do que for verificado, o fragmento competente avaliaria as escolhas disponíveis de formas diferentes.

Afinal, cada escolha é única. Também pensaríamos que aprender quando se deve usufruir de conhecimento especializado faz parte da competência. Gostaríamos de salientar que é verdade que o fragmento que se aconselha a si próprio sem uma compreensão competente, onde tal compreensão está disponível, está apto a tomar decisões que carecem de plena "apreciação" das ramificações ou da escolha feita. Isso não torna a escolha menos válida, nem a lição menos aplicável; apenas indica que certas considerações foram negligenciadas.

No que diz respeito à competência daqueles profissionais consultados para aconselhamento adicional — tais como, mas não limitados a, jurídicos, educativos e

médicos — pensaríamos que existem sete níveis para atingir a competência nesta esfera:

Teoria: o fragmento "deve" compreender o propósito e a "filosofia" da disciplina em questão.

Prática: o fragmento teve oportunidades suficientes para colocar a teoria à prova de uma maneira "pragmática".

Iniciação: o fragmento estendeu o conhecimento da disciplina para além do básico e aprecia as ramificações de usar os dois primeiros estágios da competência.

Mestria (Expertise): o fragmento atingiu um nível de habilidade onde as exceções à regra são tão prontamente reconhecidas como aquelas que incorporam a própria regra.

Interação: o fragmento está consciente de que o progresso válido não é determinado apenas pelo profissional, mas através de uma troca válida de informação e da definição de um propósito partilhado.

Flexibilidade: o fragmento é capaz de adaptar o conhecimento específico a cada circunstância única apresentada, e de alcançar um resultado satisfatório em termos dos desejos do consulente, bem como dos seus próprios. Padrões são úteis, mas não quando se tornam dogma.

Conhecimento integrado realizado através de especificidades para indivíduos de uma maneira responsável: isto é provocado por todos os fragmentos envolvidos alcançarem tanta compreensão quanto possível, não só do contexto mas também da metodologia.

Teríamos de dizer que, para aqueles que se consideram especialistas, este é o estágio mais elusivo da competência, e revela-se em frases como: "Tenho a certeza de que não se quer atolar em tecnicalidades", "você não entende a matemática" ou "uma explicação seria entediante". Quando um fragmento se refugia no jargão perante aqueles que não estão familiarizados com a linguagem especializada, é um sinal de que o sétimo nível de competência não está operativo.

O fragmento que procura a informação pode, claro, escolher aceitar isto, pode escolher ressentir-se do comportamento e, em resultado, questionar o conselho; o fragmento pode curvar-se ao dogma e estar disposto a aceitar as restrições "por fé", o fragmento pode escolher solicitar que a fonte de informação supostamente competente faça um esforço para ajudar o inquiridor a compreender o assunto mais

plenamente, ou qualquer número de outras escolhas. Obviamente, a competência é uma coisa muito individual, e um suposto profissional especialista pode ser uma fonte competente de conselhos para um fragmento e não para outro.

Linhas de cultura, classe e género entram frequentemente em jogo neste ponto da progressão e pode haver muita "estática" a influenciar a comunicação.

Digamos que, em geral, o profissional competente coloca o bem-estar e as exigências do cliente, paciente ou estudante acima de qualquer convicção pessoal ou "diagnóstica", e tem mestria suficiente para ser flexível. Ao lidar com a inconsistência de dados que está sempre presente ao lidar com indivíduos — o produto da diferenciação experiencial — qualquer profissional que procure estabelecer a rotulagem como um foco primário de qualquer tratamento, informação ou serviço antes dos relatos experienciais do fragmento que é o paciente, cliente ou estudante, não é verdadeiramente competente na nossa visão, mesmo quando um diagnóstico ou recomendação claros se apresentam:

"O seu apêndice tem de sair", "Resolva o processo fora do tribunal", "Consulte as explorações das Ilhas do Pacífico após a morte de Cook", etc.; pois cada fragmento tem uma resposta individual e única que "deve" ser "incluída como fator" no tratamento, nos procedimentos do caso ou no curso de estudo, para que o conselho dado seja eficaz em qualquer termo válido. Se tal não estiver presente, o fragmento que pede a opinião ou informação faria bem em insistir nisso, se o conselho for para ser encarado com "tolerância" e avaliado com discernimento. Antes de tudo o mais, um profissional competente deve ouvir sem preconceitos e acomodar o que o fragmento que procura conselho está a dizer. Se o profissional termina as frases, adiciona comentários ou descarta informação como não sendo válida, o profissional não é competente para o fragmento que o consulta, embora para outros fragmentos a competência possa ser "indiscutível".

Percebemos que isto possa causar algum mal-estar a profissionais que se consideram os "guardiões da sabedoria" e que usam a sua posição para manter uma "postura elevada", mas para aqueles que procuram fazer algum bem ao paciente, estudante ou cliente, pensaríamos que a clareza da informação seria uma prioridade elevada, para que o consulente beneficie verdadeiramente do que é oferecido pelo profissional. O profissional não sabe necessariamente "o que é melhor", e comportar-se como se soubesse corre o risco de gerar carma. O profissional, demonstravelmente, sabe mais, não "melhor", caso o profissional escolha aceitar uma noção tão "herética".

«O Michael poderia dar algumas sugestões sobre como proceder para encontrar alguém que seja competente em relação à pessoa que necessita de ajuda competente?»

Esta é uma excelente questão para investigação e louvamos-vos por a expressarem. A determinação da competência nem sempre é fácil, mas já se familiarizaram com a forma como percebemos a competência. Portanto, claramente, um profissional que apoia uma "linha partidária" não está apto a fornecer o conhecimento procurado, ou a fornecê-lo em qualquer forma que seja útil. Teríamos também de dizer que qualquer profissional que é conhecido por querer "provar um ponto de vista" está apto a não dar o tipo de atenção minuciosa procurada pelo inquiridor. É também útil notar que muitos fragmentos ficam impressionados com uma exibição de "confiança" por parte dos profissionais, e os profissionais, que estão, naturalmente, cientes disso, cultivam essa atitude com a intenção de deixar claro que o inquiridor pode depositar "fé" neles.

Já dissemos antes, mas reiteraremos: a fé é disparatada. A confiança na perícia e nas capacidades de um profissional pode ser útil em termos de harmonia relacional, mas o profissional que insiste em mais do que isso está totalmente sob o domínio dos traços principais. Diplomas emoldurados revelam algo sobre os níveis um e dois de competência, mas muito pouco sobre os outros cinco. Ser um aluno apto não significa que um profissional adquira automaticamente competência quando o processo de aprendizagem termina.

É útil manter em mente que o profissional consultado terá de vos fornecer a avaliação mais precisa para o vosso caso pessoal. Na medida em que o profissional falha em fazer isso, a competência em relação a vós é inexistente. Quando o fragmento avalia todas as ramificações, incluindo a diferenciação experiencial, existe uma hipótese razoável de que os insights fornecidos sejam competentes.

**Alergias e Negações**

«Enquanto estamos no tópico do aconselhamento competente, o Michael poderia, por favor, clarificar uma observação que fez há vários anos — a de que todas as alergias a animais são negações? Porque isto não soa como uma observação competente, baseada na própria escala de competência de Michael.»

No que diz respeito à afirmação isolada, concordaríamos. Mas como foi tirada "fora de contexto" em relação à natureza da pergunta, explicaremos. Esta resposta foi em relação a alergias de início juvenil, não alergias pós-quarta-mónada-interna. Muitas vezes, estas alergias refletem vidas passadas, tal como no caso deste inquiridor, cujo corpo foi invadido por formigas antes de o fragmento estar

totalmente morto. Isso foi no século XVII, na contagem comum, e o fragmento era do sexo masculino. Hoje, a visão de formigas evoca uma memória muito desagradável.

Mas para continuar. Como afirmámos antes, as alergias de início juvenil para todos os fragmentos estão de facto associadas à negação, frequentemente ligadas diretamente à vida passada imediata ou, ocasionalmente, à vida passada mais traumática que tem influência na vida atual. Por exemplo, um fragmento despedaçado até à morte por ursos selvagens pode perfeitamente passar a sua juventude a procurar evitar ursos a todo o custo, e ter uma alergia a eles fornece a "raison d'être".

No entanto, condições genéticas e fatores ambientais podem, de facto, ter um efeito cumulativo em todos os fragmentos e esse efeito cumulativo pode, mais tarde na vida, produzir reações alérgicas relacionadas com a própria estrutura genética do corpo. Deixem-nos lembrar-vos aqui que bem mais de noventa e cinco por cento de todos os corpos estão geneticamente comprometidos.

Quando tal condição genética é exacerbada por condições juvenis de vidas anteriores, a alergia nesse evento pode revelar-se fatal, como a reação que alguns fragmentos têm à picada de abelhas. Existe uma certa quantidade de efeito "lateral" aqui, especialmente assim que os mamíferos são "deixados para trás", na medida em que, por exemplo, uma pessoa abandonada para morrer cujo corpo foi parcialmente devorado por aves antes de a morte ocorrer, pode nesta vida subsumir todas as reações alérgicas "debaixo do mesmo teto" e ter uma reação perigosa a todas as formas de aves e subprodutos de aves — penugem, penas, carne, caspa, excrementos e tudo o resto. Uma vez que o sistema genético apoia a experiência de vida anterior, é improvável que em qualquer estágio da vida a alergia seja completamente evitável.

Aliás, desejaríamos diferenciar entre alergias verdadeiras e reações de stresse, que são frequentemente promulgadas inconscientemente pelos pais para o "bem da criança" e podem levar a um sofrimento sistémico quando a criança está na presença de qualquer animal que o progenitor perceba como sendo mais ameaçador. Por exemplo, um progenitor que sofre de hipofobia (medo de cavalos) tem um filho que fica doente ao pé de cavalos.

**Lidar com Pessoas e Terapias**

«Não importa as alergias a coisas. E quanto a lidar com pessoas? Isso parece-me ser muito mais difícil. No meu próprio caso, um familiar está a fazer terapia do grito primal e eu não sei como lidar com isso. Sugestão?»

Deixem-nos lembrar que podem, claro, escolher lidar com isso de qualquer forma que decidam, e que todas as escolhas são válidas. Vocês, sendo um Guerreiro, e inclinados a considerar a ação como o meio de realização, não são propensos a beneficiar desta técnica, concordaríamos. Como o familiar não pertence à Polaridade da Ação, teríamos de dizer que as vossas reservas, neste caso, para este fragmento, podem estar "deslocadas". Em qualquer caso, pensaríamos que a denúncia pura e simples da terapia poderia não trazer os resultados que esperam alcançar.

Mas se o que quer dizer é como poderia entrar em algum tipo de discussão sobre a terapia dele sem que todo o "diálogo" se torne um julgamento por heresia, desejaríamos observar algumas coisas:

Esse fragmento Académico desfruta do ultraje agora que o descobriu após uma vida inteira de distorção iconográfica resultante de ser A Criança Que Nunca Causa Qualquer Problema ou Embaraço. Ele está agora, de facto, a divertir-se imenso a dar gritos primais a tudo o que o chateia.

A sua parceira atual está bem consciente da diversão que ele retira desta terapia e encoraja-o a continuá-la como um meio de promover a sua relação contínua, pois fornece um meio de lidar com conflitos iconográficos sem confronto pessoal direto.

Enquanto este fragmento estiver a gritar sobre coisas que lhe aconteceram no passado, ele está "imune" a confrontar o presente e o futuro, ambos os quais, estamos lamentavelmente cientes, o amedrontam "totalmente".

Se existe algum desejo de quebrar o padrão, pode ser que instilar algum sentido de coragem face ao terror abjeto seja o único meio "razoável" de realizar este objetivo percebido. Isto não quer dizer que seja o vosso "dever" fazê-lo. Nós não dissemos isso nem o sugerimos. Mas caso escolham agir, podem decidir manter estes fatores em mente, como "lastro".

**Visões Limitadoras e Exercícios de Perceção**

«Michael avisou sobre visões de mundo autolimitadoras. O que poderia eu fazer a esse respeito para que não seja um problema tão grande para mim?»

Digamos que a meta de perseverança neste fragmento, pela sua própria natureza, tende a focar-se em objetivos e pontos de vista específicos. Quando combinada, como é neste caso, com a natureza de Académico, isto tende a criar um padrão de estudo e consciência que é especificamente orientado para um "fim" estabelecido. Não seria descabido, caso escolham fazê-lo, considerar as obras de

muitos dos grandes pintores de paisagens e, com as imagens deles em mente, empreender passeios tranquilos com a intenção declarada de encontrar uma vista que ressoe com a obra de um ou outro dos grandes pintores de paisagens. Claro que, no sentido literal, isto não é possível, mas esse aspeto do problema servirá para "soltar" a visão e abraçar parâmetros mais amplos.

Outro exercício que podem desejar escolher fazer é a seleção da "cor do dia", na qual fazem um esforço concertado para tomar nota de cada instância em que percebem uma cor específica, seja na natureza, num ambiente fabricado ou mesmo na televisão. Não é necessário fazer isto "religiosamente", mas experiencialmente, para que o próprio exercício não se torne uma ferramenta de limitação. Portanto, não apresentamos isto como uma disciplina rigorosa, mas como uma experiência interessante para vós ou para qualquer outro fragmento que procure o tipo de perspetiva "ampliada" que escolheram perseguir.

Podem também desejar tentar fazer caminhadas curtas durante as quais olham deliberadamente para nada em específico, mas tentam, em vez disso, absorver tudo. Existem muitas outras formas de estes insights se tornarem acessíveis, mas teríamos de dizer que estas sugestões são as que podem ser realizadas de forma mais "espontânea", o que é, pensaríamos, uma parte integrante do insight procurado.

Abdicação da Quarta Mónada e Perceção Alheia

«Na mesma linha, isto é, lidando com perceções. Quando as pessoas abdicam da quarta mónada interna, Michael sugeriu que elas podem tentar ter a experiência através de outros. O Michael poderia expandir isto, por favor?»

Deixem-nos observar aqui que aqueles fragmentos cujas vidas ainda não foram significativamente "interpretadas", mas que, no entanto, abdicaram da quarta mónada interna, têm uma consciência interior do "fecho" de uma porta, ou da renúncia de opções. Existe frequentemente um sentido de "algo que se perdeu", que muitas vezes é mal interpretado como inocência, que é um fator nos arquétipos culturais. O impulso para levar outros fragmentos às manifestações das suas sobreposições é muito forte naqueles que não tentaram de todo o trânsito por si próprios: naqueles fragmentos que iniciaram a quarta mónada apenas para abdicarem dela, existe um nível significativo de "ressentimento", geralmente não reconhecido, por aqueles que o fizeram e, portanto, o apoio destes fragmentos é esporádico, no melhor dos casos.

Para aqueles fragmentos que não tentaram a quarta mónada, a perceção de outros "indo além" é frequentemente vista como a "vindicação" de um "sacrifício digno" e é, por isso, frequentemente apoiada quando a manifestação das sobreposições de outros não contradiz significativamente a aculturação. O fragmento

que tenta alcançar os insights através de outros está inclinado a perceber-se a si próprio como o "poder por trás do trono", ou a "melhor coisa que já aconteceu" ao transitante da mónada.

Deixem-nos observar aqui que a expectativa geral, presente até recentemente nos costumes culturais, era a de que as mulheres encontrariam a sua "apoteose" nas realizações e conquistas dos seus pais, irmãos, maridos e filhos — só recentemente esta mitologia cultural tem sido geralmente desafiada e questionada e, em resultado deste paradigma, até há pouco tempo não era invulgar que as mulheres nesta e em todas as sociedades ocidentais "renunciassem" à quarta mónada por razões de expectativas societais que consideravam tais transições como "não femininas". Pela mesma medida, os homens que preferem vidas comunicativas, criativas e/ou contemplativas escolhem fazê-lo face a ícones culturais que sugerem que tais buscas não são "masculinas".

**Expressão de Apreciação conforme a Essência**

«Segundo os membros da família, eu não os ‘aprecio’. Eu acho que aprecio, mas não encontrei uma forma de os convencer disso. O Michael poderia dar algumas sugestões, por favor?»

A questão da "apreciação" nunca é fácil, mas faremos algumas recomendações. Primeiro, existem formas de mostrar apreciação específicas da essência, e elas podem ser adotadas metaforicamente para muitos propósitos:

**Escravos (Slaves):** reconhecem a apreciação na forma de citações cívicas.
**Artesãos (Artisans):** reconhecem a apreciação na forma de prémios estruturais.
**Guerreiros (Warriors):** reconhecem a apreciação na forma de fitas de campanha.
**Académicos (Scholars):** reconhecem a apreciação na forma de graus "académicos".
**Sábios (Sages):** reconhecem a apreciação no "avanço" da fundição (casting).
**Sacerdotes (Priests):** reconhecem a apreciação na forma de hierarquias religiosas.
**Reis (Kings):** reconhecem a apreciação como suserania.

Encontrar formas de expressar a forma apropriada de apreciação, direta ou indiretamente, pode fazer muito para reforçar o sentido de valorização. Pensaríamos que muitos fragmentos são propensos a assumir que a forma como eles próprios são apreciados "deveria" funcionar para todos, o que demonstravelmente não é o caso.

Pensaríamos que tentar o gesto apropriado poderia alcançar muito do que é procurado nesta investigação.

Por exemplo, um Académico a quem é dada uma fita de campanha pode ficar "lisonjeado", mas não se sentirá "apreciado", e vice-versa. E aqueles que procuram mostrar apreciação ao fragmento que faz a pergunta fariam "melhor" em estar dispostos a tornar este fragmento uma "estrela" se a apreciação for para ser reconhecida.

**Lidando com a Frustração**

«E quanto à frustração? O Michael tem alguma sugestão sobre como lidar com as frustrações?»

A própria obstinação do plano físico torna a frustração inevitável, mas isso não significa que seja "necessário" suportá-la estoicamente, pois isso obviaria a escolha. Há também uma questão do nível de frustração. A frustração por não conseguir encontrar um lugar para estacionar não é da mesma ordem de magnitude que a ansiedade sobre um adolescente rebelde que não está disposto a ouvir os conselhos familiares. Há também a frustração inerente à iconografia familiar. Abordaremos cada uma destas por sua vez.

Discutamos primeiro a frustração do "lugar de estacionamento". Esta é uma frustração de "combustão rápida", na medida em que surge subitamente e termina rapidamente — quando o lugar de estacionamento é encontrado.

O acumular de expectativas — de que um lugar de estacionamento está disponível — em contraste com a "realidade" — de que ele não pode ser encontrado — tende a trazer à tona todo o tipo de desilusões crónicas para alimentar esta situação. Por exemplo, o fragmento pode recordar muitas frustrações semelhantes do passado e compará-las com a atual. O fragmento pode ativar os traços principais e ser convencido de que é devido a algo negativo em si que os lugares de estacionamento "evaporam". Sugerimos que, sempre que possível, seja atribuída uma quantidade finita de tempo à tarefa de estacionar e, se um espaço não se apresentar, que sejam consideradas alternativas. Este é o uso estratégico do **"Plano B"**.

Quando adiar o estacionamento não é prudente, considere então outras formas de realizar o que é necessário, como o uso de transportes públicos ou a "partilha de boleias" para recados, tornando possível ter o carro a "circular" enquanto os recados são feitos. Se estas não forem viáveis, é possível providenciar o envio dos itens desejados, ou outras formas de entrega. O que mais irá "curto-circuitar" a frustração

é ser capaz de decidir quando "basta é basta", e manter essa decisão para que o ciclo de frustração não recomece facilmente. Quando tal técnica é usada, ou outras semelhantes, os traços principais têm menos oportunidade de se tornarem plenamente ativos e o fragmento estará mais apto a prosseguir sem sentir que os deuses/a sorte/o destino/o mundo, etc., estão "contra" ele.

De facto, pode ser possível, com o tempo, que um fragmento desenvolva métodos semelhantes para todas as formas de frustrações. E embora estejamos cientes de que estas técnicas não serão muito bem-sucedidas se o fragmento estiver retido numa ponte atrás de um acidente grave, vale a pena notar que todos os outros fragmentos partilham a frustração e não o estão a fazer para tornar ninguém — incluindo eles próprios — miserável. Se o atraso afetar muitos fragmentos, haverá algum anúncio público a esse respeito e pensaríamos que o atraso seria "compreensível", mesmo para a anfitriã ou para o chefe mais "compulsivo".

No **segundo nível de frustração**, pensaríamos que existem duas técnicas relacionadas, e que podem proporcionar alívio em áreas contínuas de frustração. O primeiro passo nisto é decidir quais são as "mensagens" frustrantes e fazer uma lista delas, tal como as mensagens são percebidas. Dizer "A Gina está a deixar-me louco com a sua falta de fiabilidade" não ganhará muito no que toca ao alívio da frustração. Frasear a mensagem desta forma: "Toda a gente tem de abrir exceções para a Gina", "Eu caio sempre nas rabulices da Gina", "A Gina tem o direito de se comportar mal e eu não" ou algo nestas linhas, será útil para acabar com o padrão percetivo que estas frustrações refletem.

Quando uma compilação destas mensagens tiver sido feita, então, caso escolha continuar, decida se a mensagem é um **fardo** — algo com que se espera que você lide aconteça o que acontecer, e que você tendeu a aceitar como uma expectativa válida — ou uma **intrusão**; isto é, algo imposto sobre si por eventos externos ou mudanças em situações pessoais.

- No caso de um **fardo**, recomendaríamos a compra de um conjunto de louça de barro muito barato — numa loja de caridade, feira da ladra, venda de garagem ou algo assim — e que escreva uma única mensagem em cada prato, e depois leia cada mensagem em voz alta antes de esmagar o prato em pedaços. Se possível, deixe a louça partida no lugar durante pelo menos vinte e quatro horas e tire uma fotografia, pois isto tornará mais fácil lembrar-se do que fez, embora esteja, claro, em liberdade para fazer qualquer escolha que deseje a este respeito. Embora isto raramente acabe com as expectativas que trouxeram as frustrações, o impacto das mesmas tende a diminuir se estiver disposto a escolher libertar o fardo representado nas mensagens.

- Quanto à **intrusão**, o processo é semelhante, mas não exatamente igual. Neste caso, as mensagens são escritas — novamente, uma mensagem de cada vez — em balões. Os balões são então enchidos, as suas mensagens lidas em voz alta antes de serem rebentados.

Devemos enfatizar que isto não é uma cura, nem nós ou qualquer outra pessoa "exigimos" isto de si mas, caso escolha abordar a frustração num contexto que proporcione alguma interrupção do hábito, as técnicas que delineámos podem revelar-se úteis se estiver disposto a escolher validar a experiência. Sim, concordamos que este é um ato simbólico, e pensaríamos que, como uma espécie que utiliza símbolos, esta maneira de lidar com a frustração pode fazer muito para "resolver" conflitos internos sem criar carma e problemas legais no processo.

No **terceiro nível de lidar com frustrações**, tais como a frustração da iconografia familiar ou as frustrações dos traços principais, temos algumas técnicas que podem proporcionar um grau de mitigação das tensões, caso escolha incutir os *insights* fornecidos pelo processo. Isso não quer dizer que a disciplina "deva" ou "tenha" de ser empreendida mas, para aqueles que estão no processo de trabalhar com problemas inerentes aos traços principais e/ou à iconografia familiar, pensaríamos que este exercício proposto poderia ajudar a aplicar os *insights*, caso escolha permitir que isso aconteça.

Devemos também salientar que aqueles que não completaram a **terceira mónada interna** retirarão pouco ou nenhum benefício destas técnicas, e aqueles que completaram a **quarta mónada interna** estão aptos a ter os resultados mais notáveis de todos. Claro que todos os rituais, disciplinas, meditações, contemplações, exercícios espirituais ou terapias não ajudarão o fragmento que não escolha validar os *insights* tornados acessíveis por estas várias atividades.

Existem duas abordagens ao problema, sendo uma ligeiramente menos "complexa" do que a outra, e descreveremos essa primeiro:

1. Numa folha de papel muito grande, faça um desenho com cores o mais vivas possível dos **traços principais** ou da **iconografia familiar**. Se escolher incluir balões de fala com mensagens inerentes aos traços principais e/ou à iconografia familiar, isso pode ajudar a identificar a coisa mais completamente para os seus propósitos. Quando o desenho estiver terminado, fale com ele. Estamos cientes de que a maioria dos fragmentos acha isto estranho ou até disparatado, mas asseguramos-vos que quanto mais disser ao desenho sobre o que ele é, mais poderá ser capaz de libertar o seu domínio. Aliás, não é provável que este ou qualquer exercício erradique completamente os traços principais ou as iconografias familiares, mas uma

diminuição do aperto mortal que estas funções tendem a ter pode ser uma conquista genuína se for validada. Podem pensar na diferença entre estar sepultado em cimento ou ter a perna engessada. Nenhum estado é perfeito, mas a condição menor tem certamente vantagens para membros de uma espécie independentemente móvel.

2. Para continuar: tendo dito ao desenho tudo o que ele é, escreva agora uma lista de "queixas" contra o seu trabalho. Por exemplo, embora isto não pretenda ser nada mais do que uma orientação: "Fizeste-me sentir incapaz de fazer nada bem", ou "Fazes-me ter medo de ter sucesso porque tenho a certeza de que vou perder tudo". Esta lista pode ser tão longa ou tão curta quanto desejar. Então, quando estiver satisfeito por ter resumido todo o impacto negativo dos traços principais ou da iconografia familiar, pegue no desenho e queime-o. Certifique-se de que tudo é transformado em cinzas. Se possível, pode optar por fotografar o processo para que tenha um registo de o ter feito. E embora, como indicámos, este processo não costume extirpar os culpados, diminui o seu impacto.

Aliás — e devemos enfatizar a importância deste aviso — este procedimento tende a ter uma eficácia decrescente se feito mais do que uma vez por ano. Claro que pode escolher fazer isto apenas uma vez, nunca fazer, ou num calendário à sua escolha, mas devemos lembrar-lhe que o uso frequente desta técnica não tenderá a "acelerar" a diminuição dos domínios envolvidos. Em alguns casos pensaríamos que, de facto, o uso excessivo desta técnica tendeu a "embotar" ou até a inverter o propósito da técnica.

A versão mais complexa desta técnica pode ser encontrada num exercício semelhante mas mais elaborado. Primeiro, é importante escolher um traço principal ou a iconografia familiar e usar apenas essa forma para abordar. Depois, faça um **boneco** (*poppet*) de papel e pano [um boneco é uma boneca ritual, como as bonecas de palha de milho na região dos Holandeses da Pensilvânia ou as imagens de Ganesa sobre as lojas na Índia] na imagem simbólica do traço principal ou da iconografia familiar. O boneco pode ter qualquer tamanho, mas recomendaríamos que fosse pelo menos tão alto quanto o comprimento do seu braço. Selecione um tecido que represente mais convincentemente a forma como se "espera" que você se apresente. Pode tornar esta figura bastante elaborada, com vestimentas ou acessórios que indiquem a forma como o traço principal ou a iconografia familiar se manifesta na sua vida. É útil incluir tiras de papel para as coisas que o traço principal ou a iconografia familiar carregam como mensagens.

Quando a figura estiver completa, novamente, fale com ela, diga-lhe o que ela é e o que lhe fez e que parte disto quer terminar, e para o que gostaria de mudar. É

importante incluir as mudanças desejadas dentro de si mesmo, bem como as pretendidas dos outros pois, claro, o traço principal ou a iconografia familiar estão "embutidos" na sua "personalidade". Queime o boneco, novamente, caso escolha fazê-lo, com prova fotográfica, e remova as cinzas de casa — se queimadas na lareira familiar ou no churrasco — assim que estiverem frias. Se escolher manter as cinzas por perto, poderá descobrir que a queima não tem muito impacto. Mais uma vez, devemos prevenir todos os fragmentos de que repetir este exercício com qualquer frequência serve pouco propósito senão diminuir a eficácia do processo. Neste caso, pensaríamos que se poderia deixar passar pelo menos dois anos antes de outro boneco ser empreendido, para retirar o benefício procurado.

Novamente, este é um ato simbólico e, se escolher não libertar a iconografia familiar ou o traço principal que está a ser tratado, então as probabilidades são grandes de que o processo não traga os "resultados" desejados. Se estiver disposto a escolher permitir que o ato simbólico tenha impacto na sua vida, então pode haver uma diminuição — não um banimento, uma diminuição — do domínio da iconografia familiar ou de um traço principal. Também encorajaríamos aqueles que escolhem tentar esta técnica a não esperar algo "dramático", pois raramente é o caso. Em vez disso, ocorre um "refocagem" ao longo de um período de dias que pode permitir ao fragmento perseguir a vida com menos medos e "expectativas" a dificultarem o fragmento.

**Presenças e "Assombrações"**

**«Isto vai soar a loucura, Michael, mas disseram-nos que a nossa casa de cento e vinte e quatro anos está assombrada. Está? E se estiver, o que podemos fazer a esse respeito?»**

Primeiro, sim, concordaríamos que existe um eco presente na habitação, deixado pelo penúltimo proprietário que habitou a estrutura por um período de sessenta e dois anos e, nesse tempo, imprimiu uma "presença" no edifício que é detetada por alguns daqueles que vos visitam. A presença não é potencialmente prejudicial, mas pode revelar-se "perturbadora" para alguns. Ofereceremos mais do que uma forma de erradicar a presença sem "carregar" a casa com angústia.

1. Primeiro, sugeriríamos, caso escolha fazê-lo, que compre um **espelho** de tamanho médio e barato e o exponha a todas as partes da casa, incluindo armários, sótãos, caves, closets, despensas, garagens e escadarias e, em cada exposição, convide a presença a entrar na parte refletida da casa como sendo "sua". Estamos cientes de que a maioria dos fragmentos se sente "tolo" ou "disparatado" ou até "idiota" ao fazer isto, mas fornece um foco necessário para este ato simbólico e faz parte da execução do "exorcismo". Quando isto terminar, leve o espelho para uma distância considerável da casa

— pensaríamos que cinco milhas seria uma distância razoável — e esmague-o. Não traga os pedaços de volta para casa, a menos que escolha que alguma porção da presença permaneça.

2. A segunda forma é um pouco mais extrema, mas se a presença estiver associada a uma pessoa ainda viva, é ligeiramente mais eficaz: caso escolha empreender este processo, pegue em vários pires e deite neles **sal** suficiente para cobrir o fundo. Coloque o pires no lado de dentro de cada entrada da casa — porta da frente, porta das traseiras, porta lateral, porta do pátio, porta da garagem, porta da cave, etc. — e deixe o sal ficar durante a noite. De manhã, deite o sal "usado" num saco e leve-o para longe da casa e descarte-o. Isto não é um "remendo" tão "conveniente" como o primeiro mencionado, mas pode "limpar o ar" com bastante facilidade [outra piada que o Michael acha muito inteligente]. Adicionaríamos aqui uma nota de cautela — aqueles com crianças pequenas ou animais de estimação podem achar este processo impraticável e, onde qualquer um deles esteja presente, pensaríamos que outra técnica seria preferível, embora, claro, possa escolher qualquer técnica — ou técnica nenhuma — ao lidar com a presença.

3. O terceiro método é "mais lento" e menos "óbvio" nos seus resultados, mas é também, em muitos aspetos, o mais fácil, e essa pode revelar-se a razão mais convincente de todas para o selecionar, caso escolha tentar um destes processos. Isto envolve plantar **alecrim** perto das entradas da casa ou, se se viver num local onde isto seja impraticável, cultivar alecrim em vasos perto da entrada da área habitacional. Há o bónus adicional de que o alecrim, sendo uma erva culinária, pode ser colhido para cozinhar, caso escolha fazê-lo. Isto provoca uma "limpeza da casa" gradual ao longo do tempo e diminui a acumulação de "negatividade" em qualquer área. É, para a maioria dos fragmentos, agradável aos sentidos também.

Por favor, compreendam que não estamos a dizer a ninguém para fazer nenhuma destas coisas. Esta informação é apresentada para que, se escolherem, tenham alguma noção de como proceder. Pensaríamos que, caso escolha qualquer um destes processos, poderá querer registar as suas respostas como uma forma de validar a informação que apresentamos. Pois reconhecemos prontamente que nem todos os fragmentos escolhem ouvir as palavras e, para alguns, não seria apropriado para a tarefa em mãos fazê-lo.

Aqueles com metas de **cautela** e **repressão** não tendem a ser atraídos por estas técnicas ou ensinamentos deste tipo. Aqueles com metas de **rejeição** e **atraso** (*retardation*) estão também pouco inclinados a perseguir estudos esotéricos, exceto como uma forma de rejeição. Aqueles com atitudes de **estoico**, **ético** e **cínico** não

são geralmente atraídos por informação deste tipo embora, se ela resistir ao escrutínio do cético, possa haver validação e reconhecimento "alcançados".

Pensaríamos que aqueles que escolhem seguir ensinamentos do nosso "género" [outra piada do Michael, segundo o Michael]... Já dissemos antes mas repetiremos mais uma vez: não somos o único professor causal-médio, e os nossos atuais três grupos de alunos não estão, como foi anunciado anteriormente, abertos a consultas do público em geral. Existem muitas outras entidades de ensino no plano causal-médio, algumas delas usando comunicação não-verbal para fazer chegar a mensagem à vida.

Lembraríamos àqueles que procuram seguir um ensinamento que qualquer suposto professor que exija certa ação ou comportamento de qualquer aluno não é um professor mas um tirano (*bully*), e qualquer suposto professor que revogue a vossa escolha não é um professor mas um demagogo. Vocês são, claro, livres de seguir qualquer ensinamento que escolham e de rejeitar qualquer ensinamento que escolham, incluindo — lembramos a todos os aqui presentes — este. Não exigimos concordância ou qualquer "complicidade". Não há benefício para nós se transformarem isto em dogma, pois então a evolução não ocorre. Encorajamos a dúvida, mas lembramos que o descarte categórico não é dúvida, é intolerância e medo.

**Conclusão: Evolução e o Tao**

Todos os fragmentos no plano físico estão a evoluir, tal como o próprio universo está a evoluir. Nada na evolução pode ser "perdido" ou "desviado" ou "pervertido" — apenas as perceções podem fazer essas coisas. A evolução prossegue dentro da essência tal como acontece em todos os outros planos de existência através do contacto validado, o qual, claro, se torna mais fácil à medida que a fisicalidade — e com isso queremos dizer a própria matéria — se torna mais ténue. E embora não possam "apressar" a evolução ou "saltar" certos estágios das lições, teríamos de dizer novamente que nada é desperdiçado. Podem escolher abdicar de cada contacto, mónada, fita cármica e outra parte "pré-combinada" da vida, e ainda assim evoluirão, pois a essência é incapaz de medo, e a evolução é a fonte da alegria.

Todos os fragmentos experienciam as suas vidas "pessoalmente", isto é, dentro do contexto da diferenciação experiencial e das sobreposições e, enquanto isto não for "perturbado" por intrusões cármicas, os propósitos das tarefas de vida levarão "inevitavelmente" à evolução, e toda a evolução acabará por trazer todos ao **Tao**, o qual, lembramos-vos, não é uma divindade mais do que a gravidade o é. Não há nada que possam fazer ou não fazer que vá "agradar" ou "desagradar" ao Tao, pois não há julgamento nesse nível de existência, e o amor que é a natureza do Tao não é

predito em quaisquer expectativas ou metas, mas na própria existência. Portanto, não há forma de não completarem a jornada, embora possam escolher caminhos indiretos para alcançar a meta.

À medida que o contexto da cultura é transformado, a natureza da diferenciação experiencial será encontrada dentro do contexto cultural em mudança. Alguns escolherão viver em sociedades menos "frenéticas" como forma de "equilibrar" a experiência de uma cultura tão "mercurial" [outro trocadilho de Michael] como esta se está a tornar. Isto não significa "aprovação" ou "desaprovação", apenas escolha e diferenciação experiencial, e é, claro, válido, como são todas as escolhas.

Deixem-nos também lembrar-vos de que as datas, comparadas com os dias, são rótulos comuns e, como tal, são verdades pessoais gerais, não verdades mundiais — exceto na medida em que o vosso planeta roda e por isso tem dia e noite. O impacto colocado sobre qualquer data é um artefacto cultural, não um evento cósmico e, embora não seja descabido, de tempos a tempos, rever a experiência e o "estado da sociedade" se escolherem fazê-lo, não há um "tempo" definido em que isto seja mais "auspicioso" do que qualquer outro, o que inclui o dia que designaram para começar o que definiram como o terceiro milénio.